



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mariana Isabel Tavares Rolim

**O Voluntariado no século XXI:
um Projeto de Educação ao Longo da Vida**

Mariana Isabel Tavares Rolim **O Voluntariado no século XXI: um Projeto de Educação ao Longo da Vida**

UMinho | 2018

outubro de 2018



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mariana Isabel Tavares Rolim

**O Voluntariado no século XXI:
um Projeto de Educação ao Longo da Vida**

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Educação de Adultos
e Intervenção Comunitária

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Custódia Alexandra Martins

DECLARAÇÃO

Nome:

Mariana Isabel Tavares Rolim

Endereço electrónico: marianairolim@hotmail.com

Número do Cartão de Cidadão: 14706072

Título do Relatório de Estágio:

O Voluntariado no século XXI: um Projeto de Educação ao Longo da Vida

Orientador(es): Professora Doutora Custódia Alexandra Martins

Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado:

Mestrado em Educação: área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho: ____/_____/____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, o meu maior pilar.

À minha família por todos os conselhos.

À Professora Doutora Custódia Alexandra Martins, por me ter orientado nesta caminhada.

Ao Senhor Presidente e ao Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal de Braga.

À minha acompanhante de estágio, Dr. Amélia Pereira, por todo o apoio prestado ao longo do meu período na instituição.

Às voluntárias do projeto (“tias”), por todos os bons momentos e, também, pelo apoio prestado nos momentos de maior tensão.

À Câmara Municipal de Braga, por ter aceite o meu estágio, assim como pelos recursos e espaços disponibilizados.

Aos responsáveis dos espaços e aos seus colaboradores pelo contributo, empenho e paciência.

Ao grupo de participantes do projeto, pelos seres incríveis que são, por me terem oferecido horas repletas de amizade e carinho, dos quais levo as melhores recordações.

À Joana, aquela amiga híper responsável, que muito me ajudou durante todo o trabalho.

Ao grupo de tunantes da Literatuna, que se disponibilizou para ajudar durante o projeto.

À Ana (Pantalassa) pela disponibilidade, paciência e gosto pela boa leitura.

Ao meu grupo de amigos pela companhia nas diversas circunstâncias, que sempre me ajudou, apoiou e proporcionou inúmeras distrações.

À Literatuna pelos momentos de “euforia”, pelos “tempos de boas experiências” e por todas as “vivências”.

O Voluntariado no século XXI: um Projeto de Educação ao Longo da Vida

Mariana Isabel Tavares Rolim

Relatório de estágio

Mestrado em Educação: área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Universidade do Minho

2018

RESUMO

O envelhecimento da população, a entrada na reforma e a inatividade da população mais idosa são algumas das preocupações atuais à escala nacional, europeia e global. A ideologia neoliberal e o pós-modernismo influenciaram a Educação de Adultos e ao Longo da Vida, ignorando os sujeitos enquanto seres críticos e singulares. Em contraposição a este retrocesso educativo, o trabalho “O Voluntariado no século XXI: um Projeto de Educação ao Longo da Vida” pretendeu a criação de espaços que oferecessem às pessoas a possibilidade de se desenvolverem integralmente. Desenvolvido no Banco Local de Voluntariado, pertencente à Câmara Municipal de Braga, o trabalho dividiu-se em dois contextos paralelos, o Projeto de Educação ao Longo da Vida e o Plano de Voluntariado. A Educação de Adultos e a Intervenção Comunitária tornou-se atualmente uma necessidade impreterível para todos, em todos os contextos e durante toda a vida. Não limitando a entrada dos sujeitos, o Projeto de Educação ao Longo da Vida abrangeu um público-alvo variado, com idades entre os 54 e os 77 anos. O projeto teve como finalidade proporcionar a valorização de saberes e experiências de cada indivíduo, atentando às suas singularidades, desenvolvendo um espírito mais crítico e solidário, no sentido do ideal de Educação ao Longo da Vida. O Plano de Voluntariado teve como finalidade fomentar a integração de intervenientes no Projeto de Educação ao Longo da Vida, no qual integraram três voluntárias, em situação de aposentadoria. O plano de sessões, comum aos dois contextos, organizado pelo grande grupo (estagiária, voluntárias e participantes), caracterizou-se pela variedade de espaços, temas e métodos/técnicas. Os resultados apontaram para a enorme satisfação do público-alvo, tanto numa dimensão mais cognitiva como, também, numa dimensão mais afetiva e social. Assente no ideário de Educação ao Longo da Vida, o trabalho veio concorrer para o desenvolvimento holístico do ser humano.

Palavras-Chave: Educação ao Longo da Vida, voluntariado, Educação de Adultos, cidadania ativa, intervenção comunitária

Volunteering in the 21st Century: a Lifelong Education Project

Mariana Isabel Tavares Rolim

Internship report

Master in Education: specialization in Adult Education and Community Intervention

University of Minho

2018

ABSTRACT

The aging of population, the entry into retirement and the inactivity of the elderly population are some of the current concerns at a national, European and global scale. Neoliberal ideology and postmodernism directly influenced Adults and Lifelong Education, ignoring subjects as critical and unique beings. In contrast to this educational regression, the "Volunteering in the 21st Century: a Lifelong Education Project" work, developed at the Local Volunteer Bank, belonging to the Braga Municipal Council, is divided into two parallel contexts, the Project of Lifelong Education and the Volunteer Plan. Adult Education and Community Intervention have become an unsurpassable necessity for everyone, in every context and in a lifelong basis. By not limiting the subjects' admission, the Lifelong Education Project covered a diverse public, aged between 54 and 77 years old. The purpose of the project was to add value to the knowledge and experiences of each individual, and, by taking into account their singularities, develop a more critical and supportive spirit towards the ideal of Lifelong Education. The purpose of the Volunteer Plan was to foster the integration of the participants in the Lifelong Education Project, which included three retired volunteers. The plan of the sessions, common to both contexts and organized by the large group (trainees, volunteers and participants), featured a variety of spaces, themes and methods/techniques. The results suggested an enormous satisfaction from the target audience, both in a more cognitive and a more emotional and social dimension. By taking into account the idea of Lifelong Education, our work has contributed to the holistic development of the human being.

Key-words: Lifelong Education, volunteering, Adult Education, active citizenship, community intervention

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vii
ÍNDICE GERAL.....	ix
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	xiii
ÍNDICE DE TABELAS	xiv
SIGLAS/ABREVIATURAS	xv
1. INTRODUÇÃO	1
2. ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO	2
2.1. Caraterização da instituição.....	2
2.2. Projeto “Ciclo do Conhecimento”	3
2.3. Caraterização do público-alvo	5
2.4. Diagnóstico de necessidades/interesses	8
2.5. Finalidades e objetivos de intervenção	14
3. Enquadramento teórico da problemática de estágio	16
3.1. Apresentação de outras experiências e investigações sobre o tema e a sua relevância para com o trabalho de investigação/intervenção desenvolvido	16
3.2. Exploração das correntes teóricas.....	18
4. Enquadramento metodológico do estágio	36
4.1. Paradigma de intervenção/investigação.....	36
4.2. Metodologia de intervenção/investigação.....	38
4.3. Métodos e técnicas de investigação	41
4.4. Métodos e técnicas de intervenção	46
4.5. Recursos mobilizados.....	49
4.6. Limitações do processo	52

5.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO/ INVESTIGAÇÃO	53
5.1.	Descrição das sessões/atividades	53
5.2.	Atividades complementares	98
5.3.	Evidenciação e discussão dos resultados obtidos	99
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
6.1.	Análise crítica dos resultados e implicação dos mesmos	110
6.2.	Evidenciação do impacto do estágio: i) a nível pessoal; ii) a nível institucional; iii) a nível de conhecimento na área de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária	112
7.	BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA	117
8.	APÊNDICES	124
	APÊNDICE I – Projetos BLV e projetos de organizações parceiras	124
	APÊNDICE II – Inquérito por questionário inicial ao público-alvo do projeto	128
	APÊNDICE III – Guião da entrevista.....	132
	APÊNDICE III – Tratamento de dados decorrentes do Inquérito por Questionário	134
	Gráfico 1 – Sexo	134
	Gráfico 2 – Idade	134
	Gráfico 3 – Estado civil.....	135
	Gráfico 4 – Habilitações literárias	135
	Gráfico 5 – Situação profissional	136
	Gráfico 6 – Agregado familiar	136
	Gráfico 7 – Há quanto tempo que frequenta as sessões do projeto?.....	137
	Diagnóstico de necessidades do público-alvo do projeto.....	137
	Gráfico 8 – “Quais as razões que o/a levou a frequentar a/as formação/formações do projeto?”	137
	Gráfico 9 – “O que retira de mais importante da formação/formações?”	138
	Gráfico 10 – “O que o/a motivou a inscrever-se no projeto?”	138
	Gráfico 11 – Durante as várias sessões, o que gostaria que fosse abordado e aprofundado?”	139
	Gráfico 12 – “Através de que métodos de ação gostaria que as sessões fossem realizadas?”	139

APÊNDICE IV – Criação de tabelas de apoio ao enquadramento teórico.....	140
APÊNDICE V – Cronograma da fase de sensibilização: inserção no contexto de estágio.....	141
APÊNDICE VI – Cronograma do Projeto de Educação ao Longo da Vida.....	143
APÊNDICE VII – Material de apoio bibliográfico, entregue aos participantes, em cada sessão/atividade	149
APÊNDICE VIII – Quizz “A origem de Braga”	153
APÊNDICE IX - Inquérito autorreflexivo “Qual a sua filosofia de Vida”	156
APÊNDICE X - Fotografias, da autoria do público-alvo, das sessões/atividades	158
APÊNDICE XI – Atividades complementares	163
APÊNDICE XII – Resultados obtidos durante a avaliação contínua.....	164
APÊNDICE XIII – Resultados obtidos do Memorando de Aprendizagens final	179
APÊNDICE XVI – “Convívio final”	182
APÊNDICE XV – Reflexão crítica final.....	183
APÊNDICE XVI – <i>Página web</i> : Grupo “História de Braga e Filosofia para a Vida”	184
APÊNDICE XVII – Inquérito por Questionário final	185
APÊNDICE XVIII – Tratamento de dados decorrentes do Inquérito por Questionário final, através de gráficos.....	189
Gráfico 13 – “Qual/quais a/as formação/formações que frequentou?”	189
Gráfico 14 – Considera que a formação/formações foi ao encontro das suas expectativas?	189
Gráfico 15 – O que retira de mais importante da formação/formações?.....	190
Gráfico 16 – “O que menos gostou e o que gostaria que fosse alterado?”	190
Gráfico 17 – “A que áreas de interesse e conhecimento gostaria de ter acesso?”	191
Gráfico 18 – “Na sua opinião, o que correu menos bem?”	191
Gráfico 19 – “Qual a sessão/atividade que mais o/a agradou?”	192
Gráfico 20 – “Qual a sessão/atividade que menos gostou?”	192
Gráfico 21 – Classificação da sessão “As Sete Fontes”	193
Gráfico 22 – Classificação da sessão “O Recolhimento das Convertidas, o Convento da Penha e a Basílica dos Congregados”	193

Gráfico 23 – Classificação da sessão “O balneário pré-Romano e a <i>Domus</i> da escola velha da Sé”	194
Gráfico 24 – Classificação da sessão “Comunicação em Família: a influência das TIC” ..	194
Gráfico 25 – Classificação da sessão “A evolução do conceito de Família”	195
Gráfico 26 – “Classifique, qualitativamente, o projeto”	195
APÊNDICE XIX – Resultados obtidos do inquérito por questionário através de quadros.....	195
9. ANEXOS	198
ANEXO I – Declaração da instituição	198

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo	134
Gráfico 2 – Idade.....	134
Gráfico 3 – Estado civil	135
Gráfico 4 – Habilitações literárias.....	135
Gráfico 5 – Situação profissional.....	136
Gráfico 6 – Agregado familiar.....	136
Gráfico 7 – Há quanto tempo que frequenta as sessões do projeto?	137
Gráfico 8 – “Quais as razões que o/a levou a frequentar a/as formação/formações do projeto?”	137
Gráfico 9 – “O que retira de mais importante da formação/formações?”	138
Gráfico 10 – “O que o/a motivou a inscrever-se no projeto?”	138
Gráfico 11 – Durante as várias sessões, o que gostaria que fosse abordado e aprofundado?”	139
Gráfico 12 – “Através de que métodos de ação gostaria que as sessões fossem realizadas?”	139
Gráfico 13 – “Qual/quais a/as formação/formações que frequentou?”	189
Gráfico 14 – Considera que a formação/formações foi ao encontro das suas expectativas? ...	189
Gráfico 15 – O que retira de mais importante da formação/formações?	190
Gráfico 16 – “O que menos gostou e o que gostaria que fosse alterado?”.....	190
Gráfico 17 – “A que áreas de interesse e conhecimento gostaria de ter acesso?”	191
Gráfico 18 – “Na sua opinião, o que correu menos bem?”	191
Gráfico 19 – “Qual a sessão/atividade que mais o/a agradou?”	192
Gráfico 20 – “Qual a sessão/atividade que menos gostou?”	192
Gráfico 21 – Classificação da sessão “As Sete Fontes”	193
Gráfico 22 – Classificação da sessão “O Recolhimento das Convertidas, o Convento da Penha e a Basílica dos Congregados”.....	193
Gráfico 23 – Classificação da sessão “O balneário pré-Romano e a <i>Domus</i> da escola velha da Sé”	194
Gráfico 24 – “Classifique, qualitativamente, o projeto”	195
Gráfico 25 – Classificação da sessão “Comunicação em Família: a influência das TIC”	194
Gráfico 26 – Classificação da sessão “A evolução do conceito de Família”	195

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados obtidos da entrevista às voluntárias do projeto.....	14
Tabela 2 – Objetivos do Projeto de Educação ao Longo da Vida.....	15
Tabela 3 – Objetivos do Plano de Voluntariado	16
Tabela 4 – Recursos mobilizados.....	52
Tabela 5 – Portefólio de Expectativas	56
Tabela 6 – Resultados obtidos durante a avaliação contínua.....	105
Tabela 7 – Resultados obtidos do Memorando de Aprendizagens final.....	105
Tabela 8 – “Considera que o projeto/formações foi/foram ao encontro das suas expectativas?”.....	108
Tabela 9 – “Na sua opinião, considera que este tipo de formações contribui para a qualidade de vida?”	108
Tabela 10 – “O que retira de mais importante do projeto?”	109
Tabela 11 – “Classifique qualitativamente o projeto”.....	109
Tabela 12 – “Deixe sugestões e/ou comentários, caso assim pretenda”	109
Tabela 13 – Projetos BLV e Organizações Parceiras	127
Tabela 14 – Competências dos administradores	140
Tabela 15 – Motivações do voluntário	141
Tabela 16 – Atividades complementares.....	164
Tabela 17 – Resultados obtidos durante a avaliação contínua	179
Tabela 18 – Resultados obtidos no Memorando de Aprendizagens final.....	180
Tabela 19 – “Considera que o projeto/formações foi/foram ao encontro das suas expectativas?”	196
Tabela 20 – “Na sua opinião, considera que este tipo de projetos contribui para a qualidade de vida?”	196
Tabela 21 – “O que retira de mais importante do projeto?”	197
Tabela 22 – “Classifique, qualitativamente, o projeto”.....	197
Tabela 23 – “Deixe sugestões e/ou comentários, caso assim pretenda”	197

SIGLAS/ABREVIATURAS

EA – Educação de Adultos

EAV – Educação ao Longo da Vida

PEAV – Projeto de Educação ao Longo da Vida

PV – Plano de Voluntariado

IAP – Investigação-Ação-Participativa

BLV – Banco Local de Voluntariado

CMB – Câmara Municipal de Braga

CC – Ciclo do Conhecimento

EAIC – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

CONFINTEAS – Conferências Internacionais de Educação de Adultos

CONFINTEA – Conferência Internacional de Educação de Adultos

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UE – União Europeia

ONU – Organização das Nações Unidas

BLCS – Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva

1. INTRODUÇÃO

Nas sociedades atuais, pautadas pela influência de políticas neoliberais, tem-se vindo a assistir a um retrocesso do verdadeiro conceito de educação, colocando em causa a Educação de Adultos (EA) e o ideário de Educação ao Longo da Vida (EAV). Numa feição instrumentalista e individualista, a educação aparece aliada à formação e à aprendizagem, voltada para métodos/técnicas tradicionalistas, tendo o indivíduo como um ser alienado, ignorando, desde as suas necessidades mais básicas às comunitárias, sociais, culturais e emancipatórias.

Aliado ao crescente caráter competitivo e pouco humanista da educação, outros problemas assomem no mundo pós-moderno. Numa sociedade marcada por vários problemas como o desemprego, exclusão social, entrada na reforma e a inatividade da população idosa, urge a criação de espaços que promovam uma educação ampla e abrangente, reconstruindo o verdadeiro significado de EAV, onde a pessoa se cria, recria e desenvolve, enquanto ser holístico.

O individualismo e a competitividade desencadearam a formação de comunidades, nas quais, tendo em conta determinadas necessidades e interesses, as pessoas se relacionam e unem-se em prol da partilha de vivências, experiências e conhecimentos. O desenvolvimento destas comunidades não aparece somente indispensável nas regiões socialmente enfraquecidas. A EA, cujo objetivo é a melhoria da qualidade de vida em todas as dimensões do ser humano, enquanto EAV, envolve todos os públicos independentemente da condição social e faixas etárias.

O grande desafio que se coloca consiste em apelar para o desenvolvimento de projetos de intervenção que criem as condições necessárias à construção de projetos pessoais, no sentido de uma maior autonomia e participação crítica, contribuindo para a emancipação pessoal, comunitária e social. Este desafio vem ao encontro do conceito de EAV, no qual se vem inscrever o voluntariado no século XXI.

Ressuscitando aqueles que são os quatro pilares do conhecimento, definidos por Delors (1996), o “O Voluntariado no século XXI: um Projeto de Educação ao Longo da Vida”, compilando o Projeto de Educação ao Longo da Vida (PEAV) e o Plano de Voluntariado (PV), tem como finalidade o desenvolvimento holístico do ser humano, na busca da cidadania ativa, assente no ideário de EAV. Promovendo a autonomia e a participação ativa, tanto o projeto como o plano vêm colocar a pessoa no centro do processo educativo, apelando para a valorização de todos os seus saberes e experiências, num ambiente reflexivo e colaborativo.

Abarcando um público-alvo composto pelos participantes (público-alvo do projeto) e pelas voluntárias do projeto (público-alvo do plano), o trabalho foi, do princípio ao fim, concebido

e concretizado por todos os intervenientes (estagiária, voluntárias e participantes), formando o grande grupo, denominação que aparece ao longo do texto.

O relatório de estágio levado a cabo organiza-se com base nos seguintes cinco capítulos. O capítulo respeitante ao enquadramento contextual, no qual é evidente a caracterização da instituição, a caracterização do público-alvo, o diagnóstico de necessidades e interesses, a finalidade e objetivos de intervenção, alude ao PEAV e ao PV enquanto duas realidades complementares. Segue-se o capítulo referente ao enquadramento teórico, no qual são perceptíveis as correntes teóricas que apoiaram o desenvolvimento de todo o trabalho. *A posteriori* apresenta-se o capítulo do enquadramento metodológico de estágio, no qual é patente a investigação em torno do paradigma de intervenção/investigação, da metodologia – investigação-ação-participativa (IAP) –, dos métodos e técnicas de investigação/intervenção e, a finalizar, apresentam-se os recursos mobilizados e a limitação do processo.

A justificar o trabalho investigativo, comprovando o trabalho interventivo, o capítulo da apresentação e discussão do processo de intervenção/investigação compõe-se pela descrição das sessões/atividades, pelas atividades complementares, bem como pela evidência e discussão em torno dos resultados obtidos. De seguida, surge o capítulo das considerações finais, no qual, através de uma reflexão crítica, analisa-se o desenvolvimento e os resultados do projeto e do plano, conferindo destaque para os contributos do trabalho ao nível pessoal e profissional, para a instituição e para o público-alvo, assim como as sustentações para uma maior valorização e desenvolvimento de projetos apoiados no ideal de EAV. Por fim, nos últimos três capítulos, sugerem-se, respetivamente, a bibliografia referenciada, os apêndices e os anexos.

2. ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO

2.1. Caracterização da instituição

O Banco Local de Voluntariado (BLV), situado na Freguesia da Sé, no concelho de Braga, faz parte do Gabinete da Ação Social da Câmara Municipal de Braga (CMB), norteando a sua ação no âmbito da Intervenção Social. A intervenção social municipal, que se estrutura em torno da promoção do desenvolvimento social local, engloba toda uma rede de organizações da sociedade civil, com as quais mantém parcerias. Considerando as diversas necessidades sociais e comunitárias existentes, o Município de Braga, no sentido da sustentabilidade da sociedade local, tem como objetivos essenciais a promoção, o desenvolvimento e a capacitação das várias organizações, englobando, deste modo, os cidadãos de Braga.

De acordo com o *website* cm-braga.pt, o BLV, criado em 2006 pelo Município, surge essencialmente com a finalidade de fomentar o voluntariado no concelho de Braga, desenvolvendo o espírito altruísta dos cidadãos, sensibilizando-os e aproximando-os dos diferentes projetos sociais criados pelas entidades de Braga. Tendo em conta a sua finalidade, os principais objetivos do BLV apontam para a valorização e desenvolvimento do voluntariado, a confluência entre a oferta e a procura de trabalho voluntário, a conscientização e sensibilização dos cidadãos e das instituições para o voluntariado, bem como a divulgação de projetos e oportunidades de voluntariado.

Considerando as diferentes necessidades sociais e comunitárias existentes, o BLV pretende desenvolver respostas às solicitações que lhe são apresentadas, tanto através da conceção de projetos sociais e comunitários, como também cooperando com projetos de organizações parceiras. Apelando à participação responsável de todos os cidadãos, o BLV assenta na promoção de um trabalho conjunto, colaborativo e multidisciplinar, desempenhando o papel de mediador entre os voluntários (procura) e as organizações (oferta).

Os projetos criados e organizados pelo BLV procuram, essencialmente, minorar as debilidades e carências sentidas pelos grupos minoritários e vulneráveis da população bracarense, tendo como base o exercício da cidadania e, por sua vez, apelando à solidariedade social, através do trabalho voluntário. Paralelamente aos objetivos orientados para o combate das necessidades sociais, o BLV apela para a pertinência do voluntariado enquanto instrumento de participação e de exercício de uma cidadania ativa.

A panóplia de projetos do BLV apresenta, conforme o *website* anteriormente mencionado, uma natureza diversa, abrangendo diferentes áreas. Com base na Tabela 13 (Apêndice I), é possível observar a quantidade de projetos desenvolvidos pelo BLV, assim como pelas organizações parceiras com as quais a instituição colabora. De entre os vários projetos destaca-se o projeto “Ciclo do Conhecimento” (CC), através do qual surgiram o PEAV e o PV.

2.2. Projeto “Ciclo do Conhecimento”

O Projeto CC envolveu, no ano de 2018, quatro áreas de conhecimento: TIC, Inglês, História e Filosofia. Este projeto contou com um público maioritariamente idoso, com 60 ou mais anos, compreendendo interesses diversificados. A sua finalidade foi promover a EAV.

No ano de 2015, aquando do nascimento do projeto, iniciaram-se as sessões de formação na área de TIC (“TIC iniciação”), contabilizando quarenta participantes divididos por

duas turmas. Nos anos posteriores, deu-se continuidade à formação em TIC (“TIC iniciação” e “TIC avançado”), cuja adesão aumentou para o dobro dos participantes, dando origem à criação de quatro turmas. No ano de 2017, a formação em TIC contava já com sete turmas, uma das quais de “TIC avançado” com vinte participantes, e as restantes seis com cento e vinte participantes.

A formação em Inglês teve início no ano de 2016, em torno da qual se formou uma turma de vinte e cinco participantes. À semelhança da formação em TIC, as sessões de Inglês tiveram continuidade nos anos posteriores, contando com duas turmas, cada uma com vinte e cinco participantes.

Com início em fevereiro de 2018, prosseguiu-se com a formação na área de TIC, através de turmas de “TIC iniciação” e de “TIC avançado” (nível 1 e nível 2), assim como com a formação em Inglês, a partir da criação de turmas de iniciação e de “Inglês avançado” (nível 1 e nível 2). Foi neste contexto, com base na introdução das novas áreas de “História de Braga” e “Filosofia para a Vida”, que nasceu o PEAV.

2.2.1. “Projeto de Educação ao Longo da Vida” e “Plano de Voluntariado”

Inicialmente, as áreas de “História de Braga” e “Filosofia para a Vida”, embora detendo objetivos complementares, funcionariam separadamente, numa lógica formativa. A formação de “História de Braga” ficaria sob a coordenação da estagiária e a formação de “Filosofia para a Vida” à responsabilidade de três voluntárias do BLV. Entre outras razões, devido ao limite da duração de ambas as formações, uma vez que lhes cabia 1h por semana, tanto a estagiária como as voluntárias solicitaram a integração das três voluntárias da formação “Filosofia para a Vida” num projeto que viria a compilar as duas áreas – “História de Braga e Filosofia para a Vida – “.

Todo o processo de investigação/intervenção foi efetuado, a partir do mês de dezembro, em conjunto com as três voluntárias. A partir de reuniões e conversas informais, a estagiária e as voluntárias, tendo como base a finalidade e os objetivos do projeto, procederam à pesquisa, assim como à (re)formulação do plano de sessões. Considerando as duas novas áreas do projeto CC, nasceu o Projeto de Educação ao Longo da Vida.

O PEAV que, durante todo o processo de investigação/intervenção, contou com a colaboração das três voluntárias em todas as fases do projeto, determinou a criação do PV. Abrangendo um público-alvo diferente – público-alvo do projeto e público-alvo do plano –, com

finalidades e objetivos distintos, o projeto e o plano funcionaram, de fevereiro a julho, em paralelo.

Tendo como finalidades proporcionar a valorização de saberes e experiências de cada indivíduo, atentado às suas singularidades, desenvolvendo um espírito mais crítico e solidário, no sentido do ideal de EAV – finalidade do projeto –, assim como fomentar a integração de intervenientes no Projeto de Educação ao Longo da Vida – finalidade do plano –, surgiu o plano de sessões. As sessões/atividades do projeto, comuns às do plano, foram concebidas, preparadas e realizadas pelo grande grupo, constituído por todos os intervenientes (a estagiária, as voluntárias e os participantes do projeto), num ambiente participativo.

2.3. Caracterização do público-alvo

2.3.1. Instituição

O BLV tinha como público-alvo os cidadãos de Braga, mais concretamente todos aqueles que fossem voluntários e/ou beneficiários do trabalho voluntário promovido pela instituição. Em múltiplas situações, não há separação entre ambas as categorias – voluntário e beneficiário –, dado que os beneficiários de determinados projetos promovidos pela instituição são também voluntários, participando e apoiando as várias atividades promovidas pelo BLV.

O público-alvo do BLV, vasto e diverso, contava com cerca de dois mil voluntários. A multiplicidade que caracterizava este público, considerando as faixas etárias, o nível de escolaridade, a área profissional, entre diversas particularidades de cada ser humano, constituía-se com um dos pontos fortes aquando da realização de atividades dos projetos da instituição ou projetos parceiros.

Tendo como lema o apelo à participação de todos, no sentido de uma sociedade mais justa e coesa, em concordância com o *website* cm-braga.pt, a instituição envolvia um público com idades diversificadas. Em outubro de 2017, a instituição apresentava um público-alvo com idades compreendidas entre os 2 e os 91 anos de idade. A faixa etária predominante situava-se, contudo, entre os 23 e os 34 anos, sendo um público maioritariamente jovem-adulto (23%).

No que diz respeito à situação profissional, a maioria dos voluntários era estudante (23,3%), seguindo-se os voluntários que estavam no ativo (14,1%). Embora o público que apresentasse maior necessidade de ocupação do tempo-livre fosse o público mais velho, os voluntários em situação de aposentação representavam apenas 7,5% dos participantes voluntários.

No que concerne ao nível de escolaridade, a maior parte do público-alvo tinha o ensino superior (28, 15%), seguindo-se o ensino secundário (15,24%). Convém mencionar que duas pessoas frequentavam o ensino especial (0,1%) e oito não tinham habilitações literárias.

Implicando particularidades, histórias de vida, experiência e vivências distintas, próprias de cada pessoa, o voluntariado surge, neste contexto, como uma prática rica, tanto ao nível cognitivo e intelectual, como a nível afetivo, social e cultural, oferecendo a cada indivíduo experiências diferentes, concedendo-lhes uma perspetiva peculiar do mundo que o rodeia.

2.3.2. Projeto de Educação ao Longo da Vida

O projeto CC contou, no presente ano, com trezentos e vinte e oito participantes inscritos, divididos por dezanove turmas das diversas áreas, incluindo a área de História e Filosofia formada por uma turma. Cada uma das turmas, distribuídas pelas diferentes áreas, detinha vinte e cinco participantes, à exceção do grupo do Projeto de Educação ao Longo da Vida.

Embora destinado a pessoas com idade superior a 60 anos, atualmente, o projeto CC abrange também pessoas com idades inferiores a 60 anos de idade. Deste modo, o intervalo das idades ficou compreendido entre os 35 e os 87 anos. Dada a natureza do projeto, as idades representativas de um maior número de indivíduos situaram-se entre os 67 e os 72 anos de idade.

Com início em fevereiro de 2018, o PEAV contava com cerca de vinte e oito pessoas inscritas, as quais demonstraram interesse em participar na elaboração do plano de sessões do projeto. No decorrer do projeto, alguns participantes, por questões pessoais e residenciais, saíram do grande grupo, mas, ao mesmo tempo, outros aderiram ao projeto. Constate-se que, entre abril e julho, o projeto veio a abranger cerca de trinta e cinco a trinta e oito participantes.

Com o objetivo de apurar as necessidades e interesses dos vinte e oito participantes, utilizou-se, numa fase inicial, o inquérito por questionário (Apêndice II). Dividido em duas partes, o inquérito focou-se, primeiramente, na informação geral que abrange o sexo, a idade, o estado civil, as habilitações literárias, a situação profissional e a composição do agregado familiar do público-alvo.

No que concerne ao sexo dos participantes, a partir do Gráfico 1, é possível confirmarmos que a maioria era do sexo feminino (dezasseis pessoas), contrapondo-se ao sexo masculino (doze pessoas). Tendo em consideração a análise do Gráfico 2, podemos verificar que

as idades dos participantes apresentavam um intervalo que ia dos 54 aos 67 anos de idade. Embora a média das idades fosse de 66 anos, cinco dos participantes tinham 61 anos de idade, correspondendo a 17,9% do público-alvo do projeto, sendo a idade que se repetia um maior número de vezes.

Embora não faça parte do inquérito por questionário, convém mencionar que nem todos os participantes tinham nacionalidade portuguesa. Dois participantes eram de nacionalidade italiana e um participante, que integrou o projeto mais tarde, de nacionalidade brasileira.

Relativamente ao estado civil, representativo no Gráfico 3, verificou-se que dezanove dos participantes eram casados, cinco eram viúvos, dois dos inquiridos eram divorciados e apenas um dos participantes era solteiro.

Uma vez que este inquérito por questionário foi realizado no âmbito de um projeto de EA, voltado para um processo de EAV, para a concretização do plano de sessões considerou-se adequado o levantamento de informações relativas às habilitações literárias, de forma a possibilitar a adequação dos códigos linguísticos e o nível de exigência do projeto. Assim, a partir da análise do Gráfico 4, pode-se afirmar que, no que diz respeito ao nível de escolaridade, os participantes apresentavam realidades discrepantes. A maioria, traduzindo-se em cinco participantes, tinha o 4º e o 9º ano de escolaridade. É de evidenciar que três apresentavam o grau de licenciatura e um participante declarou ter mestrado.

Concernente à situação profissional do público-alvo (Gráfico 5), vinte e cinco dos participantes estavam aposentados e três em situação de desemprego. Estes valores refletem, não só as características da faixa etária do público-alvo do projeto, como também traduzem as razões pelas quais os participantes se inscreveram nas turmas do projeto CC.

Pelas razões aludidas no parágrafo anterior, surgiu como pertinente questionar os participantes quanto ao seu agregado familiar. À pergunta “Qual o seu agregado familiar?”, doze participantes responderam que o seu agregado era constituído por duas pessoas, representando a maioria (Gráfico 6). É de evidenciar que cinco pessoas responderam que residiam sozinhos.

No contexto da caracterização do público-alvo, torna-se crucial destacar as respostas às questões realizadas no âmbito do projeto CC, considerando os anos frequentados pelos participantes nas formações do projeto. À questão 1: “Há quanto tempo frequenta as sessões de formação do projeto?”, a maior parte (doze) respondeu que este foi o primeiro ano inscrito nas formações, como se pode comprovar através do Gráfico 7.

2.3.3. Plano de Voluntariado

No âmbito do PEAV, vieram integrar e colaborar na conceção e realização do plano de sessões três voluntárias do BLV, compondo a amostra do universo dos dois mil voluntários da instituição. Tendo em conta a importância do trabalho voluntário, o PV, subsequente do PEAV, teve como público-alvo as três voluntárias e como campo de ação as sessões/atividades do projeto.

Na primeira fase – fase da sensibilização – foram realizadas conversas informais, bem como, numa das primeiras reuniões, uma entrevista às voluntárias¹. Envolvidas num processo reflexivo, por meio da partilha de conhecimentos, a estagiária e as voluntárias iniciaram, a partir de então, a reestruturação do plano de sessões do projeto. A entrevista, considerando o seu caráter pouco diretivo, possibilitou a recolha de informações gerais que se afiguraram úteis em todo o trabalho investigativo/interventivo, concernente ao projeto e ao plano.

Para a concretização da caracterização do público-alvo do plano, a entrevista focalizou-se, numa primeira parte, nas informações gerais das três intervenientes. As três voluntárias, em situação de aposentadoria, apresentavam idades entre os 63 e os 66 anos de idade. No que respeita ao estado civil, verificou-se que duas eram casadas e uma voluntária solteira, sendo que duas detinham um agregado familiar composto por três e quatro elementos e a outra voluntária, embora constituindo-se como sujeito autónomo, afirmou viver com a irmã e respetiva família.

Relativamente às habilitações literárias, é de evidenciar que uma das voluntárias sustava o grau de bacharelato e duas o grau de licenciatura, além de outras formações complementares. No que concerne à profissão desempenhada, as voluntárias responderam ser professoras do primeiro e segundo ciclo. Apesar de ter exercido a profissão referida, uma voluntária também ocupou cargos administrativos.

A caracterização do público-alvo é uma das partes mais importantes na realização de projetos, não só para a planificação de atividades, como também para o desenvolvimento de todo o projeto. Não é possível a sua concretização caso o público-alvo não participe, desde a primeira à última fase, na conceção do projeto.

2.4. Diagnóstico de necessidades/interesses

Toda e qualquer intervenção necessita, numa primeira fase, de um diagnóstico de necessidades/interesses. O diagnóstico permite-nos conhecer o público-alvo, as suas

¹ Veja-se APÊNDICE III – Guião da entrevista

caraterísticas, particularidades, interesses e dificuldades, bem como conhecer o contexto em que atuamos, de forma a perceber quais as reais necessidades que a instituição apresenta. Como afirma Guerra, “[...] um bom diagnóstico é garantia da adequabilidade das respostas às necessidades locais e é fundamental para garantir a eficácia de qualquer projeto” (2002, p.131).

Recorrendo a um conjunto de métodos/técnicas de investigação, através de conversas informais, da realização de uma entrevista às voluntárias, de reuniões informais, da realização de um inquérito por questionário aos participantes do projeto, do diário de bordo e da observação participante a todo o público-alvo, foi possível a identificação e avaliação do diagnóstico de necessidades e interesses.

2.4.1. Público-alvo do Projeto de Educação ao Longo da Vida

Como já foi referido, o PEAV só teve início em fevereiro de 2018. Uma vez que nem todos os participantes eram voluntários do BLV e, por conseguinte, nem sempre estavam presentes nas várias atividades da instituição, só foi possível, numa primeira fase, a realização de conversas informais, tanto com a Técnica Superior de Educação, como com uma amostra de cinco participantes do projeto.

Durante as conversas foi patente o interesse demonstrado pelos sujeitos em participar no projeto, dado que, como muitos aludiram, é sempre bom reviver histórias e partilhar saberes. A partir de alguns contactos, através da participação em outras atividades do BLV, foi possível identificar alguns interesses dos participantes, revelando-se pertinentes na conceção do plano de sessões. De entre um conjunto de exemplos importantes, dois dos participantes deram contributos para a realização do plano, oferecendo sugestões de sítios que gostariam de visitar.

A partir de alguns métodos/técnicas utilizados na fase inicial, foi perceptível a presença de algumas necessidades sentidas pela amostra. As conversas informais e a observação participante permitiram compreender que a maioria dos participantes tinha necessidades ao nível da ocupação do tempo-livre, patentes através do grau de procura por atividades do BLV. Além do mais, os participantes revelaram necessidades/interesses em partilhar conhecimentos e vivências.

Em fevereiro, realizou-se um inquérito por questionário, dirigido aos vinte e oito participantes inscritos no projeto. A partir das várias questões tornou-se possível a conceção, com maior concisão, do plano de sessões, pois conseguiu-se a recolha de informações acerca do que os motivou a inscreverem-se no projeto, o que gostariam que fosse abordado, bem como

de que forma desejariam que as sessões fossem realizadas.

Embora referentes ao projeto CC, é importante destacar as razões que levaram cada participante a frequentar as formações do projeto. À questão 4 – “Quais as razões que o/a levou a frequentar a formação/formações do projeto?” – (Gráfico 8), a maioria dos participantes referiu o “enriquecimento e interesse próprio”, seguindo-se a necessidade de aprendizagem. Aludida por nove, a necessidade de comunicação e convívio foi, também, uma das razões primordiais.

Na mesma lógica da questão anterior, tornou-se pertinente questionar os participantes quanto àquilo que tiraram de mais importante das formações. À questão 5.1. – “O que retira de mais importante da formação/formações?” – (Gráfico 9), a maior parte dos participantes respondeu “o conhecimento” e três participantes responderam “a comunicação”.

À questão 1 – “O que o/a motivou a inscrever-se no projeto?” – (Gráfico 10), a maior parte dos participantes assinalou como principal motivo “o interesse pela história da cidade”, seguindo-se a “necessidade de aprofundar conhecimentos”, bem como a “valorização pessoal”. A “partilha de histórias e conhecimentos” também merece destaque, opção selecionada por treze participantes. Na opção “outro”, de resposta aberta, quatro participantes mencionaram “fazer amizades” como um dos incentivos e um participante indicou “visitas guiadas ao património do concelho de Braga”.

À questão 2 – “Durante as várias sessões, o que gostaria que fosse mais abordado e aprofundado?” – (Gráfico 11), a maior parte respondeu “Braga Romana” (ou “Braga na época romana”) como o assunto que gostaria de abordar. Mencionado por dez participantes, seguiu-se os “monumentos históricos e visitas”. Outras respostas, como “histórias e costumes antigos” e “Braga na pré-história”, “história da semana-santa de Braga” a “visita às Sete Fontes” foram dadas.

À questão 4 – “Quais os assuntos/temas que desejaria tratar, individualmente ou em grupo, numa ou mais sessões? [...]” –, obteve-se respostas de seis participantes. Três referiram que gostariam de abordar, em grupo, todos os assuntos referentes à história da cidade, dois mencionaram que desejariam partilhar histórias e um participante disse que gostaria de partilhar histórias sobre o passado da nossa cidade.

No que respeita à questão 6 – “Quais as suas expectativas para este ano, considerando

as formações em que está matriculado?”² –, a maioria mencionou o aumento do conhecimento e o aprofundamento da aprendizagem como as principais expectativas. No que concerne à promoção de uma aprendizagem significativa, é importante evidenciar que um participante mencionou, a “interligação com o passado e com o presente”, isto é, entre as suas experiências prévias e as possíveis novas aprendizagens.

Destaca-se, todavia, que seis participantes revelaram interesses/necessidades de cariz mais afetivo e social, uma vez que se obteve respostas como “criar amigos” e “comunicação e convívio” enquanto principais expectativas. Outras respostas vieram demonstrar certas fragilidades do público-alvo do projeto, exemplo disso foi a resposta de um participante que indicou como expectativa o combate ao seu próprio isolamento – “Não ter necessidade de me isolar” –. De entre as expectativas que foram referidas, um participante aludiu à transformação pessoal, demonstrando, neste sentido, necessidades/interesses de cariz mais emancipatório.

À última questão – “Através de que métodos de ação gostaria que as sessões fossem realizadas?” – (Gráfico 12), todos os participantes que responderam a esta questão referiram as “visitas a locais”. O método “debates em grupo” também merece destaque, à semelhança dos “vídeos/filmes”. A estes métodos prosseguem o “registo audiovisual” e a “música/dança”. O método que aparece como penalizado é a “exposição teórica”, indicado por três participantes.

A análise do inquérito por questionário inicial ao público-alvo do projeto, os contactos e as conversas informais desenvolvidas no decorrer das sessões/atividades permitiram criar as condições-base para o trabalho interventivo. O projeto desenvolvido não se regeu unicamente a este processo inicial que, embora fundamental, não é suficiente quando se trata da conceção e realização de projetos de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária (EAIC).

2.4.2. Público-alvo do Plano de Voluntariado

Atentando ao processo de integração das três voluntárias do BLV no trabalho investigativo/interventivo, realizou-se, numa fase inicial, a avaliação diagnóstica a este público-alvo. Por meio de conversas informais e através de uma entrevista inicial, foi possível obter informações pertinentes respeitantes às necessidades/interesses das voluntárias.

Recorrendo a reuniões informais foi perceptível o interesse das voluntárias em integrar o projeto. No decorrer das conversas, verificou-se alguns interesses/necessidades, nomeadamente

² Questão inerente à segunda parte do inquérito por questionário

de cariz social (convívio e partilha de conhecimentos/experiências). As conversas entre a estagiária e as voluntárias fluíram rapidamente, das quais resultou um trabalho de equipa, pautado pela partilha. Todo o processo de investigação/intervenção, em colaboração com as voluntárias, permitiu recuar e reorganizar o plano de sessões, indo ao encontro do grande grupo do projeto.

Neste contexto, a entrevista inicial às voluntárias afigurou-se como pertinente, dado que veio oferecer contributos à conceção e realização do projeto. Considerando as questões inerentes à segunda e terceira parte da entrevista, criou-se a Tabela 1, a qual torna explícitas algumas respostas fornecidas, recorrendo a transcrições.

Às primeiras questões – “Como ocupa o seu tempo-livre? e “O que mais gosta de fazer no seu tempo-livre?” –, destacaram-se os “passeios pela natureza”, uma vez serem o ponto de interesse entre as voluntárias. No que diz respeito àquilo que as voluntárias mais gostariam de fazer, note-se que foram referidos visitas e passeios, o conhecimento de novos lugares, o convívio e ações de solidariedade.

Todas as voluntárias afirmaram ter interesse pelo trabalho voluntário, referindo, ainda, que haviam efetuado voluntariado com públicos diversos. Neste sentido, foram apuradas as opiniões em torno da importância do voluntariado. À pergunta – “Na sua opinião, as ações de voluntariado são importantes? Justifique.” –, duas voluntárias responderam “sim” e uma voluntária respondeu afirmativa e negativamente.

Relativamente à questão 1 (terceira parte) – “O que a motivou a inscrever-se, como voluntária, no projeto?” –, entre outras respostas, uma voluntária afirmou que as finalidades do projeto vieram ao encontro do seu projeto de vida e uma outra voluntária referiu a ocupação ativa do seu tempo-livre enquanto motivo primordial.

As respostas à segunda pergunta – “De que forma gostaria que o projeto fosse desenvolvido?” –, vieram facultar contributos ao projeto. Neste contexto, as voluntárias indicaram a valorização do ser humano, apelaram para formas dinâmicas e participativas, assim como para a organização de atividades sugeridas pelos participantes do projeto.

À pergunta “Quais os métodos/técnicas que considera mais adequados?”, as voluntárias aludiram, entre outros, à análise, à troca de experiência, aos convívios e às visitas. À pergunta seguinte – “Quais os temas/locais que considera mais interessantes?” –, ressaltam-se as sugestões relativas a temas e práticas que promovam autonomia, uma vida ativa e a cidadania.

O processo investigativo levado a cabo teve, nesta fase inicial, um efeito duplo. Apelando

à integração das voluntárias, os resultados obtidos do diagnóstico vieram fundamentar o PV, considerando o plano de sessões do projeto, indo ao encontro das necessidades/interesses tanto das voluntárias, como dos participantes.

Resultados obtidos da entrevista às voluntárias do projeto	
Questões	Respostas
II. Ocupação do tempo-livre – voluntariado	
1. “Como ocupa o seu tempo-livre?”	<p>“Passeios pela natureza”.</p> <p>“Leitura, caminhadas na natureza, música, espetáculos, ações de solidariedade, entre outras coisas.”</p> <p>“Participando em atividades de desporto, passeios, caminhadas e visitas a monumentos, exposições, entre outros.”</p>
1.1. “O que mais gosta de fazer no seu tempo-livre?”	<p>“Conhecer novos lugares e aproveitar a natureza.”</p> <p>“Caminhadas na natureza.”</p> <p>“Conviver, desporto, visitas e passeios.”</p>
3.1. “Em que organização/organizações realiza ou já realizou?”	<p>“Fui voluntária na Unidade de Socorro da Cruz Vermelha e, atualmente, no BLV.”</p> <p>“Obra social do Ministério da Educação, Escolas, Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco, Segurança Social, Liga Portuguesa Contra o Cancro, CMB, etc.”</p> <p>“Monitora de Colónias de Férias na Obra Social do Ministério da Educação e monitora de Campo de Férias da CMB.”</p>
3.1.1. “Com que público-alvo?”	<p>“Doentes e acidentados, assim como séniores.”</p> <p>“Crianças, jovens e adultos, com e sem deficiência.”</p> <p>“Crianças e adolescentes.”</p>
4. “Na sua opinião, as ações de voluntariado são importantes? Justifique.”	<p>“Muito, pois posso doar um pouco do meu tempo, saber, alegria e muitas outras coisas.”</p> <p>“Sim, porque valorizam o ser humano em todas as vertentes, além de que, todas as experiências são valorizadoras, sobretudo as que não são remuneradas, pela satisfação da dádiva desinteressada. Não, porque cria a ilusão de que não há necessidade do aumento de recursos humanos para a execução de trabalhos absolutamente necessários e urgentes, que deveriam ser assegurados a tempo inteiro por funcionários ou agentes contratados para o efeito, com formação adequada, e estão a ser assegurados por voluntários, com a qualidade possível, mas não a desejada.”</p> <p>“Sim. São importantes porque damos um pouco de nós àqueles que precisam do nosso apoio, do nosso saber e da nossa experiência.”</p>
III. Projeto de Educação ao Longo da Vida	
1. “O que a motivou a inscrever-se, como voluntária, no projeto?”	<p>“A possibilidade de ajudar a gerar conhecimento, reflexão e maior satisfação com a vida.”</p>

		<p>Inscrevi-me a pedido da CMB. No entanto, as finalidades inicialmente apresentadas vieram ao encontro do meu projeto de vida que sempre privilegiou o trabalho em prol da comunidade.”</p> <p>“Ocupar ativamente o meu tempo.”</p>
2. “De que forma gostaria que o projeto fosse desenvolvido?”		<p>“Com mais recursos do que aqueles que têm sido usados.”</p> <p>“De forma dinâmica e participativa, com vista à aquisição de conhecimentos e competências fundamentais para enfrentar o quotidiano de forma ativa e feliz, valorizando o ser humano e o património material e imaterial da cidade.”</p> <p>“Visitas a pontos de interesse da cidade, convívios e desenvolvimento de atividades sugeridas pelos participantes.”</p>
2.1. “Quais os métodos/técnicas que considera mais adequados?”	os que mais	<p>“Os métodos/técnicas que forem mais adequados para o público adulto.”</p> <p>“Investigação, observação, análise, de forma proativa, através da troca de experiências e conhecimentos, utilizando os instrumentos necessários. Tendo em conta que o público-alvo tem necessidade de falar, contar e se divertir, devemos privilegiar o convívio e a oralidade, pois nem sempre encontram quem os ouça e os acompanhe.”</p> <p>“Penso que visitas e convívio serão os métodos/técnicas mais adequados.”</p>
2.2. “Quais temas/locais que considera mais interessantes?”	os que mais	<p>“Todos os temas/locais baseados na aquisição de conhecimentos, autonomia e aprendizagem, vivendo uma vida mais feliz.”</p> <p>“Valorização do património histórico e cultural, tradições, cidadania e vida ativa.”</p> <p>“Temas e práticas relacionados com o viver ativamente e com alegria os tempos livres. Tudo isto poderá passar, essencialmente, por visitas aos pontos de interesse da cidade (museus, igrejas, espaços).”</p>

Tabela 1 – Resultados obtidos da entrevista às voluntárias do projeto

2.5. Finalidades e objetivos de intervenção

A definição da finalidade de um projeto é a “[...] ação mais importante que se pode tomar no início de um projeto” (Randolph & Posner, 1992, p.21). Considerando a sua pertinência, a finalidade deve ser discutida e partilhada com todos os envolvidos. Não podemos desenvolver um projeto, em termos dos seus objetivos e finalidades, se não nos colocarmos no lugar do público-alvo.

Consoante as necessidades denotadas e os vários interesses apontados pelos participantes, o PEAV teve como finalidade proporcionar a valorização de saberes e experiências de cada indivíduo, atentado às suas singularidades, desenvolvendo um espírito mais crítico e solidário, no sentido do ideal de Educação ao Longo da Vida.

Tendo como fundamento a finalidade descrita, torna-se pertinente evidenciar os objetivos

gerais e específicos que procuram responder às diferentes situações assinaladas. Na conceção de projetos, um dos princípios básicos diz respeito à definição dos objetivos. Tal constitui-se como “[...] a maior garantia para que depois não surjam situações conflituosas e a única forma de poder controlar o projeto e tomar decisões eficazes e coerentes” (Brand, 1992, pp.45-46). Deste modo, definiu-se três objetivos gerais, e para cada um destes, dois específicos.

Os objetivos gerais “[...] descrevem grandes orientações para as ações e são coerentes com as finalidades descrevendo as grandes linhas de trabalho a seguir” (Guerra, 2002, p.14). Os objetivos específicos são “[...] objetivos que exprimem os resultados que se espera atingir e que detalham os objetivos gerais, funcionando como a sua operacionalização” (*Id., ibid.*, p. 164).

A Tabela 2 torna explícito o conjunto de objetivos que estão na base das sessões/atividades planeadas e que, por conseguinte, deram sentido a todo processo de intervenção.

Objetivos gerais	Objetivos específicos
1. Promover a valorização de saberes, conhecimentos e experiências prévias;	1.1. Abordar e discutir temas do interesse dos participantes, de modo a que estes, além de participarem, possam partilhar ativamente conhecimentos e experiências; 1.2. Permitir o aprofundamento da aprendizagem, considerando as especificidades e os saberes de cada um, para que esta se torne significativa.
2. Contribuir para o desenvolvimento de relações interpessoais positivas;	2.1. Promover a aprendizagem cooperativa e colaborativa entre todos os participantes; 2.2. Criar espaços de convívio e comunicação, de modo a que se desenvolva o espírito de grupo.
3. Estimular à participação ativa e à autorreflexão crítica;	3.1. Incitar à participação crítica e ativa em torno da valorização e revalorização do património histórico e cultural da cidade de Braga; 3.2. Desenvolver um ambiente que leve os demais à autorreflexão crítica e analítica, contribuindo para o desenvolvimento do espírito crítico.

Tabela 2 – Objetivos do Projeto de Educação ao Longo da Vida

À semelhança do projeto, o Plano de Voluntariado exigiu a conceção de uma finalidade, objetivos gerais e específicos, através dos quais se tornou possível nortear o plano de ação. Tendo como finalidade fomentar a integração de intervenientes no Projeto de Educação ao Longo da Vida, delineou-se, em conjunto com o público-alvo do plano, um objetivo geral e dois específicos.

Objetivos gerais	Objetivos específicos
-------------------------	------------------------------

<p>1. Proporcionar o trabalho voluntário, no sentido do exercício de uma cidadania ativa;</p>	<p>1.1. Empreender um conjunto de ações promotoras do desenvolvimento integral do ser humano, possibilitando a (re)construção de projetos pessoais.</p> <p>1.2. Envolver os participantes em todo o processo de investigação/intervenção, apelando a uma maior autonomia, participação cívica e cultural, de forma a compreender e a transformar a realidade social.</p>
---	--

Tabela 3 – Objetivos do Plano de Voluntariado

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DE ESTÁGIO

3.1. Apresentação de outras experiências e investigações sobre o tema e a sua relevância para com o trabalho de investigação/intervenção desenvolvido

No âmbito da conceção e realização de projetos importa, desde a primeira fase, realizar um trabalho de pesquisa aprofundado em torno de vários temas, nomeadamente acerca de assuntos que se assemelhem com o projeto que queremos desenvolver. A investigação é acompanhada de uma análise crítica, de forma a que consigamos obter um conjunto de experiências relevantes para o trabalho de investigação/intervenção a que nos propomos.

Durante o processo investigativo, a coletânea de pesquisas caracterizou-se pela análise de relatórios de estágio, teses de investigação (mestrado e doutoramento), programas, projetos e artigos, tanto a nível nacional, como internacional. Embora escassos, uma vez que há poucos trabalhos de intervenção centrados no tema do voluntariado, torna-se pertinente ressaltar um trabalho, não só pelas semelhanças encontradas, como também porque permitiu compreender aquilo que já foi feito e o que falta fazer, considerando os principais desafios.

As leituras e pesquisas efetuadas possibilitam o aprofundamento do espírito crítico e reflexivo, tomando consciência da complexidade que abrange a EAIC que, no entanto, ainda não tem a amplitude merecida.

3.1.1. “V.E.R + Rede de Voluntariado: Um Projeto de Intervenção na Comunidade”

O trabalho “V.E.R + Rede de Voluntariado: Um Projeto de Intervenção na Comunidade” foi realizado por Vera Lima, no âmbito do estágio curricular referente o Mestrado em Educação: Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, pela Universidade do Minho. O trabalho deu lugar a um projeto de desenvolvimento e de intervenção na comunidade, envolvendo grupos e fases diferentes, o qual se caracterizou pela criação de uma rede de voluntariado.

O projeto foi realizado na Casa do Povo, numa vila do concelho de Guimarães, e teve como público-alvo três grupos diferentes: onze idosos (dos 75 aos 95 anos de idade), cuja

principal necessidade era o “medo” de serem esquecidos; sete voluntários (dos 16 aos 60 anos de idade); e, por último, quinze mulheres (com mais de 55 anos), com o objetivo de lhes oferecer espaços para se criarem e recriarem. Note-se a semelhança deste público-alvo com todo o público-alvo do trabalho “O Voluntariado para o século XXI: um Projeto de Educação ao Longo da Vida”, atentando às faixas etárias, assim como aos grupos de idosos e de voluntários.

Tendo como finalidade envolver as pessoas, possibilitando o “*empowerment*”, e estimular a vontade de resolverem por si determinadas situações, o projeto dividiu-se em duas fases. A primeira fase teve como finalidade ajudar os idosos isolados, estimulando as suas capacidades para que se envolvessem e participassem em iniciativas. A segunda fase, cuja intervenção se centrou num grupo de mulheres, teve como finalidade devolver a vida a um grupo de senhoras, possibilitando-lhes a vivência de novas experiências. A intervenção realizada impulsionou a criação de um grupo de voluntários que contribuiu, a partir de então, para o desenvolvimento do projeto.

O enquadramento teórico abordou temas como o “voluntariado”, o “isolamento social dos idosos” e a “Educação de Adultos e Intervenção Comunitária”. Justificando as finalidades, objetivos e os temas analisados, com base no paradigma crítico e numa metodologia qualitativa, a investigadora criou um conjunto de atividades para os três grupos acima descritos. Para o grupo de idosos, após a visita às suas casas e a apresentação do projeto, executaram-se atividades de ginástica, cozinha, jogos de memória, passeios/caminhadas, entre outros, em conjunto com os voluntários. Para o grupo de voluntários foram concebidas atividades formativas, como, por exemplo, a formação sobre ginástica para idosos, com o objetivo de dotar os voluntários de competências técnicas. Para o grupo de mulheres foram concretizadas atividades como a dança, a aprendizagem de computadores e visitas ao centro de dia, de modo a proporcionar encontros entre gerações, bem como momentos de convívio e partilha.

A análise crítica dos resultados aponta para “um projeto útil e de rica intervenção na comunidade, apesar de ter alcançado um pequeno número de pessoas” (Lima, 2014, p.91). Com o desenvolvimento do projeto, a instituição alargou a sua intervenção para as áreas do desporto, cultura, arte e voluntariado. No que respeita à Rede de Voluntariado pensou-se, também, numa parceria com o Banco Local de Voluntariado, da Câmara Municipal de Braga, com o objetivo de estender o projeto para a vila.

A investigação realizada, os grupos que compuseram o público-alvo, a finalidade e os objetivos, o enquadramento teórico e metodológico, assim como a intervenção levada a cabo

facultaram bases ao trabalho “O Voluntariado no século XXI: um Projeto de Educação ao Longo da Vida”, no que respeita ao projeto e ao plano.

O Voluntariado surge, neste contexto, como uma prática pouco valorizada, mas que, através de um trabalho colaborativo, poder-se-á desdobrar em iniciativas promotoras da uma EAV. O trabalho “V.E.R + Rede de Voluntariado: Um Projeto de Intervenção na Comunidade”, tendo em conta o suporte teórico e o trabalho interventivo realizado com os voluntários, contribuiu, essencialmente, para o enquadramento teórico, assim como para o desenvolvimento do PV.

O campo da EAIC, dada a sua complexidade, pode abranger temas e áreas diversificadas. À semelhança do “V.E.R + Rede de Voluntariado: Um Projeto de Intervenção na Comunidade”, o projeto incorporou novas áreas – a História e a Filosofia –, transformando algo que daria lugar a formações num projeto amplo e dinâmico, tendo como foco o ideal de EAV.

3.2. Exploração das correntes teóricas

3.2.1. Voluntariado

O trabalho voluntário, enquanto atividade organizada – “[...] participação crítica das pessoas [...]” (Garrafo & Selli, 2006, p.250) em todas as dimensões nas quais o Estado intervém –, nasceu na Europa aquando do fenómeno da industrialização, a partir do século XVIII. O liberalismo político de então, centrado no indivíduo, tinha o papel de assegurar a atividade económica. Com os fenómenos da migração e do êxodo rural, consequência da crescente fome e miséria, a sociedade civil foi forçada a intervir nos problemas económicos e sociais que foram despontando. Foi assim que o Estado moderno marcou a emergência e o aparecimento das associações voluntárias de carácter social (*id., ibid.*).

O poder arbitrário que caracterizava o Estado em muito contribuiu para a pertinência das ações levadas a cabo pelas organizações voluntárias (partidos políticos, sindicatos, associações religiosas, entre outras), assegurando a defesa da sociedade civil, tendo como base uma sociedade mais igualitária e democrática. O esforço efetivado por tais associações marcou, em parte, o desenvolvimento do processo democrático que se estendeu pela Europa a partir da segunda metade do século XIX (*id., ibid.*).

Em Portugal, considerando a sua tradição política, o Estado tinha o dever de assegurar os bens sociais da sociedade civil, atendendo às necessidades de todos os cidadãos, cabendo-lhe a sua proteção. Contrariamente ao liberalismo, esta configuração estatal assenta numa

maior consciência coletiva e, portanto, menos individualista. Designado, com a expansão capitalista do pós-segunda Guerra Mundial, de Estado-Providência, as suas características ainda hoje se fazem sentir nas relações Estado - sociedade civil, no nosso país. Embora ainda tradicionalmente entendido, é possível que consigamos perceber o crescimento do trabalho voluntário e das associações inerentes, apontando para a conjugação de esforços entre a comunidade e o Estado.

À semelhança de muitos outros países, a origem do voluntariado em Portugal, assente no valor da caridade, foi fortemente influenciada pelos valores cristãos. A partir dos finais do séc. XIX, rompeu-se com as formas tradicionais de voluntariado, somente atendido pelas Santas Casas da Misericórdia, Hospitais, (entre outros), fazendo emergir outras organizações de relevância social apoiadas em valores que não somente o da caridade.

Hoje em dia, fruto do crescimento das ações voluntárias e do aparecimento do “terceiro setor”, são várias as organizações que promovem o trabalho voluntário. Além das tradicionais organizações (de foro religioso), destacamos as organizações não-governamentais (ONGs), as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e um fenómeno recente que merece destaque: as empresas que têm vindo a promover práticas de voluntariado, no âmbito da responsabilidade social.

Paralelamente à ampliação dos mais variadíssimos contextos em que as atividades voluntárias se desenrolam, assistimos ao crescimento de diversas formas a que este trabalho se afigura, como a defesa da igualdade de direitos, as questões ambientais, a promoção cultural, a discriminação sexual, as questões relacionadas com a paz, entre outros (Sardinha, 2011).

Inserido numa sociedade altamente competitiva, pautada pelos interesses individuais, o voluntariado emerge como o “antídoto” dos problemas despontados pelo pós-modernismo e, deste modo, como meio de condução para a construção de uma nova consciência social (Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2011). Para além da denominada «crise de valores», a proliferação e crescente hegemonia de políticas neoliberais tem tido fortes consequências, nomeadamente no que respeita ao aumento do nível de pobreza.

As mutações sofridas nas últimas décadas, apelando para a ideia de “Menos Estado, Melhor Estado”, vieram exigir uma reestruturação social, restringindo a política social na área estatal, transferindo o protagonismo para o mercado, para a sociedade civil e para o indivíduo (Lima, 2007). A nova perspetiva de “sociedade de bem-estar”, substituindo o “Estado de Bem-Estar”, apela para a revalorização do voluntariado, integrando uma proposta de proteção social

(Fagundes, 2006).

Vivemos um período antinómico. Se, por um lado, a sociedade é caracterizada pelo individualismo, a competitividade e o consumo, por outro, cresce um sentimento de solidariedade e de responsabilidade de uma cidadania ativa através de movimentos de ação voluntária (*id.*, *ibid.*). O grande objetivo é a superação dos resultados negativos, característicos da nova conceção de sociedade, através da construção de uma cultura de solidariedade e de abertura ao outro, na busca da transformação pessoal, comunitária e social (Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2011).

Entendamos “atividades de voluntariado” como todos os setores que promovem a atividade voluntária, seja ela em contextos formais ou não-formais, empreendida por pessoas que, tendo como base um conjunto de motivações, prestam serviço à comunidade, sem qualquer troca monetária (Presidência do Conselho de Ministros, 2010). O trabalho voluntário implica a participação ativa e a intervenção de todas as pessoas envolvidas.

Tendo como fundamento a Lei n.º 71/98, o conceito de voluntariado aponta para:

“[...] o conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas. Não são abrangidas pela presente lei as atuações que, embora desinteressadas, tenham um carácter isolado e esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança” (Assembleia da República, 1998).

Outras definições podem ser ressaltadas, como aquela que é traçada pela Organização Internacional do Trabalho, na sua 18ª Conferência. O voluntariado pode ser considerado como uma:

“Atividade que envolve trabalho produtivo; fundamentalmente não pago; não obrigatório; o beneficiário do trabalho não pode ser familiar direto do voluntário; pode ser realizado dentro ou fora das organizações – voluntariado formal ou informal” (Sardinha, 2011, p.18).

A pessoa que realiza trabalho voluntário, denominado de “Voluntário”, não ocupa o lugar do profissional. O voluntário poderá ser definido como:

“[...] o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora. A qualidade de voluntário não pode, de qualquer forma, decorrer de relação de trabalho subordinado ou autónomo ou de

qualquer relação de conteúdo patrimonial com a organização promotora, sem prejuízo de regimes especiais constantes da lei” (Assembleia da República,1998).

Numa organização, o voluntariado não elimina oportunidades de emprego profissional, pelo contrário. O crescimento do trabalho voluntário tem exigido das organizações respostas complexas que envolvam práticas motivadoras de voluntariado. Tal requer uma forte estrutura profissional de funcionários remunerados, para que se consiga o apoio e o enquadramento das atividades voluntárias na organização, oferecendo aos voluntários incentivos de modo a que estes se concentrem em tarefas enriquecedoras (Carvalho & Sampaio, 2017).

Nas sociedades contemporâneas, em constante mutação, torna-se necessário garantir medidas que apoiem as atividades de voluntariado de forma a permitir a participação de um maior número de pessoas. A gestão do trabalho voluntário tem vindo a exigir a eliminação dos processos burocráticos e das abordagens formais, subordinadas à centralização (*id., ibid.*). Torna-se importante apoiar a aprendizagem mútua e o intercâmbio, bem como o desenvolvimento de boas práticas a nível local, regional, nacional e internacional, mobilizando os cidadãos para a responsabilidade da cidadania ativa (Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2011).

Neste contexto, os administradores e/ou gestores de voluntariado desempenham um papel preponderante na qualidade das práticas voluntárias, possibilitando às pessoas que exercem voluntariado concentrarem os seus esforços na resolução de problemas e necessidades individuais e comunitárias, de modo a que todos os agentes daí retirem benefícios (Boyd, 2004).

O reconhecimento profissional do administrador de voluntariado é um fenómeno recente. Uma vez que a identificação das suas funções surgiu há relativamente pouco tempo, através da Association of Volunteer Managers (AVM), o apuramento das competências e habilidades profissionais ainda não é suficiente para legitimar a total dignidade ao administrador de voluntariado (Brewis, Hill & Stevens, 2010).

Diante das crescentes exigências locais, organizacionais e sociais, o administrador de voluntariado requer a aprendizagem de uma gama ampla de competências, habilidades e conhecimentos para que, através de planos de ação, se enfrentem os desafios que a própria sociedade propõe (Boyd, 2004).

A Tabela 14³ explica, de forma sucinta, as principais competências exigidas aos

³ Veja-se APÊNDICE IV

administradores de voluntários. Embora algumas tenham sido delineadas na década anterior, por Boyd (2003), o conjunto de competências e habilidades apresentadas têm preponderância na atualidade.

Não é só o papel do administrador de voluntariado que é, muitas vezes, desacreditado. O voluntariado ainda é percebido como algo bom, mas não como uma componente fundamental para a sociedade. A verdade é que, hoje em dia, ainda prevalece o pensamento de que os voluntários são pessoas que ocupam o seu dia-a-dia a fazer limpeza de matas ou de ruas (Eisner, Grimm Jr., Maynard & Washburn, 2009).

Os voluntários têm um papel essencial na promoção da paz, da liberdade, na expansão do conhecimento, no desenvolvimento humano, bem como na proclamação da justiça e da educação para todos os seres humanos (Allen, Galiano & Hayes, 2011). Para tal, há que expandir a visão do voluntariado e, essencialmente, apelar para a valorização da pessoa que concebe este tipo de trabalho, indo ao encontro dos seus interesses, oferecendo-lhes experiências significativas, valorizando as suas habilidades e reconhecendo o seu trabalho (Eisner, Grimm Jr., Maynard & Washburn, 2009).

No seio das motivações que levam os voluntários a exercer tal atividade está a solidariedade, valor intrínseco à condição humana, característico da vida em comunidade. Tendo em conta a sua dimensão crítica, a solidariedade aponta para o exercício de uma cidadania ativa, possibilitando a todos os intervenientes a participação ativa e intervenção autónoma na definição das políticas públicas, levando-os à conscientização dos seus direitos e deveres, como garante de uma verdadeira democracia.

No que respeita às motivações que estão na base do voluntariado, existem inúmeras teorias que explicam as razões pelas quais o cidadão decide ser voluntário, umas mais altruístas, outras mais individualistas. Neste contexto criamos a Tabela 15³ em que é possível que compreendamos, de uma forma geral, quais as razões intrínsecas à pessoa que decide ser voluntária.

No âmbito dos princípios orientadores, delineados pela International Association for Volunteer Effort no Plano de Ação Estratégica (2016), podemos conferir destaque ao princípio da Inclusão. Diante do aumento dos processos migratórios dos últimos anos, conseqüente da instabilidade que se vive, o voluntariado surge como um instrumento preponderante na promoção da paz e do desenvolvimento, relacionado como o processo da inclusão. O voluntariado, ao reconhecer e apoiar voluntários sem distinção de culturas e etnias, religiões,

idades, géneros, posição social e económica, concorrerá para um mundo mais justo e democrático (*id.*, *ibid.*). O voluntariado, enquanto prática proclamadora dos direitos humanos básicos apresentados na Declaração Universal dos Direitos do Homem (ONU, 1948), traz benefícios de diversas formas, a diversos níveis e em diversos contextos, que não apenas numa dimensão inclusiva e de solidariedade social. O voluntariado: reconstrói comunidades sustentáveis, baseadas no respeito por todos os seres humanos, considerando singularidades; torna as pessoas capazes de exercer os seus direitos e deveres, no âmbito da cidadania ativa; concorre para a resolução de problemas pessoais, sociais, culturais, económicos e ambientais; e, por último, contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais humana, onde todos os cidadãos cooperam na construção de um mundo melhor (International board of directors of IAVE, 2001).

Tendo em consideração as novas realidades sociais, económicas, políticas e culturais, são alguns os desafios que se colocam ao voluntariado em Portugal. Embora a atitude face ao voluntariado tenha evoluído de forma positiva, o nosso país ainda representa taxas relativamente baixas de envolvimento voluntário quando comparadas com a maioria dos países da Europa Ocidental.

É deste modo que se torna importante ressaltar os seguintes desafios:

“[...] reforço da intervenção local e da participação dos cidadãos através dos centros de voluntariado; [...] [uma] estratégia de autossustentabilidade para todas as organizações; uma nova abordagem relativamente aos recursos humanos, principalmente no que concerne ao suporte a voluntários e mais laços contratuais ao pessoal remunerado; [a] promoção de uma plataforma de discussão entre as organizações e o Estado português; um reconhecimento mais pró-ativo por parte do Estado no que respeita ao papel do voluntariado na sociedade e a sua promoção junto dos cidadãos portugueses” (Sardinha, 2011, pp.20-21).

3.2.2. A Educação ao Longo da Vida

a) Educação ao Longo da Vida

A pessoa é entendida como um ser em autoconstrução. Inserida em vários contextos, nos quais aprende a expressar-se, a comunicar, a questionar-se e a definir-se como um ser singular, vai-se desenvolvendo em função de uma diversidade de experiências. O processo de vida é, pois, um processo permanente, em constante mutação, no qual a pessoa está em constante desenvolvimento – Educação ao Longo da Vida – (Antunes, 2007; Faure et al., 1972). É no contexto da realização das CONFINTEAS, promovidas pela UNESCO, que emerge a

conceção de educação “[...] enquanto processo contínuo, holístico e comunitário” (UNESCO, 1977, p.50). Historicamente, a EAV sempre existiu, mas é após a Segunda Guerra Mundial que se inicia o estudo aprofundado e as reflexões em torno do conceito, mais especificamente no ano de 1949, com a realização da primeira CONFINTEA (Elseneur).

Foi, concretamente, na década de setenta que a concetualização de educação, enquanto processo que se realiza ao longo da vida, ganhou destaque, tanto com a realização da terceira CONFINTEA e com a publicação do “Relatório Faure”, ambos no ano de 1972, bem como com a Recomendação sobre o Desenvolvimento da Educação de Adultos, de Nairobi, realizada pela UNESCO, em 1976 (Antunes, 2001).

Na terceira Conferência, realizada em Tóquio, surge o ideal de educação permanente como um processo de aprendizagem contínua, realizada ao longo da vida, abrangendo todas as dimensões do ser humano. Embora o conceito apareça associado a este período histórico, a ideia de continuidade do processo educativo não era nova (Faure et al., 1972).

A educação permanente vem englobar a educação escolar e a EA que passam a compreender-se como duas fases sucessivas de um único processo: a educação. A partir de então, as preocupações recaem sobre estes dois setores, “[...] ambos igualmente prioritários e urgentes: a recuperação dos adultos da geração presente e a preparação dos adultos da geração futura” (Ribeiro Dias, 1979, p.21).

As investigações em torno do conceito vão sendo aprofundadas na sequência das CONFINTEAS e de outros relatórios realizados pela UNESCO. É no contexto da publicação do relatório “*Learning to Be*” – “Aprender a Ser” –, coordenado por Edgar Faure (1972), que a educação permanente ganha destaque, esbatendo com a crise educativa que permanecia desde os finais da década de setenta.

Nas descrições de Edgar Faure, pertinentes e atuais, aparece a noção de educação permanente de uma forma desenvolvida, enquanto ciclo que envolve diferentes formas, expressões e momentos do ato educativo, no qual a pessoa, enquanto ser inacabado, realiza uma aprendizagem constante (Faure et al., 1972). A ideia da criação de cidades educativas e a crença numa democracia, nas quais o ser humano se realizasse integralmente e participasse na crença do seu futuro, foram outros dos apostolados norteados pelo filósofo (Wertheim & Cunha, 2000).

Considerado como um marco na história da educação, o relatório vai anunciando o ideário de EAV, no sentido de uma educação que tem por objetivo o desenvolvimento integral

das pessoas. É neste sentido que a educação “[...] recobra su verdadera naturaleza, que es la de ser global y permanente, y franquea los límites de las instituciones, de los programas y de los métodos que le han sido impuestos en el curso de los siglos (Faure et al., 1972, p.220). Trata-se de um projeto educativo que não tem por fim a transmissão de conhecimentos apostolados, mas sim a preparação gradual do ser humano para uma EAV.

“El concepto de educación permanente se extiende a todos los aspectos del hecho educativo; engloba a todos, y el todo es mayor que la suma de las partes. En la educación no se puede identificar una parte distinta del resto que no sea permanente. Dicho de otro modo, la educación permanente no es ni un sistema, ni un sector educativo, sino el principio en el cual se funda la organización global de un sistema y, por tanto, la elaboración de cada una de sus partes” (*id., ibid.*, p.265).

Com o principal intuito de consolidar os elementos que deram corpo às CONFINTEAS em Elsinore (1949), Montreal (1960) e Tóquio (1972), surge a Recomendação sobre o Desenvolvimento da Educação de Adultos, de Naiorbi, realizada pela UNESCO em 1976.

Consolidada a noção de educação permanente, surge a necessidade de se aprofundar um outro conceito – EAV –. Considerando a Recomendação da UNESCO, de Naiorobi, é possível encontrar o conceito de EAV como:

“[...] uma proposta geral destinada a reestruturar o sistema de educação já existente e desenvolver todo o potencial educacional fora do sistema educacional. Nessa proposta, homens e mulheres são os agentes de sua própria educação, por meio da interação contínua entre seus pensamentos e ações; ensino e aprendizagem, longe de serem limitados a um período de presença na escola, devem se estender ao longo da vida, incluindo todas as competências e ramos do conhecimento, utilizando todos os meios possíveis, e dando a todas as pessoas oportunidade de pleno desenvolvimento da personalidade; os processos de educação e aprendizagem nos quais crianças, jovens e adultos de todas as idades estão envolvidos no curso de suas vidas, sob qualquer forma, devem ser considerados como um todo” (1977, p. 2).

A EAV abarca todo o processo educativo, desde a educação das crianças à EA, cuja principal missão é preparar a pessoa para a autonomia, para a aprendizagem e para a participação ativa em todas as dimensões do indivíduo e da sociedade. De uma forma sucinta, este conceito aponta para uma perspectiva holística do ser humano, para o seu desenvolvimento integral enquanto participante ativo no desenvolvimento social, económico e cultural (Faure et al., 1972; UNESCO, 1977).

Ao longo das décadas, a EAV revelou-se, em alguns países, como um dos pilares socioeducativos do Estado-Providência, uma vez que se comprometia a assegurar uma educação

pública, gratuita, igualitária e inclusiva. Tendo em vista a promoção da autonomia e o desenvolvimento de um espírito mais crítico, a educação vinha contribuir para a formação de cidadãos ativos, de modo a que lhes fosse possível empreender as necessárias transformações sociais. Contudo, nem sempre tais objetivos foram cumpridos (Lima, 2007).

O desenvolvimento da educação e da EAV a partir do Estado-Providência desde cedo suscitou críticas, devido ao seu caráter centralizado, bem como às dificuldades orçamentais em manter um sistema educativo universal e gratuito. Como afirmou Lima, “[...] ficou demonstrado sempre que governos e elites evidenciaram pouco apego a ideias educativas humanistas e se revelaram descomprometidas face à educação, ao esclarecimento e à emancipação da maioria dos seus cidadãos” (*id., ibid., p.17*).

A falência do Estado-Providência face ao Estado-Neoliberal, a partir da década de setenta, teve fortes repercussões ao nível educativo, influenciando as políticas de educação/formação de adultos e ao longo da vida. Neste contexto, o conceito de EAV, assente no ideal de educação permanente, recebe a designação de “aprendizagem ao longo da vida”, numa perspetiva de educação mais instrumentalista e individualista. A aprendizagem ao longo da vida transforma-se num atributo individual, cabendo a cada indivíduo “[...] a procura estratégica de oportunidades de aprendizagem, transformadas em “vantagens competitivas” (*id., ibid., p.20*), de modo a competir no mercado global.

Num plano internacional de crise social, cultural, política e financeira, surge, na década de noventa, o Relatório Delors – “*The Treasure Within*” –, em 1996, oferecendo novos contributos em torno da fundamentação da EAV. Na alvorada do século XXI, Delors invoca o papel da educação na superação dos problemas e das tensões que emergem no seio das comunidades e que, por conseguinte, tem impacto ao nível do desenvolvimento do ser humano. Neste sentido, cabe à educação contribuir para a construção do projeto pessoal de cada indivíduo, aproveitando todos os seus talentos, saberes e potencialidades para que, deste modo, se possa assumir como um cidadão ativo na sua comunidade (Delors, 1996). Tal implica um constante processo de autorreflexão crítica entre o sujeito e o meio ambiente.

“Tudo nos leva, pois, a dar novo valor à dimensão ética e cultural da educação e, deste modo, a dar efetivamente a cada um, os meios de compreender o outro, na sua especificidade, e de compreender o mundo na sua marcha caótica para uma certa unidade. Mas antes, é preciso começar por se conhecer a si próprio, numa espécie de viagem interior guiada pelo conhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocrítica” (*id., ibid., p.16*).

A grande novidade do Relatório de Delors diz respeito, essencialmente, à consagração daqueles que são os quatro pilares da educação que vêm, desta forma, contribuir para a fundamentação da EAV. Tidos como “pilares do conhecimento” para cada indivíduo, eles são: “aprender a conhecer”, que remete para um processo de “aprender a aprender”, considerando que o processo de aprendizagem é algo inacabado e, portanto, poder-se-á conhecer e aprender independentemente do tempo e do espaço; “aprender a fazer”, tratando-se do aprender a agir sobre diversas situações não previstas pelos conteúdos científicos adquiridos; “aprender a viver juntos”, através da cooperação e colaboração entre todos na construção de projetos comuns; e “aprender a ser”, que significa a realização completa da pessoa, enquanto ser holístico (*id., ibid.*, p. 90).

Apesar dos esforços concedidos pela UNESCO, o protagonismo atribuído à formação e aprendizagem ao longo da vida, ignorando o ideal de educação permanente proclamado por Faure et al., enquanto “[...] “pedra angular” da criação de uma cidade educativa e “ideia mestra” para as políticas educativas futuras” (Lima, 2007, p.13), veio colocar a EAV ao dispor da produtividade e da competitividade.

“A educação permanente foi subordinada a padrões restritos de utilidade, sendo frequentemente confundida com: escolarização permanente, educação escolar de segunda oportunidade, reconhecimento e certificação de competências, formação profissional contínua, vocacionalismo adaptativo e funcional, inclusão social para as periferias ou margens de dentro de um sistema cada vez mais embasado numa competitividade desenfreada e numa performatividade seletiva e excludente” (Lima, 2016, p.17).

A aprendizagem ao longo da vida, integrada nos discursos políticos dos governos dos Estados membros, tem sido considerada pela U.E. como a solução para a competitividade económica no mercado global (*id., ibid.*). Encarando o ser humano como estando ao serviço da economia, esta lógica afasta-nos por completo do conceito de educação permanente, do conceito de “aprender a aprender”, enaltecendo os ideários de “*aprender para ganhar, conhecer para competir*” (Lima, 2012, p.9).

Se analisarmos textos recentes, como a “Recommendation on Adult Learning and Education” (UNESCO, 2015a) –, o “CONFINTEA VI Mid-Term Review” (UNESCO, 2017) e “Terceiro Relatório sobre a Aprendizagem e Educação de Adultos” (UNESCO, 2016), compreendemos qual a natureza implícita nas principais metas, também elas expressas no “Educação 2030” (UNESCO, 2015b). É perceptível o enfoque dado a reformas políticas a fim de

promover a aprendizagem ao longo da vida (UNESCO, 2017), surgindo prioridades como a alfabetização, a formação profissional e a aquisição de competências para o emprego e para o mercado de trabalho (UNESCO, 2015b).

Esta tendência em direção à formação e aprendizagem ao longo da vida vem acentuar as desigualdades sociais existentes. Transferindo as responsabilidades para o indivíduo, quanto ao seu sucesso e insucesso educativo e profissional, esta nova perspectiva servirá de instrumento de controlo sobre aqueles que ficarão aquém de adquirir permanentemente as tais “competências para competir”. Aliado ao aumento do desemprego e, por conseguinte, à constante procura de empregos, surge o crescimento de formações que, todavia, carecem de pertinência na resolução dos problemas atuais (Lima, 2007; Canário, 2000).

“Tendo uma sociedade transformado as necessidades básicas em demandas por mercadorias cientificamente produzidas, define-se a pobreza por padrões que os tecnocratas podem mudar a bel-prazer. A pobreza se aplica àqueles que ficaram aquém de algum ideal de consumo propagandizado” (Ilich, 1985, p.18).

Diante da conjuntura desfavorável da atualidade, fruto da insegurança que percorre o mundo, as guerras-civis, a instabilidade política, a precariedade, o desemprego e a exclusão social “[...] o estabelecimento de uma base sólida para a aprendizagem contínua e o desenvolvimento de capacidades são medidas fundamentais para todas as sociedades” (UNESCO, 2010, p.71).

Diante de posições mais radicais, mas com pertinência atual, Ivan Ilich, compartilhando das ideias de Freinet, afirma que a educação deveria proporcionar ao ser humano atividades práticas e úteis para que, diante dos desafios que o interpelam, fosse capaz de conjugar as necessidades morais e espirituais com os recursos científicos. “Se [a pessoa] aprender a usar sua compreensão do mundo físico para fins práticos, estará expandindo sua capacidade inata e aumentando sua habilidade e necessidade de comunicar-se, bem como sua habilidade de pensar e criar” (Ilich, 1985, p.6).

Nas sociedades atuais, a proclamação de uma educação abrangente, concretizada ao longo da vida, é imprescindível, podendo surgir como solução para o mal das sociedades modernas. A economia é importante, mas, como afirma Melo, “em vez de estarem as pessoas ao serviço da economia, [...], deverá colocar-se a economia ao serviço das grandes finalidades da sociedade política, do bem-estar coletivo e da felicidade das pessoas” (2010, p.44).

Hoje, mais do que nunca, a educação permanente, na sua aceção holística e humanista,

tem uma função primordial. É importante termos em conta que os projetos de EAV devem considerar, não só, os problemas económicos e de trabalho, como também, possibilitar a transformação positiva nos indivíduos e na sociedade, através do incentivo a valores éticos (consciência cívica, igualdade e cidadania ativa), promovendo a construção comum de uma verdadeira sociedade.

É necessário deixar de lado as lógicas individualistas, construir políticas e programas que promovam a educação numa visão ampla, onde o indivíduo recicla, renova conhecimentos, competências, mas de forma crítica, partilhada e consciente. “[...] só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também” (Freire, 1975, p. 67).

b) A Educação ao Longo da Vida e o voluntariado

Na lógica da EAV, a finalidade é preparar a pessoa para as várias formas de aprendizagem que a sociedade lhes poderá oferecer. Neste processo, a educação ajuda a criança a desenvolver-se, a preparar o jovem-adulto na sua entrada para o mercado de trabalho e o adulto na entrada para a reforma (França & Stepansky, 2005). Este tipo de educação vem exigir uma estrutura educacional forte e complexa, englobando práticas enriquecedoras no ciclo de vida do ser humano (Faure et al., 1972).

O voluntariado surge, neste contexto, como uma estratégia alternativa de emancipação das comunidades, face aos problemas, necessidades e interesses de todos os cidadãos. Transvasando o único objetivo tradicional da caridade, o trabalho voluntário aparece em paralelo com o processo de EAV. Deste modo, as diferentes formas de voluntariado devem, hoje, ser encaradas como mecanismos que impulsionam a educação holística, abrangendo desde o público mais novo ao público mais velho.

Nas sociedades desenvolvidas, as competências exigidas para a inserção na vida quotidiana e, mais particularmente, no mercado de trabalho, assim como a nova estrutura político-social, vieram exigir de cada indivíduo uma adaptação constante às necessidades que se impõem (Antunes, 2007). Diante de uma sociedade globalizante, suportada pelo poder tecnológico, os jovens têm vindo a sentir necessidade de participar ativa e criticamente nas suas próprias sociedades, tanto a nível político e económico, como ao nível cultural e comunitário.

Concomitantemente com as novas exigências que vigoram no mundo do trabalho, a participação em movimentos sociais e a procura de organizações comunitárias têm crescido. Os

novos movimentos de mudança social têm exigido das organizações de voluntariado respostas ao aumento de procura, nomeadamente pelos mais novos, de entidades comprometidas com causas de pertinência atual (PNUD, 2016).

“Gracias a la experiencia y a los medios existentes o en potencia, en las sociedades actuales es posible (dicho sea sin desconocer en nada la dificultades de la tarea) ayudar al hombre a desplegarse en todas sus dimensiones: en cuanto agente del desarrollo, agente del cambio y autor de su propia realización, lo cual equivale a tender, por los caminos de lo real, hacia el ideal del hombre completo” (Faure et al., 1972, p.238).

Com o aumento da esperança média de vida e o conseqüente crescimento da população idosa, principalmente nas sociedades ocidentais, é habitual que nos deparemos com inúmeras teorias acerca do processo de envelhecimento, nomeadamente no que concerne às práticas que poderão proporcionar um envelhecimento saudável e ativo. O envelhecimento do ser humano é algo natural e deve ser encarado, não de uma forma negativa, mas como um processo de EAV, no qual aprendemos desde que nascemos até que morremos (Simões, 2016).

A entrada na reforma pode ser, por si só, desoladora para o ser humano. A pessoa que desenvolve, durante grande parte da sua vida, uma determinada função, entra numa etapa que poderá conduzi-la à inatividade e, por conseqüência, a períodos de depressão. Neste contexto, socialmente desvantajoso, a pessoa passa a deter mais tempo-livre no qual, aproveitando e revalorizando as suas experiências e capacidades, poder-se-á criar ambientes que, além de muitos outros benefícios, contribuam para a autonomia e a participação ativa nas diversas circunstâncias da sua vida (OMS, 2005).

Entre diversas medidas importantes, de modo a, não só diminuir o “peso” que este público pode representar para os cidadãos ativos, como, e essencialmente, mantendo a pessoa ativa, destaca-se uma nova combinação de atividades, oferecendo a este público oportunidades de participarem e contribuírem, de diferentes formas, para a sua comunidade. No seio das atuais iniciativas, promovidas pelos Estados, situa-se o trabalho voluntário como mecanismo de promoção da EAV.

As práticas de voluntariado surgem, no âmbito da EAV, como algo vantajoso no que respeita à valorização das particularidades de cada pessoa, promovendo a revalorização das suas experiências prévias, como também o aprofundamento de novos saberes, no sentido de uma aprendizagem significativa (Afonso, 2014; Simões, 2016).

3.2.3. A cidadania ativa, a Educação de Adultos e o voluntariado

a) Cidadania

Inseridos numa sociedade marcada pelas constantes mutações políticas, económicas, sociais e culturais, enquanto cidadãos devemos esclarecer o que significa, afinal, cidadania. Em termos mais específicos, a cidadania ativa aparece como algo pertinente na atualidade que deve, por isso, ser objeto de reflexão.

Em primeira instância, é importante ter em consideração que o conceito de cidadania é complexo e repleto de ambiguidades. Detentor de um contexto histórico, diante das diferentes configurações sociais e das distintas formas de participação, nem sempre deteve o mesmo significado. Hoje, porém, denota-se alguma vulgarização do termo que pode, por um lado, remeter-nos para uma sociedade coesa e igualitária, assente em direitos e deveres iguais para todos, como poderá apontar para uma sociedade estratificada com interesses antagónicos (Gadotti, s.d.).

O conceito de cidadania não é novo – “A cidadania é tão velha como as comunidades humanas sedentárias” (Barbalet, 1989, p.11) –. Na Grécia Antiga, a noção de cidadania era marcada, essencialmente, por questões políticas, ditando quem participava no exercício do poder político nas cidades-estado. Numa lógica mais ampla, Aristóteles veio alargar o conceito à comunidade – “a cidadania pode ser descrita como participação numa comunidade ou como qualidade de membro dela” –, opondo-se a noção de cidadania enquanto mecanismo de desigualdade social (*id.*, *ibid.*, p.12).

Não é possível exercer cidadania sem democracia, contudo não é suficiente nascer numa sociedade democrática para ser-se, na sua plenitude, cidadão. Nas sociedades democráticas ocidentais, os seres humanos são meros recursos para o consumo (mercado e empregabilidade), seres acrílicos ou, referindo as palavras de Freire, não são mais do que seres alienados (1975).

Torna-se urgente a superação de conceções funcionalistas do ser humano, enquanto pessoa e cidadão, tendo como base práticas que se inscrevam numa perspetiva universal – cidadania ativa –. Concorrendo para a plena democracia, todos os seres humanos devem situar-se no centro das preocupações e das estratégias, contribuindo para o desenvolvimento de cidadãos solidários, que vivam e ajam em comunidade, no sentido de uma participação ativa. É neste sentido que se torna pertinente a denominada “educação para a cidadania”.

“De hecho, como se viene señalando en distintos foros, y ante los grandes cambios y transformaciones como los actuales, las sociedades democráticas necesitan ciudadanos/a

reflexivos respecto de los grandes temas que en ellas se suscitan; ciudadanos que sepan construir su propia opinión y que participen activamente en las decisiones sociales. Sujetos que sean miembros conscientes y activos de una sociedade democrática [...]” (Stiefel, 2002, p.13).

A educação tem, neste contexto, um papel preponderante. Sabe-se que, “desde os alvares da modernidade que a cidadania está na mira da educação” (Barbosa, 2006, p.27). Agora cabe à educação a construção de um conjunto de estratégias que prepare todos os seres humanos para o exercício da cidadania global, na perspectiva da EAV.

b) A cidadania ativa e a Educação de Adultos

A perspectiva de cidadania é, desde há muito, inerente à EA. A EA está estreitamente relacionada com a formação de um cidadão bem informado, remetendo para “[...] a educação e formação da pessoa por via de mais conhecimento, de acesso à cultura, de valorização dos princípios de democracia e de uma vivência democrática, de participação ativa na vida cívica e política” (Melo, 2010, p. 41). Tudo isto vem aproximar a educação da lógica da cidadania ativa.

A EA numa perspectiva promotora da cidadania ativa já estava subentendida quando, na quarta CONFINTEA, em 1985, se conjuga a educação e a comunidade, apontando para preocupações em termos do desenvolvimento de uma maior solidariedade e interajuda, ao nível comunitário e global (Antunes, 2001). Esta ideia foi aprofundada na quinta CONFINTEA, em 1997. Paradoxalmente, diante dos novos moldes dos processos educativos (educação instrumentalista), a Conferência de Hamburgo veio reconhecer a EA enquanto consequência de uma cidadania ativa, comprometida com o desenvolvimento da participação ativa e autonomia das pessoas, apelando para os valores democráticos (UNESCO, 1999).

Se, por um lado, se assiste a uma cidadania voltada para o mercado (conceção consumista), por outro, presencia-se o crescimento de uma cidadania ativa, assente no nascimento de novos direitos sociais e do gradual dinamismo e participação da população na vida social (Godotti, s.d.). A cidadania “[...] tem sido uma prática, sobretudo ao nível do poder local, que tem ajudado na construção de uma democracia participativa, superando os estreitos limites da democracia puramente representativa” (*id., Ibid., p.1*).

Nas últimas décadas, no seio de um mundo marcado por desajustes e onde predominam os valores do individualismo e da competitividade, a educação, enquanto fomentadora de uma cidadania ativa, merece uma atenção redobrada. Perante esta realidade sobressai uma panóplia de subconjuntos da educação, na aceção da EAV, impulsora de uma

sociedade democrática, como “«educación en valores»”, a “«educación para la democracia»”, a “«educación para la responsabilidad social»” que dão corpo a educação para a cidadania (Stiefel, 2002, p.18).

A educação para a cidadania, na procura de uma cidadania ativa, oferece bases à EA. Por sua vez, a dita educação para a cidadania vem ao encontro dos princípios da educação/intervenção comunitária, que aparece, muitas vezes, como sinónimo de educação popular, desenvolvimento local e desenvolvimento comunitário (Carrasco, 1997).

A expressão “educar para a cidadania” tem diversos significados, dada a sua complexidade, traduzida por diferentes contextos e práticas, abrangendo públicos distintos (crianças, jovens e adultos). Tendo como principal finalidade a transformação da realidade social, a educação para a cidadania visa a melhoria da qualidade de vida de todas as pessoas, quer ao nível das suas condições básicas, quer aos níveis das questões cívicas, culturais e emancipatórias (Carrasco, 1997; Stiefel, 2002).

Partindo de Carrasco, a intervenção comunitária, pouco a pouco, estender-se-á a todas as áreas, consolidando-se como “[...] una aspiración a encajar a cualquier tipo de proyecto social, político, económico, cultural... comarcal, regional, nacional, internacional, etc.” (1997, p.272). Os projetos de intervenção comunitária não se devem limitar a zonas socialmente deprimidas, uma vez que o objetivo é a melhoria da qualidade de vida, não só ao nível material, como ao nível social e afetivo, nos quais os países mais desenvolvidos apresentam, por vezes, inúmeras carências.

A intervenção comunitária é um processo que promove a melhoria das condições de vida de uma determinada comunidade. O trabalho comunitário não é apenas orientado para situações negativas e desfavoráveis. A intervenção comunitária é “[...] un trabajo y una intervención normal que pueden dar en cualquier situación” [...] (Marchioni, 1999, p.13), na qual a comunidade se assume como destinatária e, simultaneamente, protagonista de um processo contínuo.

“A aprendizagem e a educação de adultos também incluem oportunidades de educação e aprendizagem para a cidadania ativa, também conhecida como educação comunitária, popular ou liberal. Ela capacita as pessoas para que se engajem ativamente com questões sociais como pobreza, género, solidariedade entre gerações, mobilidade social, justiça, equidade, exclusão, violência, desemprego, proteção ambiental e mudança climática. Ela também ajuda as pessoas a levar uma vida decente, em termos de saúde e bem-estar, cultura, espiritualidade e em todos os outros aspetos que contribuem para o desenvolvimento e a dignidade pessoal” (UNESCO, 2017, p.7).

A prática integral da cidadania exige das pessoas um conjunto alargado de habilidades que permitem a compreensão da realidade social. Neste sentido, apela-se a uma educação que promova o desenvolvimento integral do ser humano, enquanto ser que vive em comunidade (aprender a viver com os outros), de forma a empreender um conjunto de ações que possibilitem, não só, a emancipação pessoal, como também, comunitária e social.

O trabalho comunitário e a educação para a cidadania atravessam as fronteiras da educação formal e escolarizada. Sendo um processo educativo, a educação para a cidadania trabalha todas as dimensões da pessoa – ser holístico –, para que, envolvida com a comunidade, aja sobre o mundo que a rodeia (Canário, 2000; Stiefel, 2002).

Esta conceção, verdadeiramente educativa, engloba aqueles que são os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, definidos no Relatório de Delors (1996), detendo como finalidade o desenvolvimento integral e contínuo dos seres humanos para que, autonomamente, colaborem para a emancipação pessoal e social que se requer (Antunes, 2001).

O desenvolvimento da cidadania não é uma tarefa individual, ela só é fazível com o coletivo. Por seu turno, o desenvolvimento local/comunitário, numa perspetiva de emancipação individual e social, só é possível com a participação e o envolvimento de toda a comunidade. É a participação dos atores locais, em todas as fases do projeto que “[...] permite transformar o processo de desenvolvimento num trabalho que uma comunidade realiza sobre si própria, aprendendo a conhecer-se, a conhecer a realidade e a transformá-la” (Canário, 2000, p.65).

Para que se consiga a participação plena do público é indispensável, primeiramente, dar a conhecer o projeto ao público, envolvendo-o em todo o processo e empoderando-o “[...] en pos de una autoconstrucción y desarrollo comunitario integral e integrador” (Carrasco, 1997, p.274), assim como, remetendo-nos para o conceito de endogeneidade (Canário, 2000), valorizar os recursos humanos existentes e as infraestruturas que a comunidade possa ter (Carrasco, 1997).

c) Cidadania ativa e o voluntariado

Recentemente, tendo em conta os processos da globalização, verificam-se alguns movimentos de retorno às próprias comunidades, constituindo-se como formas de desenvolvimento local – “estos últimos años han visto un renacimiento de lo comunitario” (Úcar et al., 2009, 16) –. O individualismo e a competitividade, típicos das sociedades pós-modernas, vieram despoletar a necessidade de se reconstruírem pequenas comunidades, onde se

encontram envolvidas pessoas que, por questões de interesse diverso, se reúnem e partilham experiências.

No momento atual “sempre nos perguntamos sobre os caminhos e as possíveis contribuições para a construção de uma sociedade mais justa e mais democrática” (Lima, 2016). Na perspectiva da EAV, urge o desenvolvimento de meios que contribuam, efetivamente, para a democratização da sociedade. É neste sentido que desponta um conjunto de estruturas que vêm proporcionar o desenvolvimento da EA no sentido que temos vindo a trabalhar.

“Adultos aprendem em diversos tipos de ambientes viabilizados por diferentes atores, desde autoridades públicas que supervisionam a educação formal e as instituições de ensino, até empresas, empregadores, sindicatos, organizações não-governamentais, fundações de caridade, associações religiosas e grupos culturais” (UNESCO, 2010).

Perante a revisão das políticas sociais e educativas, o indivíduo (democrático e ativo) volta a estar no centro das preocupações do Estado, considerando os seus direitos, a sua autonomia e a sua capacidade de participação (Guerra, 2002). O voluntariado, enquanto mecanismo promotor da EAV, obtém crucial destaque. “[...] apesar de vivermos num mundo em que prevalece o individualismo e o consumo, há um movimento para a ação voluntária na concretização da assistência com o sentido de que a cidadania seja efetivada” (Fagundes, 2006, p.12).

No contexto do exercício de uma cidadania ativa, cabe à educação a criação de âmbitos que permitam que as pessoas transformem as diferentes formas de participação em trabalhos que possam fazer pela comunidade (Guerra, 2002). Promovendo a autonomia e a participação ativa dos cidadãos, o trabalho voluntário poderá surgir como uma estratégia privilegiada ao concorrer, simultaneamente, para o desenvolvimento humano, comunitário e social.

Sabemos que o conceito de cidadania é, habitualmente, percecionado como um conjunto de direitos e deveres que cabe ao indivíduo exercer para que seja admitido como cidadão. Presentemente, o exercício da cidadania ativa ultrapassa as barreiras tradicionais. A ênfase é dada a configurações de participação cívica, cultural e política, como o caso do voluntariado, com o objetivo de promover uma cultura de responsabilidade individual e social (Martins & Mogarro, 2010).

“[...] ejercer ciudadanía supone participar de forma activa en los asuntos de la ciudad. [...] El ejercicio de la ciudadanía por parte de cada persona es todo aquello que traduce y pone en práctica vivir la ciudad como sujeto activo y responsable, es decir, capaz de tomar parte en lo que acontece y dar cuenta de ello. [...] En este sentido ser ciudadano/a,

atreverse a ejercer la ciudadanía, supone, además, sentirse capaces de tomar decisiones y actuar efectivamente” (Stiefel, 2002, pp. 11-12).

O atual domínio neoliberal veio exigir novos modelos de atuação, que desde a Conferência de Hamburgo vêm sendo discutidos, concebidos através de parcerias entre o Estado, a sociedade civil e o setor privado (UNESCO, 1999). Assim se explica o nascimento do denominado “terceiro setor” que tem, no âmbito da provisão social, um papel importante a desempenhar (Fagundes, 2006).

A perspectiva da “sociedade de bem-estar” conferiu destaque à sociedade civil no que respeita à sua contribuição social, através da responsabilização e participação ativa em ações que procuram a reconstrução de uma sociedade mais solidária, atendendo a práticas que promovam a cidadania ativa, como o caso do voluntariado.

O trabalho voluntário, enquanto trabalho para a comunidade, poderá envolver um conjunto vasto de projetos e atividades dirigidos a públicos diversos e englobando categorias diferenciadas (Marchioni, 1999). De forma a promover a participação ativa e autorrealização pessoal, é claro que cada prática de voluntariado deve ir ao encontro da pessoa enquanto ser singular, considerando os seus interesses/necessidades, portador de uma história de vida e de saberes. Aqueles que poderão ser designados “excluídos” são capazes, hoje, de se assumirem ativos e responsáveis, tornando-se motores de mudança (Guerra, 2002). Tendo como fundamento a Declaração Universal dos Direitos do Homem, “toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam” (ONU, 1948).

Nasce um novo compromisso democrático, cuja plena concretização não cabe apenas ao Estado. O mundo atual solicita uma articulação forte e coerente entre a educação, as políticas sociais, a sociedade civil, os vários organismos e entidades, na procura coletiva de uma sociedade democrática. A educação, como um processo permanente ao longo da vida, é a grande impulsora do desenvolvimento que, na procura e revalorização dos recursos disponíveis, diminui os riscos inerentes à sociedade atual e, simultaneamente, constrói um mundo novo.

4. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO

4.1. Paradigma de intervenção/investigação

Em todo e qualquer projeto de intervenção é crucial clarificar o paradigma sob qual desenvolvemos o respetivo trabalho investigativo/interventivo. O seu esclarecimento permite

obter uma melhor compreensão da realidade social e, por isso, maior possibilidade de sucesso no trabalho a desenvolver. Neste sentido, surge um conjunto de métodos e técnicas de intervenção/investigação, sem o qual é impossível que se desenvolva este tipo de trabalho.

O trabalho que envolve intervenção/investigação social tem como principal objetivo interpretar, mais aprofundadamente, os fenómenos da realidade social (Quivy & Campenhoudt, 1998). Sendo assim, a seleção e a organização dos procedimentos de trabalho dependem do tipo de investigação que se deseja efetuar.

Tendo em conta que o processo interventivo/investigativo foi desenvolvido no campo da animação sociocultural, cujo objetivo é a análise dos interesses, necessidades e problemas das pessoas envolvidas, de modo a empreender uma intervenção que contribua para emancipação pessoal e social, o paradigma mais adequado a este trabalho foi o paradigma qualitativo.

O paradigma de investigação qualitativo aponta para uma metodologia de compreensão e interpretação da realidade social. A investigação qualitativa procura resultados subjetivos, dependentes do contexto e do indivíduo, em que o importante é a compreensão dos comportamentos e a descoberta de significados através de um contacto aprofundado com os sujeitos (Bogdan & Biklen, 1994; Coutinho, 2014). Fala-se, então, numa perspetiva humanístico-interpretativa: “[...] interessa conhecer como se constrói a dinâmica cultural, individual e social” (Serrano, 2004, p.109).

A animação sociocultural caracteriza-se por um campo complexo, repleto de ambiguidades e incertezas que, por conseguinte, o torna impossível de limitar a um só paradigma de intervenção/investigação. A panóplia de atividades que contempla, os diversos âmbitos e públicos, os diferentes métodos e técnicas a que recorre, exigem a utilização, à partida, de dois paradigmas, o paradigma qualitativo e o paradigma quantitativo, não renunciando aos contributos que ambos lhe oferecem.

Atentando à riqueza e complementaridade da investigação no campo da animação sociocultural, na investigação desenvolvida foram utilizados métodos/técnicas que se inscrevem num tipo de investigação de caráter positivista, dado que “[...] utiliza métodos quantitativos, procura os factos ou causa dos fenómenos sociais, com independência dos estados subjetivos dos sujeitos” (*id., ibid.*, p.103). Todavia, poder-se-á dizer que “[...] nenhum modelo é neutral” (*id., ibid.*), nem mesmo o quantitativo, uma vez que também este permite interpretações ideológicas.

A animação sociocultural, fenômeno relativamente recente, mas com preponderância na reestruturação social, “[...] apesar de exigir, necessitar e precisar da contribuição de diferentes métodos de investigação, [...], orienta-se, prioritariamente, para as metodologias de tipo qualitativo” (*id., ibid.*, p.104). Não podemos, contudo, descorar um outro paradigma que, embora menos reconhecido, aparece com relevância acrescida. Falamos, então, de um terceiro paradigma, que deve ser ressaltado – o paradigma sociocrítico –.

O funcionamento complementar dos três paradigmas, acima descritos, vem oferecer um conjunto variado de metodologias e métodos/técnicas, enriquecendo o trabalho em animação sociocultural. A animação sociocultural tem como finalidade a transformação e a emancipação social, no entanto, tal só é possível partindo da autorreflexão crítica e analítica por parte de todos os intervenientes (protagonistas). O paradigma sociocrítico, complementar em termos metodológicos ao paradigma qualitativo (“grande chapéu”) vem incluir a componente ideológica, conferindo-lhe um cariz muito mais interventivo (Coutinho, 2014).

O paradigma sociocrítico tem como finalidade emancipar, libertar e transformar, através da autorreflexão crítica, levando os sujeitos da ação à tomada de consciência dos problemas sociais que os afetam, concedendo-lhes autonomia e poder de decisão, para que estes participem ativamente e transformem a realidade que desejam modificar. O investigador é mais um dos participantes que, através de métodos/técnicas, empodera os indivíduos, protagonistas da ação (Ander-Egg, 1990; Alvarado & García, 2008; Vallicrosa, 2004).

O paradigma qualitativo engloba um número vasto de metodologias orientadas para a decisão e para a mudança (Serrano, 2004). Na atualidade, surge o paradigma sociocrítico, que aparece em grande destaque no seio das metodologias qualitativas. De emergência recente, ele afigura-se como uma alternativa às metodologias mais tradicionais da investigação qualitativa, que não só prevê a interpretação de significados, como a emancipação pessoal e das comunidades.

4.2. Metodologia de intervenção/investigação

Tendo como fundamento as finalidades do projeto e do plano, os objetivos delineados e o plano de sessões, poder-se-á referir que a metodologia de intervenção mais adequada a este processo de intervenção/investigação e, por isso, adotada, foi a IAP. Entre as demais características, esta metodologia orienta-se para a decisão e para a mudança (Serrano, 2004).

A metodologia mencionada, desenvolvida entre as décadas de sessenta e setenta, só recebe a designação de metodologia de “Investigação-Ação-Participativa” na década de oitenta, quando Orlando Fals-Borda se debruça sobre os seus fundamentos (Guerra, 2009). Agregada ao paradigma sociocrítico, ela surge no âmbito das metodologias de tipo qualitativo.

A IAP é um processo no qual os membros de uma comunidade desenvolvem investigação, de modo a conhecer os problemas que necessitam de ser solucionados, para que, coletivamente, criem um conjunto de ações que permitam a transformação da própria realidade (Selener, 1997). A finalidade é, pois, “[...] beneficiar diretamente a comunidade, o que supõe implicá-la em todo o processo e não apenas nos respetivos resultados” (Serrano, 2004, p.113).

“Se a pesquisa-ação participativa é para servir a mudança social, as formas democráticas de interação e a tomada de decisões que conduzam ao empoderamento e a fins democráticos para beneficiar os impotentes são essenciais. Um processo participativo não garante que a democracia ocorrerá no contexto onde a pesquisa acontece. Para que isso aconteça, os participantes devem desenvolver estratégias que levem a uma maior democracia” (Selener, 1997, p.237).⁴

O trabalho de intervenção e investigação deve implicar a população, com a qual trabalhamos, em todo o processo de transformação. Os participantes, enquanto sujeitos ativos, assumem-se protagonistas, participando na definição dos problemas e na determinação das ações. Só assim é possível que os membros exerçam, autonomamente, o controlo sobre a mudança. Trata-se, assim, da ação e participação concomitantemente (Esteves, 1986).

Foi a participação ativa do público-alvo em todas as fases do projeto que permitiu o desenvolvimento de sessões/atividades, considerando que “[...] el objetivo del estudio [...] se decide a partir de lo que interesa a un grupo de personas o a un colectivo [...]” (Ander-Egg, 1990, p.35). Todo o processo partiu de uma motivação coletiva, envolvendo a constante reflexão, originada pelo desejo de conhecer, mais aprofundadamente, os interesses/necessidades, procurando formas apropriadas para os alcançar/transformar (Serrano, 2004).

A IAP possibilita a criação de condições para que todos os agentes do processo participem ativamente e se desenvolvam, atentando a todas as dimensões do ser humano,

⁴ “If participatory action research is to serve social change, democratic forms of interaction and decision-making leading to empowering and democratic ends to benefit the powerless are essential. A participatory process does not ensure that democracy will occur in the setting where the research takes place. For this to happen, participants must develop strategies that will lead to greater democracy” (Selener, 1997, p.237).

inscrevendo-se numa educação holística. O investigador, que é simultaneamente agente do trabalho interventivo, integra-se na população e desenvolve com os demais um trabalho de investigação permanente.

O investigador profissional tem, neste contexto, um papel preponderante. Ele não só deve criar espaços para que a participação se concretize, como também deve desenvolver ações úteis nas quais participa e “aprende a aprender”, adequando-se a cada situação. Tal como refere Erasmie, “[...] o mais importante é que o investigador se considere um membro da comunidade que participa na atividade investigativa” (1983, pp. 38-39).

Fomentar a participação ativa não é tarefa fácil. Para que a participação se efetue não basta apenas que exista a vontade de participar, embora este seja o primeiro passo. A participação ativa de todos os agentes requer, antes de mais, a procura dos métodos e técnicas mais adequados para garantir uma participação autêntica (Ander-Egg, 2000). Adequar os instrumentos às características do público-alvo e aos diferentes contextos permitirá, ao longo do processo, o crescimento da autonomia dos demais.

“No sólo se plantea el problema de ofrecer espacios y canales de participación, también es necesario proporcionar instrumentos para que la gente pueda participar realmente” (Ander-Egg, 1990, p.37). “[...] no solo hay que utilizar técnicas adecuadas, es preciso hacer una transferencia de tecnologías de acción, o sea, que la gente se capacite para utilizar las herramientas operativas propias de este campo de actuación” (Ander-Egg, 2000, p.426).

A IAP possibilita um envolvimento aprofundado de todos os sujeitos no processo de investigação/intervenção, proporcionando a compreensão e a reflexão diante da realidade social e, por conseguinte, contribuindo para a emancipação individual e social. O que faz uma atividade ser educativa é, assim, a nossa habilidade de criar condições para que a comunidade seja protagonista de todo o processo e participe, desde o início, no projeto. A participação dos sujeitos é decisiva: sem a sua participação não há, de facto, intervenção.

Na primeira fase – fase do diagnóstico (sensibilização) –, foi possível a participação ativa do público-alvo na realização do diagnóstico, essencialmente na conceção do plano de sessões. Transferindo as decisões para os participantes, as sessões/atividades foram sendo alteradas e adequadas aos interesses/necessidades que iam surgindo. O plano de sessões, traçado aquando do desenho da intervenção, não foi concretizado, pelo que, no decorrer do processo, foi sofrendo modificações até ao plano que hoje conhecemos.

Na segunda fase – fase da implementação –, a IAP foi evidente no decorrer de todas as sessões/atividades. Esta afirmação apoia-se, não só, na criação de momentos de reflexão crítica e no ajustamento das sessões/atividades à realidade do público-alvo, como também em todo o decurso de ação coletiva desenvolvido entre o grande grupo.

Para a organização e efetivação das sessões/atividades foram realizadas reuniões de grupo, envolvendo todos os intervenientes (estagiária, voluntárias e participantes), enquanto sujeitos ativos de todo o processo. No seio de críticas e sugestões, as sessões/atividades foram o resultado de ideias e contributos do grande grupo. É de evidenciar, ainda, a clara participação ativa da estagiária e a integração das voluntárias no decorrer das sessões/atividades, através da criação de ambientes de partilha, tornando exequível a interação e a aprendizagem mútua.

Na terceira fase – avaliação –, os procedimentos da IAP são perceptíveis através dos vários momentos de partilha e reflexão que ocorrem durante e no final das sessões/atividades, entre todos os intervenientes, nos quais se debate e reflete sobre diferentes assuntos. Neste contexto, destaca-se o “Memorando de Aprendizagens”, enquanto método/técnica de avaliação contínua, uma vez que se fundamenta no testemunho-livre, concedendo toda a liberdade ao público-alvo do projeto no que respeita à sua execução.

Falls-Borda e Rahman afirmam que, “[...] nessa investigação (participatory research), tanto os investigadores como as pessoas investigadas são consideradas, não apenas clientes ou objetos, mas como “pessoas que pensam e sentem (seres pensantes), cujas diversas visões sobre a experiência partilhada da vida devem ser juntamente tomadas em conta”” (1991, p.30).

Os projetos de intervenção exigem várias competências, entre elas a capacidade de motivar a participação dos sujeitos, a capacidade de observação e escuta, a capacidade de reflexão autocrítica sobre as ações, a capacidade de deslocar as decisões para os grupos locais e a capacidade de nos adequarmos sempre que necessário. O trabalho de intervenção educativa, no contexto da IAP, reflete a nossa capacidade de, juntos, transformarmos a realidade.

4.3. Métodos e técnicas de investigação

Para levar a cabo o presente trabalho, foram utilizados, na primeira fase – fase da sensibilização –, um conjunto de métodos/técnicas indispensáveis à sua conceção e posterior realização. Este grupo inicial de métodos/técnicas, no campo da animação sociocultural, poder-se-á designar, partindo de Vallicrosa, de “Técnicas que facilitam o diagnóstico da realidade social

objeto de intervenção” (2004, p.174). Entre as demais, socorreu-se à análise documental, a conversas informais, à observação participante, à pesquisa bibliográfica, a um inquérito por questionário, a uma entrevista, assim como ao diário de bordo.

Os métodos/técnicas de investigação não se cingiram, somente, a uma primeira fase. No decorrer do trabalho investigativo/interventivo foram utilizados métodos/técnicas como a análise documental, as conversas informais, a observação participante, a pesquisa bibliográfica, o diário de bordo e a *página web*. Neste sentido, numa fase final – avaliação –, recorreu-se, ainda, a um inquérito por questionário ao “Memorando de Aprendizagens final”.

4.3.1. Análise documental

O primeiro método de análise e recolha de dados foi a análise documental, método indispensável à realização do projeto e do plano. A análise documental orienta-se, essencialmente, para o processo de recolha e de verificação de dados (Albarelo, 1997), sem o qual todo o trabalho ficaria comprometido, uma vez que não deteria um suporte teórico em que se apoiar.

Para Carmo e Ferreira (1998) a análise documental é um processo que envolve seleção, tratamento e interpretação da informação existente em documentos (escritos, em áudio ou vídeo) com o objetivo de extrair algum sentido. No processo de investigação é necessário que o investigador estude o que se tem produzido sobre uma determinada área para poder “[...] introduzir algum valor acrescido à produção científica sem correr o risco de estudar o que já está estudado tomando como original o que já outros descobriram” (*id., ibid.*, p.59).

4.3.2. Conversas informais

Para que fosse possível orientar o processo investigativo inicial recorreu-se a conversas informais. Esta técnica, usual no tipo de investigação qualitativo, permitiu a perceção de realidades imprescindíveis ao desenvolvimento do projeto, relatadas tanto pela Técnica Superior de Educação, como pelo público-alvo da organização (voluntários e beneficiários). Embora esta técnica não se fundamente em pressupostos teóricos e científicos, surge, neste contexto, como uma das técnicas mais influentes e decisivas.

4.3.3. Observação participante

Como método e instrumento de recolha de dados, na primeira e segunda fase, procedeu-se, também, à observação participante. Embora contendo alguns riscos, “[...] é uma

técnica que pode muitas vezes revelar características de grupos e indivíduos impossíveis de descobrir por outros meios” (Bell, 1997, pp. 140-141). A observação (participante) constitui-se como um dos métodos/técnicas que tem ganho relevância no campo da pesquisa educacional, permitindo um contacto direto com o público-alvo (Ludke & André, 1986).

4.3.4. Pesquisa bibliográfica

Tendo como objetivo a construção do quadro teórico, do quadro metodológico e dos temas das sessões/atividades, foi empregue, na primeira fase e no decorrer do trabalho, a pesquisa bibliográfica. A pesquisa realizada debruçou-se sobre assuntos que exigiram a constante pesquisa e análise de documentos históricos.

“Qualquer investigação, seja qual for a sua dimensão, implica a leitura do que outras pessoas já escreveram sobre a área do seu interesse, recolha de informações que fundamentem ou refutem os seus argumentos e redação das suas conclusões” (Bell, 1997, p.51).

Não basta recolher conceitos e narrá-los. A pesquisa bibliográfica requer, sobretudo, um processo permanente de análise crítica entre diversos saberes e teorias, para que, não só se forneça contributos como, e essencialmente, apoie toda a ação (*id., ibid.*).

4.3.5. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário é empregue, normalmente, quando se pretende realizar um diagnóstico de necessidades/interesses a um conjunto de inquiridos. Utilizado na primeira fase – sensibilização – e na terceira fase – avaliação –, o inquérito foi dirigido ao público-alvo do projeto como forma de obter e analisar informações importantes, oferecendo contributos ao trabalho interventivo.

O inquérito por questionário representa um dos grandes instrumentos no contexto da investigação em ciências sociais que, apesar de resultar em alguns dados quantificáveis, permite ao investigador analisar respostas tornando possível delinear ações emancipatórias. No inquérito por questionário, as questões vão ao encontro da situação social, familiar e profissional do sujeito, dos seus interesses sociais e culturais, das suas expectativas, do seu nível de conhecimento sobre determinada área ou assunto, dos problemas que afetam diretamente, ou não, o sujeito, entre outros pontos de interesse nos processos de investigação/intervenção (Quivy & Campenhoudt, 1998).

4.3.6. Entrevista

No que respeita à conceção do plano de sessões, a entrevista foi um dos instrumentos de investigação mais preponderantes na realização do projeto. Considerando o trabalho colaborativo entre a estagiária e as voluntárias do projeto, a entrevista, realizada numa primeira fase, foi o ponto de partida para o trabalho em equipa que se desenvolveu a partir de então.

Concretizada numa das primeiras reuniões, no mês de dezembro, a entrevista demorou cerca de 2h, tendo em conta os momentos de partilha e de reflexão que se estabeleceram durante a sua realização. Tal como afirma Quivy e Campenhoudt,

“[...] estes processos permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. [...] os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca diretividade por parte daquele (*id., ibid.*, 191-192).

4.3.7. Diário de bordo: Portefólio de Expectativas e Memorando de Aprendizagens

No âmbito dos métodos/técnicas de investigação torna-se pertinente mencionar aquele que poderá ser o método/técnica mais pertinente no contexto da IAP – o diário de bordo –.

Utilizado durante a investigação e a intervenção, o diário de bordo possibilitou a constante reflexão e adaptação à realidade não previsível e, conseqüentemente, à reformulação do plano das ações. Remetendo para um processo de permanente investigação, o diário de bordo vem esclarecer todas as alterações empreendidas no plano de sessões.

Este método/técnica pode ser utilizado tanto pelo investigador, como pelos restantes agentes do trabalho investigativo/interventivo. O diário de bordo surge, portanto, durante todo o processo de investigação, contendo “[...] observaciones, reflexiones, interpretaciones, hipóteses y explicaciones” (Arnal, Rincone & Latorre, 1992, p.255) efetuadas pelo grande grupo.

O diário de bordo aparece, neste projeto, na forma do “Portefólio de Expectativas” – método utilizado na avaliação diagnóstica –, que poderá ser classificado como uma técnica de iniciação (Ander-Egg, 2000), e no “Memorando de Aprendizagens” – método utilizado para o processo de avaliação contínua –, empregando técnicas de informação/comunicação (*id., ibid.*).

O Portefólio de Expectativas, efetuado pelos participantes, pode ser considerado uma técnica de iniciação, pertencente às “técnicas grupales” (*id., ibid.*, p. 325), na medida em que foi utilizado para criar uma atmosfera adequada ao trabalho colaborativo, através do qual se apurou um conjunto de sessões/atividades que se desenvolveu a partir de então. As técnicas de iniciação “[...] tienen por finalidad generar condiciones que introduzcan al grupo y a sus

miembros en la iniciación de la vida grupal mediante el conocimiento mutuo, la desinhibición y otras formas [...]” (*id., ibid.*).

O Memorando de Aprendizagens, realizado pelos participantes envolvidos no processo de permanente investigação, aponta para a utilização de várias técnicas de informação/comunicação. Recorre a “técnicas de comunicación oral”, através dos momentos de partilha oral, e a “técnicas de comunicación social” (*id., ibid.*, p.326). Este último conjunto de técnicas utiliza formas variadas. Numa fase final – avaliação –, não só os participantes, como também as voluntárias, procederam à realização do Memorando de Aprendizagens em jeito de conclusão. Importa ressaltar que, num processo de autorreflexão crítica e analítica, as voluntárias concretizaram uma reflexão crítica final, inclusa no “Memorando de Aprendizagens final”.

a) Memorando de Aprendizagens

O Memorando de Aprendizagens surgiu, no decorrer do trabalho investigativo/interventivo, enquanto método/técnica de avaliação contínua e, numa última fase, enquanto instrumento de avaliação final. Concretizado em forma de testemunhos-livres, o Memorando de Aprendizagens, de carácter «formativo», «artístico» e «social», recorreu a um conjunto variado métodos/técnicas, cujo poder de decisão ficou à responsabilidade de cada participante.

O Memorando de Aprendizagens foi construído a partir de um processo de reflexão crítica em torno das sessões/atividades, realizado individualmente e/ou em grupo. Concedendo autonomia aos participantes, os testemunhos-livres pautaram-se por registos em formato texto e em formato audiovisual, entre eles trabalhos escritos, áudios, fotografias, poemas e notícias. Ele combinou tanto relatos históricos e opiniões acerca das sessões, como partilhas de conhecimentos, e vivências, através de reflexões individuais e em grupo.

No final do projeto, na sua penúltima sessão – “A Academia Minhota” –, o Memorando de Aprendizagens foi apresentado em formato audiovisual, composto por vídeos, fotografias e músicas, enquanto resultado dos testemunhos-livres do público-alvo – “Vídeo Surpresa” –. Ressalte-se ainda o Memorando de Aprendizagens final, composto por comentários e iniciativas do público-alvo, bem como por uma reflexão crítica por parte das voluntárias.⁵

4.3.8. *Página web*

⁵ Veja-se “Resultados obtidos do Memorando de Aprendizagens final”, na página 105

A plataforma digital, apoiada nas tecnologias digitais, consistiu na formação de um grupo privado na rede *Facebook*, uma vez ser a plataforma mais utilizada pelo público-alvo. O objetivo foi contribuir para a partilha ativa de testemunhos-livres, por parte de todos os intervenientes.

Inicialmente, a plataforma era utilizada pelas voluntárias, através da partilha de fotografias, comentários e frases/poemas. Progressivamente, por incentivo da estagiária e das voluntárias, os participantes procederam à partilha de testemunhos, servindo-se da plataforma. A *página web* possibilitou, não só o aprofundamento do espírito de grupo, como também contribuiu para a aprendizagem colaborativa e significativa.

A *página web* consistiu num dos métodos/técnicas de investigação mais utilizados durante o projeto, oferecendo contributos à avaliação contínua. O *Facebook*, enquanto ferramenta de interação *on-line*, insere-se na designada “*web social*” que “[...] vem aumentando o interesse público nas atividades colaborativas mediadas pela Internet, notadamente no âmbito educacional” (Santos, Castro, & Menezes, 2010, p.114).

4.4. Métodos e técnicas de intervenção

Numa fase posterior – fase da implementação –, foram utilizados, para a realização das sessões/atividades, métodos e técnicas, os quais se podem situar entre os grupos das “Técnicas que facilitam a programação da ação” e das “Técnicas de relacionamento e comunicação” (Vallicrosa, 2004, p.174). No que concerne ao primeiro grupo, foram empregues “técnicas de elaboração das estratégias de intervenção” e “técnicas de exploração criativa de estratégias de intervenção” (*id., ibid.*). Relativamente ao segundo grupo, foram usadas “técnicas de animação”, “técnicas de intervenção com grupos numerosos”, “técnicas de relacionamento interpessoal” e “técnicas de difusão de atividades e iniciativas” (*id., ibid.*).

Considerando as técnicas acima mencionadas, podemos estabelecer um paralelismo com cinco categorias que, englobando um conjunto abrangente de métodos/técnicas, tornam possível a concretização das sessões/atividades no âmbito da animação sociocultural. Definidas por Ander-Egg, as categorias são: «Formação» (“Formación...”), «Difusão» (“Difusión...”), «Artísticas», «Lúdicas» e «Sociais» (“Sociales”) (2000, pp.339-340).

De modo a obter um maior rigor das práticas, conferindo-lhes um carácter científico, poder-se-á classificar as sessões/atividades com base nas categorias descritas. Atentando à múltipla natureza de cada sessão/atividade, é impossível, contudo, que nos restrinjamos quanto

à utilização de métodos/técnicas. As categorias não se excluem, pelo contrário, complementam-se.

No trabalho que envolve intervenção, no campo na animação sociocultural, “[...] não há técnicas específicas [...] [assim como] não há técnicas melhores do que outras, mas a sua eficácia está relacionada com a adequação a cada ação concreta (Vallicrosa, 2004, p.172). É neste contexto que as sessões/atividades refletem, na sua estrutura, métodos/técnicas das diferentes categorias.

“Bajo la denominación de animación sociocultural se realiza una gran variedad de actividades, que pueden clasificarse en cinco grandes categorías, cada una de las cuales comprende, a su vez, una amplísima diversidad de acciones sócio-educativas-culturales, [...] (Ander-Egg, 2000, p.338).

A primeira categoria – «Formação» – abarca todas sessões/atividades, dado que a maior parte delas favorece o desenvolvimento de conhecimentos e, essencialmente, vem promover o desenvolvimento da reflexão crítica – “[...] desarrollo del uso critico de la razón” (*id.*, *ibid.*, p.339). Tanto as sessões “As «pedras» das expectativas”, e “Baile de Primavera”, assim como as sessões que envolvem visitas, por exemplo “A Cidadela e a muralha Fernandina: o que resta do Castelo de Braga”, possuem momentos de reflexão crítica, individual e/ou em grupo, não só a partir do Memorando de Aprendizagens, como através das partilhas/debates que o grupo realiza no decorrer das sessões.

No que diz respeito ao processo de intervenção podemos mencionar, ainda, sessões/atividades que se distinguiram pelo seu caráter mais «formativo». Como exemplos, surgem as sessões “À descoberta... de diferentes significados”, “A SÉ”, “*Gallecia*: «Portugalia»”, “Os Azulejos do Pópulo”, “O Palácio do Raio” e “Oficina de Artes: «Um olhar sobre as janelas de Braga»”, entre outras. Neste sentido, surgem as sessões pertencentes ao contexto “Maio: Mês da Família”, nomeadamente as duas primeiras, na medida em que, para além de se constituírem como debates participativos, pretendem desenvolver ambientes que conduzam o grupo à autorreflexão crítica e analítica.

A segunda categoria – «Difusão» –, envolve as sessões que “[...] favorecen el acceso a determinados bienes culturales”, indo ao encontro das sessões/atividades realizadas por meio de visitas ao património histórico-cultural da cidade. Podemos referir um conjunto alargado de sessões/atividades, como por exemplo “O balneário pré-Romano e a *Domus* da escola velha da Sé”, “As Termas Romanas do Alto da Cividade”, “A SÉ”, “Os Suevos e S. Martinho de Dume”,

as sessões inerentes ao contexto histórico-temporal “O Barroco, o Rococó e o Neoclássico”, “Os Trajes Tradicionais”, entre outras.

A terceira categoria – «Artísticas» – é evidente em todas as sessões/atividades, tendo em conta a natureza do Memorando de Aprendizagens, diante dos diferentes métodos/técnicas que os testemunhos-livres compreenderam (fotografias, vídeos, áudios, poemas, etc.).

Uma vez que envolve sessões/atividades que “[...] favorecen la expresión y que constituyen formas de iniciación o de desarrollo de los lenguajes criativos y de la capacidad de innovación y búsqueda de nuevas formas expresivas (*id.*, *ibid.*), podemos aludir a algumas sessões que se destacaram pelo seu carácter «artístico». Entre as demais, aparecem as sessões/atividades “... de diferentes significados”, “O Lúdico e o Romano”, “Baile de Primavera”, “O brincar em Família: como, porquê e para quê?”, “O Bom Jesus de Braga”, “Oficina de Artes: «Um olhar sobre as janelas de Braga”, “Do Salão à Discoteca” e “Academia Minhota”.

A quarta categoria – «Lúdicas» –, abrange todas as sessões/atividades que se norteiam para a conscientização da importância da dimensão lúdica na vida do ser humano (*id.*, *ibid.*). Considerando que o lúdico é parte integrante das atividades de animação, para além de abranger as sessões inclusas na terceira categoria, vai ao encontro da estruturação das sessões “A vida lúdica na *Capital do Conventus Juridicus*”, “A Semana Santa de Braga”, “*Gallecia: «Portugalia»*”, “*Viver a Braga Romana*”, “As Sete Fontes”, “Dia dos avós”, assim como das sessões inerentes ao contexto “Braga Contemporânea”.

Atentando aos objetivos do projeto e do plano e, desta forma, à planificação e realização das sessões/atividades, todas elas envolveram métodos/técnicas intrínsecos à quinta categoria – «Sociais» –, uma vez que “[...] favorecen la vida asociativa, la atención a necesidades grupales y la solución de problemas colectivos” (*id.*, *ibid.*, p.340).

O projeto foi concebido e desenvolvido por todos os intervenientes, cujo plano de sessões foi, muitas vezes, transformado através de reuniões de grupo que lhes antecederam. As voluntárias do projeto tiveram, neste contexto, um papel preponderante, dado que incitaram à participação ativa e crítica dos participantes em todas as fases do projeto. Importa, também, referir o carácter «social» do Memorando de Aprendizagens, considerando os métodos/técnicas que abrangeu.

As sessões/atividades que se destacaram pelo seu carácter «social» correspondem a todas aquelas para as quais, em determinados momentos, se concretizaram reuniões de grupo

com os objetivos de, entre outros, se organizarem sessões (exemplo da constituição da “Comissão de Festas”), se realizaram trabalhos de grupo e debates participativos. Entre as demais, podemos aludir a “As «pedras» das expectativas”, “...de diferentes significados”, “A vida lúdica na *Capital do Conventus Juridicus*”, “A Semana Santa de Braga”, “Baile de Primavera”, “*Gallecia*: «Portugalia»”, as sessões pertencentes ao contexto “Maio: mês da Família”, “Do Salão à Discoteca”, “O Nogueira da Silva” e a “Dia dos avós”.

Perante a complexidade intrínseca ao trabalho que envolve a EAIC, a panóplia de métodos/técnicas utilizada torna possível a conceção e concretização das sessões/atividades que, sem a sua complementaridade, tornaria inexecutável a realização abrangente das demais ações.

4.5. Recursos mobilizados

Facilitando a compreensão dos recursos mobilizados durante o decorrer do projeto, criou-se a seguinte Tabela 4, a qual apresenta a informação referida. Note-se que, no que respeita aos recursos físicos, muitos espaços foram cedidos pelos seus responsáveis servindo à realização das sessões/atividades, contando com o apoio do BLV e da CMB sempre que necessário.

Sessões/atividades	Recursos físicos	Recursos humanos	Recursos materiais
“As «pedras» das expectativas”	BLCS;	Estagiária, voluntárias e participantes;	Computador, material de escrita (cadernos e canetas), projetor; separadores de livros, folhas de cor e folhas A5.
“O balneário pré-Romano e a <i>Domus</i> da escola velha da Sé”	Estação de caminhos-de-ferro de Braga e antiga escola da Sé;	Estagiária, voluntárias, participantes e responsável pela <i>Domus</i> ;	Material de escrita, material audiovisual (máquinas fotográficas/filmar) e material de pesquisa bibliográfica.
“À descoberta... de diferentes significados”	Fonte do Ídolo e BLCS;	Estagiária, voluntárias, participantes e responsável pela Fonte do Ídolo;	Computador, projeto, material de escrita, material audiovisual, material de pesquisa bibliográfica, fotografias, cartolina, cola, questionários e frases/poemas de escritores e filósofos.
“A vida lúdica na <i>Capital do Conventus Juridicus</i> ”	Termas Romanas do Alto da Cidade, Fonte do Ídolo e antiga escola da Sé;	Estagiária, voluntárias, participantes, responsável dos espaços e responsável pelos teatros/encenações;	Material de escrita, material audiovisual, material de pesquisa bibliográfica, <i>quizz</i> , vestuário e acessórios.

“Viver a Braga Romana”	Centro histórico da cidade de Braga;	Estagiária, voluntárias e participantes;	Material de escrita, material audiovisual, vestuário e acessórios.
“A Semana Santa de Braga”	Centro da cidade de Braga;	Estagiária, voluntárias e participantes;	Material de escrita, material audiovisual, material de pesquisa bibliográfica.
“Baile de Primavera”	Videoteca da Ponte, situado no Parque da Ponte (Braga);	Estagiária, voluntárias e participantes;	Computador, colunas, material decorativo (desenhos, recortes e pinturas), alimentos (lanche), vestuário e acessórios.
“A Sé”	Sé de Braga;	Estagiária, voluntárias, participantes e guia turista;	Material de escrita, material audiovisual, material de pesquisa bibliográfica.
“A Gallecia: «Portugalia»”	Museu dos Biscaínhos, situado no centro da cidade de Braga;	Estagiária, voluntárias, participantes e convidado (Senhor Presidente da Junta de uma freguesia de Braga);	Computador, projetor, material de escrita, material audiovisual, material de pesquisa bibliográfica, folhas de cor A4 e questionários.
“Os Suevos e S. Martinho de Dume”	Núcleo Museológico de Dume;	Estagiária, voluntárias, participantes e responsável pelo espaço;	Material de escrita, material audiovisual, material de pesquisa bibliográfica e credências (transporte).
“A Cidadela e a muralha Fernandina: o que resta do Castelo de Braga”	Torre de Menagem, situado no centro da cidade de Braga;	Estagiária, voluntárias, participantes e responsável pelo espaço;	Material de escrita, material audiovisual e material de pesquisa bibliográfica.
“A evolução do conceito de Família”	Casa da Cultura, situado na freguesia de Dume;	Estagiária, voluntárias, participantes e convidado (Técnico Superior de Educação);	Computador, projetor, material de escrita, material audiovisual, material de pesquisa bibliográfica, folhas de cor A4 e poemas/frases.
“Comunicação em Família: a influência das TIC”	Café «Vianna», situado no centro da cidade de Braga;	Estagiária, voluntárias, participantes e convidado (voluntário);	Material de escrita e material audiovisual.
“O brincar em Família: como, porquê e para quê?”	Café «Astória», situado no centro da cidade de Braga;	Estagiária, voluntárias e participantes;	Material de escrita, material audiovisual, novelo de lã, papéis, fotografias, cartolina, cola, canetas de cor e poemas/frases.
“Os Azulejos do Pópulo”	Convento do Pópulo, situado no centro da cidade de Braga;	Estagiária, voluntárias, participantes e responsável pelo espaço;	Material de escrita, material audiovisual e material de pesquisa bibliográfica.
“O Recolhimento das Convertidas, o	Recolhimento das Convertidas,	Estagiária, voluntárias, participantes e convidado (voluntário);	Material de escrita, material audiovisual e material de pesquisa bibliográfica.

Convento da Penha e a Basílica dos Congregados	Convento da Penha e Basílica dos Congregados;		
“O Palácio do Raio”	Palácio do Raio, situado no centro da cidade de Braga;	Estagiária, voluntárias, participantes e responsável pelo espaço;	Material de escrita, material audiovisual, material de pesquisa bibliográfica, fotografias, cartolina, cola e canetas de cor.
“As Sete Fontes”	Complexo Eco-Monumental das Sete Fontes.	Estagiária, voluntárias, participantes, senhor (guia) da CMB e Senhor Vice-Presidente da CMB;	Material de escrita, material audiovisual, vestuário adequado, lanternas e alimentos (lanche partilhado).
“O Bom Jesus de Braga”	Santuário do Bom Jesus de Braga;	Estagiária, voluntárias, participantes e convidado (Senhor Presidente da Junta de uma freguesia de Braga);	Material de escrita, material audiovisual, vestuário adequado e credências (transporte).
“Oficina de Artes «Um olhar sobre as janelas de Braga»”	BLCS;	Estagiária, voluntárias, participantes e responsáveis pela atividade (desenho e pintura);	Material de escrita, material audiovisual, fotografias, folhas A4, lápis de cor, pincéis e tintas.
“Dia Mundial da Dança «Do Salão à Discoteca»”		Estagiária, voluntárias, participantes, voluntários do BLV e responsável do BLV;	Material audiovisual.
“Os trajes tradicionais”	Museu Dr. Gonçalo de Sampaio, situado no centro da cidade de Braga;	Estagiária, voluntárias, participantes e responsáveis pelo espaço;	Material de escrita, material audiovisual e papéis (jogo).
“O Nogueira da Silva”	Museu Nogueira da Silva, situado no centro da cidade de Braga;	Estagiária, voluntárias, participantes e responsável pelo espaço;	Material de escrita, material audiovisual e material de pesquisa bibliográfica.
“A academia Minhota”	Universidade do Minho;	Estagiária, voluntárias, participantes e membros da Tuna de Letras da Universidade do Minho;	Computador, projetor, material de escrita, material audiovisual, material de pesquisa bibliográfica, vestuário apropriado (traje académico da Universidade do Minho) e instrumentos musicais.
“Dia dos avós”	Museu dos Biscainhos;	Estagiária, voluntárias, participantes, voluntários do BLV, Grupo de Cantares do	Material audiovisual, inquéritos por questionário e poemas/frases.

		BLV, responsável do BLV e Presidente e Vice-Presidente da CMB;	
--	--	--	--

Tabela 4 – Recursos mobilizados

4.6. Limitações do processo

Como todos os trabalhos educativos, o presente trabalho apresentou limitações que merecem atenção e reflexão, as quais auxiliarão futuros projetos, tendo em conta os cuidados a ter nos processos investigativos/interventivos. Neste sentido, poder-se-á referir um conjunto de limitações a vários níveis, tanto no que concerne aos recursos físicos e aos temas das ações, como no que diz respeito ao início e à duração do projeto.

Uma vez que a instituição não detinha espaços próprios para a realização das sessões/atividades, todas as ações exigiram a procura de recursos físicos gratuitos que poderiam oferecer um espaço amplo à sua concretização. Contudo, nem sempre os espaços eram gratuitos e/ou grandes o suficiente para acolher quarenta e duas pessoas. Por seu turno, os locais requeriam uma reserva antecipada, o que tornou difícil o trabalho educativo, complexo e flexível, atentando às permanentes alterações face às situações imprevisíveis. Desta forma, algumas das propostas do público-alvo, principalmente no final do projeto, não foram levadas a cabo, pois exigiam um processo previsível. Importa destacar que os locais, embora tendo relevância patrimonial, não foram muito além daqueles que se situavam no centro da cidade, pois os deslocamentos obrigavam a custos financeiros por parte da CMB.

A par com as dificuldades relativas às reservas de espaços e aos custos de deslocamento, aparecem as limitações respeitantes ao começo do projeto. A inserção inicial no contexto de estágio foi realizada entre outubro e dezembro, no entanto, só foi possível a realização do processo investigativo junto da maioria dos participantes no mês de fevereiro. A avaliação diagnóstica tardia e, por vezes, apressada, limitou a resposta a todos os interesses dos participantes, nomeadamente quando a generalidade das pretensões recaía sobre visitas a locais. O trabalho reflexivo e colaborativo entre o grande grupo superou as dificuldades e, na busca incessante de soluções, as alternativas foram surgindo ao longo do projeto.

A restrição dos temas das sessões/atividades, considerando que o projeto não poderia ir muito além das áreas da “História de Braga e Filosofia para a vida”, foi também uma das limitações do processo. Este problema deu lugar, porém, a um dos pontos mais fortes do trabalho. A restrição de assuntos não deixou de ser uma dificuldade, pois, apesar da utilização

de métodos/técnicas de animação sociocultural, foi dificultoso não sair dos temas centrais.

A grande limitação do processo investigativo/interventivo diz respeito ao limite de tempo das sessões e à duração do projeto, surgindo como as principais razões dos problemas anteriormente descritos. O tempo do projeto e a carga horária dos participantes, inscritos em mais do que uma formação, complicou a escolha de espaços para as ações, limitou o processo investigativo, restringiu o prosseguimento de debates/trabalhos de grupo, bem como impediu a estruturação de mais sessões/atividades.

Evidenciado pelos participantes no decorrer do processo, a escassez de tempo apareceu como uma das principais críticas ao projeto. Com apenas 2h semanais, as sessões/atividades não conseguiram ir ao encontro de todas as necessidades/interesses do público-alvo. Uma vez que ao projeto seguia-se a formação de TIC, muitos dos participantes acabavam por chegar atrasados ou, até, por abandonar a formação. Noutros casos, a formação sequente requeria que os participantes saíssem mais cedo das sessões/atividades, não realizando as ações até ao fim. A restrição a nível da escolha de locais também se deve ao fator tempo, visto que convinha que os espaços não se afastassem do local das formações do projeto CC.

O PEAV, em paralelo com o PV, tanto careceu de tempo de duração das ações, como limitou a criação de mais sessões/atividades. O limite de tempo delimitou a realização de visitas, assim como o prolongamento de debates/trabalhos, individuais e em grupo, sobre variados temas. À semelhança do tempo das sessões/atividades, surge a duração do projeto que contou apenas com cinco meses para ser concretizado. Atentando à diversidade do público-alvo, às particularidades e às necessidades/interesses, assim como à pesquisa persistente de sítios e temas, a missão de tornar o trabalho verdadeiramente educativo foi arriscada e trabalhosa.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO/ INVESTIGAÇÃO

5.1. Descrição das sessões/atividades

O processo de intervenção do PEAV estruturou-se em dez contextos histórico-temporais que refletem, cronologicamente, períodos históricos, artísticos e religiosos, assim como dias/épocas comemorativas. Intrínseco a cada contexto deparamo-nos com um conjunto de sessões/atividades que recorreram a variados métodos/técnicas, indo ao encontro das categorias definidas por Ander-Egg (2000).

Considerando a natureza do projeto, todas as sessões/atividades possuem um caráter

«formativo», «artístico» e «social». Algumas, porém, utilizaram métodos/técnicas pertencentes às categorias «difusas» e «lúdicas». Cada sessão/atividade, tendo em conta os objetivos gerais, compreendeu um ou mais objetivos específicos do projeto.

No que respeita ao plano, todas as vinte e nove sessões/atividades partilham os dois objetivos específicos definidos. Se, por um lado, assistimos à progressiva integração das voluntárias partindo da realização de ações que possibilitaram a (re)construção dos seus próprios projetos pessoais, por outro, foi perceptível o esforço coletivo deste público em envolver os participantes em todo o projeto, incentivando-os à autonomia e à participação ativa.

Ressalte-se que, em muitas das sessões/atividades, foi entregue material de apoio bibliográfico, com os objetivos de situar os participantes no tempo e no espaço, assim como de esclarecer os temas discutidos e os locais visitados.⁶

Com início no dia 21 de fevereiro e término no dia 26 de julho, o público-alvo do projeto passou de vinte e oito para trinta e cinco a trinta e oito participantes. O grande grupo acolheu, entre os meses de abril a julho, entre outros participantes, familiares (netos) com idade inferior a 14 anos e mais dois jovens com idades entre os 20 e os 26 anos, criando-se um grupo intergeracional.

5.1.1. “O Início...”

a) “As «pedras» das expectativas”

Descrição da sessão:

A sessão “As «pedras» das expectativas” teve lugar na BLCS, no dia 21 de fevereiro. Esta sessão inicial teve como principal finalidade, não só a apresentação do projeto e do grande grupo, como também oferecer contributos à avaliação diagnóstica, através dos momentos que abrangeu e, essencialmente, a partir da construção do “Portefólio de Expectativas”.

O “Portefólio de Expectativas” foi um método utilizado na avaliação diagnóstica, criado pela estagiária e pelas voluntárias, o qual veio abarcar um conjunto alargado de expectativas e sugestões, oferecendo as bases necessárias ao trabalho interventivo.

Estruturada em três momentos, um momento de autorreflexão individual, momento de reflexão em grupo e momento do debate em grande grupo, a sessão destacou-se por um carácter «formativo» e «social». Oferecendo as bases necessárias ao trabalho interventivo, esta sessão

⁶ Veja-se o APÊNDICE VII, que expõe parte do apoio bibliográfico entregue aos participantes.

teve como objetivos o desenvolvimento do espírito de grupo e o desenvolvimento do espírito crítico.

A sessão iniciou-se com a apresentação do grande do grupo. Sugerido e organizado pelas voluntárias, foi entregue, como “boas-vindas”, um separador de livros com um poema de António Gedeão, chamado “pedra filosofal”. Enquanto o projeto era apresentado, tocava a música cantada por Manuel Freire.

Após esta apresentação, distribuímos, individualmente, papéis com as «pedras» das expectativas. A partir daqui foi solicitado aos participantes para que, numa palavra, mencionassem o que esperariam do projeto, considerando as várias sessões. Oferecemos, também, material de apoio, conferindo destaque para os cadernos feitos com materiais inutilizáveis do BLV.

É importante referir que, antes do início desta sessão, questionou-se o grupo quanto à sua denominação – “«pedras», porquê?” e “expectativas porquê?” –, momento em que foram surgindo algumas ideias, criando-se um ambiente de partilha. “«Pedras»” porque, dita a história, Braga poderá ter existido já na idade da pedra e “expectativas” porque, neste contexto, o importante era ir ao encontro das necessidades e interesses de cada participante.

Durante o preenchimento das «pedras», desenvolveu-se um diálogo entre o grande grupo. Alguns dos participantes tiveram dificuldade no preenchimento das «pedras», contudo, com o decorrer da sessão, perceberam que o projeto não teria um carácter tão tradicional como esperariam. As expectativas e as sugestões foram surgindo até que, após 20 minutos de reflexão individual, passou-se para a reflexão em grupo.

Na segunda atividade, que consistiu num momento de reflexão grupal, pediu-se aos participantes que se reunissem em subgrupos de quatro a cinco pessoas. A questão foi lançada aos vários grupos – “O que gostariam de fazer durante as sessões? (de que forma podem ser as expectativas concretizadas?)” –. A partir de então, cada participante começou por partilhar algumas das expectativas que havia indicado na primeira atividade e, simultaneamente, foram surgindo sugestões. *A posteriori*, espalharam-se folhas de cor por cada subgrupo, nas quais, após a reflexão, os participantes indicaram um conjunto de ideias que pretendiam ver concretizadas.

Concernente a este segundo momento, é de evidenciar que os participantes começaram a desenrolar conversas, não só sobre o assunto em questão, como também acerca dos motivos

que os levaram a participar no projeto e nas restantes áreas do projeto CC. Alguns participantes, refletindo necessidades afetivas e sociais, partilharam algumas vivências de foro pessoal.

Cada subgrupo, como previsto, elegeu um porta-voz, para patentear as ideias ao grande grupo. A atividade prolongou-se de tal forma que, paralelamente, realizou-se o terceiro momento – o debate em grande grupo –. Neste espaço, todos os intervenientes participaram ativamente. Desta terceira atividade, que se prolongou até ao final da sessão, resultou uma panóplia de expectativas e sugestões que, ao fim ao cabo, acabou por ir ao encontro das ideias sugeridas anteriormente, sem que nenhuma ficasse relegada.

A participação ativa de todos, o convívio e a comunicação desenvolvidos no decorrer da sessão, assim como os momentos de reflexão crítica, resultaram no “Portefólio de Expectativas”, apresentado na Tabela 5.

Resultados obtidos do “Portefólio de Expectativas”	
Grupo 1	“Visitar monumentos; adquirir conhecimentos; partilhar vivências e conhecer pessoas; fazer e organizar festas/convívios (piqueniques, entre outros)”.
Grupo 2	“Visitas de estudo a vários monumentos; conviver uns outros; aprender uns com os outros; bailes ou outros tipos de confraternização; almoços de confraternização; Excursões de autocarro e a pé; conhecer o laboratório de nanotecnologia; conhecer a semana santa em Braga; visitar o Tesouro Museu da Sé; conhecer e saber qual a igreja que é abastecida pela água das Sete Fontes; dar a conhecer qual a igreja em Braga que tem uma coluna torta; visitar a casa da roda; teatro.”
Grupo 3	“visitar museus; caminhadas; Museu D. Diogo de Sousa; Museu dos Biscaínhos; piqueniques; Arqueologia, Igreja da Senhora de Lapaúlada.”
Grupo 4	“Visitar a cidade e museus, através de transportes da Câmara Municipal de Braga; vontade de conhecer; debater sobre a história; Bom Jesus e Sameiro; As Sete Fontes; o Museu da Sé; Quinta Pedagógica; confrontar o passado e o futuro; Estádio Municipal de Braga; fazer piqueniques na horta “Amar Terra Verde”; necessidade de convívio.”
Grupo 5	“Saber conhecer, admirar, partilhar; partilhar saberes; ter momentos de convívio; fazer visitas; ir às Sete Fontes; ir ao picoto; ir ao Bom Jesus; Sé de Braga; Palácio do Raio; Museu dos Biscaínhos.”
Grupo 6	Visitar as Sete Fontes; ir ao Museu dos Biscaínhos; Museu da Sé de Braga; ir à Fonte do Ídolo; Palácio do Raio; Museu D. Diogo de Sousa; Mosteiro de Tibães; Capela Árvore da Vida; Seminário de S. Paulo; Instituto de Nanotecnologia; dançar; piqueniques; cinema; aulas de <i>Pilates</i> ; Museu do Traje; Termas Romanas do Alto da Cividade; Moinhos da Tojeira; Teatro Circo; Igreja Guadalupe; Nascente do Rio Este; Capela e Monte S. Gregório.”
<p>“Obrigada por me aceitarem no grupo! Eu precisava muito de sair de casa e de algo para me distrair. Tive um problema de saúde e a médica aconselhou-me a ocupar o meu tempo-livre. Obrigada do fundo do coração!” (Diário de bordo, 21/02/2018).</p> <p>“Queremos fazer muitas atividades, mas fora ao ar livre!” (Dário de bordo, 21/02/2018).</p> <p>“Gostei desta sessão. No início estava muito acanhado, mas, com a atividade em grupo, onde cada um de nós ia sugerindo ideias para as sessões seguintes, comecei a interagir. Notei que o grupo está muito em concordância e pronto para uma nova etapa: aprender!” (Diário de bordo, 21/02/2018).</p>	

5.1.2. “O pré-Romano e o Romano”

a) “O balneário pré-Romano e a *Domus* da escola velha da Sé”

Descrição da sessão:

Realizada no dia 28 de fevereiro, a sessão “O balneário pré-Romano e a *Domus* da escola velha da Sé” teve lugar em dois locais diferentes, o primeiro na «estação de caminhos-de-ferro» e o segundo na «*Domus* da antiga escola da Sé», ambos no centro da cidade de Braga. Destacando-se pelo seu caráter «difuso», a sessão dividiu-se em dois momentos complementares: o pré-Romano e o Romano. Teve como objetivos a participação e a partilha ativa de conhecimentos e experiências, assim como possibilitar a aprendizagem significativa.

Com encontro marcado para as 15h na «estação de caminhos-de-ferro», os participantes foram chegando e conversando, demonstrando entusiasmo em saber a história das ruínas que ali se avistavam. Alguns já conheciam, contudo, a maior parte não sabia exatamente o que significava. À medida que as pessoas chegavam, alguns faziam questões e outros, por sua vez, contavam ao grupo histórias de sítios que já haviam visitado, criando um ambiente de convívio.

Iniciou-se a sessão com a apresentação dos objetivos, bem como com uma breve explicação do porquê de se começar naquele local. Neste contexto, solicitamos aos participantes realizarem os registos que desejassem, considerando os diferentes métodos/técnicas. Concomitantemente foi interrogado acerca daquilo que se disponha aos nossos olhos (“o que será isto?”). À medida que os participantes eram chamados a intervir, esclarecíamos em que consistiam aquelas ruínas. Foi, também, entregue material de apoio bibliográfico.

Neste momento, procedeu-se à partilha de conhecimentos e experiências prévias entre o grande grupo, mencionando locais pré-Romanos que conheciam e conhecimentos que detinham acerca da história pré-Romana. Neste espaço de partilha, os participantes salientaram a importância das ruínas ali expostas, para muitos deles, até então, desconhecidas. Terminado o momento, foi referido que, de seguida, nos dirigiríamos para um espaço já Romano, que representava uma casa particular (*Domus*).

No caminho para a *Domus*, o grupo conversava sobre alguns assuntos. Junto ao «Arco da Porta-Nova» foram tiradas as nossas primeiras fotografias, a pedido do público-alvo. Na chegada ao local, a receção foi feita por uma das responsáveis que, por seu turno, apresentou o espaço. Iniciado o segundo momento da sessão, procedeu-se à demonstração de um vídeo/filme, o qual explicou, pormenorizadamente, o que significava aquele espaço. Por meio de

várias interpelações por parte dos participantes, a visita realizara-se em cerca de 40 minutos.

No final da visita, restaram 20 minutos para a realização da avaliação da sessão. Reunidos em círculo, alguns participantes começaram por partilhar algumas vivências relacionados com o local, uma vez que este havia funcionado como uma escola. Outros teceram alguns elogios tanto ao grande grupo, como ao projeto.

Apelando à conceção do Memorando de Aprendizagens, três participantes realizaram os testemunhos-livres, recorrendo ao formato texto e ao formato vídeo. Alguns testemunhos-livres foram, também, construídos na sessão seguinte, através de um trabalho em cartolina.

As voluntárias, recorrendo à *página web*, partilharam várias fotografias e frases. Entre elas, note-se o testemunho livre de uma voluntária que procedera à pesquisa de frases/termos da cidade de Braga. A verdade é que, nesta segunda sessão, já era perceptível o entusiasmo do grupo pelas futuras sessões.

b) À descoberta... de diferentes significados

Descrição da sessão:

A sessão “À descoberta... de diferentes significados” dividiu-se em duas atividades, realizadas em dias diferentes. A primeira “À descoberta...” teve lugar na «Fonte do ídolo», no dia 7 de março, e a segunda atividade “... de diferentes significados” concretizou-se na BLCS, no dia 14 de março.

1. “À descoberta...”

Descrição da atividade:

A atividade “À descoberta...”, estruturada em momentos voltados para a EAV, assim como para a autorreflexão crítica, destacou-se pelo seu caráter «formativo» e «difuso». Teve como objetivos possibilitar a aprendizagem significativa e contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico.

No dia da realização da atividade, foi perceptível o ânimo demonstrado pelos participantes, uma vez que, com hora marcada para as 15h, alguns deles chegaram cerca de meia hora mais cedo, já era, então, visível a criação de laços de amizade. À exceção de alguns atrasos pontuais, a atividade começou à hora prevista.

Posteriormente à breve elucidação dos objetivos da atividade, pedimos aos participantes para que, durante a visita à «Fonte do Ídolo», através de um olhar crítico, fosse feito o registo

daquilo que mais lhes chamasse a atenção, construindo significados. A maioria dos participantes utilizou o formato textual e o registo fotográfico.

Durante a visita foi esclarecido que aquele espaço era alvo de várias teorias, as quais assentavam em significados diversos em torno das figuras patentes no monumento. Os participantes, atentamente, observavam os pormenores e formularam opiniões acerca daquilo que viam. Inclusive, alguns defenderam uma das teorias e, em certos casos, outras teorias não explícitas. Durante a realização dos registos envolvemo-nos num debate participativo, uns porque observavam um «Deus indígena» e outros porque achavam que a estátua em alto relevo era representativa de uma «Deusa» feminina ou, na opinião de alguns, não estava representado nenhum «Deus», mas, sim, uma figura humana.

Ao terminar a atividade, a discussão foi aumentando e as opiniões foram surgindo até que, no fim, o grande grupo dividiu-se entre várias opiniões. No final da visita, já no exterior do monumento, os participantes continuaram a dialogar, já não apenas sobre o monumento, mas em torno dos interesses que detinham por alguns monumentos romanos da cidade.

Como apoio a esta primeira atividade foi cedido aos participantes material bibliográfico sobre as três principais teorias da «Fonte do Ídolo». A acompanhar, foram divulgadas, em papel, perguntas de partida sobre a visita e os diversos significados. As perguntas de partida seriam respondidas, individualmente e em grupo, na atividade “... à descoberta de diferentes significados”. A avaliação foi concretizada no final da atividade seguinte.

2. “... de diferentes significados”

Descrição da atividade:

A segunda atividade distinguiu-se pelo seu carácter «formativo», «artístico» e «social». Teve como objetivos a participação e a partilha ativa de conhecimentos e experiências, assim como o desenvolvimento do espírito de grupo através da aprendizagem cooperativa e colaborativa.

Neste dia, os participantes, à semelhança da atividade anterior, chegaram à biblioteca um pouco mais cedo que a hora prevista. Nas mesas de convívio que o espaço detinha, o grande grupo conversava e convivía. Outros, por sua vez, partilhavam dúvidas quanto às questões de partida e, em simultâneo, falavam das respostas que tinham dado. Tal não estava previsto, pois as respostas seriam realizadas em pequenos grupos e, de seguida, partilhadas em grupos maiores de modo a se conseguir um debate em grande grupo. A verdade é que a

atividade não se realizou como seria suposto. O à-vontade dos participantes tornou-os capaz de dirigir a atividade, por impulso das voluntárias.

Uma voluntária trouxe para a atividade um conjunto de frases, da autoria de filósofos, que seria apresentado num último momento como forma de reflexão crítica. Os participantes, contudo, preferiram iniciar a atividade com a análise das frases. O grupo foi dividido em seis subgrupos, compostos por cinco a seis participantes. À frente de cada grupo havia uma mesa na qual, voltada para baixo, estava uma frase. Só era permitido voltar a folha assim que todos os participantes estivessem prontos para iniciar a atividade.

O primeiro momento deu lugar à autorreflexão crítica através da leitura das frases. Cada participante, individualmente, leu a frase que se lhe deparava e efetuou alguns registos. Durante este tempo, alguns participantes solicitavam a nossa ajuda e outros mostravam-se ciosos por partilhar as ideias, tanto connosco, como com os restantes grupos. Terminado este momento, foi pedido aos participantes para partilharem com o subgrupo a análise realizada.

No seio dos debates, todos os intervenientes participaram ativamente na segunda parte. Partilharam ideias e reflexões, bem como conhecimentos e experiências de vida que, no parecer individual, se assemelhavam com as frases. A estagiária e as voluntárias colaboraram nos debates, através de contributos. Este segundo momento desenrolou-se de tal forma que uma 1h30 da atividade já estava ultrapassada.

A última parte consistiu num debate aberto ao grande grupo. Cada participante foi chamado a partilhar as reflexões e, na ânsia de “ter a palavra”, as pessoas começaram a falar simultaneamente. No decorrer do debate, os participantes, mais ordeiramente, partilharam ideias sobre as frases analisadas. Desenvolveu-se um espaço de convívio em torno de algo que os cativou.

Nos vários grupos, tendo em conta as diferentes frases, cada participante exprimiu uma ideia distinta, considerando os diferentes significados construídos. Atendendo às singularidades de cada pessoa, houve participantes que partilharam algumas vivências, as quais se assemelhavam às frases e outros que, pelo contrário, refutaram as ideias apreendidas através da leitura das frases.

No final da atividade foi possível conversar com alguns participantes, os quais mostraram muita satisfação para com a atividade. Prova disso foi a participação de todos na construção do Memorando de Aprendizagens, extensivo à sessão completa, concebido por meio de comentários, frases/poemas e fotografias, apresentados em cartolina. Dois participantes

procederam à realização dos testemunhos-livres sobre a sessão optando, também, pelo formato vídeo, contando com o apoio de uma voluntária. É de ressaltar que, para além dos testemunhos-livres sobre a presente sessão, os participantes aludiram, na cartolina, a sessão “O balneário pré-Romano e a *Domus* da escola velha da Sé”.

A atividade “... de diferentes significados” realizou-se, não como previsto, mas como impulsora do desenvolvimento pessoal e social do grupo, contribuindo para a autonomia e para a participação ativa. As voluntárias, através da *página web*, procederam à partilha de mais frases/poemas.

c) “A vida lúdica na *Capital do Conventus Juridicus*”

Descrição da sessão:

A sessão “A vida lúdica na *Capital do Conventus Juridicus*”, estruturada em duas atividades diferentes, compreendeu métodos/técnicas presentes em todas as categorias de Ander-Egg (*id.*, *ibid.*) que, no entanto, se destacou pelo seu caráter «lúdico» e «social». A primeira atividade – “As Termas Romanas do Alto da Cividade –” realizou-se no dia 11 de abril, nas «Termas Romanas», e a segunda atividade “O Lúdico e o Romano” realizou-se em três espaços distintos – na «*Domus* da antiga escola velha da Sé», na «Fonte do ídolo» e nas «Termas Romanas» –, em dias diferentes.

1. “As Termas Romanas do Alto da Cividade”

Descrição da atividade:

Num espaço histórico, esta atividade foi realizada tendo como objetivos incitar à participação ativa e crítica, em torno da valorização e revalorização do património histórico e cultura da cidade, assim como a promoção da aprendizagem cooperativa e colaborativa, através do lúdico. Dividida em três momentos complementares, a visita às «Termas Romanas», o *quizz* e o debate em grupo, a atividade caracterizou-se pelo caráter «formativo» «difuso» e «social».

Antes da visita às Termas elucidamos os objetivos da visita, situando os participantes no tempo e no espaço. Nesta atividade estiveram presentes trinta e um participantes, três dos quais se juntaram ao projeto. Entre momentos de conversa, iniciou-se a visita ao espaço.

No decorrer da visita, que demorou cerca de 30 minutos, cada participante realizou registos daquilo que mais lhe interessou, tendo como base os seus interesses e experiências

⁷ *Bracara Augusta*, sede do “*Conventus Bracaraugustanus*” e capital do *Conventus Juridicus*”.

prévias. Juntamente com os registos, na sua maioria em formato audiovisual, os participantes partiram para uma análise crítica daquilo que iam observando, tecendo algumas apreciações.

Terminada a visita, os participantes dividiram-se por subgrupos de cinco a seis pessoas para, em conjunto, responderem a um *quizz*. Partilhando saberes e ideias, num momento mais lúdico, os participantes quiseram atribuir nomes aos próprios grupos, refletindo, não só, alguns conhecimentos, como também, interesse e boa disposição (exemplos: «Os Brácaros», «Os César Augustus», «Os Boémios», entre outros). Num ambiente de competição, mas descontraído, os participantes apressavam as respostas e, aquando da partilha das mesmas ao grande grupo, todos eles se riam uns dos outros.

No terceiro momento, depois dos subgrupos terem ditado as respostas, iniciou-se o debate em grande grupo sobre a “valorização e revalorização do património histórico e cultural da cidade”. Como forma de promover a participação ativa e crítica, todos os participantes intervieram e, por meio de opiniões, foram refletindo acerca daquilo que tem vindo a prejudicar o património histórico da cidade. Daqui resultou parte do Memorando de Aprendizagens.

No final da atividade, que excedeu o tempo previsto, dois participantes quiseram realizar o testemunho-livre através do formativo vídeo, que deu corpo ao Memorando de Aprendizagens. As voluntárias tiraram fotografias e partilharam-nas, acompanhando-as com comentários. É de evidenciar que, concluída a atividade, o grupo desejou dar continuidade ao momento de convívio, já que a maioria reclamava do pouco tempo das sessões. Num outro espaço da cidade, por opção das voluntárias, criou-se um ambiente de socialização.

2. “O Lúdico e o Romano”

Descrição da atividade:

A atividade “O Lúdico e o Romano”, dividida em três partes, contemplou várias técnicas/métodos, reconhecendo-se pelo seu caráter «artístico», «lúdico» e «social». Teve como objetivos possibilitar a aprendizagem significativa, contribuir para o desenvolvimento do espírito de grupo, bem como para o desenvolvimento do espírito crítico. Esta atividade veio complementar todas as sessões/atividades realizadas até então, acrescentado uma vertente mais lúdica.

Realizada em duas sextas-feiras, em espaços diferentes, “O Lúdico e o Romano” consistiu em três encenações/teatros baseados na vida quotidiana de «*Bracara Augusta*»: a primeira chamada “*César Augustini*”, a segunda “*CELICVS FECIT*” e a terceira “*Romanix*”. Esta

atividade teve como denominador comum a valorização da dimensão lúdica na vida das pessoas.

2.1. “César Augustini”

A primeira parte da atividade desenvolveu-se no dia 13 de abril, das 15h às 16h, cujo tema centrou-se na figura de César Augusto. Esta primeira encenação teve uma forte adesão por parte do grupo, contando com a presença de trinta e dois participantes, um dos quais amigo de uma participante. É de referir que a encenação envolveu, também, a participação de crianças e jovens de um A.T.L. de Braga.

À entrada da *Domus* foi pedido ao grande grupo que desempenhasse o papel de cidadãos romanos, consoante aquilo que foi elucidado nas sessões anteriores. A maioria aderiu à atividade e, num ambiente lúdico, começaram por representar soldados romanos.

Aquando da explicação do significado de “*Domus*”, o grande grupo foi convidado a desempenhar cinco papéis específicos, para assim se iniciar as encenações. As personagens, que, de forma rotativa, circularam de pessoa em pessoa, foram: o César Augusto, dois guardacostas romanos, o Martinho Romanix (chefe de família e dono da *Domus*), a Maria Romanix (mulher de Martinho Romanix) e duas cobaias. A primeira peça de teatro envolveu três participantes do projeto, uma voluntária e três crianças/jovens, a segunda peça foi constituída por mais três participantes do projeto, uma voluntária e três crianças/jovens e a última peça abrangeu três participantes do projeto e quatro crianças/jovens.

No final das peças de teatro, reunimo-nos em grande grupo para refletirmos sobre a importância do lúdico, não só para os cidadãos romanos, mas, e principalmente, para o processo de EAV. Nesta última parte, em jeito de conclusão, os participantes teceram algumas críticas ao ensino tradicional, lembrando os tempos de escola, e ressaltaram a relevância da atividade teatral para a ocupação do tempo-livre. As voluntárias dirigiram este último momento.

2.2. “CELICVS FECIT”

A segunda parte da atividade desenvolveu-se no dia 27 de abril, das 9h30 às 11h, na «Fonte do Ídolo». Teve como tema principal a figura de Célico Fronto que, consoante a história, mandou construir o santuário, hoje “Fonte do Ídolo”, daí o nome da atividade: “CELICVS FELICIT”, que significa “Célico fez”. Realizada na parte da manhã, esta atividade contou com apenas vinte e cinco participantes que, contudo, demonstraram todo o interesse em participar.

Neste dia encontramos-nos meia hora mais cedo de modo a reunir algumas opiniões

acerca da encenação anterior. Foi, também, elucidado o porquê da escolha da “Fonte do Ídolo”, tendo como explicação o misticismo que envolveu os participantes aquando da visita ao santuário. Neste espaço de convívio falou-se, ainda, de sessões/atividades que poderíamos vir a desenvolver, nomeadamente voltadas para uma vertente mais lúdica.

No interior do santuário começou-se a atividade com uma oração à divindade presente no espaço, tal como os cidadãos romanos o faziam. Nesta oração, foi agradecido o convite a José Fronto (responsável pelo espaço), assim como a típica reza ao imperador César Augusto. As personagens, circulando de interveniente em interveniente, foram: José Fronto, César Augusto, dois soldados e a divindade. Realizaram-se três peças de teatro nas quais todos participaram, já que aqueles que não encenaram ficaram encarregues pelo vestuário das personagens.

As personagens foram escolhidas pelo grupo, sendo que, aquando da seleção dos papéis, houve margem para a explicação de tais escolhas, abrindo espaço para a partilha de vivências. Os participantes justificaram brevemente o porquê de desejarem desempenhar uma determinada personagem. Neste contexto houve a possibilidade de partilhar, também, alguns conhecimentos.

No final das peças de teatro, as voluntárias levaram os participantes a refletir sobre a encenação, considerando as personagens escolhidas. Envolvidos num ambiente de comunicação, os participantes estabeleceram um paralelismo entre a personagem e o “eu”, articulando com as suas experiências prévias. Criou-se um espaço criativo e de reflexão.

2.3. “Os Romanix”

A terceira parte da atividade desenvolveu-se no dia 27 de abril, nas «Termas Romanas», das 15h às 16h, tendo como tema principal a vida quotidiana dos cidadãos romanos, através da família “Romanix”. Esta terceira encenação contou com apenas doze participantes, uma vez que coincidiu com o horário das formações do projeto CC. É de mencionar que participaram, em conjunto com o grande grupo, crianças/jovens de um A.T.L. de Braga.

Iniciou-se esta terceira parte com uma reunião entre todos (grande grupo do projeto e as crianças/jovens), através da formação de uma roda, no espaço exterior das Termas, junto ao «Teatro». O grupo foi dividido em dois subgrupos, em que uns desempenharam o papel de cidadãos e os outros interpretaram o papel de soldados romanos. Neste primeiro momento foi realizada uma oração a César Augusto, papel executado por um participante do projeto. *A posteriori*, deu-se início à encenação.

O grupo de cidadãos juntou-se e, tal como na época romana, foi às termas relaxar e conversar sobre diversos assuntos. Enquanto os cidadãos dialogavam, o grupo de soldados realizava o treino habitual: a luta. Após este segundo momento, o grupo de cidadãos dirigiu-se ao teatro romano para assistir às lutas encenadas que se davam entre os soldados romanos. Num clima de interajuda, os membros do grupo de soldados ensinavam uns aos outros como se lutava “à romano”. De seguida, num ambiente descontraído, todos se envolveram na luta romana.

No final realizou-se um jogo, denominado de “Batalha Naval (humana)”, sob a coordenação de um jovem do A.T.L. Conhecedores do jogo, as restantes crianças/jovens ajudaram o grande grupo do projeto na concretização da brincadeira, onde foi perceptível momentos de socialização e interajuda entre todos.

Terminado o jogo, fizemos a avaliação desta terceira parte, assim como da atividade “O Lúdico e o Romano”. Os participantes salientaram, essencialmente, a importância da aprendizagem através do lúdico. Neste sentido, foi mencionada a pertinência das atividades teatrais para a união dos membros do grande grupo pois possibilitou espaços de convívio, comunicação e interajuda.

d) “Viver a *BragaRomana*”

Descrição da sessão:

Como término das sessões/atividades inerentes ao “pré-Romano e o Romano”, o grande grupo participou naquele que é um dos maiores eventos da cidade de Braga – “A Braga Romana” –. A “Viver a *BragaRomana*” identificou-se pelo seu carácter «lúdico» e «social».

Esta sessão, realizada no dia 23 de maio, teve como objetivos criar espaços de convívio e comunicação entre todos, contribuindo para a união do grupo, bem como possibilitar a aprendizagem significativa. Note-se que a sessão foi dinamizada, em colaboração com os participantes, pelas voluntárias do projeto, dada a ausência imprevista da estagiária.

Antes da concretização da sessão, com cerca de um mês de antecedência, o grande grupo reuniu-se para discutir a atividade que gostaria de fazer, pois foi ofertada a oportunidade de participação no cortejo romano. Acabou-se por decidir ocupar a quarta-feira com um passeio livre pela *BragaRomana*, através de um trajeto esboçado pelo grande grupo, uma vez que nem todos conheciam o evento nem o que este tinha para oferecer. Com o objetivo duplo de rentabilização económica e de valorização de saberes, solicitamos a uma participante a

conceção de peças de vestuário alusivo à época romana. Desta forma, quem quisesse poderia ir vestido “a rigor”.

Iniciada a sessão junto da BLCS, um grupo de participantes, conhecedores do evento, começou por apresentar a *BragaRomana* aos restantes elementos, revalorizando os seus conhecimentos. Após este primeiro momento, dirigimo-nos para as proximidades da «Sé de Braga» onde decorriam alguns teatros. No trajeto visitou-se o comércio e, considerando a natureza do evento, os participantes foram conhecendo os produtos tipicamente romanos. Concomitantemente, conversavam uns com os outros acerca daquilo que iam percecionando.

Durante o passeio foi pedido a cada participante o registo dos momentos mais marcantes da sessão (exemplos: teatros, etc.), de forma a possibilitar a partilha com o grande grupo. A maioria dos registos, em formato fotográfico, focou-se em momentos de convívio entre todos, bem como no vestuário que traziam. Os registos fotográficos, que vieram compor o Memorando de Aprendizagens, foram partilhados na *página web*.

Após a visualização dos espetáculos de rua, dirigimo-nos à zona da alimentação onde, através de um lanche convívio, pedimos para que, cada participante, avaliasse a sessão, ressaltando aspetos significativos e aspetos negativos. Neste contexto, a maioria referiu o convívio e o aprofundamento de aprendizagens como os aspetos mais significativos. Como aspeto negativo, alguns referiram a duração da sessão.

O *feedback* dado pelas voluntárias, acerca da sessão, foi bastante positivo. Esta sessão contribuiu, essencialmente, para a participação ativa, para o desenvolvimento da autoestima e para a autonomia do grande grupo. As voluntárias procederam à partilha de fotografias e comentários na *página web*.

5.1.3. “A Quaresma”

a) “A Semana Santa de Braga”

Descrição da Sessão:

Tendo em consideração que se aproximava uma das semanas que melhor caracterizam a nossa cidade – a “Semana Santa de Braga” –, esta sessão focou-se essencialmente na história da Semana Santa da cidade, abrangendo as suas tradições e costumes, bem como a forma como é vivenciada pelos cidadãos bracarenses. Recorrendo a vários métodos/técnicas, esta sessão destacou-se pelo seu carácter «lúdico» e «social».

Esta sessão teve lugar no centro histórico da cidade, no dia 21 de março. Organizada por um grupo de participantes, contando com a colaboração das voluntárias e da estagiária, esta sessão teve como objetivos a participação e a partilha ativa de conhecimentos e experiências, assim como promover a aprendizagem colaborativa e cooperativa entre todos os participantes.

Na sessão “... de diferentes significados”, realizada no dia 14 de março, pedimos para que todos os participantes se reunissem e sugerissem ideias para a concretização desta sessão. Daqui resultou a organização de um grupo de oito participantes que, detendo conhecimentos acerca do assunto, decidiu reunir na sexta-feira, dia 16 de março, para preparação da sessão.

Nesta reunião, realizada na BLCS, foram discutidas ideias e partilhados saberes, através dos quais se traçou um roteiro histórico-religioso entre igrejas e calvários. Apresentando uma sequência lógica, o roteiro incluiu, também, locais que não detinham uma relação estreita com a época religiosa, mas que, contudo, foram considerados relevantes para o grande grupo.

Determinou-se que cada participante do grupo, além de encarregar pela pesquisa, individual/em grupo, de cada tema/monumento/local, seria o responsável pelas participações dos demais. Todos os participantes, durante a sessão, ofereceram contributos a diversos níveis: histórias vivenciadas, saberes, experiências e tradições da cidade.

A sessão começou com a elucidação, por parte de dois participantes, da história da “Semana Santa de Braga”. Nesta primeira paragem, junto à BLCS, alguns participantes questionaram a dupla e, inclusive, acrescentaram ideias ao que foi apresentado. Dirigimo-nos para a «Igreja de Santa Cruz», também conhecida pela “Igreja dos Galos”, onde um participante, que fez parte da «Irmandade de Santa Cruz», nos patenteou com a história da igreja. Nesta segunda paragem, um outro participante pediu ao grande grupo para procurar, na parte frontal da igreja, dois galos. Encontrados por alguns participantes, o elemento narrou a famosa “lenda dos galos”.

A terceira paragem foi no «Largo de S. Tiago», local onde se exibia um dos doze calvários. Incumbida pela explicação do calvário, uma participante começou por explicar o que representavam os doze calvários e a importância que tinham para a época em questão. Prosseguimos para o «largo Paulo Orósio» onde um participante mostrou um outro calvário. Nesta paragem, outro elemento do grupo falou daquela que é a primeira procissão da Semana Santa (“Procissão da Penitência”), realizada no Bom Jesus de Braga.

Na quinta paragem, já na zona das «Carvalheiras», um participante apresentou mais um dos calvários e, sucessivamente, explicou a «Procissão dos Passos», ele que acompanha a sua

organização desde jovem. Depois do esclarecimento, seguimos para o «Arco da Porta Nova». No percurso em direção à porta da cidade, passámos pela rua mais pequena de Braga (“Rua da Violinha”), desconhecida pela maioria. Neste momento, o grande grupo aproveitou para tirar algumas fotografias ao local e ao grupo.

No «Arco da Porta Nova», sexta paragem, referiu-se as várias portas da cidade, explicando que aquela que se apresentava foi a última a ser construída. Um participante apresentou o espaço e os elementos que nos circundavam. Ainda nesta paragem, um outro participante mencionou a «Procissão da Burrinha», esclarecendo, entre outras coisas, o sentido do nome, contando com a ajuda de uma voluntária.

Caminhamos em direção ao «Largo do Paço» e, na passagem, uma participante mostrou a «Igreja da Misericórdia», explicando a sua importância para a cidade. Junto desta, um outro elemento elucidou aquela que é a segunda procissão da Semana Santa – procissão “Ecce Homo” (“Eis o Homem”) –. No «Largo do Paço», um participante apresentou o monumento e o espaço em volta, com a ajuda da estagiária, dada a importância que o espaço sustenta para a Universidade do Minho.

A nona paragem deu lugar à «Igreja dos Terceiros», visita que não estava prevista, mas os participantes assim o desejaram. Da igreja seguimos para a «Capela dos Coimbras» e para a famosa «Casa dos Coimbras», cujo tipo de arquitetura foi clarificado por um participante. A partir de então, o grande grupo ficou a conhecer quem foram os “Coimbras”.

Na presença do último calvário, junto da «Igreja do Souto», um dos participantes, além da apresentação do calvário, explicou aos demais o simbolismo da última procissão – “O Enterro do Senhor” –, que encerra a Semana Santa. Nesta última paragem, já fora do tempo previsto da sessão, os participantes, em grupo, realizaram o testemunho-livre em formato vídeo, à exceção de um elemento. As voluntárias partilharam, na *página web*, fotografias, frases/poemas e conhecimentos teórico sobre a sessão.

5.1.4. “Chegou a Primavera”

a) “Baile de Primavera”

Descrição da sessão:

A sessão “Baile de Primavera”, tendo em conta a seu carácter mais «lúdico», surgiu como algo diferente das habituais sessões do projeto. O “Baile de Primavera” resultou da vontade conjunta do grande grupo em realizar uma atividade temática alusiva à primavera, que

envolvesse música e convívio e que, por efeito, contribui-se para o desenvolvimento de um ambiente de maior descontração entre todos.

Esta sessão realizou-se na «Videoteca da Ponte», no dia 4 de abril. Os objetivos do “Baile de Primavera” foram, essencialmente, promover a aprendizagem cooperativa e colaborativa entre todos os participantes, bem como contribuir para o espírito de grupo. A sessão caracterizou-se pelo seu carácter «artístico» «lúdico» e «social».

Para a preparação e realização do “Baile de Primavera” foi, desde logo, criada a “Comissão de Festas”, de carácter «social», que se manteve até ao final do projeto, a fim de se organizarem mais sessões/atividades. A Comissão de Festas, composta por cinco participantes, reuniu uma semana antes para a preparação da festa. A estagiária e as voluntárias seguiram, de perto, todo o trabalho do grupo.

Nesta reunião foi feita a divisão de tarefas pelos membros do grupo, contando com a colaboração dos restantes participantes. A comissão ficou encarregue pelas seguintes tarefas: seleção da música, escolha dos alimentos para o lanche partilhado, organização da decoração do espaço, ideias para o vestuário de cada pessoa, entre outras ideias que foram surgindo. É de evidenciar que, neste processo de tomada de decisão, o grande grupo estendeu o convite a todos os participantes do projeto CC e, inclusive, resolveu convidar o «Grupo de Cantares BLV».

No dia do baile, o grande grupo reuniu-se uma hora antes no espaço onde se realizou a festa. Em grupos, apresentando um vestuário alusivo à primavera, começou-se por decorar o local com flores e desenhos, feitos pelos participantes, preparou-se a mesa para o lanche partilhado e procedeu-se à recolha de músicas. À medida que as pessoas iam chegando, a festa iniciava-se sem que alguém tenha dado aviso para tal.

O “Baile de Primavera”, que se prolongou até às 18h, teve uma forte adesão por parte dos participantes do projeto, contado com trinta e um elementos. Durante a sessão houve diferentes momentos, compostos pela atuação do «Grupo de Cantares», por danças (a pares e em grupo) e pelo lanche partilhado. É de destacar que foi nesta sessão que o projeto contou com a entrada de três novas participantes, que vieram a fazer parte do projeto até ao seu término.

No decorrer da sessão, foi visível o crescimento gradual de um espaço de convívio e socialização. Inicialmente alguns participantes pareciam retraídos, nomeadamente as três participantes mais recentes, porém, devido à ajuda e ao espírito solidário do grande grupo, rapidamente a timidez se transformou em conversas. A sessão pautou-se, essencialmente, por

momentos de convívio, alegria e familiarização, assim como pela participação ativa de todos em todas as tarefas que o baile envolveu.

Os participantes filmaram os vários momentos e realizaram registos em formato fotográfico, acompanhados por comentários, inclusos no Memorando de Aprendizagens. Neste contexto, um dos participantes apresentou um poema, estabelecendo uma analogia com a sessão, e outros dois participantes realizaram o testemunho livre a partir do formato vídeo. As voluntárias partilharam vários vídeos, fotografias e comentários, utilizando a *página web*.

5.1.5. “*Do Romano ao Renascimento*”

a) “A SÉ”

Descrição da sessão:

A «Sé de Braga» foi, desde a conceção do plano de sessões, um dos locais mais evidenciados pelos participantes. Atentando à sua importância, esta sessão enquadrou-se no tema “valorização e revalorização do património histórico e cultural de Braga”, destacando-se pelo seu carácter «formativo» e «difuso».

Esta sessão, realizada no dia 30 de maio, teve como local a «Sé de Braga». Tendo como objetivos incitar à participação ativa e crítica, a “A SÉ” envolveu vários momentos em diferentes espaços. Indo ao encontro dos interesses dos participantes, e através de sugestões das voluntárias, primeiramente visitamos a “Capela dos Reis”, onde se encontram os túmulos dos Condes D. Henrique e D. Teresa, a “Capela de S. Geraldo” e a “Capela da Glória” que, do ponto de vista artístico, apresenta semelhanças com a arte Árabe. Os participantes, através de registos textuais, construíram significados consoante aquilo que iam observando, ressaltando os aspetos mais importantes.

Seguidamente visitamos o “Coro-Alto”. Admirados com a riqueza do espaço, os participantes conferiram destaque para o relógio, para os quadros das figuras eclesiásticas que envolviam o lugar, bem como para os pormenores que compunham o órgão. Após a observação, prosseguimos para a vista ao «Tesouro-Museu da Sé de Braga». Aqui, os participantes analisaram as peças de arte sacra e, por meio de alguns registos, evidenciaram os pormenores do local.

No final das visitas, dirigimo-nos para a parte exterior da «Sé de Braga», na qual, em grande grupo, foi feita a partilha dos registos realizados por cada elemento. Num espaço reflexivo e comunicativo, sob a coordenação das voluntárias, os participantes mencionaram, à

vez, aquilo que mais os agradou, conferindo destaque para os pormenores dos locais visitados. Alguns dos participantes, tendo como base as várias sessões, ressaltaram a importância que o grande grupo do projeto tem para cada um.

Num ambiente propício ao desenvolvimento do espírito crítico, através de um processo de autorreflexão crítica, foram realizados trabalhos de grupo, a partir da organização de três grupos de trabalho. Os trabalhos de grupo, efetuados através da conceção de *puzzles* numa cartolina, centraram-se no tema acima evidenciado, que deu corpo ao Memorando de Aprendizagens.⁸

5.1.6. “A Idade Média”

As sessões pertencentes a este contexto histórico-temporal utilizam métodos/técnicas variados, pertencentes às categorias definidas por Ander-Egg (*id.*, *ibid.*), destacando-se pelo seu carácter «formativo», «artístico» e «social».

a) “A *Gallecia*: «Portugalia»”

Descrição da sessão:

A “*Gallecia*: «*Portugalia*»” realizou-se no dia 13 de abril, tendo como local o «Museu dos Biscaínhos». Teve como tema central a “*Gallecia*”, atentando às semelhanças históricas e culturais entre Portugal e a região da Galiza – “«*Portugalia*»” –.

Destacando-se pelo seu carácter «formativo» e «social», a sessão teve como objetivos a partilha ativa de conhecimentos e experiências, assim como o desenvolvimento do espírito crítico. A “*Gallecia*: «*Portugalia*»” abarcou três momentos: o primeiro voltado para a partilha de saberes e experiências, o segundo constituído por trabalhos de grupo e, por fim, um momento de autorreflexão crítica e analítica.

Na chegada, dirigimo-nos para o salão nobre do museu e, enquanto aguardávamos o início da sessão, os participantes conversavam e admiravam o espaço. Para o primeiro momento da sessão, convidamos o Presidente da junta de uma freguesia do concelho que, dada a sua experiência, veio partilhar connosco a história da *Gallecia* e as semelhanças entre Portugal e Galiza. Marcado por um ambiente de participação ativa, esta primeira parte pautou-se pela partilha de histórias e tradições Galaico-portuguesas, entre o convidado e o grande grupo.

Neste local, criou-se um espaço de partilha, marcado pelos contributos de todos. Os

⁸ Trabalho de grupo em torno do tema “a Valorização e revalorização do património histórico e cultural de Braga”, realizado na sessão “O Brincar em Família: como, porquê e para quê?”, concluído na sessão “Os Azulejos do Pópulo”, através da construção de *puzzles*.

temas rondaram, não só os costumes que uniam Portugal à Galiza, como também a ideia político-geográfica da unificação das duas regiões. Esta última questão gerou, de tal forma, um clima reflexivo, que acabou por dar origem a um debate entre aqueles que defendiam e aqueles que se opunham à ideia política. Muitos dos participantes não conheciam a história da *Gallecia*, nem conheciam as semelhanças entre a nossa cidade e a região da Galiza.

Após este primeiro momento, que ocupou cerca de 1h da sessão, dirigimo-nos para os jardins do museu. Aqui foi dado início ao segundo momento da sessão. Solicitamos que os participantes se dividissem em subgrupos e, posteriormente, dessem um nome ao grupo. Formados os subgrupos (“Os Parolos”, “Os Portugalia”, “Os Galaicos” e os “Roupa justa depois de apertada”), compostos por oito a nove pessoas, começaram-se os debates internos. Nestes debates, os participantes partilharam opiniões e conhecimentos sobre a sessão.

A posteriori, um porta-voz de cada subgrupo, eleito pelos participantes, foi ao centro compartilhar o somatório do que foi proferido. Abriu-se o debate ao grande grupo, no qual cada elemento falou sobre os dois primeiros momentos da sessão. A maioria conferiu destaque ao valor da nossa cultura e das tradições que ligam Portugal e Galiza. Foi também mencionado o momento disfrutado em grupo, respeitante à confraternização entre os participantes, nos espaços exteriores do museu. Os registos vieram compor o Memorando de Aprendizagens.

Num terceiro momento, de cariz autorreflexivo, as voluntárias entregaram a cada participante um inquérito por questionário – “Qual é a sua filosofia de vida?” –. Este questionário, feito em anonimato, tinha como objetivo levar cada participante à autorreflexão crítica, envolvendo questões pessoais, sociais e afetivas. De cariz individual, quem pretendesse poderia ficar com o inquérito, podendo este apresentar alguma utilidade.

b) “Os Suevos e S. Martinho de Dume”

Descrição da sessão:

Esta sessão, realizada no dia 9 de maio, teve lugar no «Núcleo Museológico de Dume», em Braga. Sendo um local histórico pouco divulgado, a par com a importância dos Suevos e de São Martinho de Dume, esta sessão enquadrou-se no tema “valorização e revalorização do património histórico e cultural de Braga”.

Tendo como base a (re)valorização dos saberes dos participantes, bem como o apreço pela riqueza patrimonial da cidade, a sessão teve como objetivos possibilitar a aprendizagem

⁹ Veja-se APÊNDICE IX

significativa, assim como incitar à participação ativa e crítica em torno da valorização e revalorização do património histórico e cultural da cidade de Braga. Dividida em quatro momentos, “Os Suevos e São Martinho de Dume” distinguiu-se pelo seu carácter «formativo» «difuso».

Com encontro marcado para as 14h, os participantes foram chegando e, em grupos, conversavam sobre diversos assuntos. A sessão iniciou-se com uma reflexão conjunta através do levantamento de opiniões e saberes (primeiro momento). Reunidos em círculo, no espaço exterior do núcleo, lançamos as seguintes questões: “Quais os objetivos da sessão?”, “Quem foram os Suevos?” e “Quem foi São Martinho de Dume?”. Incentivando à participação ativa de todos, os participantes foram respondendo às questões, criando um ambiente de partilha de saberes entre os demais. Após o breve levantamento de conhecimentos, lançou-se a questão “A história da Braga e o seu património histórico-cultural têm sido, suficientemente, valorizados?”, com o intuito de conduzir os participantes à autorreflexão durante a sessão.

O segundo momento da sessão deu lugar à visita ao núcleo museológico. O grande grupo teve o prazer de observar os vários pontos de referência do espaço histórico: as ruínas arqueológicas, a Basílica sueva, os vestígios da Basílica, entre outros. Os participantes filmaram, fotografaram os locais e realizaram registos textuais. Ouviram, ainda, a história de S. Martinho e tiveram acesso a panfletos sobre a sua biografia.

Terminado o segundo momento, dirigimo-nos ao espaço exterior do núcleo. Dada a escassez de tempo, pediu-se aos participantes para que, fora da sessão, consoante as perguntas lançadas inicialmente, refletissem e realizassem o testemunho-livre, tendo em conta aquilo que consideraram mais pertinente. Neste terceiro momento, houve, todavia, tempo para a partilha de algumas opiniões que se centraram, principalmente, na figura de S. Martinho e na ausência de divulgação do espaço histórico visitado.

Os testemunhos-livres foram realizados através de trabalhos de grupo que vieram contribuir para a conceção do Memorando de Aprendizagens⁸. Nestes testemunhos, os participantes mencionam, entre outras coisas, o apoio que as sessões têm oferecido no sentido da crescente valorização da história da cidade. É de evidenciar que três participantes realizaram, além da conceção dos trabalhos de grupo, testemunhos-livres individuais em formato textual. As voluntárias, utilizando a *página web*, partilharam fotografias dos vários momentos da sessão, de modo a que os participantes usufruissem dos registos para o trabalho de grupo.

c) A cidadela e a muralha Fernandina: o que resta do Castelo de Braga

Descrição da sessão:

Reportando à relevância do monumento, a sessão “A Cidadela e a muralha Fernandina: o que resta do Castelo de Braga”, realizou-se no dia 16 de maio e teve como local a «Torre de Menagem», no centro de Braga. Considerando a sua natureza, a sessão destacou-se pelo seu caráter «formativo» e «difuso». É de ressaltar que um voluntário do BLV, com 26 anos de idade, veio participar, a partir de então, no projeto. Estiveram presentes trinta e três participantes.

A sessão, tendo como objetivo incitar à participação ativa e crítica, em torno da valorização e revalorização do património histórico e cultural da cidade de Braga, dividiu-se em três momentos diferentes. À semelhança das sessões “A SÉ” e “Os Suevos e S. Martinho de Dume”, esta sessão integrou-se no tema “A valorização e revalorização do património histórico-cultural de Braga”.

O primeiro momento desenvolveu-se no espaço exterior à «Torre de Menagem». Aqui, os participantes realizaram um levantamento de críticas e sugestões sobre a sessão anterior. Promovendo a participação e a partilha ativa, os participantes aludiram, essencialmente, ao espírito do grande grupo, considerando o crescimento das amizades, assim como a interajuda e o companheirismo demonstrado por todos no decorrer do projeto.

Como a sessão não requeria apenas a participação ativa e a tomada de consciência que se sucedera no primeiro momento, o segundo momento envolveu um processo de tomada de conhecimento acerca de todas as sessões/atividades que fizemos até então. Antes da entrada na «Torre de Menagem» foi dito aos participantes para que atentassem a todos os pormenores do espaço, uma vez que decorria uma exposição representativa dos monumentos de Braga. Adotando um olhar crítico e analítico, os participantes, pouco a pouco, aperceberam-se que havia entre todas sessões/atividades do projeto uma lógica histórico-temporal.

Aquando da conceção do plano de sessões/atividades, explicamos aos participantes a ligação estabelecida entre as sessões/atividades. Nesta sessão, porém, eles puderam investigar toda a história de Braga, desde o pré-Romano até à Braga Contemporânea, através de imagens e textos. Neste espaço, os participantes tiraram fotografias aos componentes da exposição e, no ponto mais alto da torre, aproveitaram as vistas das janelas para relaxar e socializar.

No cimo da «Torre de Menagem» foi criado um ambiente de convívio e de partilha. O grande grupo aproveitou o momento para conversar, para tirar fotografias e, também, para partilhar vivências de infância, relacionadas com o monumento. A verdade é que a maioria dos participantes conhecia a «Torre de Menagem», mas nunca havia lá entrado.

Na descida da escadaria da torre foi tirada uma fotografia ao grande grupo, a pedido dos participantes. Já no exterior, junto ao monumento, disparamo-nos em círculo para dar início à partilha de opiniões. Num clima reflexivo, o grupo destacou a riqueza da história da cidade, a qual, em parte, era desconhecida. Falamos acerca das funções da muralha, da demolição do castelo e da importância da «Torre de Menagem». Por outro lado, os participantes teceram elogios às sessões do projeto, referenciando, não só aspetos ao nível cognitivo, mas, principalmente, aspetos aos níveis afetivo e social.

A avaliação da sessão foi realizada, à semelhança da sessão anterior, a partir de trabalhos de grupo. Incluídos no Memorando de Aprendizagens, os testemunhos-livres aludiram ao desconhecimento do castelo de Braga e apontaram para a desvalorização do património da cidade, elogiando, contudo, a sua riqueza.⁸ As voluntárias, além da partilha de fotografias e comentários na *página web*, destacaram a importância das sessões/atividades para a ocupação do seu tempo-livre.

5.1.7. “Maio: Mês da Família”

As sessões inerentes ao contexto “*Maio: Mês de Família*” surgiram enquanto espaços de convívio e comunicação alusivos à família. Em conjunto com os demais participantes do projeto, foram criadas três sessões, em três locais diferentes. Entre as várias categorias, este contexto histórico-temporal caracterizou-se por um carácter «formativo», «artístico», «lúdico» e «social».

a) “A evolução do conceito de família: o exemplo da freguesia de Dume”

Descrição da sessão:

A primeira sessão alusiva ao mês da família foi realizada no dia da sessão “Os Suevos e S. Martinho de Dume” (9 de maio), na «Casa da Cultura», na freguesia de Dume (Braga). Dividida em três momentos diferentes, a sessão teve como objetivo a participação e a partilha ativa de opiniões, saberes e experiências por parte dos participantes, assim como pelos restantes intervenientes. Com a duração de 40 minutos, a sessão destacou-se pelo seu carácter «formativo» e «social». Ressalte-se que a sessão foi organizada por duas voluntárias.

Iniciou-se a sessão com um debate em torno do conceito de família, desde o seu sentido mais lato ao mais restrito. As voluntárias elucidaram a evolução do conceito considerando as semelhanças e diferenças com o passado, assim como a importância da família enquanto fator preponderante na construção da felicidade do ser humano. Apelando à participação ativa, os participantes foram chamados a contribuir com distintos conceitos de família, consoante as

especificidades de cada um. Num ambiente de partilha, foram mencionados alguns fatores que diferenciavam a família do passado e a família atual.

Para o segundo momento, tivemos como convidado voluntário o Senhor Presidente da «Associação Cultural e Recreativa de Dume», licenciado em Educação, que falou, mais especificamente, do conceito de família na freguesia de Dume. Tendo em consideração a relevância dos testemunhos históricos, o senhor referiu a sua experiência enquanto chefe de família e enquanto presidente da associação, assemelhando-a a uma segunda família. De interesse acrescido para os participantes, o convidado aludiu às características particulares das famílias de Dume, nomeadamente o caso dos “Clãs” que, no momento, se mantinham na freguesia.

Após o testemunho do convidado, foi criado um ambiente propício à autorreflexão crítica acerca dos diferentes conceitos de família e em torno das diversas opiniões proferidas pelos intervenientes. Neste terceiro momento, com o intuito de promover o respeito mútuo entre o grande grupo, os participantes, formados em pares, conversaram sobre os assuntos abordados, confrontando opiniões. A partir de então, cada participante procedeu à autorreflexão.

Envolvidos num processo reflexivo, tanto individual como em pares, os participantes realizaram, no fim do terceiro momento, o testemunho-livre da sessão, compondo o Memorando de Aprendizagens. Note-se que, durante a sessão, alguns participantes teceram críticas à duração da sessão.

No final da sessão, as voluntárias entregaram a cada participante uma frase/poema para, num outro espaço, refletirem e retirarem conclusões acerca das diferentes mensagens. Incitando à participação ativa e crítica dos participantes, as voluntárias partilharam na *página web* mais frases/poemas sobre o tema da família, juntamente com fotografias da sessão.

b) “Comunicação em Família: a influência das TIC”

Descrição da sessão:

A segunda sessão foi realizada no dia da sessão “A Cidadela e a muralha Fernandina: o que resta do Castelo de Braga”, no dia 16 de maio. Com a duração de 30 minutos, a sessão teve como local o «Café Vianna», no centro da cidade. Tendo como objetivo principal o desenvolvimento de um ambiente que levasse os participantes à autorreflexão crítica e analítica, contribuindo para o desenvolvimento do espírito crítico, a sessão destacou-se pelo seu caráter «formativo» e «social». Para a sessão tivemos como convidado um voluntário, com formação na área da comunicação, solicitado pelas voluntárias. Dinamizada pelo voluntário, a “Comunicação

em Família: influencia das TIC” desenvolveu-se através de um debate participativo. Partindo de várias questões, divididas em quatro momentos, o debate envolveu o grande grupo.

Inicialmente foi lançada a pergunta – “O que são as chamadas TIC?” –. À medida que os participantes iam respondendo, através de conceitos, os restantes intervenientes (estagiária, voluntárias e convidado) estabeleciam o paralelo entre as várias intervenções que, de um modo geral, complementavam-se. Uma vez que as opiniões apresentadas, acerca das TIC, possuíam uma conotação negativa, foi lançada uma segunda questão – “Quais as vantagens das TIC?” –.

No seio da afluência interventiva, as críticas à forma como as TIC eram utilizadas cresciam entre os participantes. A maioria mencionou que as TIC vieram quebrar o diálogo entre a família. Outros participantes fizeram referência aos crimes praticados através da *internet* e as consequências da sua utilização. Poucas vantagens foram referidas, à exceção de três participantes que admitiram que as TIC vieram contribuir para a disseminação de conhecimentos.

Quando a terceira pergunta foi lançada – “Quem é que utiliza, regularmente, a *Internet*?” –, a maioria respondeu que acedia frequentemente à *Internet*, nomeadamente através da utilização das redes sociais. Paradoxalmente, a maior parte dos participantes tinha conta *Facebook*. Seguidamente, perguntou-se qual a utilidade que davam às TIC – “De que forma utilizam as TIC?” –. Aqui todos os participantes intervieram, indicando que usavam as TIC para aceder às redes sociais, ao grupo do projeto (*página web*), ao *youtube* e à plataforma *google*. Alguns afirmaram que, através da *internet*, aprendiam várias coisas.

Num ambiente de reflexão, o grande grupo considerou que a utilização das TIC tem as suas vantagens e desvantagens. Como tal, contribuindo para o desenvolvimento do espírito crítico, solicitou-se que os participantes apresentassem soluções, de modo a que fosse possível conjugar a comunicação em família e a utilização das TIC. Depois de um momento de partilha de opiniões, concluiu-se que a boa utilização das TIC poderia cooperar para o desenvolvimento da comunicação entre a família.

Neste contexto, os participantes foram oferecendo, gradualmente, alguns exemplos promotores da boa utilização das TIC. Diante do diálogo que se estabeleceu entre os vários intervenientes, foram ressaltados alguns exemplos, como: a visualização conjunta de um vídeo e a posterior partilha de opiniões entre os membros da família; a utilização das redes sociais para a comunicação entre familiares distanciados espacialmente; as TIC como motor de desenvolvimento cultural e social. Estes exemplos, entre outros, foram registados.

Tendo em consideração a escassez de tempo, os testemunhos-livres foram realizados num espaço fora da sessão. Os dois participantes que conceberam os testemunhos, em formato áudio, referiram, entre outras coisas, as vantagens e desvantagens da sessão.

c) “O brincar em Família: como, porquê e para quê?”

Descrição da sessão:

A terceira sessão realizou-se no dia 30 de maio, após a sessão “A SÉ”. Organizada pela estagiária e por uma voluntária, teve a duração de 25 minutos, e foi desenvolvida no «Café Astória», em Braga. De caráter «artístico», «lúdico» e «social», a sessão teve como objetivo a criação de um espaço de convívio e comunicação, contribuindo para o desenvolvimento do espírito de grupo.

Para a preparação da sessão foi, primeiramente, feita uma reunião com os participantes. Uma vez que a amizade e a familiaridade eram nítidas entre o público-alvo, resolvemos realizar uma sessão de família, mas com o grande grupo do projeto.

Iniciamos a sessão esclarecendo, desde logo, que as atividades a realizar, que consistiram em jogos didáticos, poderiam ser introduzidas em vários contextos que não unicamente o familiar. Compilando a dimensão artística, lúdica e social, foram organizados quatro grupos, espalhados por mesas. Em cada mesa houve uma responsável, entre a estagiária e as voluntárias, que participou em alguns jogos. Num sistema rotativo, cada grupo teve ao seu dispor 5 minutos para realizar cada jogo, de modo a que todos os participantes tivessem acesso a todos jogos.

No primeiro jogo – “Adivinhe quem sou eu” – os participantes escreveram o seu nome num papel, dobraram-no e colocaram-no numa caixa. Nessa caixa, em conjunto com os nomes, encontravam-se papéis com a designação de monumentos da cidade (exemplo: «Torre de Menagem») e nomes de figuras importantes da história de Braga (exemplo: César Augusto). À vez, cada participante tirou um papel e, de forma a não ler, colocou-o na própria testa. Ordenadamente, os restantes elementos acrescentavam características acerca da pessoa/monumento/figura em questão. O propósito era adivinhar “Quem sou eu?”.

Este primeiro jogo teve um impacto positivo em todos os intervenientes. Entre várias opiniões, os participantes apontaram para o caráter lúdico e didático do jogo, uma vez que possibilitou conviver e relembrar conhecimentos. Também caracterizado como um jogo de

memória, os participantes referiram a relevância deste tipo de atividades para reviverem pessoas, espaços e acontecimentos.

No segundo jogo – “Jogo do Detetive” –, foi distribuído um cartão a cada participante. Em cada cartão estava explícita a personagem que cada elemento deveria desempenhar: o assassino, o polícia, a curandeira e os cidadãos. O intuito era o assassino matar todos os cidadãos, incluindo a curandeira, sem que o polícia se apercebesse. Se o polícia conseguisse capturar o assassino, vencia a cidade. Caso contrário, vencia o assassino.

Este jogo criou um ambiente divertido. No início, os participantes sentiram-se confusos, dadas as especificidades de cada personagem. No entanto, no decorrer e no fim do jogo, todos os grupos afirmaram gostar do jogo, referindo, essencialmente, o convívio que proporcionou entre os demais intervenientes.

O terceiro jogo – “Linha do Dia” –, teve como objetivo levar os participantes a um momento de autorreflexão e comunicação. O intuito era que cada um dissesse algo que, no momento, sentia. Poderia ser acerca da sua família, da sua semana, do dia em questão, da sessão, ou algo que desejasse partilhar com os restantes elementos.

Em roda, a partir da utilização de um novelo de lã, os intervenientes referiram, essencialmente, como se sentiram durante o dia, o que estavam a apreciar mais da sessão e como se sentiam no momento. A linha foi passada de pessoa em pessoa até se formar um elo de ligação entre o grupo. Quando chegou à última pessoa do grupo, o novelo percorreu o movimento inverso, isto é, do último ao primeiro participante. Estimulando a memória e a atenção, cada participante, atirando o novelo para a pessoa anterior, referiu aquilo a que essa pessoa tinha aludido. O elemento que começou o jogo apresentou, deste modo, o último participante.

Este jogo criou um espaço de comunicação e convívio. Foi possível, através da “Linha do Dia”, promover a participação ativa de todos, através da partilha de vivências e sentimentos. Além do processo autorreflexivo, o jogo contribuiu para o aprofundamento do espírito de grupo, perceptível através da solidariedade demonstrada entre os vários intervenientes. O espírito de camaradagem entre o grande grupo era, nesta altura do projeto, evidente.

O quarto jogo foi dirigido às três sessões voltadas para o tema “a valorização e revalorização do património histórico e cultural de Braga”. Sob a mesa estavam três *puzzles*, com imagens fotografadas de três monumentos visitados: a «Sé de Braga», o «Núcleo Museológico de S. Martinho de Dume» e a «Torre de Menagem». Cada grupo procedeu à

montagem de um *puzzle* e, de seguida, colou-o numa cartolina. Após a colagem, os grupos identificaram o monumento e cada participante teceu opiniões e/ou críticas, considerando o tema principal.⁸

Na cartolina, os participantes teceram críticas à forma como, durante anos, se desvalorizou a cultura e a história da cidade. Neste sentido, o projeto foi enaltecido, uma vez que possibilitara o acesso a bens históricos de Braga. Por seu turno, foram realizados comentários muito favoráveis ao grande grupo, assim como aos momentos de partilha criados nas sessões, propícios ao crescimento pessoal e cultural.

No final da sessão, uma voluntária ofereceu, a cada participante, poemas/frases. As voluntárias pediram para que, a partir dos exemplos entregues, os participantes pesquisassem outras frases/poemas ou músicas, entre outros métodos/técnicas de caráter «artístico», de forma a partilharem na *página web*. Tendo em conta a permanente comunicação, gerada durante a sessão, apenas uma participante procedeu à partilha da frase.

Uma vez que os testemunhos-livres sobre as três sessões, inerentes ao tema “A valorização e revalorização do património histórico e cultural de Braga”, foram realizados em cartolina, os participantes procederam à conceção dos testemunhos-livres da presente sessão recorrendo ao mesmo método/técnica. O trabalho de grupo, constituído no quarto jogo, veio compor o Memorando de Aprendizagens, paralelo às quatro sessões.

5.1.8. “O Barroco, o Rococó e o Neoclássico”

As sessões inerentes a este contexto, concretizadas em diferentes espaços, utilizaram métodos/técnicas das várias categorias de Ander-Egg (*id.*, *ibid.*), distinguindo-se, contudo, pelo caráter «difuso».

a) “Os Azulejos do Pópulo”

Descrição da sessão:

A sessão “Os Azulejos do Pópulo” realizou-se no dia 6 de junho, tendo como local o «Convento do Pópulo». A sessão distinguiu-se pelo seu caráter formativo e «difuso». Dividida em três momentos, a sessão teve como objetivo principal promover a aprendizagem cooperativa e colaborativa entre todos, tendo como base diferentes olhares e interpretações.

Na chegada ao «Convento do Pópulo», cerca de 30 minutos antes da hora marcada, o grande grupo conversava sobre assuntos vários, partilhando algumas vivências e ideias. Cerca de 5 minutos antes da entrada para o edifício, situamos a sessão no tempo e no espaço,

tornando explícito o seu objetivo. Esta sessão contou com a participação de mais três elementos, a convite das voluntárias e dos participantes. O projeto compreendia, agora, trinta e cinco participantes.

Num primeiro momento, tivemos o prazer de desfrutar de uma visita guiada ao convento. Através da visita, ficou-se a conhecer a história do edifício, assim como os seus principais pontos de referência, conferindo destaque para os azulejos presentes nas paredes do convento. Junto da escadaria, deparamo-nos com um conjunto de painéis azulejares que, segundo a história, aludem aos episódios da vida de um santo. Estes azulejos podem ser interpretados de várias maneiras.

O segundo momento focou-se, essencialmente, na história que os azulejos pretendiam contar. Os participantes, envolvidos num clima de autorreflexão crítica, interpretaram os azulejos, observando, criticamente, os pormenores artísticos. A verdade é que, através de momentos individuais e coletivos, os participantes atentaram a pormenores que, tanto se diferenciavam de participante para participante, como se distinguiam das narrativas dos próprios investigadores. Este segundo momento, assente num processo reflexivo, forneceu as bases necessárias para o terceiro momento da sessão.

O terceiro momento deu lugar a um espaço de convívio e comunicação, já no exterior do convento. Todos os intervenientes, distribuídos por uma mesa retangular, debateram as interpretações construídas aquando da observação dos azulejos. No decorrer do debate, no qual todos participaram ativamente, alguns participantes adaptaram a sua perceção inicial às interpretações proferidas pelos restantes. As voluntárias, apelando para o desenvolvimento do espírito de grupo, incitaram os participantes a refletir acerca da importância da partilha e da comunicação entre todos. O público-alvo do projeto entendeu que a partilha de conhecimentos e aprendizagens, a socialização e a conversa, são fulcrais para a qualidade de vida do ser humano.

Ressalte-se que foi nesta sessão que se concluiu o trabalho sobre “A valorização e revalorização do património histórico e cultural de Braga”, através da construção de puzzles.

Os testemunhos-livres da sessão foram concebidos em formato texto por parte de três participantes. É de destacar o testemunho-livre, realizado por uma participante, que alude às singularidades de cada pessoa, aos olhares críticos, à importância das sessões do projeto para o convívio e ao ressuscitar de conhecimentos esquecidos.

As voluntárias, recorrendo à *página web*, parabenizaram o grande grupo e, através de um poema, exprimiram a relevância da educação permanente.

b) “O Recolhimento das Convertidas, o Convento da Penha e a Basílica dos Congregados”

Descrição da sessão:

A presente sessão realizou-se no dia 13 de junho. Dividida em vários momentos e concretizada em espaços diferentes, esta sessão destacou-se pelo caráter «formativo» e «difuso». Tendo como objetivo possibilitar a aprendizagem significativa, esta sessão foi organizada e preparada por um participante que, considerando a suas vivências e experiências, é conhecedor da história dos locais visitados.

Com encontro marcado para as 14h40, os participantes chegaram cerca de meia hora mais cedo. Foi pedido para que, durante a sessão, através de registos, cada participante indicasse aquilo que lhe chamou, mais e menos, a atenção. Estiveram presentes, nesta sessão, trinta e seis participantes, sendo que dois deles eram familiares (netos) de participantes.

Anunciado o objetivo da sessão, assim como os locais a visitar, solicitamos, num primeiro momento, a partilha de saberes e vivências que se relacionassem com o assunto em questão (os monumentos religiosos, estilos artísticos, experiências prévias, entre outros temas). De interesse mútuo, os participantes partilharam, gradualmente, alguns saberes, nomeadamente, respeitantes aos estilos artísticos e aos monumentos religiosos. Porém, nem todos os intervenientes conheciam os locais enunciados. A verdade é que, através desta breve introdução, o grande grupo ressuscitou alguns conceitos e saberes.

Num segundo momento, usufruímos de visitas aos três monumentos, acompanhadas de partilhas históricas e religiosas, dinamizadas pelo participante responsável da sessão, assim como pelo voluntário que se disponibilizou para realizar as visitas. O participante responsável, contando com a ajuda do grande grupo, organizou as visitas seguindo uma lógica histórico-temporal.

Iniciou-se a sessão com a visita ao «Recolhimento das Convertidas». Neste espaço, por meio de esclarecimentos históricos, a maioria dos participantes recorreu ao registo fotográfico. Envolvidos num processo de autorreflexão crítica, os participantes mantiveram-se, durante algum tempo, a observar o local. Na visita a este primeiro monumento, foi perceptível observar alguns olhares emotivos, uma vez que, outrora, funcionava como um lugar desagradável para as

mulheres. No final da visita foi possível retermos alguns comentários, nomeadamente, por parte das participantes do sexo feminino.

Na chegada ao segundo local, percebemos que a maioria desconhecia o «Convento da Penha de França». Solicitou-se, por isso, a intervenção do participante responsável e dos demais elementos conhecedores do local. A pedido do voluntário, primeiramente, observou-se o espaço, principalmente as suas características arquitetónicas. De seguida foi questionado aos participantes sobre qual seria a corrente artística presente no monumento. Imediatamente, num ambiente de interajuda, os participantes responderam acertadamente à questão. Sendo um local direcionado à oração, alguns dos participantes acabaram por se sentar e meditar. Os restantes analisaram os pormenores arquitetónicos e realizaram alguns registos.

Seguiu-se para o terceiro local – «Basílica dos Congregados» –, cuja obra manifesta características distintas dos dois primeiros monumentos. Incitando à participação ativa e crítica solicitamos que, após a observação do monumento, os participantes conseguissem identificar o estilo artístico. Com algumas dificuldades, alguns participantes reconheceram características próprias do “Rococó”. No decorrer da visita ao local, os intervenientes, deslumbrados com a arte, realizaram registos (em formato texto e fotografia). Ao terminar a visita, promovendo a valorização de conhecimentos, o grande grupo, conjugando os saberes prévios com os novos conhecimentos, partilhou o que reteve de mais importante.

No final do percurso histórico-religioso, reunimo-nos na avenida central. Em círculo, todos os participantes foram chamados a dar um testemunho sobre a sessão. Neste sentido, alguns participantes referiram o interesse do grupo em visitar locais de foro religioso, nomeadamente monumentos que não tinham tanta visibilidade. Outros participantes destacaram a importância do convívio e a valorização de conhecimentos. Por último, após os agradecimentos, o participante responsável partilhou com os demais a relevância que teve, para ele, a realização da sessão.

Os testemunhos-livres da sessão deram lugar a momentos de autorreflexão crítica e analítica em torno dos locais visitados. Recorrendo ao formato texto, bem como, através da partilha de fotografias na *página web*, os participantes compartilharam sentimentos e emoções, aludiram ao valor histórico dos monumentos e falaram daquilo que mais lhes chamou a atenção.

c) “O Palácio do Raio”

Descrição da sessão:

A sessão “O Palácio do Raio” realizou-se, no «Palácio do Raio», no dia 20 de junho. Contendo um caráter «difuso» e «artístico», distinguindo-se, no entanto, pelo seu caráter «formativo» e «social», a sessão dividiu-se em três momentos principais: o momento da visita ao espaço, a reunião de esclarecimento sobre a sessão “As Sete Fontes” e o momento de reflexão em grupo. Teve como objetivo o desenvolvimento de um ambiente que levasse os participantes à autorreflexão crítica e analítica, de forma a contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico. É de ressaltar que estiverem presentes, nesta sessão, trinta e cinco participantes.

No início da sessão, cerca de 30 minutos antes, apresentamos o objetivo da sessão. Foi solicitado que, durante a visita, os participantes concebessem um trabalho individual. Diante deste processo autorreflexivo, os participantes poderiam desenvolver um ou mais temas, como, por exemplo, a história do «Palácio do Raio», a história da «Santa Casa da Misericórdia», os estilos artísticos presentes no edifício, entre outros. Os trabalhos, não-obrigatórios, deveriam apoiar-se, não numa mera reprodução de conteúdos, mas numa reflexão crítica.

Iniciada a visita, começamos por falar da história do Palácio, assim como dos arquitetos André Soares e Carlos Amarante. Uma vez que o Palácio exibia a história da «Santa Casa da Misericórdia», conferindo destaque para aqueles que colaboraram na ajuda aos mais necessitados, a maioria dos participantes optou pelo tema da “solidariedade”. Por sua vez, tendo em consideração os temas da sessão anterior, alguns participantes atentaram aos painéis de azulejos, bem como a outros pormenores artísticos que revestiam o local.

Terminado o primeiro momento, seguiu-se a reunião de esclarecimento sobre a sessão “As Sete Fontes”, a pedido do Sr. Vice-Presidente da Câmara. De caráter «social», esta reunião teve como intuito apresentar o «Complexo Eco-Monumental das Setes Fontes», através da demonstração visual das várias intervenções que, nos últimos anos, foram feitas no local. Neste momento atentou-se aos interesses e aos saberes dos participantes, de modo a que a sessão fosse ao encontro de cada participante. Houve, ainda, espaço para o esclarecimento de dúvidas.

No final da reunião de esclarecimento, deu-se continuidade à sessão na parte exterior do palácio. Neste terceiro momento, os participantes reuniram-se em subgrupos de seis a sete pessoas para, num ambiente de partilha, debaterem acerca daquilo que mais lhes despertou a atenção. Visto que a visita e a reunião ocuparam grande parte da sessão, esta terceira parte não surtiu, em pleno, o efeito que era pretendido. Consequentemente, por sugestão das voluntárias, desenvolveu-se um espaço de convívio fora do ambiente de trabalho. Aqui foi possível retermos

algumas observações relativas à sessão.

Importa salientar que um participante procedeu à realização do testemunho-livre, em formato texto, em torno do tema da solidariedade. Alguns participantes, além das partilhas efetuadas, optaram pelo registo fotográfico de alguns pontos de referência da visita.

d) “As Sete Fontes”

Descrição da sessão:

Aquando da avaliação diagnóstica, assim como a partir da avaliação contínua do projeto, as «Sete Fontes» foram ressaltadas pelo público-alvo. A sessão, que se realizou por meio de um trilho, teve lugar no «Complexo Eco-Monumental das Sete Fontes», em S. Vitor (Braga), no dia 27 de junho. Ao contrário das restantes sessões, a “As Sete Fontes” dispôs de 3h para a sua concretização, tendo como principal dinamizador o Vice-Presidente da CMB, em conjunto com um outro senhor, trabalhador da câmara, sendo um dos maiores conhecedores do local.

Atentando ao interesse do público-alvo e considerando a importância histórico-cultural do local, a sessão teve como objetivos possibilitar a aprendizagem significativa, assim como incitar à participação ativa e crítica em torno da valorização e revalorização do património histórico e cultural da cidade. Esta sessão enquadrou-se em todas as categorias de Ander-Egg (*id.*, *ibid.*), distinguindo-se pelo seu carácter «difuso» e «lúdico». Considerando a extensão da sessão, ela dividiu-se em vários momentos.

A sessão teve início na «Casa do Areal» (S. Vitor). Com encontro marcado para as 14h, os participantes ansiavam pela chegada do Vice-Presidente para se poder dar início à visita. Visto que o início do trilho só começou perto das 15h, durante o tempo de espera os intervenientes conviveram e conversaram sobre assuntos vários. Estimulando o espírito crítico, os participantes debatiam acerca da desvalorização que o local veio a sofrer e, conseqüentemente, discutiam em torno de propostas para uma maior visibilidade das «Sete Fontes». Outros elementos conversavam sobre assuntos do quotidiano, como também acerca das sessões até ao momento concretizadas, tecendo algumas críticas e elogios.

Iniciado o trilho, começou-se por elucidar uma das fontes que, devido à construção de um prédio, foi demolida. Neste primeiro momento, os elementos partilharam alguns saberes acerca do que acontecera naquele espaço, tecendo críticas à forma como se lidou, durante muito tempo, com o património histórico da cidade. Daqui seguimos para as restantes fontes.

Na caminhada até à segunda fonte, os elementos conversavam sobre o menosprezo

para com o património de Braga. Após observarmos a segunda fonte, seguiu-se para um espaço degradado onde se avistava a construção de casas. Neste momento, a partilha de comentários crescia gradualmente. Contudo, o contentamento demonstrado por todos os participantes, pelo facto de nos encontramos reunidos neste local, amenizava a tristeza sentida perante o que observavam. Foi através da visita à quarta fonte que este espírito de inquietação se inverteu.

Na quarta fonte, perante uma das «Mães d'Água», foi esclarecido o percurso da água desde o local até ao destino, sob o qual vinhamos a caminhar. Aquando da explicação, foram efetuadas algumas perguntas em torno das pedras capeadas, dos desenhos nelas gravados, assim como da arte que envolvia a «Mãe d'Água». Desenvolveu-se um espaço de participação ativa e partilha de conhecimentos entre os intervenientes. De seguida, desfrutamos da visita ao interior da «Mãe D'Água», através de dois percursos diferentes.

Divididos em grupos, já no interior da «Mãe d'Água», seguimos os percursos desde os decantadores até à cascata de água. Dada a escuridão e o limite de espaço, o percurso mais longo demorou cerca de 5 minutos. Na chegada à nascente, aproveitamos para tirar fotografias daquele momento que, para muitos, deteve grande importância. À saída, juntamo-nos para debater acerca do processo de revalorização que, nos últimos anos, tem-se vindo a verificar.

Continuou-se a caminhada passando pela designada «Mina dos Órfãos». Prejudicada devido às construções feitas, esta mina é aquela que mais água transporta para as proximidades. Seguiu-se para a quinta «Mãe d'Água», na qual não nos foi permitida a entrada devido ao estado da fonte. Aproveitamos para fazer uma pausa e conversar sobre a presente sessão. Neste espaço, o público-alvo partilhou vivências relacionadas com aquele local, uns questionaram e atentavam a mais explicações e outros aproveitaram para apreciar a riqueza do local.

Na chegada à última «Mãe d'Água», conseguimos observar o brasão da «Casa de Bragança», em honra a D. José de Bragança. À semelhança da anterior, também não foi possível entrar no espaço, no entanto acedeu-se à «Bica Pública das Sete Fontes». Embora aberta à comunidade, a maioria dos intervenientes desconhecia esta bica. Neste momento, propício à socialização, aproveitou-se para conviver e descansar da caminhada.

No percurso inverso, desde a bica até à parte inicial da conduta das «Sete Fontes», acomodamo-nos num espaço plano para, deste modo, se criar um momento de convívio. Organizado pelas voluntárias, e através dos contributos dos participantes, realizou-se um lanche partilhado. Neste momento, num ambiente reflexivo, os participantes produziram opiniões e

críticas, tanto acerca da sessão, como em torno da (re)valorização do património histórico e cultural da cidade. Aqui também foi possível a partilha e valorização de saberes, nomeadamente por parte de três participantes que identificaram uma planta e descreveram-na aos demais.

A satisfação demonstrada por todos os participantes, perante a sessão, foi perceptível neste último momento. Os participantes dirigiram-se a nós solicitando mais sessões como esta, considerando a sua duração e os vários momentos que compreendeu. No final, alguns elementos propuseram a realização de um outro convívio neste local que ficou, a partir de então, à responsabilidade da Comissão de Festas do projeto.

Importa salientar que foram vários os testemunhos-livres em torno da sessão. Dois testemunhos foram realizados no último momento da sessão, recorrendo ao formato vídeo. Neste contexto, podemos ressaltar o testemunho-livre de uma participante, pois referiu que a sessão concretizou um dos seus sonhos que passava pela visita às «Sete Fontes». Para as voluntárias a sessão também teve importância, uma vez que nem todas haviam entrado nas fontes. Através de fotografias, as voluntárias teceram comentários positivos sobre a sessão.

Os outros testemunhos-livres, em formato vídeo, demonstram o desconhecimento quase total do espaço, apelaram para a preservação do local e, por outro lado, vieram enaltecer o convívio entre todos. Foi realizado um testemunho-livre, por parte de um participante, através da partilha de fotografias da primeira visita que fez ao local, o qual afirmou ser apaixonado por todo este espaço natural. Os outros testemunhos-livres foram executados a partir do formato texto e através de um trabalho individual.

Estiveram presentes, nesta sessão, trinta e nove participantes, sendo que, alguns deles não faziam parte do público-alvo, mas demonstraram interesse em participar. Devido à diversidade de idades, a sessão pautou-se pelo convívio entre diferentes gerações.

e) “O Bom Jesus de Braga”

Descrição da sessão:

A sessão “O Bom Jesus de Braga” realizou-se no dia 4 de julho, tendo como local o «Santuário do Bom Jesus de Braga». Embora utilizasse diferentes métodos/técnicas, esta sessão distinguiu-se pelo seu caráter «difuso», «artístico» e «lúdico». Dividida em três momentos, a sessão teve como objetivos a participação e partilha ativa de conhecimentos e experiências, assim como o desenvolvimento do espírito crítico.

Chegados ao local de encontro 40 minutos antes, os participantes conversavam sobre assuntos vários. Num clima entusiasta, seguimos para o «pórtico» do «Bom Jesus». Neste local, esperava-nos um convidado, que já tinha auxiliado numa outra sessão e que, agora, sendo um dos historiadores do «Bom Jesus», encarregou-se pelo segundo momento da sessão. Note-se que estiveram presentes trinta e oito participantes.

Tendo em conta que alguns dos participantes nunca tinham andado no «funicular do Bom Jesus», nem tampouco conheciam a sua história, o primeiro momento deu lugar a um passeio no, também, chamado «elevador do Bom Jesus» que nos transportou desde o pórtico até ao santuário. Criou-se um ambiente divertido entre o grande grupo. Alguns conversavam e observavam o percurso, outros aproveitaram para filmar e tirar algumas fotografias. Junto à estátua do soldado “Longuinhas”, já no cimo dos escadórios, tivemos o prazer de conhecer a história do funicular, assim como a história da estátua. A partir de então iniciou-se o segundo momento.

O segundo momento, ao encargo do professor convidado, pautou-se pela partilha de conhecimentos e experiências, em torno da importância histórica e artística do local que nos rodeava. De interesse comum para todos os participantes, o professor começou por narrar a história do «Bom Jesus», considerando as fases de construção, as diferentes correntes artísticas, as várias obras e o simbolismo do local. Por meio de questões e interjeições, desenvolveu-se um diálogo entre os vários intervenientes da sessão.

No decorrer deste momento, houve espaço para o convívio entre os vários elementos. Após a visita ao adro rodeado por estátuas (desconhecidas para maioria), entramos na igreja do «Bom Jesus». Aqui, tivemos a possibilidade de observar os principais pontos de referência do monumento, enquanto o professor apelava para os seus pormenores artísticos. O segundo momento ocupou, porém, 1:30h da sessão, comprometendo a realização de um terceiro momento.

Para o terceiro momento estava planeada uma atividade de autorreflexão crítica, focada nos saberes e experiências de cada participante, bem como sobre o «Bom Jesus». Possibilitando o desenvolvimento do espírito crítico e incitando à criatividade, seria solicitado aos participantes a realização de testemunhos-livres, cujo intuito era estabelecer um paralelismo entre componentes presentes no espaço (exemplos: uma flor, uma paisagem, etc.) com as vivências de cada um. Depois deste processo reuniríamos em grande grupo para que cada participante pudesse falar do trabalho que realizou. A exposição oral não era obrigatória.

O terceiro momento não se realizou durante a sessão, contudo solicitou-se a concretização da atividade num espaço fora da sessão. Alguns participantes, estimulando a criatividade, realizaram os testemunhos-livres recorrendo a métodos/técnicas distintos daqueles que foram, até então, utilizados. Dois participantes escreveram dois poemas. Uma participante, a partir da análise de uma fotografia tirada a uma flor, estabeleceu uma ligação entre a flor e a vivência de momentos, a partir de um texto dedicado ao projeto. Outros participantes procederam à conceção dos testemunhos-livres optando pelo formato texto.

Os interesses, as experiências de vida e os saberes prévios são, neste processo de avaliação contínua, manifestos. Neste sentido, é de ressaltar que um participante realizou o testemunho-livre sobre o «funicular do Bom Jesus», uma vez que o interesse pela particularidade deste elevador era, há muito, demonstrado. Um outro participante efetuou o testemunho-livre em formato texto, focando-se na história geral do «Santuário do Bom Jesus do Monte». Incentivando à realização de testemunhos, as voluntárias procederam à partilha de fotografias, tanto do grande grupo, como da sessão, através da *página web*.

5.1.9. “Braga Contemporânea”

As sessões pertencentes a este contexto histórico-temporal vão ao encontro das várias categorias de Ander-Egg (*id.*, *ibid.*), destacando-se, no entanto, pelo caráter «lúdico».

a) “Oficina de Artes: «um olhar sobre as janelas de Braga»”

Descrição da sessão:

A sessão “Oficina de Artes «Um olhar sobre as janelas de Braga»” concretizou-se no dia 28 de março, tendo como local a BLCS. Esta sessão, realizada a convite por uma das responsáveis do espaço, distinguiu-se pelo seu caráter «formativo», «artístico» e «lúdico». Tendo como tema central “diferentes pessoas, diferentes olhares”, a sessão teve como objetivo promover a aprendizagem cooperativa e colaborativa entre todos os participantes, dividida em dois momentos.

Os participantes chegaram ao local cerca de 30 minutos mais cedo. Durante este período de tempo foi possível observarmos momentos de convívio e socialização entre todos, que conversavam sobre vários assuntos. Antes do início da sessão, ainda neste espaço de convívio, foi apresentada a sessão, o tema central e o objetivo. Do agrado de muitos, diante das suas experiências prévias, os participantes revelaram interesse em participar na sessão.

O primeiro momento deu lugar a uma atividade artística, coordenada pelas técnicas

responsáveis. Partindo de imagens de monumentos de Braga («Palácio do Raio», «Igreja do Hospital», «Casa dos Coimbras» e o «Paço Episcopal»), os participantes, consoante os seus interesses, procederam à escolha de um monumento e começaram por desenhá-lo.

Divididos em dois grupos de quinze a dezassete pessoas, os participantes, enquanto desenhavam, acabaram por proporcionar um clima de convívio e de partilha de vivências. Por meio de conversas, todos eles estabeleceram contactos visuais com os desenhos dos parceiros, comparando com o próprio desenho, atentando às disparidades entre ambos. Aquando do término dos desenhos, os participantes começaram por pintá-los. À medida que eram preenchidos, as disparidades entre os desenhos eram cada vez mais evidentes.

Reconhecendo as diferenças, os participantes observavam a utilização de diferentes cores por parte de cada pessoa, dando origem a desenhos muito distintos. Terminada esta primeira atividade, os participantes teceram comentários e elogios aos vários desenhos e pinturas, indicando as principais diferenças observadas. Daqui partimos para o segundo momento.

Orientando à reflexão crítica, distribuimos dois a três desenhos, de diferentes pessoas, por cada subgrupo de dois a três participantes. Através de uma análise crítica e colaborativa, os participantes debateram sobre as igualdades e diferenças encontradas entre os mesmos monumentos, mas desenhados por diferentes pessoas. Durante a partilha ativa com o grande grupo, os participantes abordaram as especificidades individuais e aos olhares distintos, de sujeito para sujeito, sobre aquilo que nos rodeia, perceptíveis através dos vários desenhos.

Salienta-se que, terminado o segundo momento, alguns participantes pretenderam realizar uma outra atividade artística, através da técnica da pintura simétrica abstrata, uma vez que muitos dos participantes nunca tinham experimentando a técnica. No final, a maior parte dos participantes vieram a incluir os desenhos e as pinturas no Memorando de Aprendizagens. As voluntárias, recorrendo à *pagina web*, elogiaram os “artistas” e partilharam frases/poemas motivadores.

b) “Dia Mundial da Dança: «Do Salão à Discoteca”¹⁰

¹⁰ O «Salão à Discoteca» é uma iniciativa promovida pelo Município de Braga, em colaboração com o BLV. Até então, a atividade tem decorrido durante o mês de março, como forma de celebração do Dia da Mulher. Este ano o evento realizou-se no dia 2 de maio, tendo como objetivo triplo festejar o “Dia Mundial da Dança, inaugurar o “mês da família” e proporcionar uma tarde diferente às instituições de Braga. Na atividade estiveram presentes cerca de 700 idosos, pertencentes a 27 instituições do concelho.

Descrição da sessão:

Realizada no dia 2 de maio, tendo como local a discoteca «Sardinha Biba» (em Braga), «Do Salão à Discoteca» veio substituir uma outra sessão, dado que ocupou a tarde de quarta-feira, das 14h às 17h. Considerando a sua natureza, a sessão distinguiu-se pelo caráter «artístico», «lúdico» e «social», cujo objetivo foi criar um espaço de convívio e comunicação, de modo a contribuir para o espírito de grupo.

A sessão compreendeu, meses antes, a divulgação e o pedido de colaboração na atividade junto do público-alvo, com o intuito de promover a participação ativa em iniciativas de voluntariado. De cariz não-obrigatório, todos os intervenientes demonstraram interesse em cooperar. Apurou-se, desde logo, oito voluntários mais as três voluntárias do projeto. Os restantes participantes, embora não se comprometendo, afirmaram apoiar a iniciativa. Antes da concretização da sessão, os participantes voluntários do projeto, em conjunto com os restantes voluntários e com a responsável do BLV, reuniram na discoteca para conhecerem a atividade e dividirem tarefas.

A organização da sessão ocupou a manhã do dia 2 de maio. Chegados ao local, pelas 10h, a responsável, a estagiária e os participantes voluntários começaram por preparar os lanches que seriam, na parte da tarde, distribuídos às instituições. Através da cooperação de todos, foi possível organizarmos cerca de novecentos lanches. Posteriormente, procedeu-se ao arranjo de todo o espaço. Colaboraram nesta iniciativa à volta de trinta e um voluntários.

Com início às 14h, as instituições, à medida que iam chegando, eram recebidas por um grupo de voluntários que, na receção do local, dava as orientações. Os participantes das instituições contaram com o apoio dos voluntários junto das principais zonas da discoteca.

A criação de um espaço de diversão surgiu, gradualmente, com o decorrer da atividade. A verdade é que, passada 1h de sessão, todos os participantes se envolveram num ambiente de convívio e brincadeira. As várias zonas da discoteca serviram a todos os gostos, proporcionando espaços propícios à dança e à socialização. Os voluntários não se mantinham na mesma área inicial. Embora estivessem responsáveis por uma tarefa, eles circulavam pelas várias áreas, possibilitando momentos de convivência com todos os participantes.

A iniciativa criou um ambiente de grupo agradável, não só entre os participantes do projeto, como entre todos os voluntários e participantes das instituições. Foi possível observarmos expressões de felicidade entre os vários públicos. Preparada, também, pelos participantes voluntários, estes não escondiam a satisfação com o sucesso da iniciativa.

Estiveram presentes cerca de dezoito participantes do projeto, à exceção dos dez que exerceram trabalho voluntário.

Ao terminar a sessão, alguns dos participantes voluntários foram chamados a dar o seu contributo ao jornal “Correio do Minho”. Neste contexto, os participantes elogiaram a iniciativa, apelaram para a relevância deste tipo de atividades e aludiram à importância do que é ser-se voluntário. É de destacar que alguns dos participantes voluntários referenciaram as sessões do projeto, destacando as vantagens de se pertencer a um grupo que, semanalmente, reúne para conviver e partilhar conhecimentos. A estagiária também foi convidada a dar o seu testemunho.

Nos dias subsequentes, a partir de comentários e através da partilha de fotografias na *página web*, todos os intervenientes elogiaram a iniciativa. Apelando à criatividade, uma participante desenvolveu o testemunho-livre a partir de um poema, de autor desconhecido, com o tema “idoso”, compreendido no Memorando de Aprendizagens. As voluntárias, através da partilha de fotografias, teceram elogios ao grande grupo e à sessão.

c) “Os trajes tradicionais”

Descrição da sessão:

A sessão “Os trajes tradicionais” realizou-se no dia 11 de julho, tendo como local o «Museu Dr. Gonçalo de Sampaio» (Braga). Esta sessão, sugerida pelo público-alvo, teve a duração de 1h, dado que lhe procedera uma outra sessão. Abarcando um conjunto variado de métodos/técnicas, esta sessão destacou-se pelo seu carácter «difuso» e «lúdico». Planeada em dois momentos, esta sessão teve como objetivos possibilitar a aprendizagem significativa e incitar à participação crítica e ativa, em torno da valorização e revalorização do património histórico e cultural da cidade.

Com ponto de encontro marcado para as 14h45, os participantes começaram por se reunir cerca de meia hora antes. Na espera pelo início da sessão, os intervenientes socializavam e, entre algumas conversas, falaram sobre um possível convívio, a realizar fora das sessões do projeto. Neste momento inicial, alguns participantes já demonstravam nostalgia devido à aproximação do fim do projeto. Importa frisar que, nesta sessão, juntou-se mais um participante com 20 anos de idade. Estiveram presentes nesta sessão trinta e oito participantes.

Iniciada a sessão, no «Museu do Traje», fomos recebidos por duas responsáveis que nos apresentaram o espaço. De entre opções de escolha, os participantes decidiram visitar, em primeiro lugar, uma exposição dedicada à cultura do século XIX do Baixo Minho. Reunindo o interesse da maioria, os intervenientes observavam e retiravam informações sobre os vários

trajes, das diferentes zonas geográficas, que ali se encontravam.

Este primeiro momento, que ocupou cerca de 45 minutos da sessão, pautou-se pela partilha de saberes, assim como pela promoção da aprendizagem colaborativa e significativa. Como alguns dos participantes pertenciam a grupos culturais e, portanto, eram conhecedores do assunto, reuniram-se, em redor destes, pequenos subgrupos que escutavam as suas histórias e explicações. Os outros participantes atendiam a uma das responsáveis pelo espaço que se disponibilizou para responder a questões. Recorrendo a registos em formato texto e fotográfico, os intervenientes concentraram-se, também, na exposição dos instrumentos minhotos.

Envolvidos num clima de autorreflexão crítica, alguns participantes teceram críticas à forma como as pessoas, nomeadamente os mais jovens, desvalorizavam a cultura minhota, apelidando-a, por vezes, de “parola”. Certos participantes admitiram não apreciar esta vertente cultural, mas que, com o decorrer das sessões do projeto, essa visão foi-se modificando. Ressalte-se que, como nem todos os intervenientes eram oriundos de Braga, a elucidação por parte dos participantes e da responsável assumiu relativa importância, contribuindo para a (re)valorização do património cultural da cidade.

Previo-se, nos últimos 20 minutos de sessão, a realização do jogo “Adivinhe quem sou eu”, pretendido pelos participantes desde a última sessão inerente ao “Maio: mês da Família”. O jogo, porém, não foi realizado em virtude da visita a outra parte do museu. Nesta parte, os participantes observaram elementos artísticos tradicionais e divertiram-se a tirar fotografias uns aos outros, incorporando dois figurantes que ali se encontravam. Como a maioria pretendeu o registo fotográfico do momento, este segundo momento ocupou 15 minutos da sessão.

Terminada a sessão, seguimos para um outro local da cidade onde realizamos a sessão seguinte. Durante o percurso, os vários intervenientes mencionaram a importância da visita ao museu, não só pela cultura, como, e essencialmente, pelas recordações de infância que proporcionou. Outros participantes aludiram à relevância do projeto, destacando a gradual união do grupo, os momentos de convívio e as amizades criadas.

Os testemunhos-livres da sessão foram concebidos por cinco participantes, os quais recorreram a diferentes métodos/técnicas. Partindo de um processo de autorreflexão crítica e analítica, três testemunhos-livres foram realizados através do formato áudio, um participante procedeu à realização de uma notícia (composto por fotografias) e, por último, um outro testemunho-livre foi concretizado a partir de um trabalho individual.

d) “O Nogueira da Silva”

Descrição da sessão:

A “O Nogueira da Silva” realizou-se no dia 11 de julho, tendo como local o «Museu Nogueira da Silva». Preparada pelas voluntárias, a sessão teve a duração de 1h, na medida em que se seguiu à “Os trajes tradicionais”. Recorrendo a vários métodos/técnicas, esta sessão destaca-se pelo caráter «difuso» e «social». Estruturada em dois momentos, a “O Nogueira da Silva” teve como objetivos a participação e a partilha ativa de conhecimentos e experiências, assim como o aprofundamento do espírito de grupo.

Na chegada ao Museu fomos convidados a entrar numa sala disposta com quadros artísticos. Iniciado o primeiro momento, disfrutamos de uma visita à casa-museu e ao seu jardim. Considerando a época do museu e o período histórico-político em que Nogueira da Silva vivera, os participantes questionavam e desenvolviam conversas uns com os outros, partilhando saberes e algumas vivências. Compartilhando, desde o início do projeto, o interesse por esta visita, todos os participantes olhavam, pormenorizadamente, para todas as obras artísticas envolventes.

Tendo em conta a grandeza da casa-museu, a visita decorreu em vários compartimentos. Em todos eles os intervenientes partilharam conhecimentos e realizaram registos fotográficos. Observaram, nomeadamente, o mobiliário, os quadros de figuras políticas, cartas escritas e outros detalhes de valor cultural. No entanto, a parte que despertou mais a atenção foi o espetáculo do abrir das cortinas para o jardim, durante o soar da arpa. Num ambiente repleto de sentimento e história, todos os participantes ficaram deslumbrados com o espetáculo.

O segundo momento deu lugar à visita e ao convívio no jardim do museu. Composto por obras esculturais, os participantes deram voltas pelo jardim, enquanto se desenvolvia um ambiente de socialização. Aproveitou-se este espaço para avaliarmos a sessão, em formato audiovisual.

Este momento terminou com um convívio na cafetaria da casa-museu, durante o qual se falou de vários assuntos. Entre outras coisas, os participantes voltaram a referir a festa convívio que desejariam realizar. Dada a rápida adesão do grande grupo à ideia, a Comissão de Festas ficou responsável pela organização e preparação deste convívio, a realizar no final do projeto. O momento que aqui se gerou foi, essencialmente, de confraternização e partilha de experiências.

Os testemunhos-livres, incluídos no Memorando de Aprendizagens, foram realizados por cinco participantes, que recorreram a métodos/técnicas variados. Consoante a partilha de

vivências efetuada durante a sessão, uma participante relatou a sua história de infância, uma vez que vivera na casa que agora é o «Museu Nogueira da Silva».

Estimulando a criatividade e o espírito crítico, uma participante, a partir da pesquisa de um poema, realizou o testemunho-livre através da fotografia a uma flor. Os restantes testemunhos-livres foram concebidos em formato áudio, no jardim do museu.

e) “A Academia Minhota”

Descrição da sessão:

A sessão “A Academia Minhota” teve como local a Universidade do Minho, no dia 18 de julho, sendo a última sessão exclusiva do projeto. Considerando os momentos que abrangeu, a sessão teve como objetivos a participação e a partilha ativa de conhecimentos e experiências, bem como a criação de um espaço de convívio e comunicação intergeracional. A “A Academia Minhota” destacou-se pelo seu caráter «artístico», «lúdico» e «social».

Esta sessão surgiu da vontade coletiva do grande grupo em visitar a Universidade do Minho e, especialmente, em conviver com uma tuna da universidade, a fim de se aprofundarem saberes, não só em torno da cultura das tunas, como acerca dos costumes académicos da universidade. A curiosidade pela tuna deveu-se, essencialmente, ao facto da pertença da estagiária a uma das tunas da universidade. Após os apelos dos participantes, solicitamos a participação de alguns elementos da “Literatuna” na sessão. No dia da realização, acabaram por participar sete elementos da tuna, mais do que aquilo que esperávamos. Note-se que estiveram presentes, nesta sessão, trinta e seis participantes do projeto.

A organização da sessão foi feita por todos os intervenientes do projeto. Contando com o apoio dos jovens da tuna, dividimos a sessão em quatro momentos distintos: “A História”, “A Lenda”, “As Praxes” e “Os Instrumentos de Braga”. Atentando ao interesse dos participantes, a sessão prolongou-se por mais um momento, que deu lugar a uma demonstração musical por parte dos jovens “tunantes”, à exceção da surpresa e do momento final (convívio).

Com encontro marcado para as 14h45, os participantes presentes, enquanto esperavam pelos restantes, resolveram tirar uma fotografia de grupo, solicitando a presença de alguns elementos da tuna, como recordação da vinda à universidade. Às 15h iniciamos a sessão com o primeiro momento – “A História” –, no qual introduzimos a história da Universidade do Minho. Neste momento inicial, os participantes, relembrando saberes, participaram ativamente, oferecendo contributos ao que estava a ser proferido.

Seguidamente à parte introdutória, subimos para junto da estátua de «*Prometeu*». Aqui, iniciamos o segundo momento com a história mitológica da figura e com a lenda académica de «*Prometeu*». Aludiu-se aos complexos pedagógicos e aos cursos académicos, desde o mais antigo ao mais recente. *A posteriori*, a pedido dos participantes, visitou-se a parte inferior da «Biblioteca Geral». Deste espaço seguimos para um outro local.

O terceiro momento – “As Praxes” – começou com a apresentação daqueles que são os mais antigos edifícios (Instituto de Letras e Ciências Humanas e o Complexo Pedagógico I). Ao ar livre, sentados numa escadaria, iniciamos o tema central com a explicação do que são as “tunas”. Por meio de um diálogo participado, os participantes levantaram questões acerca do funcionamento e das praxes da tuna, ao mesmo tempo que solicitavam uma atuação musical. Criado um espaço de reflexão e partilha, dirigimo-nos para um local mais discreto para abriremos o debate.

Reunidos em círculo, começamos com a apresentação do traje da universidade, conferindo destaque para as suas particularidades. Neste contexto, os intervenientes partilharam saberes em torno da relação histórica entre o traje e a cidade de Braga, num ambiente de aprendizagem cooperativa. Sucessivamente deu-se início ao debate em torno das tradições da academia, no qual, aos poucos, surgiu o tema das praxes. À medida que o debate se desenvolvia, os participantes partilhavam vivências e teciam críticas. Assim se desenvolveu um espaço de questionamento e partilha, onde se conjugaram diversas opiniões.

O debate participativo, que ocupou 45 minutos, reuniu ideias dos vários intervenientes da sessão, num ambiente que se pautou pela participação ativa de todos. O convívio intergeracional proporcionou, de tal forma, um espírito entusiasta que os participantes insistiram na atuação. No quarto momento – “Os instrumentos de Braga” –, após a elucidação da história e dos instrumentos típicos da cidade, os elementos da tuna pediram a colaboração de todos para, em conjunto, tocarmos três músicas. Neste momento, que não estava planeado, foi possível observar expressões de felicidade e emoção.

No penúltimo momento da sessão, foi apresentada a surpresa, preparada pelas voluntárias do projeto. A surpresa consistiu na demonstração de um vídeo, que compilou fotografias e vídeos de todas as sessões, desde o início do projeto até à sessão “O Nogueira da Silva”. Este momento pautou-se por um clima de nostalgia e sentimento. Entre alguns sorrisos e lágrimas, os participantes proferiram palavras de alento, agradeceram por todos os momentos proporcionados e suplicaram pela continuidade do projeto.

No final da sessão, os participantes, à exceção daqueles que tinham formação na hora seguinte, reuniram-se num espaço exterior para socializar. Este momento particularizou-se pela partilha de experiências dos tempos de escola e de juventude, entre os jovens “tunantes” e o público-alvo. Com a colaboração de todos, realizou-se um lanche convívio, através do qual se promoveu momentos de confraternização entre os intervenientes.

Tendo em consideração que esta foi a última sessão do projeto, a maioria do público-alvo realizou a avaliação da sessão através da partilha de fotografias e comentários na *página web*. Neste contexto, as voluntárias, além da partilha de fotografias, partilharam frases/poemas acerca da sessão, sobre o que é ser-se voluntário e ofertaram a estagiária com uma declaração.

O testemunho-livre, incluído no Memorando de Aprendizagens, foi efetuado por um participante que, criativamente, procedeu à realização de um poema. Este poema reflete, de uma forma artística, a apreciação crítica, tanto do grande grupo, como da presente sessão.

5.1.10. “O término...”

a) “Dia dos avós”

Realizada no dia 26 de junho, em comemoração do «Dia dos avós», a sessão de encerramento do projeto CC teve lugar no «Museu dos Biscainhos», em Braga. Esta sessão foi organizada pelo BLV, envolvendo a participação de todos os voluntários e participantes das dezanove turmas do projeto, assim como as entidades da CMB e as organizações que colaboraram nas sessões das várias áreas de formação do projeto, nomeadamente no PEAV.

A sessão de encerramento, estruturada em três momentos principais, caracterizou-se pelo seu caráter «lúdico» e «social». Com a duração de cerca de 3h, a “O Dia dos avós” teve como objetivos a criação de um espaço de convívio e comunicação, assim como contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico.

Com encontro marcado para as 14h, os participantes, à medida que iam chegando, eram recebidos pela responsável do BLV, pela estagiária e pelas voluntárias do projeto. Uma vez que muitos dos participantes eram, simultaneamente, voluntários do BLV e/ou participantes das outras áreas do projeto CC, o processo de socialização não foi tarefa difícil. Aquando do encontro inicial, os participantes aproximaram-se dos restantes voluntários/amigos que por lá se encontravam, para conversar e conviver. Compareceram, nesta sessão, vinte e sete participantes do projeto.

Sendo um dos locais mais mencionados pelos participantes, aquando da avaliação

diagnóstica, o «Museu dos Biscaínhos» ofereceu uma visita guiada a todos os participantes do projeto CC. Considerando os saberes prévios, este primeiro momento, que ocupou 40 minutos, teve uma forte adesão por parte dos participantes do projeto PEAV. Paralelamente à visita, decorria no jardim do palácio uma atuação do «Grupo de Cantares do BLV» que ofertava os participantes que preferiram esta opção. Após a visita ao museu, dirigimo-nos para o jardim onde aguardávamos, juntamente com os restantes participantes, pelo segundo momento da sessão.

O segundo momento, que abriu lugar à entrega dos certificados de participação do projeto CC, por parte do Presidente e do Vice-Presidente do Município, teve relevância para todos os participantes. Chamados, à vez, pela responsável do BLV, os participantes, depois da entrega do certificado, fruíram de uma fotografia com os Presidentes do Município. Este momento de alegria e emoção ocupou cerca de 2h, devido ao número de participantes e voluntários do projeto CC. Sempre que algum participante do projeto se levantava para receber o certificado, os restantes puxavam pelas palmas do público.

Em jeito de avaliação contínua e final, aproveitou-se o segundo momento para, num clima autorreflexivo, procedermos à avaliação, oral e crítica, do projeto. Num ambiente de introspeção, os participantes elogiaram o grande grupo, salientando a união, o convívio e as amizades criadas. As sessões do projeto foram, também, elogiadas, tanto pelas aprendizagens que proporcionaram, como pela organização das suas planificações. Por outro lado, alguns participantes demonstraram alguma desorientação, dado que, a partir de então, não tinham como ocupar as quartas-feiras. Note-se que, mais uma vez, os participantes solicitaram a continuidade do projeto, apelando à colaboração dos mesmos intervenientes.

Já próximo do final da sessão, a responsável pelo BLV, a estagiária e as voluntárias do projeto foram presenteadas com um trabalho individual, oferecido por um participante do projeto. A partir da autorreflexão e através da mobilização de conhecimentos, refletindo as aprendizagens mais significativas, o participante alude, por ordem cronológica, a grande parte das sessões do projeto. O trabalho autónomo e individual veio compor o Memorando de Aprendizagens.

5.2. Atividades complementares

Auxiliando o processo de inserção no contexto de estágio, interligando-se com a fase de sensibilização, importa referir um conjunto de atividades, nas quais a estagiária colaborou e

participou, desempenhando funções diversas.¹¹

As atividades complementares permitiram à estagiária a criação de espaços de convívio e partilha, os quais, em conjunto com o público-alvo, possibilitaram o desenvolvimento do trabalho em equipa, concorrendo para o desenvolvimento da EAV.

5.3. Evidenciação e discussão dos resultados obtidos

O trabalho de investigação/intervenção compõe-se por várias fases, exigindo diferentes etapas de avaliação. Para além da avaliação diagnóstica, através da qual se concebeu o plano de sessões, o presente trabalho envolveu métodos/técnicas de avaliação contínua e final.

Com o objetivo de melhorar as práticas, procedendo a alterações do plano de sessões inicialmente definido, criamos três instrumentos de avaliação contínua: o Memorando de Aprendizagens, a *página web* e o diário de bordo. A sua utilização permitiu obter o *feedback* das sessões/atividades, tendo em conta os momentos que os participantes consideraram mais pertinentes, possibilitou averiguar quais as necessidades a colmatar, refletir acerca dos interesses que iam surgindo, como também investigar o processo de integração das voluntárias.

A Tabela 6 ilustra o processo de avaliação realizado ao longo do trabalho. Recorrendo a transcrições do público-alvo, socorremo-nos de notas de rodapé para facilitar a compreensão daquilo que foi feito, uma vez que os instrumentos de avaliação utilizaram diferentes métodos/técnicas. Aquelas que não detêm notas de rodapé dizem respeito a testemunhos de participantes realizados em formato texto.

O Memorando de Aprendizagens envolveu os testemunhos-livres dos participantes. A *página web* foi utilizada pelo grande grupo do projeto, auxiliando a partilha de conhecimentos. O diário de bordo facilitou o processo avaliativo, composto por reflexões dos participantes. A Tabela 6 é complementada pela Tabela 17¹².

A avaliação final, realizada numa última fase do trabalho, foi concretizada através de dois métodos/técnicas de avaliação, o Memorando de Aprendizagens final e o inquérito por questionário.

O Memorando de Aprendizagens final (Tabela 7)¹³, apresenta, de forma ilustrativa, a avaliação realizada pelos participantes e pelas voluntárias e que, recorrendo a transcrições,

¹¹ Veja-se APÊNDICE XI

¹² Veja-se APÊNDICE XII

¹³ Veja-se APÊNDICE XIII: Tabela 18 – “Resultados obtidos do Memorando de Aprendizagens final.”

assim como a partir da realização do “convívio final”¹⁴, torna perceptível o impacto do projeto. No contexto do Memorando de Aprendizagens final, importa referir que as voluntárias procederam à realização de uma reflexão crítica – reflexão crítica final¹⁵ –, enquanto análise avaliativa de todo o processo investigativo/interventivo por elas levado a cabo. Por último, foi solicitado que os participantes do projeto preenchessem um inquérito por questionário, com a finalidade de apurar e analisar, com mais precisão, os resultados.

5.3.1. Resultados obtidos durante a avaliação contínua

¹⁴ Veja-se APÊNDICE XIV

¹⁵ Veja-se no APÊNDICE XV

Resultados obtidos durante a avaliação continua			
Sessões	Memorando de Aprendizagens	Página web	Diário de bordo (estagiária)
“O balneário pré-Romano e a <i>Domus</i> da escola velha da Sé”	“Gostei muito! O balneário já conhecia um pouco, no entanto não sabia o significado. A <i>Domus</i> não conhecia e, tal como a visita anterior, adorei! Adorei o convívio!” ⁱ	“Visita de hoje, ao Balneário Pré-Romano, na CP em Braga e à <i>Domus</i> da antiga escola da Sé.” ⁱⁱ “Olá! Obrigada por este dia fabuloso.” “Eu também gostei mesmo muito e tenho todo o interesse em continuar. Um obrigada a todos.”	“Estou muito emocionada e, ao mesmo tempo, indignada! Eu trabalhei nesta escola muitos anos e não sabia que isto era uma <i>Domus</i> . Aliás, eu nem sabia o que significava <i>Domus</i> !”
“À descoberta de diferentes significados”	“Estou a gostar mesmo muito do convívio. Estava-me a fazer mesmo muita falta porque deixei de trabalhar e, parecendo que não, fiquei como “metida num bloco” e, agora, tenho sentido muita necessidade de vir às sessões, de conviver e aprender. Por muito pouco que se aprenda, há sempre qualquer coisa a acrescentar.” ⁱ	“Para mim, que sou recém-chegado ao País, tem sido um exercício prazeroso, além de didático, conviver e aprender com todos do grupo.”	“Foi tão bom sentarmos e conversarmos nesta tarde de chuva. Só faltava o «chazinho» quentinho e as bolachas maria. Obrigada por todos estes momentos!”
“A vida lúdica na <i>Capital do Conventus Juridicus</i> ”	“Apesar de estar um pouco frio e desconfortável, gostei bastante da atividade. Confesso que não conhecia esta zona [Termas Romanas]. Passei e passo várias vezes por aqui, mas nunca tinha visto como era por dentro. Não sabia a vida era assim na época romana. Também não conhecia o teatro e nem sequer sabia que existia. Adorei!” ⁱ	“Mais conhecimento e mais divertimento com o nosso grupo.” ¹⁶ “«A coisa de maior extensão no mundo é o universo, a mais rápida é o pensamento, a mais sábia é o tempo e mais cara e agradável é realizar a vontade de Deus» (Tales de Mileto).” ¹⁷	“A riqueza de Braga devia ser mais valorizada! Pouco se sabe sobre a história de Braga e sobre a importância que teve para o nosso país. Obrigada por fazerem atividades destas! Não desistam!”

¹⁶ Testemunhos-livres referentes à atividade “As Termas Romanas do Alto da Cidade”.

¹⁷ Testemunhos-livres referentes à atividade “O lúdico e o Romano”.

<p>“Viver a Braga Romana”</p>	<p>“Falamos da <i>Gallecia</i>, de César Augusto e de <i>Bracara Augusta</i>, como se fossem obras divinas. Tal como já li e ouvi “[...] Um verdadeiro Bracaraugustano terá sempre sangue Brácaro a correr nas suas veias, e Augusto berço na sua nasença.””ⁱⁱⁱ</p>	<p>“Não importa a cor do céu. Quem faz o dia bonito é você.”^{iv}</p> <p>“Senador convidado.”^v</p>	<p>“No fim fomos comer um pão-com-chouriço e aproveitamos para conversar sobre aquilo que eles mais gostaram e o que menos os agradou. Como era de esperar, falaram das aprendizagens e, nomeadamente, das amizades e do convívio que se estabelece entre todos!”^{vi}</p>
<p>“A Semana Santa de Braga”</p>	<p>“O que gostei menos?! Eu gostei de tudo! Acho que não devia ser nada alterado. As sessões têm momentos diversos, tanto de aprendizagem como de convívio. Estou a gostar imenso! Eu chego a casa e digo “tu devias era ir às aulas de história, aí é que aprendias muita coisa!”ⁱ</p>	<p>“Adorei o dia de hoje. Obrigada a todos os intervenientes pela partilha dos vossos conhecimentos. Boa noite e um abraço a todos.”</p>	<p>“Estou a gostar muito! É muito gratificante o facto do grupo trabalhar junto, reunindo ideias e conhecimentos, partilhando saberes e histórias. É com a partilha de todos, num ambiente tão agradável, que me sinto feliz!”</p>
<p>“Baile de Primavera”</p>	<p>“Gostei muito de ter participado no baile de primavera porque foi um momento diferente do que tem vindo a acontecer até então. Foi um momento para nos conhecermos melhor, para toda a gente se integrar, extravasar e, essencialmente, partilhar culturas e conhecimentos. Foram momentos de integração muito bacanos, dentro de um ambiente de trabalho.”ⁱ</p>	<p>“Foi mesmo muito bom. Uma tarde bem passada! Aliás, temos tido umas tardes de quartas-feiras ótimas. Grupo fantástico. Obrigada a todos.”ⁱⁱ</p> <p>“Pela vossa amizade e carinho um beijinho de agradecimento. Sem a vossa presença a festa não teria tido o imenso brilho. Vocês são o máximo. Obrigada ao grupo de cantares do BLV e a todos os presentes. [...]”^{vi}</p>	<p>“Adorei a festa! Queremos repetir, mas no Parque da Ponte caso haja tempo para tal!”</p>
<p>“A SÉ”</p>	<p>“Os trabalhos de grupo e a partilha consolidam os conhecimentos. São momentos muito importantes!”¹⁸</p>	<p>“Relógio que marca a hora da morte de Jesus.”^v</p>	<p>“Eu sou Bracarense e nunca tinha visitado as capelas. São muito diferentes daquilo que imaginava. Obrigada por nos proporcionarem todas estas maravilhosas</p>

¹⁸ Testemunhos-livres, realizados em grupo através da construção de *puzzles*, sobre “A valorização e revalorização do património histórico e cultural de Braga”.

			visitas.”
“A Gallecia: «Portugalia»”	“Palestra muito proveitosa e onde nos foi dada a conhecer a nossa verdadeira origem. Somos Galaicos e temos a nossa própria pronúncia. Assim se justifica a nossa parecença com os galelos nos nossos hábitos e costumes” (Grupo: Os Parolos). ⁱⁱⁱ	“Adoro gente rica. Rica de afeto, rica de educação, de gentileza. Gente rica de assuntos, que não deixa a peteca cair. Gente que sacode a gente, puxa a corda, inventa os temas e nos jogam pra cima. Essa gente... ah, essa gente enriquece a gente” (autor desconhecido). ^{iv}	“O momento que gostei mais foi aquele no jardim do museu. Adorei falar com os colegas e, entre outros assuntos, partilhar opiniões sobre a unificação de Portugal e Galiza.”
“Os Suevos e S. Martinho de Dume”	“Em Braga, durante anos, pouco se valorizou a cultura e a história antiga e/ou as origens da cidade. Atualmente nota-se uma maior valorização das origens de Braga e do seu património cultural. Muito nos têm ajudado as respetivas visitas das famosas quartas-feiras.” ¹⁸	“Algumas fotos que testemunham visita a Dume, interessante as impressões digitais do gatinho ou cãozinho nas telhas.” ⁱⁱ ^{iv}	“Não conhecia este espaço. Adorei a visita, mas, sobretudo, o convívio entre todos.”
“A Cidadela e a muralha Fernandina: o que resta do Castelo de Braga”	“Ouvia falar no castelo há muitos anos. Não imagina o que era! Fiquei encantada, é maravilhoso!” ¹⁸	“Obrigada a todos os intervenientes, que fizeram a tarde de ontem maravilhosa. Adorei.”	“Quando era criança passava muito por esta zona e reparava nesta torre. Mas, como os meus pais trabalhavam muito na lavoura, nunca tiveram me explicar o que era. Estou muito contente!”
“A evolução do conceito de família”	“O conceito de família foi-se modificando através dos tempos. Para tal contribuiu o modo de vida da nossa sociedade. A constituição era feita com base no poder económico que, atualmente, substitui-se pelo amor.”	“Família também podemos ser nós «Ser família não é todos morar na mesma casa. É todos morar no mesmo coração.» (Fábio de Melo).” ^{iv}	“Se me perguntarem se concordo com casais monoparentais eu diriam que sim! As pessoas merecem ser felizes e as crianças merecem ser amadas!”
“Comunicação em Família: a influência das TIC”	“As TIC têm vantagens e desvantagens. Desde o seu aparecimento que tive curiosidade em ter um telemóvel e um computador. [...] Hoje em dia, a maior parte das pessoas, tanto jovens como idosos, passam muito tempo no telemóvel por causa das redes sociais. Não acho que o facto de o telemóvel nos permitir isso seja mau. O que eu acho é que a maioria das pessoas não se sabe controlar. [...]”		“Eu aprendo muitas coisas na Internet. Foi através do <i>youtube</i> que aprofundi o meu Inglês, com os ensinamentos de um professor brasileiro.”

<p>“O brincar em Família: “como, porquê e para quê?”</p>	<p>“«A vida com a brincadeira é muito mais fácil» (Marcos Piangers).”¹⁹</p>	<p>“É isso mesmo. Temos mais é que levar a vida a brincar, sempre que nos seja possível.”</p>	<p>“Não conhecia nada destes jogos. São muito didáticos e divertidos para fazer com a família, com amigos e até em contexto de trabalho. Quero repetir para perceber melhor.”</p>
<p>“Os Azulejos do Pópulo”</p>	<p>[...] Sendo este grupo bastante heterogéneo uma vez que, quanto mais o tempo passa, mais diferentes as pessoas se tornam, pois, cada pessoa é diferente, dada a sua trajetória de vida. É com diferentes olhares que observamos cada pormenor. Foi visível o entusiasmo de alguns a quem a vida retirou a escola cedo do seu caminho. Nota-se, também, o entusiasmo daqueles a quem a “escola da vida” ensinou muito, visível através da vontade aprender, levando à pesquisa de mais conhecimento. É visível o olhar atento de pequenos pormenores, um olhar crítico e até discordante dos historiadores.</p> <p>Estes tipos de atividades são muito pertinentes pois promovem convívio, retiram as pessoas da solidão e permitem que cada pessoa olhe para Braga com “olhos de ver”. [...] Faz renascer certos conceitos já adormecidos. Retira do fundo do «baú» certos conceitos [...] já esquecidos. [...] devemos-nos manter ativos e produtivos.”</p>	<p>“Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende” (Leonardo da Vinci).^{iv}</p>	<p>“No meu entender, devemos respeitar todas as pessoas, pois, todos nós, temos histórias diferentes. Somos seres distintos na forma como, também, olhamos o que está à nossa volta. Devemo-nos respeitar e retirar de cada um o melhor que conseguirmos.”</p>
<p>“O Recolhimento das Convertidas, o</p>	<p>“Fiquei por momentos emocionada com a minha imaginação percorrendo os corredores desta casa. Quantos rostos terão sido lavados com lágrimas, quantos olhares tristes da sua janela para o pátio, quantos</p>	<p>“De Fevereiro a... De Pitágoras (570ac) a 2018 Do pré Romano à Contemporaneidade Da fotografia ao filme</p>	<p>“Como sabem, eu organizei esta sessão com o apoio das nossas voluntárias, da estagiária, assim como com o apoio do meu amigo Leonardo. Gostei muito de ter sido o</p>

¹⁹ Testemunho-livre, através de uma frase, retirado da *página web*.

<p>Convento da Penha e a Basílica dos Congregados”</p>	<p>sonhos ficaram por realizar? Quantas mães choraram a sorte das suas filhas, ou ficaram felizes por sabe-las aí protegidas?”²⁰</p>	<p>Da indiferença à presença Do desinteresse ao interesse crítico Da presença discreta à participação ativa Da simples observação à análise consciente Do olhar à valorização Da dúvida à reflexão crítica e conhecimento Do medo à autonomia. Assim tem sido, o tempo que nos junta, com horas curtas e muito para aprender. Assim tem sido, com alegria, amizade, respeito, vontade de continuar e certezas...muitas... E a saudade... Somos nós, juntos ou separados, mas, cada vez mais completos, mais seguros. Por, porque os objetivos do projeto foram atingidos, passo a passo.”^{vi}</p>	<p>responsável por esta sessão, pois considero importante a valorização do nosso património, tendo em conta a riqueza da nossa história. Espero que tenham gostado!”</p>
<p>“O Palácio do Raio”</p>	<p>“[...] A solidariedade é fazer cada vez mais e melhor ao serviço dos mais carenciados e fragilizados. É de relembrar aqueles que nos precederam, caminhando no espírito das «14 Obras de Misericórdia», cuja prática alicerçou o passado, constrói o presente e projeta o futuro.”</p>	<p>“Neste Palácio fiz radiografias e análises. Entrava-se pela Farmácia do Hospital de S. Marcos, hoje hotel.”</p>	<p>“Gostei muito da sessão, por tudo aquilo que vi e que me foi esclarecido. Achei importante, ainda, a presença do Senhor Vice-Presidente, tendo em conta a breve elucidação acerca da próxima. Para quem não conhece o espaço, a reunião foi esclarecedora.”</p>

²⁰ Excertos de testemunhos-livres sobre “O Recolhimento das Convertidas”.

<p>“As Sete Fontes”</p>	<p>“Foi uma visita fantástica. [...] Uma vez vim visitar este sítio há 20 anos. Ouvia falar nas sete fontes e um senhor trouxe-me cá. Fiquei radiante! Por outro lado, fiquei triste porque estavam todas fechadas e eu não consegui ver. Fiquei curiosa e a pensar “quando é conseguirei ver as sete fontes?” e tive de esperar 20 anos. Foi hoje dia em que realizei esse meu sonho!”ⁱ</p> <p>“Eu sou um apaixonado pelas Sete Fontes. Nasci, cresci e vivo perto das Sete Fontes. Sempre que tenho conhecimento de uma visita, raramente falho.”²¹</p>	<p>“É com enorme prazer que faço parte deste alegre e maravilhoso grupo. Sinto-me em família, obrigado.”</p> <p>“Em resumo da atividade de hoje: foi um dia repleto de bons momentos. [...] Boa caminhada e muitos conhecimentos. [...] Agora só falta vermos nascer, naquele belo. [...]”</p>	<p>“Sinto-me muito bem neste grupo. As sessões têm sido ótimas, tanto ao nível do conhecimento como ao nível do convívio entre todos. No entanto, acho que as sessões podiam ser mais longas.”</p> <p>“Vamos todos fazer com que este projeto continue e que se criem mais sessões destas! Estamos a pensar convívio final nas «Sete Fontes»! Este espaço é de aproveitar e nós queremos começar já!”</p>
<p>“O Bom Jesus de Braga”</p>	<p>“Funicular do Bom Jesus do Monte (Braga): No encanto da nossa cidade existe um funicular do Bom Jesus, ele liga a parte mais alta da localidade e ao santuário nos conduz.</p> <p>Com os meus 73 anos de idade andei neste admirável funicular movido a água, quanto originalidade e tanta história tem para contar.</p> <p>Fascinada é como me sinto com todo o seu funcionamento e entusiasmada fico com tanto conhecimento.”^{viii}</p>	<p>“Amizade não é uma coisa grande. São milhares de coisas pequenas.”^{iv}</p> <p>“No Bom Jesus do Monte, grupo mais divertido e interessado que quer viver aprendendo e aprender vivendo.”^v</p> <p>“Quarta-feira... Vida ativa e história do Bom Jesus do Monte.”^v</p>	<p>“Estou a gostar muito de saber e aprender. Apesar da idade, a aprendizagem é constante. Eu dizia que conhecia bem o Bom Jesus, mas afinal não era bem conhecer. Agora posso dizer que sei um pouco mais.”</p>

²¹ Testemunho-livre de um participante, através de imagens alusivas à primeira visita que fez ao local.

<p>“Oficina de Artes: «Um olhar sobre as janelas de Braga»”</p>	<p>^{ix}</p>	<p>“Fazer da vida uma caminhada saudável.” ^{iv}</p>	<p>“Há muito tempo que não desenhava nem pintava. Eu, que sou da área, adorei a atividade.”</p>
<p>“Dia Mundial da Dança: Do Salão à Discoteca”</p>	<p>“[...] elogia o projeto em que está envolvido que permite ter atividades, todas as quartas-feiras, mas saúda a tarde passada ontem na discoteca pelo ambiente e animação diferentes” (Costa, 2018, p.5).²²</p>	<p>“Ontem a tarde foi de música e dança, de trabalho e alegria, de confraternização e igualdade.” ^{vi}</p>	<p>“É muito divertido e gratificante conviver com todas estas pessoas. Não é o primeiro ano que cá estou, mas desta vez gostei mais pelo facto de estar com o grupo do projeto!”</p>
<p>“Os trajes tradicionais”</p>	<p>“Visita guiada a 11 de julho de 2018, “História de Braga e Filosofia para a Vida”: [...] o museu do traje já faz parte do roteiro turístico da cidade, mas pouco conhecido pelos Bracarense e não só. Eu, pessoalmente, visitei-o em pessoa, pela primeira vez, e gostei muito da visita.”²³</p>	<p>“Resumo das visitas de hoje, do nosso admirável grupo, com tão boas recordações e que está prestes a terminar os nossos encontros semanais. Espero que estes laços não se percam.” ^v</p>	<p>“A visita ao museu deteve muito significado para mim. Isto porque eu pertenço a um grupo folclórico e, na minha opinião, a cultura minhota é muito desvalorizada e, de certa forma, renegada [...]”</p>
<p>“O Nogueira da Silva”</p>	<p>“«A vida é como um jardim, apresenta-nos diversidade: «Flores são flores, vivas num jardim. Pessoas são boas, já nascem assim. Flores são flores, colhidas sem dó, por alguém que ama e não quer ficar só» (Cazuza)” .²⁴</p>	<p>“Depois de todos estes comentários, nem tenho palavras para descrever todos os bons momentos que passamos juntos. Para além dos novos conhecimentos, descobrimos uma nova família!”</p>	<p>“A parte que mais gostei, além do espetáculo da abertura das cortinas, foi, essencialmente, do convívio final. Adoro este grupo! Aqui sinto-me bem!”</p>

²² Testemunho-livre através de uma entrevista a um jornal do concelho.

²³ Testemunho-livre de um formando através de uma notícia.

²⁴ Testemunho-livre através da escolha de uma imagem/fotografia, acompanha por um poema.

<p>“A academia minhota”</p>	<p>“Uma turma de melhor idade que se reúne semanalmente, faz do apreço, a amizade e o respeito mais presente. Todos a partilhar conhecimento, a dividir muita emoção, transformaram um simples momento em euforia para o coração.</p> <p>Dos mestres absorvemos sabedoria para empregarmos no dia-a-dia seja qual for o nosso caminho.</p> <p>Ao final, muita música e poesia, nos oferta a Mariana e companhia na bela Universidade do Minho.”^{viii}</p>	<p>“Para a Mariana por ser: Meiga Amável Risonha Íntegra Aventureira Necessária Adorável.”^{vi}</p> <p>“Os voluntários não são pagos por não terem valor, mas sim porque não têm preço(B.P.)”.^{iv}</p>	<p>“Adorei a tarde de hoje! Alguma vez, nos tempos de escola, os alunos ficavam para lá da hora prevista do término das aulas?! Nunca! No meu tempo queríamos era brincar e saltar a corda, sem a repressão dos professores. Isto, sim, é viver e aprender!”</p> <p>“Vou ter muitas saudades vossas! Não sei o que vai ser de mim sem estas quartas-feiras.”</p>
<p>“Dia dos Avós”</p>	<p>“Era um grupo muito unido Que às Quartas reunia Sempre alegre e divertido E toda a gente sorria. No início, com apreensão E lá foram pouco a pouco, Passados os dias, já não Já andava tudo louco. Veio abril, depois maio, Cada Vez era melhor, Em julho no Alecrim, Com muita tristeza pra mim, Para monitoras e Mariana Rolim, Muitas lágrimas.... Foi o fim!”^{viii}</p>	<p>“Gostei muito de ter participado neste grupo. Espero que nos voltemos a encontramos.”</p> <p>“Já enchemos um autocarro. Um dia vamos encher um comboio.”</p> <p>“Faltaram muitos. [...] outros que por motivos vários não estiveram presentes. Se todos estivessem, seriam á volta de 40. Lindo, não? A vida tem que ser vivida com alegria e sabedoria.”^v</p>	<p>“Este grupo tem de continuar, mas com a mesma equipa. Vocês conseguiram, sobretudo, nos proporcionar momentos de convívio. Num grupo de tantas pessoas isso é quase impossível. Nós todos, enquanto grupo, provamos essa possibilidade.”</p> <p>“Considero este projeto de elevada qualidade. A minha classificação prende-se, essencialmente, aos conhecimentos e às aprendizagens realizadas, como também à organização das sessões. As sessões estavam muito bem preparadas e organizadas, onde foi possível, muitas vezes, acedermos a conhecimentos difíceis de encontrar. Desejo o maior sucesso!”</p>

Tabela 6 – Resultados obtidos durante a avaliação contínua

5.3.2. Resultados obtidos do Memorando de Aprendizagens final

Memorando de Aprendizagens final	
Público-alvo do projeto: participantes	“Isto foi, no fundo, um pouco daquilo que fomos conhecendo ao longo destes seis meses. Foi também uma fonte de contacto com outras pessoas, aqui se fizeram algumas amizades, apesar do pouco tempo semanal que tínhamos, pois uma ou duas horas não dava para muito mais. Vivemos momentos agradáveis e, quer queiramos quer não, adquirimos alguns (bastantes) conhecimentos culturais. Esperemos que no futuro nos proporcionem mais iniciativas destas, para manter as pessoas em atividade” (trabalho autónomo e individual, 26/07/2018).
Público-alvo do plano: Voluntárias	“Minhas amigas e meus amigos. fechada a porta, de luz apagada, é com muito orgulho que considero os objetivos, a quem os propusemos, cumpridos. [...]. Juntos aprendemos coisas, relembramos outras, encontramos soluções, vivemos momentos divertidos e criamos laços. Os laços unem gerações, tornam-nos mais fortes e mais capazes. Desejo que continuem como mostraram ser [...] mulheres e homens capazes de superar momentos menos bons e de valorizar o que de melhor a vida nos dá, saúde, paz, alegria e boa disposição” (página web, 26/07/2018). Reflexão crítica final.
Grande grupo	Realização de um convívio – “convívio final” –. Criação de uma nova <i>página web</i> , independente da insituição.

Tabela 7 – Resultados obtidos do Memorando de Aprendizagens final

¹ Testemunhos-livres, por parte dos participantes, através do registo audiovisual.

² Testemunhos-livres, por parte dos participantes do projeto, através de fotografias.

³ Excertos testemunho-livre de um participante, retirado de um trabalho autónomo e individual.

⁴ Testemunhos-livres, por parte das voluntárias, através da partilha de frases/poemas.

⁵ Testemunhos-livres, por parte das voluntárias, através da partilha de fotografias.

⁶ Testemunhos-livres, por parte das voluntárias.

⁷ Testemunhos-livres através de trabalhos de grupo.

⁸ Testemunhos-livres, por parte dos participantes do projeto, através da realização e partilha de poemas.

⁹ Testemunhos-livres realizadas através de desenhos e pinturas.

5.3.3. Resultados obtidos do inquérito por questionário final

Embora os procedimentos utilizados no decorrer do projeto mereçam destaque na avaliação dos resultados, a avaliação final aparece como imprescindível na medida em que nos permite avaliar todo o trabalho. O inquérito por questionário final, dirigido ao público-alvo do projeto, foi respondido por uma amostra de vinte participantes, os quais demonstraram interesse em preencher o inquérito. A primeira parte do inquérito por questionário centrou-se no projeto CC. A segunda parte focou-se no PEAV.

De modo a facilitar a análise reflexiva dos resultados, criamos quadros que tornam explícitas algumas das respostas, das quais selecionamos entre uma a duas afirmações. Note-se, também, a importância das restantes respostas, apresentadas em tabelas no apêndice XIX.

À questão 2 – “Considera que a formação/formações foi/foram ao encontro das suas expectativas?” – (Gráfico 14), a maioria dos participantes respondeu que “sim”, à exceção de dois que responderam “umas sim, outras não” e de um participante que respondeu “mais ou menos”. Aqueles que frequentaram apenas o PEAV referiram que este superou as expectativas, como é possível verificar na Tabela 8 e na Tabela 19.

No que concerne aos pontos positivos do projeto CC, explícitos nas respostas à questão 3 – “O que retira de mais importante da formação/formações?” – (Gráfico 15), sete participantes aludiram ao conhecimento e ao convívio. Mencionado por cinco participantes, a equipa de coordenação também se destaca enquanto aspeto positivo.

Como pontos negativos, considerando a questão 4 – “O que gostou menos e o que gostaria que fosse alterado?” – (Gráfico 16), quinze participantes responderam que gostaram de tudo no geral e que, por isso, não alterariam nada. Três participantes aludiram, no entanto, ao limite de tempo das sessões do projeto.

Atentando à pertinência do desenvolvimento de projetos que se inscrevam no ideal de EAV, consideramos relevante reunir opiniões no que respeita à importância deste tipo de trabalhos para a qualidade de vida das pessoas. Assim, à questão 5 – “Na sua opinião, considera que este tipo de projetos contribui para a qualidade de vida?” –, todos os participantes responderam que sim. A Tabela 9 ilustra uma das respostas que justificam a afirmação.

À questão 6 – “Que áreas de interesse e conhecimento gostaria de ter acesso?” – (Gráfico 17), a maior parte referiu a “História de Braga e Filosofia para a Vida”, seguindo-se da área de história de Braga e/ou de áreas que proporcionassem visitas e conhecimentos de história. Destaque para um participante que mencionou as áreas do “desenho” e da

“eletrotécnia” e um outro que indicou o “cinema, teatro e música” como áreas de interesse.

Concernente ao PEAV, à questão 1 – “De um modo geral, gostou de frequentar o projeto?” – todos os participantes responderam “sim”. Complementando a resposta, os participantes destacaram a utilidade do projeto para o aprofundamento de conhecimentos e aprendizagens, para o convívio e partilha, apelando à continuação do projeto.

À questão 2 – “Considera que o projeto foi ao encontro dos seus interesses e necessidades?” – todos os participantes responderam “sim”, afirmando que o projeto proporcionou novos interesses nomeadamente no que respeita à vontade de aprender. À questão 3 – “O que retira de mais importante do projeto?” –, os participantes mencionaram vários fatores que contribuíram para a pertinência do projeto, explícitos na Tabela 10 e Tabela 21.

Referente aos pontos negativos do projeto (questão 4) – “Na sua opinião, o que correu menos bem?” – (Gráfico 18), quatorze participantes responderam que não havia nada a apontar. Cinco participantes indicaram, contudo, a escassez/limite de tempo das sessões.

À questão 5 – “Qual a sessão/atividade que mais lhe agradou?” – (Gráfico 19), cinco participantes responderam “As Sete Fontes”, três participantes mencionaram “O Bom Jesus de Braga” e dois referiram “O Convento das Convertidas, o Convento da Penha e a Basílica dos Congregados”. No que respeita à questão 6 – “Qual a sessão/atividade de que menos gostou?” – (Gráfico 20), cinco participantes referiram duas sessões inerentes ao “Mês da Família” (“A evolução do conceito de Família” e a “Comunicação em Família: influência das TIC”) justificando que, embora pertinentes, as sessões não foram suficientemente desenvolvidas.

Na questão 7 optámos por pedir aos participantes para que, numa escala de 1 a 5, classificassem cada uma das vinte e três sessões do projeto. Conferimos destaque àquelas que mais se sobressaíram, tendo em conta a frequência de vezes que a classificação “5” se repete. Neste sentido, é também indispensável mencionar aquelas que obtiveram menor classificação. Embora de cariz quantitativo, esta classificação possibilita uma avaliação geral de cada sessão/atividade.

Nos Gráficos 21, 22 e 23 estão apresentadas as três sessões que obtiveram melhor classificação. De dezoito participantes, dezassete classificaram com “5” a sessão “As Sete Fontes”. De seguida, segue-se a sessão “O Recolhimento das Convertidas, o Convento da Penha e a Basílica dos Congregados”, avaliada com “5” por dezasseis. Identicamente prossegue a sessão “O balneário pré-romano e a *Domus* da escola velha da sé”, classificada com “5” por

dezasseis, todavia notada com “4” por quatro participantes. Qualificada com “5” por dezasseis, com “4” por três e com “3” por um participante, seguiu-se a sessão “O Bom Jesus de Braga”.

Podemos, também, identificar as sessões que obtiveram pior classificação. Aquelas que se sobressaem são as sessões notadas, por um maior número de participantes, com “3”, assim como as sessões qualificadas com “5” por um menor número de participantes. Através dos Gráficos 24 e 25, as sessões que obtiveram menor classificação foram a “Comunicação em Família: a influência das TIC” e a “A evolução do conceito de Família”.

No que respeita à avaliação qualitativa do projeto (questão 8), dezasseis participantes qualificaram-no como “excelente”, “de alta qualidade” e “muito positivo”, e quatro participantes classificaram-nos como “bom”, como é perceptível no Gráfico 27. Para uma melhor perceção, criou-se a Tabela 11, ilustrativa das respostas que são apresentadas na Tabela 22 (apêndice XVI).

Relativamente à questão 9 – “Deixe sugestões e/ou comentários, caso assim pretenda” –, conseguimos obter dez respostas, as quais consideramos relevantes para a possível continuidade do projeto. Na Tabela 12 e Tabela 23, é possível analisarmos as sugestões e os comentários referidos pelos participantes.

Respostas à questão 2: “Considera que a formação/formações foi/foram ao encontro das suas expectativas?”	
Resposta	Justificação
“Sim”	“Ultrapassou as expectativas. Foi muito benéfico e gratificante, ao nível do enriquecimento pessoal e criação de laços de amizade com todos os elementos do grupo.”
“Mais ou menos”	“O projeto foi fantástico, aprendi bastante. A formação de “Inglês” tornou-se um pouco difícil, pois as sessões eram muito curtas. Quanto à formação de “TIC”, também posso dizer o mesmo.”

Tabela 8 – “Considera que o projeto/formações foi/foram ao encontro das suas expectativas?”

Respostas à questão 5: “Na sua opinião, considera que este tipo de projetos contribui para a qualidade de vida?”	
Respostas	Justificações
“Sim”	“Principalmente para ajudar a combater o isolamento e a solidão que afetam a população mais sénior. Porque nos fez sair de casa, conviver mais, aprender coisas novas, fazer visitas a sítios onde a gente nunca tinha ido, ficando com a vontade de lá voltar.”

Tabela 9 – “Na sua opinião, considera que este tipo de formações contribui para a qualidade de vida?”

Respostas à questão 3 “O que retira de mais importante do projeto?”

“A amizade, o convívio e a boa disposição de todos os elementos da turma (maravilhosa).”

Tabela 10 – “O que retira de mais importante do projeto?”

Respostas à questão 8: “Classifique qualitativamente o projeto.”	
“Bom”	“Daria muito bom, mas como não há coisas perfeitas, ou perfeitamente perfeitas, dou a classificação de bom.”
“Muito positivo/ excelente/ de alta qualidade”	“Classifico como muito positivo: gostei muito de ter participado no projeto, gostei dos voluntários e de todas as pessoas envolvidas no projeto. Acho que foi muito enriquecedor, desde os convívios, à participação de todo o grupo que foi sempre chamado a intervir.”

Tabela 11 – “Classifique qualitativamente o projeto”

Resposta à questão 9: **“Deixe sugestões e/ou comentários, caso assim pretenda”.**

“Que continuem com o projeto, bem como com mais formações assim. São sempre uma mais valia para a terceira idade, fazem falta. Um bem-haja a quem dedica um pouco do seu tempo ajudando os outros. Um muito obrigado a todos.”

Tabela 12 – “Deixe sugestões e/ou comentários, caso assim pretenda”

5.3.4. Discussão e reflexão em torno dos resultados obtidos

Com base na leitura e análise dos resultados, anteriormente apresentados, poder-se-á partir para uma reflexão crítica que aborde, essencialmente, a importância dos resultados em consonância com as finalidades, os objetivos e as correntes teóricas exploradas.

O PEAV, no que respeita às sessões/atividades, torna evidente a EAV, ressuscitando o seu verdadeiro conceito. Os participantes, enquanto seres singulares, permaneceram no centro das sessões/atividades, promovendo a valorização de conhecimentos, indo ao encontro dos seus interesses/necessidades, enquanto agentes da própria educação. A cidadania ativa e a animação sociocultural, alicerces da EAIC, estão presentes no conjunto do plano de sessões. Através dos seus objetivos e resultados, as sessões/atividades resultaram na (re)criação de cidadãos críticos, ativos e solidários que, colaborativamente, conseguiram agir sobre as diversas situações imprevisíveis.

O PV, concernentemente às sessões/atividades, aborda a EAV, o voluntariado e a cidadania ativa. O trabalho desenvolvido pelas voluntárias veio apelar para a relevância de projetos/programas que concorram, simultaneamente, para a construção de projetos pessoais comuns, envolvendo diferentes públicos. Tendo como base o ideal de EAV, as sessões/atividades proporcionaram, num ambiente de solidariedade e interajuda, a transformação qualitativa do público-alvo assente no valor da cidadania ativa.

Respeitando ao projeto “V.E.R + Rede de Voluntariado: Um Projeto de Intervenção na

Comunidade”, o trabalho desenvolvido vem melhorar a componente reflexiva (individual e em grupo), bem como promover uma maior autonomia e participação ativa, cívica e cultural. Os participantes conseguiram, gradualmente, formular críticas e opiniões, bem como desenvolver sessões/atividades, autónoma e deliberadamente. Envolvidos num processo constante de autorreflexão, o público-alvo “abriu portas” ao desenvolvimento de novos projetos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito de projetos educativos, a reflexão crítica dos resultados e a implicação dos mesmos são componentes relevantes quando se desenvolve um trabalho com a comunidade. Neste contexto, importa analisar o impacto do estágio a vários níveis, pessoal e institucional e ao nível do conhecimento da área de especialização. A EAIC, enquanto área em expansão, merece uma atenção redobrada por parte daqueles que contribuem para o seu crescimento.

6.1. Análise crítica dos resultados e implicação dos mesmos

O “O Voluntariado no século XXI: um Projeto de Educação ao Longo da Vida” vem contribuir para a valorização e expansão da área da educação, conferindo destaque para projetos de EAIC. O trabalho realizado, que se dividiu em dois contextos paralelos, vem alargar o campo de intervenção no que respeita à realidade em que se inscreve, ao público-alvo, aos temas da intervenção e aos métodos/técnicas utilizados no decorrer do processo.

Num mundo marcado pelo avanço tecnológico, pela revolução digital e pela globalização do conhecimento e informação, o século XXI veio exigir dos indivíduos a constante adaptação às exigências que a sociedade impõe. O presente trabalho vai ao encontro das necessidades pessoais e sociais, através da criação de espaços onde as pessoas se puderam desenvolver e realizar enquanto seres autónomos e críticos. Apelando à valorização do ideal de educação permanente, no seio da EAV, o “O Voluntariado no Século XXI: um Projeto de Educação ao Longo da Vida” afigura-se diversificado e distinto dos habituais projetos no campo da EAIC.

O trabalho realizado recorreu ao estudo de áreas do conhecimento optando pela utilização de instrumentos distintos daqueles que são empregues noutros contextos. Diante de algumas investigações, é possível encontrarmos a “história” e a “filosofia” agregadas a métodos escolarizados, numa feição mais tradicionalista. Por outro lado, aparecem projetos que abordam o envelhecimento ativo e a EAIC que não vão muito além do público mais desfavorecido e/ou mais velho, nomeadamente a nível nacional. Não descorando a importância de tais trabalhos, uma vez que ofereceram bases ao presente trabalho, o “O Voluntariado no século XXI: um

Projeto de Educação ao Longo da Vida” envolveu um público variado, diante de diferentes necessidades/interesses, considerando especificidades, valorizando cada pessoa enquanto ser único e singular.

Conjugando a história, a filosofia e a EAV, o presente trabalho veio enriquecer a área da EAIC. Partindo de sessões/atividades que seguiram uma lógica histórico-temporal, percorrendo a história da humanidade, desde a idade da pedra à contemporaneidade, foi possível a criação de ambientes favoráveis ao desenvolvimento holístico do público-alvo.

Perante a leitura crítica dos resultados, podemos destacar os pontos fortes de todo o trabalho realizado. O projeto proporcionou uma maior autonomia e o desenvolvimento de sujeitos mais críticos e solidários. O espírito de grupo, criado a partir dos momentos de convívio e de aprendizagem colaborativa foi, também, um dos pontos mais fortes do trabalho. Envolvendo o grande grupo, os momentos de comunicação e interajuda ofereceram as bases necessárias ao desenvolvimento do trabalho. A criação de um bom ambiente de grupo possibilitou aos participantes a partilha ativa de vivências, saberes e experiências, a participação ativa e crítica em todas as sessões/atividades, através de trabalhos/debates em grupo, afigurando-se como uma das principais razões do apelo ao prosseguimento do projeto.

Neste processo, foi às voluntárias que se deveu a criação inicial de momentos de partilha e convívio, tanto presencialmente, como a partir do grupo do *Facebook*. Em todas as sessões/atividades, as voluntárias, olhando aos interesses/necessidades de todos, propunham, após cada sessão, a continuação do trabalho num outro espaço, criando momentos propícios à construção de novas amizades. Em muito contribuíram as voluntárias para que o projeto ultrapassasse as expectativas, cuja integração foi imediata, perceptível a partir da criação de ações e através das permanentes tomadas de decisão, contribuindo, simultaneamente, para a ocupação qualitativa do seu tempo-livre.

Daintes dos problemas despoletados pela pós-modernidade, entre eles o desemprego, o individualismo, a entrada tardia na reforma, a exclusão social e a crescente desvalorização e degradação ambiental e cultural, as pessoas têm vindo a sentir a necessidade de encontrar meios onde se possam desenvolver e sentir parte de um grupo/comunidade que, agregando interesses comuns, proporcionem o crescimento da qualidade de vida e a transformação de realidades. A educação, cada vez mais voltada para os interesses económicos, reduzindo-se à transmissão acrítica de conhecimentos, vem exigir dos profissionais de educação a superação de situações indesejadas e a reestruturação do verdadeiro conceito de educação. Neste sentido,

importa estabelecer um paralelo entre o trabalho desenvolvido com aqueles que são os quatro pilares da educação, definidos no Relatório de Delors (1996), conferindo qualidade a todo o trabalho.

O trabalho realizado, ao longo destes meses, resultou na criação de um grupo que, a partir da aprendizagem cooperativa entre a estagiária, voluntárias e participantes (aprender a viver com os outros), desenvolveu um conjunto de práticas enriquecedoras que permitiram a valorização de potencialidades, oferecendo a todos experiências significativas, com base nos vários momentos do projeto (aprender a conhecer). Na procura constante do “aprender a aprender”, os intervenientes tomaram consciência das suas capacidades, concluindo que a educação é um processo que se estende ao longo da vida e que a idade de nada é impedimento.

Num processo permanente de autorreflexão crítica, exigindo a adaptação às necessidades/interesses que iam surgindo, os participantes tornaram-se capazes de dirigir o seu próprio processo educativo, tanto através da formulação de opiniões acerca dos assuntos abordados e sobre os momentos das sessões/atividades, como, e essencialmente, a partir da organização autónoma de ações, apresentando soluções às questões que iam surgindo (aprender a fazer). Apesar das limitações do trabalho, o projeto terminou com a participação de trinta e oito participantes, com idades variadas. A verdade é que, na opinião crítica e fundamentada do grande grupo, o trabalho contribui, largamente, para a melhoria da qualidade de vida de todos, envolvendo todas as dimensões do ser humano (aprender a ser).

Conjugando contextos e realidades dissemelhantes, o trabalho veio apelar para a relevância de projetos/programas diferenciados, que abordem temas de interesse para o público, que utilizem métodos/técnicas impulsionadores da participação crítica, cívica e cultural. Classificado, na sua maioria, como um projeto de alta qualidade/excelência, todos os participantes solicitaram a sua continuação. Já terminado o projeto, a pedido do público-alvo, foi criado um outro grupo na plataforma *Facebook*, com o intuito do grande grupo continuar a concretizar festas/eventos, independentemente da instituição.

6.2. Evidenciação do impacto do estágio: i) a nível pessoal; ii) a nível institucional; iii) a nível de conhecimento na área de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

i) O contexto de estágio teve um forte impacto a nível pessoal. De modo a refletir criticamente em torno dos fatores que contribuíram para a sua pertinência, menciono um conjunto de competências sociais/afetivas, competências de organização e competências

técnicas, desenvolvidas e aprofundadas durante o processo de estágio.

Iniciado o processo investigativo/interventivo, através das reuniões com as voluntárias do projeto, o trabalho exigiu a reestruturação do plano de sessões que, embora não definitivo, sofreu alterações. O trabalho colaborativo desenvolvido a partir de então proporcionou, essencialmente, o crescimento da capacidade de trabalhar em equipa, compreendendo um público diferente daquele com quem era costume trabalhar. Concernente a este trabalho com as voluntárias, desenvolvi um processo constante de observação, atentando às particularidades, às necessidades, potencialidades e interesses de cada voluntária, por meio da partilha de conhecimentos, histórias e vivências. O espírito de interajuda entre a estagiária e as voluntárias foi um dos pontos fortes do trabalho. Sem a integração das voluntárias no trabalho, o projeto nunca teria alcançado esta dimensão.

O trabalho também não seria possível sem o envolvimento dos participantes do projeto, que colaboraram, ativamente, na sua estruturação. Desde o início que o trabalho foi desenvolvido com os participantes, através da criação de espaços pautados pela partilha de saberes e experiências. O vasto número de participantes e o crescimento das intervenções vieram exigir o aprofundamento das capacidades de observação e escuta. Considerando cada pessoa como um ser singular, portador de uma história de vida, tornei-me capaz de ir ao encontro de cada sujeito, (re)descobrimo capacidades de afabilidade e interajuda.

Inicialmente, senti-me receosa relativamente ao modo como abordar os participantes. Todavia, a receptividade e amabilidade deste público constituiu-se como o “pontapé de saída” para a construção de um ambiente agradável, onde todos os intervenientes puderam expor as suas opiniões, sendo que, rapidamente, o receio deu lugar a momentos de diálogo e convívio. O despoletar do espírito humanitário contribuiu para o desenvolvimento de um grupo no qual os participantes se sentiram parte ativa do mesmo, partilhando, muitas vezes, histórias e vivências de cariz mais emocional, reveladoras de determinadas fragilidades.

O trabalho desencadeou o crescer de capacidades organizativas e técnicas. Efetuando uma incessante avaliação crítica do meu trabalho, sinto que me poderia ter envolvido mais na instituição. A gestão de tempo foi um dos pontos fracos, pois o projeto exigiu uma atenção redobrada sobre o público-alvo, tendo em conta o número de pessoas envolvidas, como também a permanente pesquisa sobre os temas/locais das sessões. A par disso, a capacidade de autorreflexão crítica e analítica foi uma das principais aptidões conseguidas durante o trabalho investigativo/interventivo, que contribuiu para a melhoria das sessões/atividades, pois permitiu a

tomada de consciência de necessidades que foram aparecendo e possibilitou ir ao encontro de interesses vários.

A capacidade organizativa, perceptível através da estruturação do plano de sessões, foi um dos pontos fortes, evidenciado, também, pelos participantes do projeto. A autonomia e o sentido de responsabilidade foram outras das capacidades que, em muitos casos, eram incógnitas. A intensa investigação de espaços históricos onde se poderiam desenvolver as sessões, a pesquisa de temas e a interligação com a animação sociocultural e a EAV, em apenas 2h semanais, revelaram um conjunto de aptidões pertinentes, como a polivalência, a ambição, o dinamismo e, essencialmente, a vontade de aprender. O interesse pelas várias áreas conferiu a vontade de “aprender a aprender” na busca permanente de experiências e saberes junto do público-alvo.

Nem sempre o processo de estágio foi tarefa fácil. Perante as adversidades que se foram assomando, principalmente a nível institucional, a capacidade crítica perante o “eu” e o “outro” possibilitaram a compreensão de situações que, no entanto, me afetaram emocional e profissionalmente. No seio de circunstâncias desfavoráveis, cresceram as amizades dentro do grande grupo que, independentemente das idades, me permitem afirmar que, hoje, tenho um novo grupo de amigos, com os quais desenvolvo múltiplas aptidões.

ii) Ao nível institucional, o ponto de destaque prendeu-se com o caráter complexo e abrangente do trabalho, respeitante à forte adesão por parte dos participantes, às áreas que abarcou, à forma como foi dinamizado e ao trabalho de equipa desenvolvido.

Este projeto constituiu-se como um “projeto teste”, que poderia surtir bons ou maus resultados. Apesar das limitações, os resultados foram excelentes ou, como nas palavras de alguns participantes, “projeto com muita qualidade”. Um projeto que começou do zero, exigindo pesquisas de raiz, englobou áreas nunca antes trabalhadas, reunindo o interesse de um vasto público. Sendo áreas que, normalmente, são abordadas em contexto escolar ou em formações para adultos recorrendo a lógicas escolarizadas, o trabalho utilizou formas dinâmicas, orientadas para o público adulto, socorrendo-se de instrumentos de animação sociocultural.

Apesar dos inúmeros apelos para a sua continuação, o projeto não prosseguirá. Todo o trabalho construído resume-se, agora, a um legado deixado à instituição, reunindo planificações de sessões/atividades, pesquisas bibliográficas e o Memorando de Aprendizagens.

iii) Para uma análise crítica mais concisa do impacto do estágio, ao nível de conhecimento na área de especialização, ela poder-se-á estruturar em três eixos principais: a

crescente valorização da concetualização da educação enquanto processo que se estende durante toda a vida; o reconhecimento de diferentes áreas enquanto componentes da EAV; e, por último, a importância da componente reflexiva para o desenvolvimento holístico do ser humano.

O estágio requereu, primeiramente, a exploração de correntes teóricas, base para o desenvolvimento do trabalho e, por seu turno, para o conhecimento da área de especialização. Conceitos como a Educação ao Longo da Vida, a Educação de Adultos e a Intervenção Comunitária carecem de investigações e reflexões, nomeadamente a nível nacional. O “O Voluntariado no século XXI: um Projeto de Educação ao Longo da Vida” relembra pressupostos educativos que emergem para a (re)construção da educação, entre eles as CONFINTEAS, a Recomendação de Educação de Adultos (1976) e o Relatório “*Learning to be*” (Faure et al., 1972), nos quais vai aparecendo o ideário de educação enquanto processo que envolve diversas formas, contextos, áreas e expressões, na lógica da EAV.

Recordando pensadores como Ivan Illich e Freinet, o trabalho apresentado pretendeu dar continuidade aos seus ideais, colocando em prática ações promotoras do desenvolvimento integral das pessoas, (re)aprendendo capacidades úteis para enfrentar e agir sobre as sociedades. A educação, à qual se exige a solução para os problemas que vão surgindo, precisa de restabelecer o seu verdadeiro ideal, que é o de ser ampla e complexa, ou, resumidamente, ser verdadeiramente educativa.

A complexidade que caracteriza a área de especialização torna-a capaz de abranger, não só todas as áreas e contextos, como também todos os públicos (crianças, jovens, adultos e idosos). Aqui não se assomam, apenas, as áreas do conhecimento (história e a filosofia); importa frisar a pertinência atual da animação sociocultural, da educação para a cidadania e do voluntariado enquanto âmbitos que carecem de valor por parte das principais políticas atuais. O presente trabalho para além de tratar estes conceitos, também, através de reflexões, os aproxima da área de especialização.

A Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, enquanto componente da EAV, visa a qualidade de vida de todas as pessoas, a vários níveis (pessoal, social, cultural e emancipatório). O trabalho apresentado testemunha a possibilidade da (re)construção integral de diferentes sujeitos, perante especificidades e singularidades. O projeto e o plano, a partir do estudo de assuntos vários que, aparentemente, não parecem ter qualquer vínculo com a área de especialização, põem em prática o verdadeiro ideário de EAV.

Se já abordamos o indeterminável valor da EAV e as áreas e contextos que abrange, resta agora reconhecer a pertinência da componente reflexiva, tanto para o desenvolvimento de todo o trabalho, como para o desenvolvimento holístico do ser humano. Para que o trabalho surtisse qualidade, o projeto envolveu, do início ao fim, um processo de autorreflexão crítica e fundamentada, realizada por todos os intervenientes.

Os métodos/técnicas de investigação/intervenção vieram enriquecer o trabalho, contribuindo para a evolução do conhecimento na área de especialização. À semelhança da diversidade do público e da particularidade das áreas do conhecimento, o trabalho recorreu a uma panóplia de métodos/técnicas de animação sociocultural, entre eles os debates participativos, as visitas a locais, os eventos/convívios e passeios. A criação dos métodos/técnicas de caráter mais «formativo», no que respeita, por exemplo, aos debates participativos e ao Memorando de Aprendizagens, constituíram-se como os principais instrumentos de desenvolvimento integral do público-alvo, tanto a nível pessoal, como a nível comunitário, social, cultural e emancipatório.

Apelando a uma maior autonomia, assim como à participação crítica, cívica e cultural, o trabalho envolveu a constante reflexão e tomada de consciência em torno de diferentes assuntos. Recordando a natureza do Memorando de Aprendizagens, processo avaliativo criado de raiz, os participantes refletiram acerca de diversas questões, foram capazes de estabelecer relações (exemplos: entre objetos e as próprias vivências), assim como de formular opiniões e críticas em torno de situações várias. Entre outros assuntos, conseguiram, autónoma e deliberadamente, partir para um processo permanente de autorreflexão crítica, consciencializando-se dos principais problemas (sociais, culturais, entre outros), apresentando soluções.

Os grandes desafios deste trabalho consistiram, essencialmente, na permanente atenção ao vasto público-alvo (participantes e voluntárias), nas respostas aos interesses/necessidades que iam aparecendo, assim como na compilação de um conjunto de instrumentos que, em apenas 2h semanais, não poderiam fugir das áreas centrais. Uma formação que se limitaria a 1h semanal deu lugar a um trabalho verdadeiramente educativo, opondo-se às atuais lógicas de formação/aprendizagem. Em suma, o trabalho ultrapassou as expectativas do grande grupo que, a partir da cooperação e aprendizagem mútua das quarenta e duas pessoas, concorreu para o desenvolvimento holístico dos seres humanos.

7. BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

Afonso, R. (2014). Voluntariado e sistematologia depressiva na velhice: um estudo realizado com pessoas idosas residentes na Covilhã. *Revista de Psicologia*, 1 (2), 123-132. Consultado a 26 de abril de 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Asus/Downloads/Voluntariado_e_sintomatologia_depressiva_na_velhic.pdf.

Albarelo, L. (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa. Gradiva

Allen, K., Galiano, M. & Hayes, S. (2011). *Empresas globais e o trabalho voluntário no mundo: Relatório Final do Projeto de Pesquisa sobre Voluntariado Empresarial Global*. São Paulo: IAVE. Consultado a 23 de janeiro de 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Asus/Desktop/Estágio/Fundamentação%20teórica/Empresas-Globais-e-o-Voluntariado-no-mundo_ReportGCVC_port.pdf.

Alvarado, L. & García, M. (2008). Características más relevantes del paradigma socio-crítico: su aplicación en investigaciones de educación ambiental y de enseñanza de las ciencias realizadas en el Doctorado de Educación del Instituto Pedagógico de Caracas. *Revista Universitaria de Investigación*, 9 (2), 187-202. Consultado a 3 de dezembro de 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=41011837011>.

Ander-Egg, E. (1990). *Metodología e Práctica de lá animación socio-cultural*. (1ª ed.). Madrid: CCS.

Ander-Egg, E. (2000). *Metodologia y práctica de la animación sociocultural*. (17ª ed.). Madrid: Editorial CCS.

Antunes, M.C. (2001). *Teoria e Prática Pedagógica*. Lisboa: Instituto Piaget.

Antunes, C. (2007). Educação Formal e Não Formal no Contexto da Educação ao Longo da Vida. *Educare-educere*, 20, 13-23. Consultado a 7 de abril de 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/50743>.

Arnal, J., Rincon D. & Latorre, A. (1992). *Investigacion Educativa, Fundamentos y Metodologia*. (1ª ed.). Barcelona: Ediciones Experiencia.

Assembleia da República (1998). Lei nº 71/98 de 3 de novembro. *Diário da República*, Série I-A, nº 254 de 3 de novembro de 1998, 5694-5696. Consultado a 20 de novembro de 2017. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/lei/71/1998/11/03/p/dre/pt/html>.

Balcazar, F. E. (2003). Investigación acción participativa (iap): Aspectos conceptuales y dificultades de implementación. *Fundamentos en humanidades*, 59-77. Consultado a 5 de novembro de 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1272956>.

- Bandeira, M. (2016). *Braga, aes Laureate civitatem*. Braga.
- Barbalet, J. M. (1989). *A cidadania*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Barbosa, M. (2006). *Educação e Cidadania: Renovação da Pedagogia*. Braga: Labirinto.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boyd, B. L. (2003). Identifying competencies for volunteer administrators for the coming decade: A national Delphi study. *Journal of Agricultural Education*, 44 (4), 47-56. Consultado a 29 de abril de 2018. Disponível em: <http://citeserx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.556.121&rep=rep1&type=pdf>.
- Boyd, B. L. (2004). Extension agents as administrators of volunteers: Competencies needed for the future. *Journal of Extension*, 42 (2). Consultado a 29 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.joe.org/joe/2004april/a4.php>.
- Brand, J.P. (1992). *Direção e gestão de Projetos*. Lisboa: Lidel.
- Brewis, G., Hill, M., & Stevens, D. (2010). *Valuing volunteer management skills*. London: Institute for Volunteering Research.
- Canário, R. (2000). *Educação de Adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carneiro, M., Bandeira, M. & Ferreira, R. (s.d.). *Era uma vez uma cidade: Textos interpretativos dos painéis*. Braga.
- Carrasco, J.G. (coord.). (1997). *Educación de Adultos*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Carvalho, A. & Sampaio, M. (2017). Volunteer management beyond prescribed best practice: a case study of Portuguese nonprofits. *Personel Review*, 46 (2), 1- 20. Consultado a 29 de abril de 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/54677>.
- Correia, M. C. B. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar enfermagem*, 3 (2), 30-36. Consultado a: Consultado 8 de novembro de 2017. Disponível em: http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf.

- Costa, T. M. (2018). Do Salão à Discoteca. *Jornal Correio do Minho*, 10714, 4-5.
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. (2ª ed.). Coimbra: Edições Almedina.
- Delors, J. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Brasília: UNESCO.
- Erasmie, T. (1983). *Introdução ao trabalho de investigação e desenvolvimento em educação de adultos*. Braga: Unidade de Educação de Adultos, Universidade do Minho.
- Eisner, D., Grimm Jr., R.T., Maynard, S. & Washburn, S. (2009). The New Volunteer Workforce. *Stanford Social Innovation Review*, 32-37. Consultado a 21 de janeiro de 2018. Disponível em: https://ssir.org/articles/entry/the_new_volunteer_workforce.
- Esteves, A. J. (1986). A Investigação-Ação. In A.S. Silva & J. M. Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, 251-278. Porto: Edições Afrontamento.
- Fagundes, H. S. (2006). O Voluntariado, a solidariedade e as políticas sociais. *Revista Virtual Textos & Contextos*, 6, 1-19. Consultado a 22 de janeiro de 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Asus/Desktop/Estágio/Fundamentação%20teórica/VOLUNTARIADO/voluntariado,%20sociedade%20e%20políticas%20sociais.pdf>.
- Fals-Borda, O., & Rahman, M. A. (1991). *Action and Knowledge: breaking the monopoly with participatory action research*. London: Apex Press.
- Faure, E., et al. (1972). *Aprender a ser*. Madrid: Alianza.
- Feio, A. (1984). *Coisas Memoráveis de Braga*. Braga: Universidade do Minho.
- Ferreira, R. (2013). Mais velho que a Sé de Braga. *Diário do Minho*, 8-9.
- França, L. H., & Stepansky, D. W. (2005). Educação permanente para trabalhadores idosos - o retorno à rede social. *Boletim Técnico do SENAC*, 31 (2), 47-55. Consultada a 27 de abril de 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000131&pid=S1414989320090004000700014&lng=pt.
- Freire, P. (1975). *Pedagogia do Oprimido*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Garrafo, V. & Selli, L. (2006). Solidariedade crítica e voluntariado orgânico: outra possibilidade de intervenção societária. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 12 (2), 239-251. Consultado a 15 de abril de 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13n2/02.pdf>.

Godotti, M. (s.d.). *Escola cidadã: educação para e pela cidadania*. São Paulo: Instituto Paulo Freire.

Guerra, I. C. (2002). *Fundamentos e processos de Uma Sociologia de Ação. O planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia.

Guerra, J.M.R. (2009). La construcción de la IAP: Una exploración en la obra del autor. *Análisis Político*, 22 (67), 224-234. Consultado a 10 de novembro de 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-47052009000300011&lang=pt.

International board of directors of IAVE (2001). The Universal Declaration on Volunteering. *16th World Volunteer Conference* (pp. 1-2). Amsterdam: IAVE. Consultado a 23 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.iave.org/advocacy/the-universal-declaration-on-volunteering/>.

International Association for Volunteer Effort (2016). *Plan de Acción Estratégica 2016-2020*. IAVE. Consultado a 23 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.iave.org/aboutiave/strategic-direction/>.

Ilich, I. (1985). *Sociedade sem escolas*. (7ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Lima, L. C. (2007). Entre as lógicas da educação popular e da gestão de recursos humanos. In *Educação ao Longo da Vida. Entre a Mão Direita e a Mão Esquerda de Miró* (pp. 13-36). São Paulo: Cortez.

Lima, L. C. (2012). *Aprender para ganhar, conhecer para competir*. São Paulo: Cortez.

Lima, L. C. (2016). A EJA no contexto de uma educação permanente ou ao longo da vida: mais humanos e livres, ou apenas mais competitivos e úteis? In *CONFINTEA Brasil + 6* (pp.15-24). Brasília: UNESCO.

Lima, V. C. B. (2014). *V.E.R + Rede de Voluntariado: Um Projeto de Intervenção na Comunidade*. Relatório de estágio, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Ludke, M. & André, M. E. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Marchioni, M. (1999). *Comunidad, Participación y Desarrollo: Teoría y metodología de la intervención comunitária*. Madrid: Editorial Popular, S.A.

Martins, M. J. & Mogarro, M.J. (2010). A Educação para a Cidadania no século XXI. *Revista Iberoamericana de Educación*, 53, 185-202. Consultado a 18 de abril de 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/12314>.

Melo, A. (2010). Educação-Formação de Adultos: caminhos passados e horizontes possíveis. / *Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos* (pp. 40-45). João Pessoa: Paraíba.

Nota Pastoral da Conferência Episcopal (2011). *Voluntariado e a nova Consciência Social*. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa. Consultado a 20 de novembro de 2017. Disponível em: <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/voluntariado-e-nova-consciencia-social/>

OMS (2005). *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Mundial de Saúde.

ONU (1948). *Declaração Universal dos Direitos do Homem*. EUA: Assembleia das Nações Unidas. Consultado a 19 de abril de 2018. Disponível em: <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

Pereira, M. (2016). Apaixone-se pelas Sete Fontes. *Jornal Correio do Minho*. Consultado a 2 de abril de 2018. Disponível em: https://correiodominho.pt/cronicas/apaixone-se-pelas-sete-fontes/7361?fbclid=IwAR3ld9Jn7VMQzBwDpdyHYbs_nFHvGZJc_SrMYRZYCTZ-DVJBgUvCUOZKXwl.

PNUD (2016). *Informe sobre Desarrollo Humano 2016: Desarrollo humano para todas las personas*. Estados Unidos: Communications Development Incorporated. Consultado a 19 de novembro de 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Asus/Desktop/Estágio/Fundamentação%20teórica/hdr_2016_report_spanish_web.pdf.

Presidência do Conselho de Ministros (2010). Resolução do Conselho de Ministros nº 62/2010 de 25 de agosto. *Diário da República*, Série I, Nº 165/2010, 25 de agosto de 2010, 3616-3698. Consultado a 20 de novembro de 2017. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/resolconsmin/62/2010/08/25/p/dre/pt/html>.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Randolph, Alan W. & Posner, Barry Z. (1992). *Planeamento e gestão de projectos*. (1.ª ed.). Lisboa: Editorial presença.

Ribeiro Dias, J. (1979). *Educação de Adultos: Educação permanente e Evolução do conceito de educação*. Braga: Universidade do Minho.

Santos, L.N., Castro Jr., A. N., & Menezes, C. S. (2010). MOrFEu: Criando Ambientes Virtuais Flexíveis na Web para Mediar a Colaboração. In J. Sánchez (Coord.). *Congreso Iberoamericano de Informática Educativa* (pp 114-121), Santiago de Chile. Consultado a 3 de abril de 2018.

Disponível

em:

<http://estudosdirigidos20151.pbworks.com/w/file/fetch/93911882/MORFEU%20CRIANDO%20AMBIENTES%20VIRTUAIS%20FLEX%C3%8DVEIS%20NA.pdf>

Sardinha, B. B. (2011). Voluntariado na economia moderna: um recurso em valorização. *A Revista da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*, 75 (293), 6-22. Consultado a 14 de novembro de 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Asus/Desktop/Estágio/Fundamentação%20teórica/hospitalidade.pdf>.

Selener, D. (1997). *Participatory action research and social change*. (1st ed.). New York: Cornell University.

Serrano, G. P. (2004). Metodologias de investigação em animação sociocultural. In J. Trilla (org.), *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos* (pp.101-119). Lisboa: Instituto Piaget.

Simões, A. (2016). *A nova velhice – um novo público a educar*. Porto: Ambar.

Stiefel, B. M. (2002). *Educación para la ciudadanía: Un enfoque basado en el desarrollo de competencias transversales*. Madrid: Narcea Ediciones.

Úcar, X., et al. (2009). *Miradas y Diálogos en Torno a la Acción Comunitária*. Barcelona: GRÀO.

UNESCO (1977). Recomendação sobre o Desenvolvimento da Educação de Adultos. *Quarta Conferência Internacional da UNESCO sobre a Educação de Adultos*. Braga: Universidade do Minho/Unidade de Educação de Adultos.

UNESCO (1999). Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro. *Conferência Internacional da Educação de Adultos* (pp. 1-68). Brasília: Unesco. Consultado a 2 de maio de 2018. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf>.

UNESCO (2010). *Relatório Global sobre a Aprendizagem e Educação de Adultos*. Brasília: UNESCO.

UNESCO (2015a). Recommendation on Adult Learning and Education. *38th Session of the UNESCO General Conference* (pp.1-15). Paris: UNESCO. Consultado a 30 de abril de 2018. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002451/245179e.pdf>

UNESCO (2015b). Educação 2030: Declaração de Incheon e Marco de Ação. Rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos. *Forúm Mundial da Educação* (pp. 1-85). Incheon: UNESCO. Consultado a 30 de abril de 2018. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002456/245656por.pdf>.

UNESCO (2016). *Terceiro relatório sobre a Aprendizagem e Educação de Adultos*. Alemanha: UNESCO Institute for Lifelong Learning. Consultado a 30 de abril de 2018. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002470/247056por.pdf>.

UNESCO (2017). *CONFINTEA MID-TERM REVIEW*. Germany: UNESCO Institute for Lifelong Learning. Consultado a 30 de abril de 2018. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0026/002607/260720E.pdf>.

Vallicrosa, J. C. (2004). Técnicas de intervenção na aaminação sociocultural. In J.Trilla (org.), *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos* (pp.171-188). Lisboa: Instituto Piaget.

Werthein, J. & Cunha, C. (2000). *Fundamentos da Nova Educação*. Brasília: UNESCO.

Webgrafia:

<https://www.cm-braga.pt/pt/0101/participar/voluntariado/banco-local-de-voluntariado>.

Consultado a 20 de outubro de 2017.

8. APÊNDICES

APÊNDICE I – Projetos BLV e projetos de organizações parceiras

2.6. Projetos BLV – Braga e Organizações parceiras

Projetos da instituição	Organizações parceiras				
Alfabetização de Adultos	Cáritas Arquidiocesana de Braga	Associação Justiça para Todos	Associação Famílias	Ass. Social Cultural e Recreativa de Santa Maria de Braga	Junta de Freguesia de Nogueira
Atelier de Pintura	Câmara Municipal de Braga	Oikos	Colégio de Nossa Senhora das Graças	Pais em Rede	Danças Circulares
Atelier de Cozinha	Associação Humanitária Habitat	Junta de Freguesia de S. Vitor	Gabinete de Atendimento e Acampamento Social do Colégio S. Caetano	ACARE	Grupo Típico Arco Íris
Atelier de Crochet e Bordados	ATLAS – Cooperativa Cultural	Centro Social e Paroquial de Sobreposta	Agrupamento de Escolas Mosteiro e Cávado	ADRA – Associação Adventista para o Desenvolvimento, Recursos e Assistência	Companhia de Música de Braga
Atelier de Artes Plásticas	Delegação de Braga da ACAPO	Balão de Ideias	Fundação Portuguesa de Cardiologia – Delegação do Norte	AIT – Associação Internacional de Temperança	TINBRA
Café Memória	QUERCUS	Junta de Freguesia da Sé	Cerci Braga	SYNERGIA – Centro Jovem	Casa do Areal
Arraial dos Santos Populares	APPACDM	Associação Cultural e Recreativa de Cabreiros	Centro de Respostas Integradas de Apoio à Sida	Junta de Freguesia de Tibães	GIS – Irmãs Hospitalares – Gabinete Integrado de Serviços
Campos de	ASCREDNO –	Associação	Centro Social	Ass. Festas S.	Steps for

Férias	Associação Social, Cultural, Recreativa e Desportiva de Nogueiró	Vicentina da Paróquia de S. Vicente	da Paróquia de S. Lázaro	João	Change
Grupo de Cantares	Centro Social Paroquial de Esporões	Voluntariado do Hospital de Braga	CRIAS	Centro de Emergência Social – João Paulo II	Associação Solidariedade e Social, Cultural e Recreativa – Maxiseçi
Semear para Comer	Fundação Stela e Oswaldo Bonfim	Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra	Templo de Umbanda Pai Oxalá	Centro de Convívio Senior de Real	Serviço de Apoio Domiciliário da Cruz Vermelha Portuguesa – SAD
SerFeliz	Patronato Nossa Senhora da Torre	Motoclube de Braga	Associação Portuguesa de Deficientes	CIDADE CURIOSA – Associação	Associação Momentos Catitas
Voluntariado de Proximidade	Instituto Monsenhor Airosa	Missão Mágica	Centro Social e Cultural de Ferreiros	Junta de Freguesia de Gualtar	Associação de Solidariedade e Social Jardim de Infância 31 de Janeiro
Dia dos Avós	Associação de S. José	Junta de Freguesia de S. Vicente	Ass. Cultural de S. Pedro de Merelim – Clube de Infância	Operação Nariz Vermelho	AFS Intercultura Braga
Dia Europeu dos Vizinhos	Centro Social e Paroquial de Mire de Tibães	Centro Cultural e Social de Santo Adrião	Europacolon Portugal – Ass. De Luta contra o Colon	Secção de Desporto Adaptado do Sporting Club de Braga	Escola Alberto Sampaio
Dia Internacional do Idoso	4º Tempo – Movimento Cultural	Associação Juvenil “A Bogalha”	Liga Portuguesa contra o Cancro – Gabinete Psico-oncologia	Espaço Sénior Celeirós, Aveleda e Vimieiro	Associação Metropole Talentosa
Do Salão à	Casa de	Junta de	ACOFA –	APN –	Azilo S. José

Discoteca	Saúde do Bom Jesus	Freguesia de Lamas	Associação Cultural	Associação Portuguesa de Doentes Neuromusculares	
Festa das Colheitas	Centro D. João Novais de e Sousa	Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação	Rarissimas – Ass. Nacional Def. Mentais e Raras	A.B.R.A. – Associação Bracarense Amigos dos Animais	Vida Norte
Enxoval de Bebê	Lions Club de Braga	CPCI	Centro Social da Paróquia S. Vitor	Lar Residencial Casa do Professor	Café Memória
Enxoval no Hospital	Patronato de S. Pedro – Maximinos	Junta de Freguesia de Palmeira	Grupo Saude 8	Centro de Solidariedade Social Social de Valdosende – Arca de Noé	Ajuda aos Refugiados JRS
Boccia Sénior	Colégio de S. Caetano	Associação de Reformados e Idosos de S. Tiago de Esporões	Fatores Saude	Associação Adollescere – Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente	“O Salto” – Associação de Apoio à Saúde Mental
(Aju)dança	UNICEF	Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Braga	Angels Formula	Associação Cultural e Recreativa de Dume	Sociedade Portuguesa de Esclerose Múltipla
Proteção Animal	Domus Fraternitas	Agrupamento Vertical de Escolas André Soares	ADOC – Associação de Ocupação Constante	Associação Filhos do Coração	ATIP – Amigos da Terceira Idade (Palmeira)
Campanhas de Recolha de Alimento	Civitas	Corporação Fabriqueira Paroquial de Maximinos	Gabinete de Apoio Social e Familiar – Maximinos, Sé e Cividade	Lar Conde de Agrolongo	Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Braga
CoraçãoAki	União de Mulheres Alternativas e Reposta	Associação de Solidariedade e Social de S.Tiago	AIESEC	Mimo Girassol – Associação para o desenvolvimento educativo	Centro Social da Paróquia de Adaúfe

Dia Internacional do Voluntário	Centro e Formação da Associação de Escola Braga Sul	Ideia + CLDS	Pastoral Universitária de Braga	Teatro da Didascália no âmbito do Festival Internacional Vaudeville Rendez-Vous	Animaclub – Animação e Inovação Social
Campanhas de Recolha de Alimento	Centro Social da Paróquia de Gualtar	Freguesia de Celeirós	Associação Desportiva Recreativa Cultural Inter da Boavista	Junta de Freguesia de S. Lázaro	Cooperativa Sempre a Crescer – CRL
“Ciclo do Conhecimento”	Centro de Solidariedade de Braga – Projeto Homem	AIA – Associação para a Integração e Apoio Autista	Espaço Convívio dos Bombeiros Demissionários	Protocolo RSI Colégio S. Caetano	Centro Social e Paroquial de Aveleda

Tabela 13 – Projetos BLV e Organizações Parceiras

APÊNDICE II – Inquérito por questionário inicial ao público-alvo do projeto



Mestrado em Educação: área de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Inquérito por questionário inicial ao público-alvo do projeto

O presente inquérito por questionário surge no âmbito do Mestrado em Educação: área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Dirigido ao público-alvo do “Projeto de Educação ao Longo da Vida”, este inquérito tem como principal objetivo apurar as necessidades e interesses para, deste modo, se conceber o plano de sessões.

Assegura-se toda a sua confidencialidade.

I. Informação geral

1. Nome:

2. Idade:

3. Contacto telefónico:

E-mail:

4. Sexo: Feminino Masculino

5. Estado civil:

Solteiro/a Casado/a Divorciado/a Viúvo/a

Outro:

6. Habilitações literárias:

7. Situação profissional:

No ativo Aposentado Desempregado Estudante

7.1. Qual é, ou qual foi, a sua profissão?

8. Qual o seu agregado familiar:

II. Projeto “Ciclo do Conhecimento”

a. Informação geral

1. Há quanto tempo frequenta as sessões de formação do projeto?
2. Qual formação/quais formações que já frequentou?
3. Atualmente, qual a formação/quais as formação que frequenta?
4. Quais as principais razões que o/a levou a frequentar a formação/as formações do projeto?

Ocupação do tempo-livre

Enriquecimento e interesse próprio

Necessidade de aprendizagem

Necessidade de comunicação e convívio

Outro:

5. Caso não seja o seu primeiro ano, qual a atividade/quais as atividades que mais gostou de realizar no âmbito das formações deste projeto?

5.1.0 que retira de mais importante da formação/formações?

6. Quais as suas expectativas para este ano, considerando as formações em que está matriculado/a? (O que espera?)

b. “Projeto de Educação ao Longo da Vida”

1. O que o/a motivou a inscrever-se na projeto?

Comunicação e convívio Valorização pessoal Interesse pela história da cidade Necessidade de aprofundar conhecimentos

Partilha de histórias e conhecimentos

Outro:

2. Durante as várias sessões, o que gostaria que fosse mais abordado e aprofundado? (exemplo: monumentos históricos/ histórias e costumes antigos/ notícias acerca da cidade/ Braga na pré-história/ Braga romana/ Braga medieval/ o São João de Braga, etc.)

3. Estaria disponível para partilhar com os restantes colegas, através de uma apresentação, conhecimentos e/ou experiências?

4. Quais os assuntos/temas que desejaria tratar, individualmente ou em grupo, numa ou mais sessões? (para apresentar nas sessões ou fora das mesmas)

5. Através de que métodos de ação gostaria que as sessões fossem realizadas?

Víditas a locais Registo audiovisual Vídeos/filmes Música/dança

Debates em grupo Exposição teórica Trabalho e pesquisa em grupo

Trabalho e pesquisa individual Testemunhos históricos Trabalhos

manuais

Outro:

6. Por questões organizativas de trabalho:

6.1. Tem conta facebook? Se sim, indique o seu nickname.

(Criar-se-á um grupo na rede facebook com a finalidade de partilha de trabalhos.)

6.2. Tem computador pessoal? Sim Não

7. Se assim pretender, deixe algum comentário e/ou proposta.

Autoriza a partilha de fotografias que, durante as sessões, lhe possam ser tiradas?

Sim Não

Obrigada pela participação!

Mariana Rolim.



APÊNDICE III – Guião da entrevista

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Mestrado em Educação: área de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Guião de entrevista

O presente guião surge no âmbito do Mestrado em Educação: área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Dirigido às voluntárias do Projeto de Educação ao Longo da Vida, este guião tem como principal objetivo apurar as algumas das suas necessidades e interesses para, em conjunto, se conceber o plano de sessões.

Asseguro toda a sua confidencialidade.

III. Identificação

Nome:

1. Idade:
2. Sexo:
3. Estado civil:

4. Habilitações literárias:

5. Profissão que desempenhou:

6. Agregado familiar:

7. Atualmente, com quem vive?

IV. Ocupação do tempo-livre - voluntariado

1. Como ocupa o seu tempo-livre?
 - 1.1.0 que mais gosta de fazer no seu tempo-livre?

2. Tem interesse por trabalho voluntário?
3. Já fez ou faz voluntariado?
 - 3.1. Em que organização/organizações realiza ou já realizou?
 - 3.1.1. Com que público-alvo?
 - 3.1.2. Com que público-alvo mais gostou de trabalhar?
4. Na sua opinião, as ações de voluntariado são importantes? Justifique.

V. Projeto de Educação ao Longo da Vida

7. O que a motivou a inscrever-se, como voluntária, no projeto?
8. De que forma gostaria que o projeto fosse desenvolvido?
 - 8.1. Quais os métodos/técnicas que considera mais adequados?
 - 8.2. Quais os temas/locais que considera mais interessantes?

FIM.

APÊNDICE III – Tratamento de dados decorrentes do Inquérito por Questionário

Caraterização do público-alvo do projeto

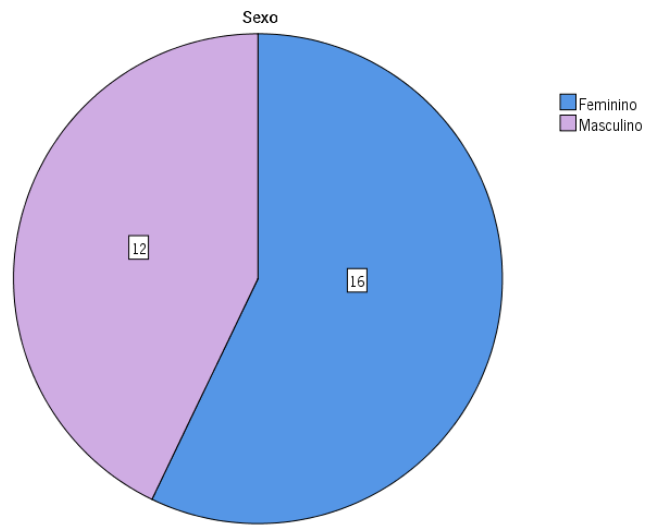


Gráfico 1 – Sexo

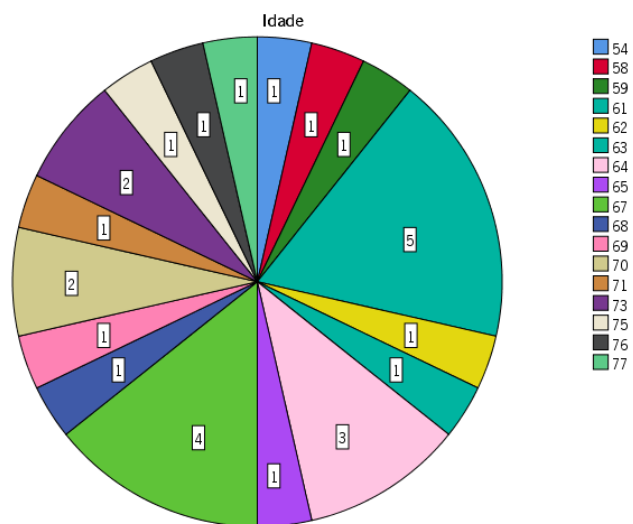


Gráfico 2 – Idade

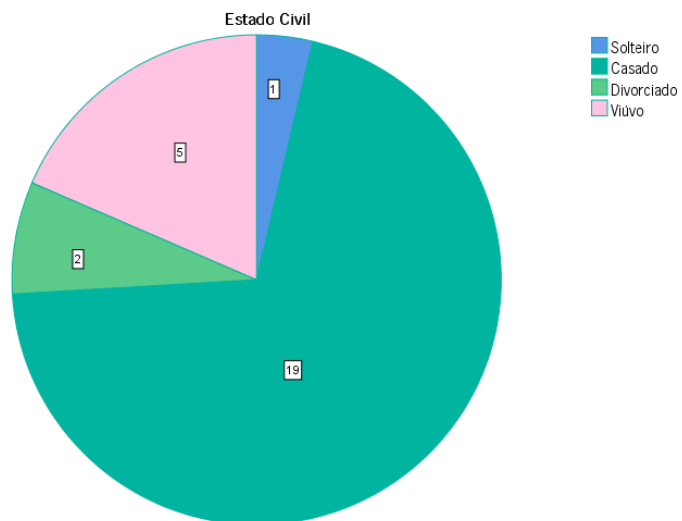


Gráfico 3 – Estado civil

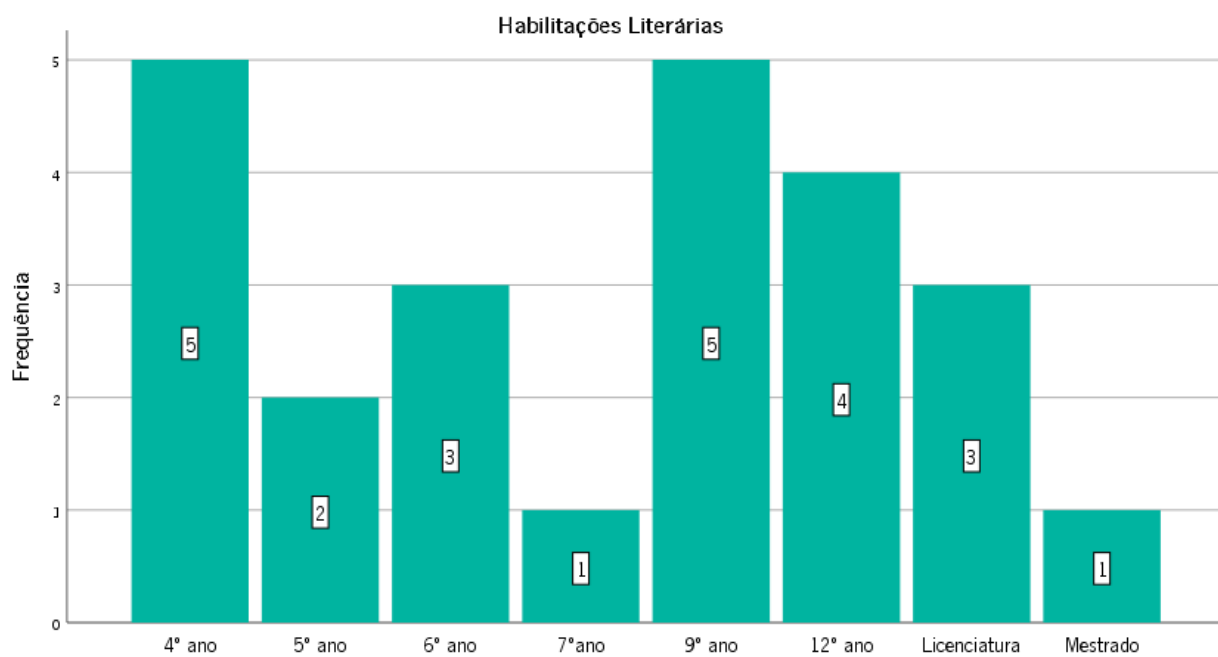


Gráfico 4 – Habilitações literárias

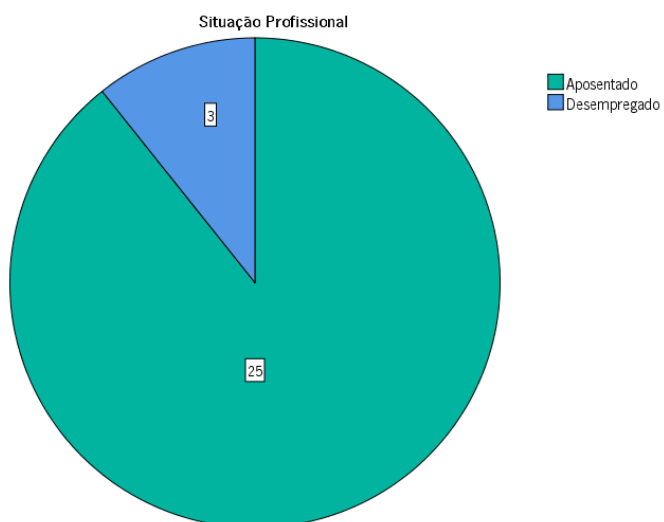


Gráfico 5 – Situação profissional

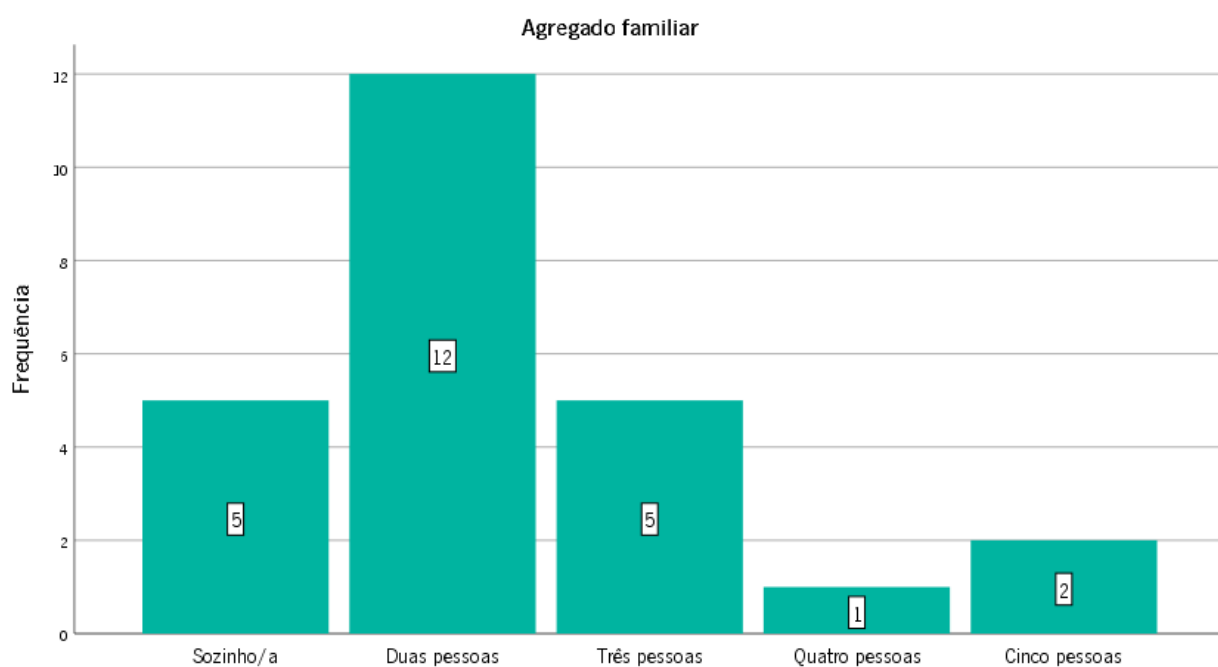


Gráfico 6 – Agregado familiar



Gráfico 7 – Há quanto tempo que frequenta as sessões do projeto?

Diagnóstico de necessidades do público-alvo do projeto

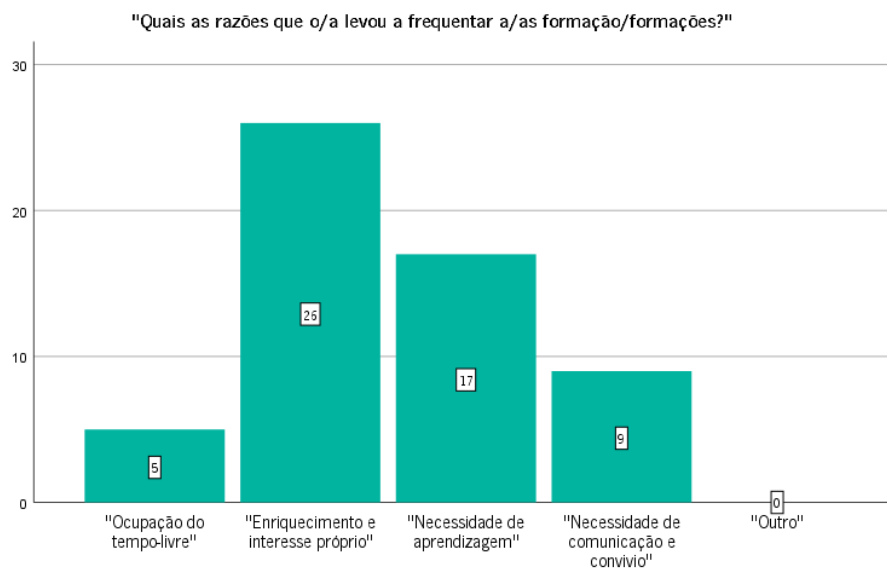


Gráfico 8 – "Quais as razões que o/a levou a frequentar a/as formação/formações do projeto?"

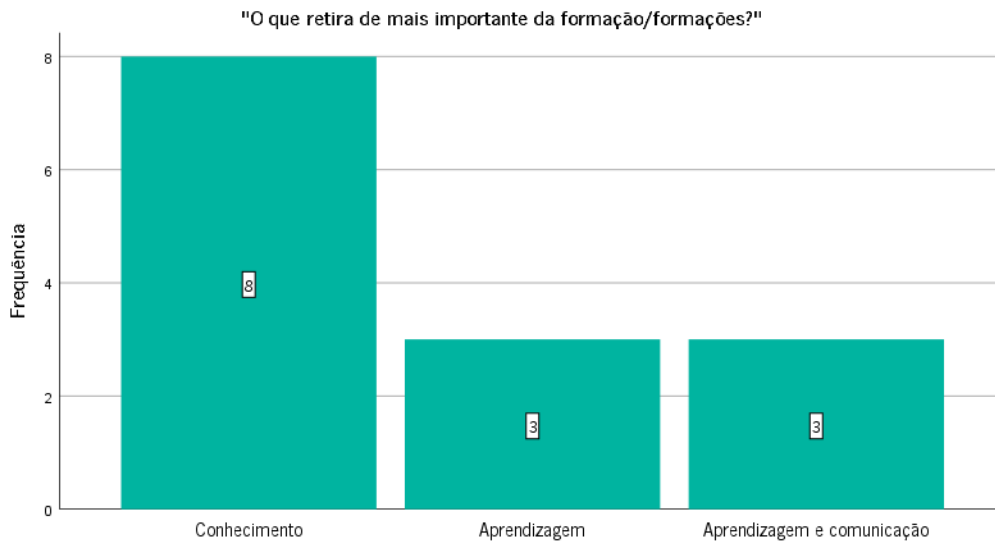


Gráfico 9 – “O que retira de mais importante da formação/formações?”

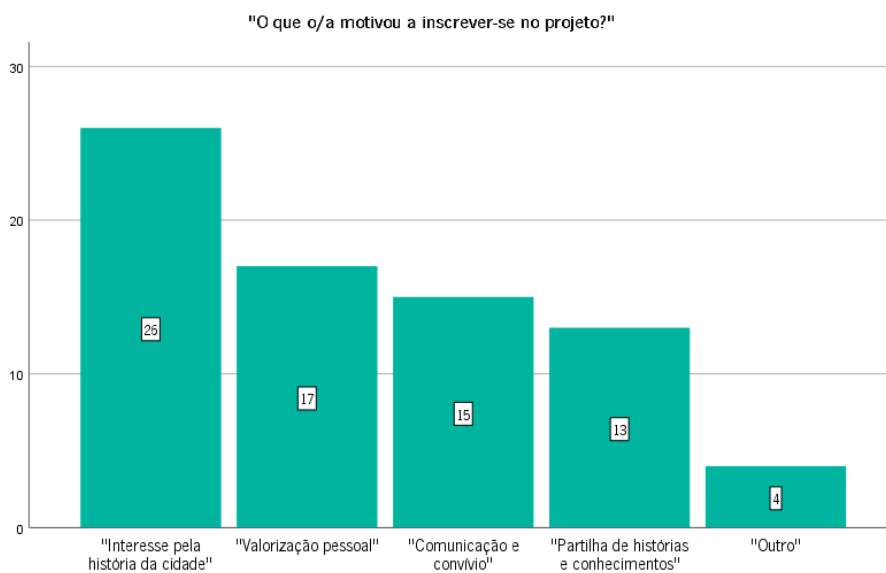


Gráfico 10 – “O que o/a motivou a inscrever-se no projeto?”

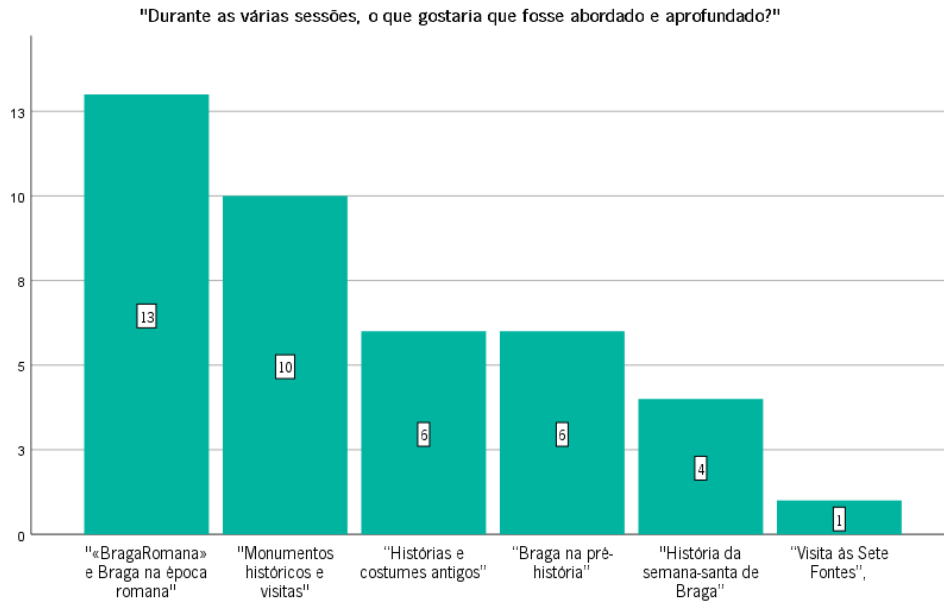


Gráfico 11 – Durante as várias sessões, o que gostaria que fosse abordado e aprofundado?"

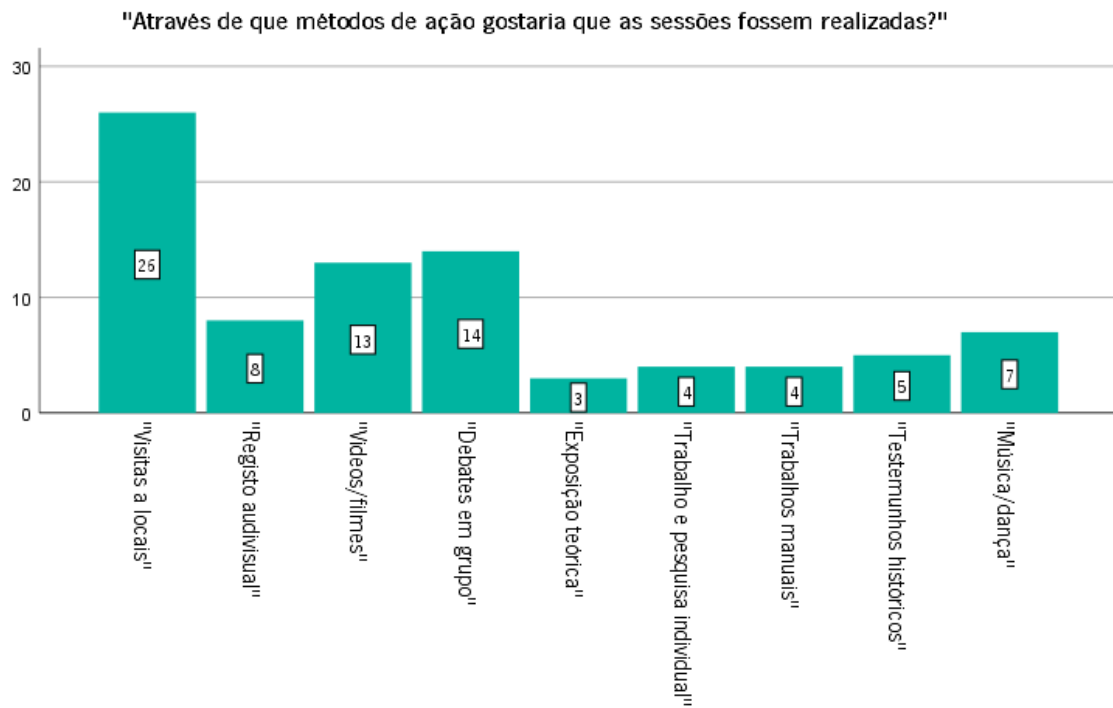


Gráfico 12 – "Através de que métodos de ação gostaria que as sessões fossem realizadas?"

APÊNDICE IV – Criação de tabelas de apoio ao enquadramento teórico

1. Liderança organizacional	<p>a) Apurar as necessidades dos beneficiários, da comunidade, dos voluntários e da organização;</p> <p>b) Transformar as necessidades em planos de acção;</p> <p>c) Uso de tecnologias para aperfeiçoar a qualidade das práticas voluntárias.</p>
2. Sistemas de Liderança	<p>a) Colaboração e liderança compartilhada:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Partilha de poderes; • Transferência de poderes; • Abandonar o controlo. <p>b) Utilizar estratégias diversas, considerando singularidades e especificidades de cada grupo.</p>
3. Cultura Organizacional	<p>a) Criar um ambiente positivo entre todos os agentes (administradores, funcionários, voluntários), apoiado na confiança, partilha e aprendizagem;</p> <p>b) Habilidades de relacionamento: Capacidade motivar e de trabalhar em grupo.</p>
4. Habilidades pessoas	<p>b. Capacidade de responder a problemas, refazer planos e gerir mudanças;</p> <p>c. Habilidades de comunicação (verbal e não-verbal);</p> <p>d. Habilidade de escuta.</p>
5. Habilidades gerenciais	<p>a) Competências ao nível do recrutamento e triagem de voluntários;</p> <p>b) Implementação de um sistema de aconselhamento para voluntários;</p> <p>c) Capacidade de conjugar as necessidades dos voluntários com as necessidades dos beneficiários e da comunidade;</p> <p>d) Competências no que respeita à proteção de voluntários, beneficiários e organização;</p> <p>e) Capacidades ao nível da avaliação e reconhecimento do trabalho por parte dos voluntários.</p>

Tabela 14 – Competências dos administradores

1. Vontade de ajudar;	8. Necessidade de resolver problemas passados ou atuais;
2. Capacidade de solucionar problemas;	9. Aprendizagem;
3. Reciprocidade: “what goes around	10. Influência social: grupo de pares, família,

comes around”;	comunidade, etc.
4. Reconhecimento das suas habilidades e contribuições;	11. Redução de sentimentos negativos;
5. Auto-estima	12. Desenvolvimento pessoal
6. <i>Soft Skills</i> : experiências e habilidades transversais;	13. Interação social;
7. “Self-Esteem”;	14. Currículo e “making connections”.

Tabela 15 – Motivações do voluntário

APÊNDICE V – Cronograma da fase de sensibilização: inserção no contexto de estágio

		Cronograma									
Fase		2017			2018						
		Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.
1ª Inserção no contexto e sensibilização	Conversas informais com os beneficiários e voluntários;										
	Recolha de material bibliográfico;										
	Participação e colaboração em projetos do BLV e projetos parceiros;										
	Apoio na divulgação de projetos de voluntariado;										
	Apoio na elaboração de contratos voluntários;										
	Apoio no acompanhamento de voluntários;										
	Apoio na integração de novas empresas parceiras, no âmbito da responsabilidade social.										

Cronograma da fase de sensibilização

APÊNDICE VI – Cronograma do Projeto de Educação ao Longo da Vida

APÊNDICE VII – Material de apoio bibliográfico, entregue aos participantes, em cada sessão/atividade

“O pré-Romano e o Romano”

Braga, com mais de 2000 anos de história, é cidade portuguesa mais antiga e uma das cidades cristãs mais antigas do mundo. Alvo de várias investigações históricas, não há consonância quanto à sua origem nem tampouco quais terão sido os seus fundadores. Sabe-se, contudo, que Braga é origem pré-histórica, povoada já na idade de pedra (Feio, 1984).

Ainda antes de Cristo, Braga foi dominada pelos romanos, a partir do ano 16 a.C. até ao séc. IV d.C., os quais designaram-na, já no século I, de “*Bracara Augusta*”, em homenagem ao Imperador César Augusto. *Bracara Augusta*, sede do “*Conventus Bracaraugustanus*”, capital do “*Conventus Jurídicus*”, desde logo se afirmou preponderante no seio do Império Romano (Carneiro, Bandeira & Ferreira, s.d.).

“As Termas Romanas do Alto da Cividade”

Pautada por forte um crescimento urbano, na *Bracara Augusta* vão-se construindo vários templos e edifícios, não só voltados para as áreas administrativas e de justiça, como também dirigidos ao lazer. Na zona alta da cidade situavam-se as Termas Públicas – atuais «Termas Romanas do Alto da Cividade» – e o Teatro. Construídas no século II, as termas eram um dos sítios públicos de referência para os cidadãos onde usufruíam das piscinas, tratamentos de beleza, colocavam os assuntos em dia e praticavam exercício. A atual colina do «Alto da Cividade» era, pois, a zona nobre da cidade (Carneiro, Bandeira, Ferreira, s.d.).

“Do Romano ao Renascimento”

O período que se estendeu do baixo Império Romano ao período Renascentista, do século IV ao século XVI, foi marcado por mudanças políticas e geográficas que, considerando diferentes fases, contribuíram para a edificação da mais antiga Sé portuguesa – a Sé de Braga – (Bandeira, s.d.).

“A SÉ”

A construção da Catedral remonta para o período do domínio romano ou suevo-visigodo, cuja construção se iniciara por volta do ano 400, sob as fundações de uma basílica paleocristã. Todavia, dada a destruição que sofreu durante as invasões Bárbaras, pouco restou da antiga igreja. A Sé Catedral que vemos hoje sofreu reconstruções e alterações até ao século XX, pela mão de algumas figuras da nossa história.

A obra que atualmente conseguimos observar deve-se ao bispo D. Pedro (1070-1093) que, durante o reinado de D. Sancho II de Leão, ordenou a reconstrução da catedral após a tomada da cidade pelos mouros (Ferreira, 2013).

“Idade Média”

A Idade Média constitui-se como o período da história que foi do século V ao século XV. Este período, marcado pelas invasões de povos não-romanos e não-cristãos, elevou Braga a um dos principais centros administrativos e comerciais, e sobretudo a uma das mais importantes cidades eclesiásticas (Bandeira, s.d.).

GALLECIA: Região que abrangia a atual região norte de Portugal, a Galiza, Leão e as Astúrias, adotada como centro político pelos Suevos, cuja capital era *Bracara Augusta* (Carneiro, Bandeira & Ferreira, s.d.).

“Os suevos e S. Martinho de Dume”

No século IV, aquando da migração das civilizações oriundas do centro da Europa, chegaram à Península Ibérica povos germânicos, entre eles os Suevos. No século V, mais concretamente no ano 400, os Suevos acabam por se instalar na *Gallecia*, com capital em Braga. Estes povos, não-romanos e não-cristãos, pouco a pouco foram convertidos. É, pois, à figura de São Martinho de Dume, bispo de Braga, que se deve a reconversão dos Suevos, marcando para sempre a história da Igreja.

“A Cidadela e a muralha Fernadina: o que resta do Castelo de Braga”

Classificado como monumento nacional, a «Torre de Menagem» é a única das oito torres que resta do Castelo de Braga e, portanto, um dos testemunhos preciosos de Braga Medieval. Pouco se sabe acerca das fases construtivas do castelo, todavia, a história dita que, à semelhança das urbes medievais, ele fazia parte da muralha medieval que circundava a «Sé Catedral» (Bandeira, s.d., Feio, 1984).

“O Barroco, o Rococó e o Neoclássico”

As sessões pertencentes ao contexto “*O Barroco, o Rococó e o Neoclássico*”, vão ao encontro de três correntes artísticas que, do século XVI ao século XIX, influenciaram as estruturas arquitetónicas da cidade de Braga.

“Os Azulejos do Pópulo”

O «Convento do Pópulo», situado no centro de Braga, funciona, atualmente, como um dos edifícios da CMB. A sua construção estendeu-se do século XVI ao século XVIII. Foi, no entanto,

nos finais do século XVIII que a maioria do monumento foi reconstruído, sob a tutela do arquiteto Carlos Amarante (Carneiro, Bandeira & Ferreira, s.d.). No seu interior (escadaria), é possível observarmos painéis azulejares, caracterizados pela monocromia azul, própria da arte barroca (*id., ibid.*). Os azulejos, que revestem as paredes do convento, ilustram temáticas passíveis de distintas interpretações.

“O Recolhimento das Convertidas, o Convento da Penha e a Basílica dos Congregados”

O «Recolhimento das Convertidas», o «Convento da Penha de França» e a «Basílica dos Congregados», situados no centro de Braga, são monumentos que, embora de foro religioso, detêm valor histórico, artístico e cultural. Os dois primeiros são de estilo Barroco, fundados no início do século XVIII, por D. Rodrigo de Moura Telles. A «Basílica dos Congregados», por seu turno, ostenta características do Rococó, através dos pormenores arquitetónicos empreendidos por André Soares, durante os meados do século XVIII (Carneiro, Bandeira & Ferreira, s.d.).

“O Palácio do Raio”

O «Palácio do Raio» é um edifício, situado na freguesia de S. Lázaro (Braga), que, em tempos, pertencera a João Duarte Faria (famoso comerciante da cidade). Pauteado pelo estilo Barroco, o palácio foi edificado em meados do século XVIII, tendo como arquiteto André Soares, conhecido como o “génio do rococó”. O palácio está hoje sob a tutela da Santa Casa da Misericórdia de Braga (*id., ibid.*).

“As Sete Fontes”

O período Barroco, cujas características são bem patentes na arquitetura bracarense, ficou marcado pela obra hidráulica das «Sete Fontes» que, até início do século XV, encarregou-se pelo abastecimento da água à cidade. As investigações arqueológicas levadas a cabo vieram comprovar que as «Sete Fontes» voltam ao período romano que, todavia, não detinham a mesma forma que conhecemos hoje (Pereira, 2016). Foi no século XVIII, através da projeção de D. Rodrigo de Moura Telles e com a concludente edificação por parte D. José de Bragança, que as «Sete Fontes» se reconstruíram.

“O Bom Jesus de Braga”

O «Bom Jesus» foi, desde o início, um dos sítios mais pretendidos pelos participantes. Localizado na freguesia de Tenões (Braga), o «Santuário do Bom Jesus do Monte» comporta uma longa história. Insipidado na «Gólgota de Jerusalém», o projeto que hoje conhecemos foi

idealizado por D. Rodrigo de Moura Telles, no início do século XVIII, cujas origens, todavia, recuam ao século XIV, a partir da construção de uma cruz no espaço.

A sessão vem concluir as sessões inerentes ao contexto histórico-temporal “O Barroco, o Rococó e o Neoclássico”. A riqueza artística do «Bom Jesus» é patente através das obras determinadas por D. Rodrigo (estilo Barroco), das expressões artísticas de André Soares (estilo Rococó) e das edificações de Carlos Amarante (estilo Neoclássico), a quem se deve o grande templo e o adro fronteiro circundado por estátuas. O templo do «Bom Jesus» é, pois, uma das obras mais significativas do arquiteto Carlos Amarante, remontando para o ano de 1781 (Carneiro, Bandeira & Ferreira, s.d.).

“Braga Contemporânea”

A idade contemporânea teve início com a Revolução Francesa, em 1789. Em Braga, cidade de tradições culturais e religiosas, a expressão da contemporaneidade pautou-se por diferentes períodos históricos que vieram abalar com as estruturas sociais. Passando pelos períodos da Monarquia, da Primeira República, pela época ditatorial e pela Democracia, Braga é hoje uma cidade jovem que, por sua vez, não nega à sua identidade (Bandeira, sd.).

“O Nogueira da Silva “

Nogueira da Silva, nascido em 1901, foi um comerciante da cidade de Braga. Dada a sua inteligência, ocupou diversos cargos diretivos de organizações da cidade. A sua figura destacou-se pelo auxílio prestado aos mais pobres. Criou a «Casa da Sorte», da qual beneficiavam a «Santa Casa da Misericórdia», o «Hospital de S. Marco» e outras conferências e casas/instituições de Braga (Tinoco, 2005).

APÊNDICE VIII – Quiz “A origem de Braga”

Atividade “As Termas Romanas do Alto da Cidade”

Quiz

1. Origem da nossa cidade

1.1. Braga existia antes do Império Romano?

Sim Não

1.2. Quem foram os *Bracari*?

- a) Povo indígena que habitou o território correspondente, hoje, ao noroeste de Portugal e à Galiza, chamados de “Brácaros”.
- b) Tribo que habitou *Bracara Augusta* depois da conquista pelo Império Romano.
- c) Não existiu nenhum povo com este nome.

1.3. O que são castros?

- a) Espaços vazios e desabitados.
- b) Casas de cidadãos abastados.
- c) Zonas altas onde habitavam povos fortificados, existentes na idade do Cobre e do Ferro.

2. *Bracara Augusta*

2.1. “*Bracara Augusta*”?

- a) Porque Braga era habitada pelos “Brácaros”
- b) Porque Braga foi fundado pelos *gallo-celtas*, mais conhecidos por “Brácaros” e Augusta em homenagem ao Imperador César Augusto.
- c) Porque Braga foi fundada pelos romanos, tendo como Imperador César Augusto.

2.2. Ao nível religioso, inicialmente a civilização romana:

- a) Acreditava num só Deus, frequentando vários templos e igrejas onde oravam e pediam pelos mais próximos.
- b) Venerava vários Deuses, cada um dirigido a várias dimensões da vida, incluindo o culto a Deus indígenas.
- c) Venerava vários Deuses, no entanto não prestava culto a Deuses indígenas.

2.3. *Bracara Augusta*, no século I, era:

- a) Capital do *Conventus Juridicus*, pelo seu forte crescimento e importância, principalmente ao nível jurídico.
- b) Um centro com pouca importância no seio do Império Romano, considerando o seu reduzido território bem como a sua fraca vida política, social e económica.
- c) Um centro urbano com alguma importância, contudo não dotava de edifícios voltados para a vida social e lúdica.

3. O Balneário Pré-Romano, a *Domus* da antiga escola velha da Sé e a Fonte do Ídolo.

3.1. Segundo os estudiosos, os balneários pré-romanos:

- a) Eram frequentados pelos povos da Península Ibérica, tendo como finalidade a higiene pessoal.
- b) Eram compostos por uma sala: a sala da sauna, frequentada pelos homens.
- c) Estavam divididos em três salas: a sala da sauna, a sala de transição composta por bancos e um pátio destinado ao banho frio, tendo como objetivo principal o lazer da população (povos da Península Ibérica), como também colocar os assuntos em dia, sendo esses de diversa natureza.

3.2. O que é uma *Domus*?

- a) Nome que se davam às escolas na época romana.
- b) Casa romana particular, habitada por cidadãos abastados, que incluía pequenas áreas destinadas ao comércio (*tabarnae*).
- c) Casa romana particular, habitada por cidadãos abastados.

3.3. Dita a história que a Fonte do Ídolo:

- a) Foi edificada no início do século I, na capital de *Conventus Juridicus* (Bracara Augusta), mandado construir por Célico Fronto, proveniente de Árcobriga, de origem Celta.
- b) Foi edificada na Idade do Ferro, no território denominada de “Bracara”, utilizado para o culto indígena.
- c) Foi edificada no início do século I, na capital de *Conventus Juridicus* (Bracara Augusta), mandado construir por Célico Fronto, proveniente de Árcobriga, de origem Celta. Tinha como finalidade o culto indígena.

4. A vida lúdica de *Bracara Augusta*

4.1. O lúdico e o lazer faziam parte das práticas quotidianas dos cidadãos da cidade?

Sim Não

4.2. As “Termas Públicas do Alto da Cividade” eram:

- a) Um dos sítios públicos de referência para os homens abastados da cidade, situadas na zona nobre da cidade.
- b) Um local de respeito, frequentando tanto por homens como por mulheres, onde, separadamente, cuidavam da higiene pessoal.
- c) Um dos locais públicos mais importantes para os cidadãos, tanto homens como mulheres, onde todos usufruíam das piscinas, tratamentos de beleza, praticavam exercício e conversavam.

5. É no contexto reorganizacional administrativo romano que, em finais do século III, a *Gallaecia* se torna independente da *Terraconensis*, assumindo-se como uma nova província da Hispânia – “Hispânia Nova”.

5.1. A nova província – Galécia -, tinha como capital:

- a) *Asturica Augusta* (Astúrias), abrangendo *Lucus Augusti* (Lugo), *Bracara Augusta* e *Colonia Clunia Sulpicia*.
- b) *Bracara Augusta*, abrangendo *Lucus Augusti* (Lugo), *Asturica Augusta* e *Colonia Clunia Sulpicia*.
- c) Galiza, abrangendo *Asturica Augusti* e *Lucus Augusti* (Lugo).

Boa sorte!

APÊNDICE IX - Inquérito autorreflexivo "Qual a sua filosofia de Vida"

Sessão "Gallecia: «Portugalia»"

Qual é a sua filosofia de vida?

Normalmente toma decisões:

Com ajuda de alguém de confiança

Depois de pensar muito

De acordo com as minhas intuições

Age de acordo com a sua:

Emoção

Razão

Costuma pensar mais no seu:

Presente

Futuro

Passado

É uma pessoa impulsiva?

Mais ou menos

Nem um pouco

Sim

O que é mais importante?

Minha liberdade

Ser você mesmo sempre!

Sonhar alto sempre

Ajudar quem você ama

Sabedoria

Coragem para enfrentar os obstáculos

Considera - se uma pessoa otimista?

Nem tanto

Com certeza

De vez em quando

Costuma importar - se com o que pensam e falam sobre você?

Não

Até demais

Sim

Às vezes

O que gosta de fazer num dia livre?

Sair com meus amigos

Fazer algo diferente

Sair para algum lugar

Passar um tempo com minha família

Passar um tempo sozinho(a)

Como reage quando seus amigos estão a conversar sobre algum assunto polêmico?

Concordo com a maioria para evitar discussões Saio de perto antes das confusões

Dou a minha opinião e a defendo fortemente Tento mudar de assunto

Apenas ouço as outras opiniões sem dar a minha

Dou a minha opinião, mas tento respeitar a dos outros

Como costuma agir numa situação difícil?

Desabafo com alguém de confiança normalmente Prefiro guardar apenas para mim e agir

Fico muito mal e costumo me isolar

FIM.

APÊNDICE X - Fotografias, da autoria do público-alvo, das sessões/atividades



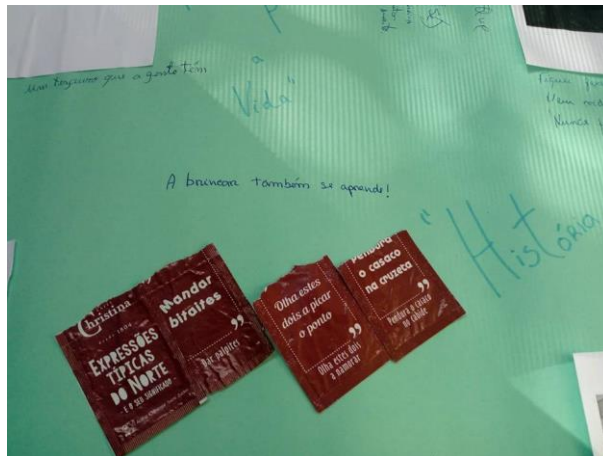
“As «Pedras das Expectativas”:
Separador de livros

Balneário pré-Romano

Domus da escola velha da Sé



“À descoberta...”: «Fonte do Ídolo»



“... de diferentes significados”: Trabalho em cartolina



“A vida lúdica na Capital do *Conventus Juridicus*”



“A vida lúdica na *Capital do Conventus Juridicus*:
“Os Romanix””



“Viver a *Braga Romana*”



“Viver a *Braga Romana*”



“A Semana Santa de Braga”



“A Semana Santa de Braga”



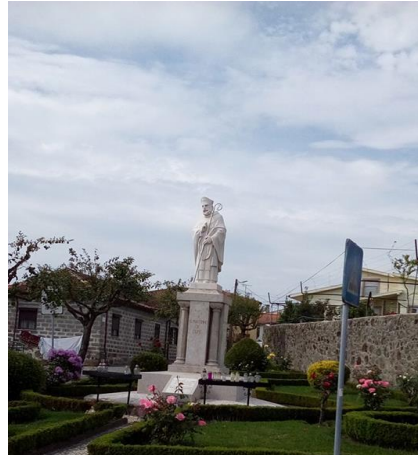
“Baile de Primavera”



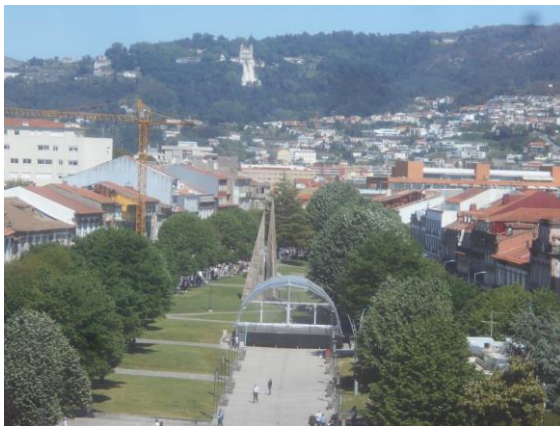
“A SÉ”



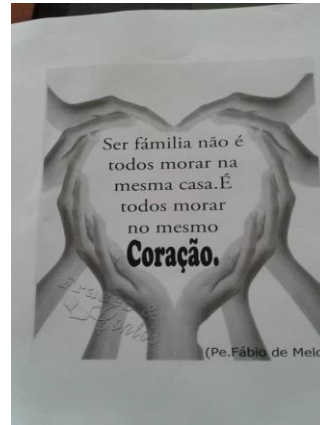
“A Gallecia: «Portugalia»”



“Os Suevos e S. Martinho de Dume”



“A Cidadela e a Muralha Fernandina:
o que resta do Castelo de Braga”



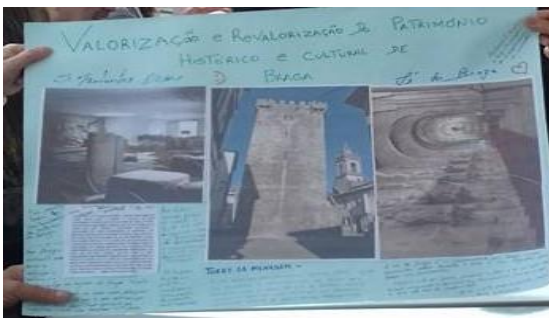
“Evolução do conceito de
Família”



“O brincar em família: Como, porquê e para
quê?”: uma frase entregue pelas voluntárias



“Os Azulejos do Pópulo”: Trabalho de grupo



“Os Azulejos do Pópulo”: Trabalho de grupo



“O Recolhimento das Convertidas, o
Convento da Penha e a Basílica dos
Congregados”



“O Recolhimento das Convertidas,
o Convento da Penha e a
Basílica dos Congregados”



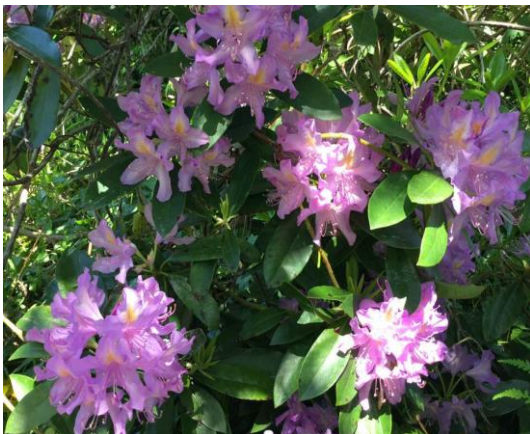
“O Palácio do Raio”



“As Sete Fontes”



“O Bom Jesus de Braga”



“O Bom Jesus de Braga”: Testemunho-livre



“Oficina de Artes: «Um olhar sobre as janelas»”



“Dia Mundial da Dança:
«Do Salão à Discoteca»”



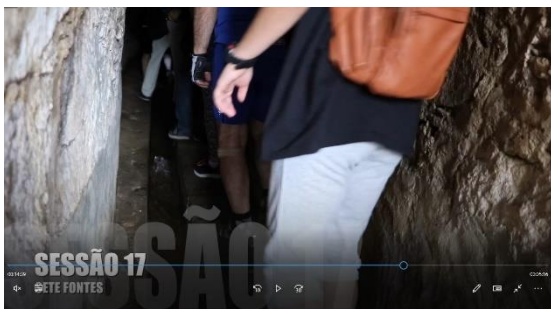
“O Nogueira da Silva”



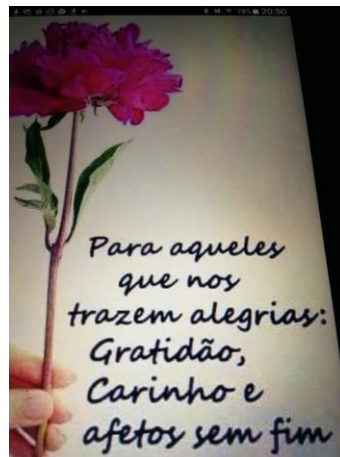
“Os trajes tradicionais”



“A Academia Minhota”



“A Academia Minhota”: video surpresa



“Dia dos avós”: frase dedicada por uma voluntária

APÊNDICE XI – Atividades complementares

Atividades	Dia/ mês	Função
Projeto parceiro “Unidade da Multideficiência”	Duas terças no mês Outubro (2017)	Apoio a crianças portadoras de deficiência.
“Dia Internacional do Idoso”	Dia 31 de Outubro (2017)	Apoio logístico e registo fotográfico do evento.
Atuação do “Grupo de Cantares do BLV”	Dia 14 novembro (2017);	Apoio logístico e registo fotográfico.
Aula numa Unidade Curricular da Licenciatura em Educação	Dia 26 de novembro (2017);	Apresentação do processo de inserção no contexto de estágio.
“Dia Nacional da Pessoa com Deficiência”	Dia 3 de Dezembro (2017);	Apoio logístico;
“Dia do Voluntário”	Dia 8 de dezembro (2017);	Apoio logístico e apresentação do evento;
“Dia da PSP”	Dezembro;	Colaboração na construção de jogos;
“Pedalas Solidárias”	23 de dezembro (2017);	Apoio logístico;
“Associação Pais-em-Rede”	Do dia 18 ao dia 20 de Dezembro (2017);	Trabalho voluntário;
“CoraçãoAki”	De Outubro (2017) a abril (2018);	Apoio logístico;
“Café Memória”	De Novembro (2017) a Fevereiro (2018);	Participante;
Formação de TIC ao Grupo de Idosos do Centro Histórico	De Novembro (2017) a Abril (2018);	Formadora voluntária;
Curso de arbitragem de <i>Boccia</i>	Dia 10 de Janeiro (2018);	Participante/formanda;
“Dia da Mulher”	Dia 9 de março (2018);	Apoio logístico; organização e participação na atuação da tuna.
“Dia dos Irmãos”	Dia 20 de maio	Apoio logístico;

	(2018);	
Festa do S. Pedro (Santos Populares)	Dia 29 de Junho (2018);	Apoio logístico; trabalho voluntário.

Tabela 16 – Atividades complementares

APÊNDICE XII – Resultados obtidos durante a avaliação contínua

Resultados obtidos durante a avaliação continua			
Sessões	Memorando de Aprendizagens	Página web	Diário de bordo (estagiária)
“O balneário pré-Romano e a <i>Domus</i> da escola velha da Sé”	<p>“Gostei muito! Gostei de tudo, tudo é maravilhoso! Gostei de ver o balneário e, por último, a <i>Domus</i> da Sé que eu nem sabia que existia.”^x</p> <p>“Já conhecia o balneário. Os pormenores desconhecia, mas ficamos a saber imenso e, portanto, foi fabuloso! Nunca tinha vindo à <i>Domus</i> e é muito gira! É um orgulho para nós, e para a cidade, termos coisas destas.”^x</p> <p>“Do balneário dos caminhos-de-ferro já tinha um pequeno conhecimento, mas gostei! Fiquei imensamente deslumbrado com tudo aquilo que vi na <i>Domus</i>.”^x</p> <p>“Gostei muito desta visita. Sonhar e aprender é a arte de bem viver.”²⁵</p> <p>“A parte da visita da visita que mais gostei: <i>Domus</i> da Sé.”</p> <p>“Neste dia iniciei o curso sobre história de Braga. Como não tive vaga, na altura da inscrição, só participei na segunda fase da aula, isto é, quando fomos à <i>Domus</i>. Gostei do que vi e foi a primeira vez que visitei essas ruínas.”^{xi}</p>	<p>“Se és do Minho... Isso é mais velho do que a Sé de Braga! Ber Braga por um canudo. Estou a ougar por umas Papas de Sarrabulho. Andas a vender água sem caneco. Faz tanta falta como uma viola num enterro. És bom para ir buscar a morte. Tem sempre porcas a capar. Estou barado: admirado. Sonsa: pessoa falsa. Trambolho: maljeitosa. Broeiro: rude. Trengo: palerma. Benda: mercearia. Bicha: mangueira. Borronas: marcadores. Lapada: estalada. Chispes: pés. Telhudo: teimoso. Sostra: preguiçosa. Trilhar-se: aleijar-se.”²⁶</p>	<p>“Estou a ver que estas aulas prometem! Até agora estou a adorar!”</p> <p>“Estou muito emocionada e, ao mesmo tempo, indignada! Eu trabalhei nesta escola muitos anos e não sabia que isto era uma <i>Domus</i>. Aliás, eu nem sabia o que significava <i>Domus</i>!”</p> <p>“Estou a gostar muito. Parece que o grupo já se conhece há imenso tempo! Que boa energia que paira aqui!”</p>
	“À descoberta	“Fiquei fascinada com esta visita. Tudo eu	“Este grupo maravilhoso sempre bem-

²⁵ Excertos de testemunhos-livres, realizados em cartolina, na sessão “À descoberta de diferentes significados.”

²⁶ Testemunho-livre, por parte de uma voluntária do projeto, através da partilha de frases/termos de Braga.

<p>de diferentes significados”</p>	<p>desconhecia.”^x</p> <p>“Aqui tive a minha primeira surpresa. Eu, por incrível que pareça, não sabia que a Fonte do Ídolo é um Santuário Rupestre. [...] há diversas interpretações deste santuário. [...] Apesar de ser dedicado a deuses autóctones, a Fonte do ídolo possui um estilo clássico.”^{xi}</p> <p>“Este convívio, esta maneira de ver os diversos assuntos, é bom para a nossa mente.”²⁵</p> <p>“A amizade é um amor que nunca morre.”²⁵</p> <p>“Sabedoria + inteligência + amor pelo próximo = Felicidade.”²⁵</p> <p>“Voltei hoje com os nossos amigos Italianos. Gostei e fiz com que os outros gostassem.”²⁵</p>	<p>disposto para dialogar! Queremos muito conhecer as maravilhas de Braga, pois o saber não ocupa lugar.”</p> <p>“Para mim, que sou recém-chegado ao País, tem sido um exercício prazeroso, além de didático, conviver e aprender com todos do grupo.”</p> <p>“Todos muito atentos tentando aprender mais um pouco. Uma bela tarde que, embora de chuva, foi passada num ambiente acolhedor. Gostei muito.”^{xii}</p> <p>“As pessoas esperam toda a semana pela sexta. Todo o ano pelo verão. Toda a vida por felicidade. Faça diferente, transforme todos os dias em sextas-feiras, aproveite as quatro estações e não espere a vida passar para ser feliz!”^{xiii}</p> <p>“O mundo seria melhor se nos conseguíssemos colocar no lugar do outro.”^{xiii}</p>	<p>que estava à espera de mais. O monumento em si é enigmático, contudo o espaço é um pouco apertado. Mas fiquei com vontade de cá voltar!”</p> <p>“Não conhecia nada disto! Já tinha ouvido falar na Fonte do Ídolo, no entanto não sabia do que se tratava. Até pensei que fosse uma fonte qualquer aí na cidade. Agora que soube fiquei muito admirada! Nós, bracarense, somos mesmos velhos!”</p> <p>“Foi tão bom sentarmos e conversarmos nesta tarde de chuva. Só faltava o «chazinho» quentinho e as bolachas maria. Obrigada por todos estes momentos!”</p>
<p>“A vida lúdica na Capital Conventus Juridicus”</p>	<p>“Apesar de estar um pouco frio e desconfortável, gostei bastante da atividade. Confesso que não conhecia esta zona [Termas Romanas]. Passei e passo várias vezes por aqui, mas nunca tinha visto como era por dentro. Não sabia a vida era assim na época romana. Também não conhecia o teatro e nem sequer sabia que existia. Adorei!”^x</p> <p>“A respeito do teatro, gostaria de acrescentar que, uma vez que eu estou na área de teatro, é muito bom saber que há mais de 2000 anos atrás, havia</p>	<p>“A amizade, a compreensão e a tolerância unem-nos na vivência de momentos únicos. A tarde de hoje foi um desses momentos. [...] Até as nuvens pararam de se esvaziar para nos proporcionarem uma tarde que, não sendo soalheira, foi sem chuva.”</p> <p>Obrigada a todos pela vossa amizade. SOMOS ÚNICOS.”^{xv}</p> <p>“Ruínas da Cividade, ou termas romanas,</p>	<p>“Eu sempre ouvi falar nas Termas Romanas e sabia que se situavam neste local. Mas não fazia a mínima ideia que a Cividade era um sítio nobre, onde se podia encontrar os espaços para relaxar!”</p> <p>“O teatro foi muito engraçado! Eu já tinha adorado a visita à <i>Domus</i>, mas o teatro veio ajudar a enriquecer os meus conhecimentos!”</p>

	<p>um teatro desta dimensão que atendia o povo daquela época. Achei a atividade bem interessante.”^x</p> <p>“No Império Romano, as termas públicas eram grandes espaços destinados a banhos públicos e à prática de exercício. Eram frequentados pelos habitantes («Brácaros») e pelos visitantes da cidade.”^{xiv}</p>	<p>visitadas pelo nosso grupo. Mais uma tarde para aumentar o nosso conhecimento.”^{xv}</p> <p>“Gente interessada, gente capaz, gente boa/ BOA GENTE.”^{xv}</p> <p>“Sempre em serviço, mesmo quando aparentemente estamos distraídas. Temos olhos e ouvidos de lince.”^{xv}</p> <p>“Vivendo uma vida ativa.”^{xvi}</p> <p>“Em busca de sabedoria e bem-estar.”^{xv}</p>	<p>“Gostava muito que abrissem a área de teatro, ou então juntar o teatro à história e filosofia. Além de ser uma atividade muito antiga, ocupa muito bem o tempo.”</p> <p>“O teatro ajudou a descontraír, a conviver e, sobretudo, a viver a vida romana! Adorei! Parabéns!”</p> <p>“Escolhi ser Célico Fronto porque, em toda a minha vida, gostei de agradar os mais próximos, principalmente a família. Sempre gostei de ter a casa cheia de gente!”</p> <p>“Eu escolhi ser um soldado porque, para além do meu pai e dos meus irmãos terem ido para a tropa, sempre tive um grande respeito por esta profissão.”</p>
<p>“Viver a Braga Romana”</p>		<p>“Não importa a cor do céu. Quem faz o dia bonito é você.”^{xiii}</p> <p>“Senador convidado.”^{xv}</p>	<p>“A sessão correu muito bem. Muitos deles também não conheciam o evento, principalmente o nosso amigo brasileiro, e adoraram! Deliraram com as barraquinhas dos produtos tipicamente romanos assim como com o espetáculo teatral que assistimos.”^{xvi}</p> <p>“No fim fomos comer um pão-com-chouriço e aproveitamos para conversar sobre aquilo que eles mais gostaram e o que menos os agradou. Como era de esperar, falaram das aprendizagens e, nomeadamente, das amizades e do convívio que se estabeleceu entre todos!”^{xvi}</p>
<p>“A Semana</p>	<p>“Até agora foi uma das sessões mais produtivas.</p>	<p>“Este maravilhoso grupo demonstra sempre</p>	<p>“Estes tipos de atividade fazem-nos muita</p>

<p>Santa Braga”</p>	<p>de</p> <p>Afinal, nesta última – Capela dos Coimbras –, acabei por verificar que pessoas que sempre viveram em Braga não sabiam que a capela era separada da Igreja do Souto. Só por esta parte já valeu a tarde!”^x</p> <p>“O que gostei menos?! Eu gostei de tudo! Acho que não devia ser nada alterado. As sessões têm momentos diversos, tanto de aprendizagem como de convívio. Estou a gostar imenso! Eu chego a casa e digo “tu devias era ir às aulas de história, aí é que aprendias muita coisa!”^x</p> <p>“Procissão da Penitência: [...] Ó meu Senhor do Monte Por mim pregador na cruz Eu choro os meus pecados Salvai-me, ó Bom Jesus.”²⁷</p> <p>“[...] partimos em direção à igreja de Santa Cruz, local onde um formando explicou, sabiamente, a construção e outras coisas de relativo interesse, entre as quais a finalidade de se ter construído a igreja naquele local.”^{xi}</p>	<p>muita atenção e interesse em enriquecer os seus conhecimentos. Parabéns!”</p> <p>“Sempre com atenção e boa disposição, pois o saber não ocupa lugar.”</p> <p>“Adorei o dia de hoje. Obrigada a todos os intervenientes pela partilha dos vossos conhecimentos. Boa noite e um abraço a todos.”^{xvi}</p> <p>“Hoje foi uma caminhada cultural muito agradável. Mesmo conhecendo há sempre algo em que nunca reparamos.”^{xv}</p>	<p>falta, não só pela aprendizagem, mas, sobretudo, pelo convívio.”</p> <p>“Estou a gostar muito desta sessão! É muito gratificante o facto do grupo trabalhar junto, reunindo ideias e conhecimentos, partilhando saberes e histórias. É com a partilha de todos, num ambiente tão agradável, que me sinto feliz!”</p> <p>“Adoro isto! Adoro caminhadas, adoro a Páscoa e adoro o grupo! Só tenho é vergonha de falar.”</p>
<p>“Baile Primavera”</p>	<p>de</p> <p>“Gostei muito de ter participado no baile de primavera porque foi um momento diferente do que tem vindo a acontecer até então. Foi um momento para nos conhecermos melhor, para toda a gente se integrar, extravasar e, essencialmente, partilhar culturas e</p>	<p>“Querem aprender uns passos de dança, façam as vossas inscrições com os professores que aparecem no vídeo.”^{xviii}</p> <p>“Grande convívio. Obrigado a todos.”</p>	<p>“Adorei a festa! Queremos repetir, mas no Parque da Ponte caso haja tempo para tal!”</p> <p>“Há muito que não me sentia assim num grupo. Aqui sinto-me à vontade e em família! Parabéns por nos proporcionarem</p>

²⁷ Excerto do testemunho-livre de um participante, através da transcrição do refrão de um cântico religioso.

	<p>conhecimentos. Foram momentos de integração muito bacanos, dentro de um ambiente de trabalho.”^x</p> <p>“Correu tudo muito bem. Todas as pessoas colaboraram, quer pelos bens que trouxeram, quer pelos momentos de dança, de muita brincadeira e de conversa. O grupo musical que nos acompanhou também esteve muito bem. Gostei muito!”^x</p> <p>“«Um sorriso Um sorriso não custa nada e produz muito. Enriquece quem o recebe sem empobrecer quem o dá. Ninguém é tão rico que não precise dele e ninguém é tão pobre que não o possa oferecer. O sorriso dá repouso ao cansaço e ao desânimo, renova a coragem, e é consolação na tristeza. Ninguém necessita mais de um sorriso do que aquele que não sabe sorrir» (A.D.).”^{xvii}</p>	<p>Somos mesmo um grupo especial.”^{xiii}</p> <p>“Foi mesmo muito bom. Uma tarde bem passada! Aliás, temos tido umas tardes de quartas-feiras ótimas. Grupo fantástico. Obrigada a todos.”^{xii}</p> <p>“É tão bonito ver o convívio entre gerações com cor e muita alegria, parabéns.”^{xii}</p> <p>“Pela vossa amizade e carinho um beijinho de agradecimento. Sem a vossa presença a festa não teria tido o imenso brilho. Vocês são o máximo. Obrigada ao grupo de cantares do BLV e a todos os presentes. Os ausentes estiveram presentes no nosso coração.”^{xv}</p>	<p>bons momentos.”</p>
<p>“A SÉ”</p>	<p>“Os trabalhos de grupo e a partilha consolidam os conhecimentos. São momentos muito importantes!”²⁸</p> <p>“A Sé de Braga é o monumento em Braga mais procurado pelos turistas, o que é um orgulho para todos os Bracarenses.”²⁸</p> <p>“Graças à visita que fizemos, começamos a olhar a Sé com outros olhos, tomando conhecimentos de</p>	<p>“Relógio que marca a hora da morte de Jesus.”^{xv}</p>	<p>“Nunca tinha entrada no coro-alto nem nas capelas. Nem sequer sabia que existiam capelas assim, muito menos de origem muçulmana. Espetacular.”</p> <p>“Gostei muito de ver o coro-alto, o relógio e o órgão. A Sé de Braga é um monumento riquíssimo que todos os Bracarenses, e não só, deveriam visitar.”</p>

²⁸ Testemunhos-livres, realizados em grupo através da construção de *puzzles*, sobre “A valorização e revalorização do património histórico e cultural de Braga”.

	<p>pormenores que desconhecíamos, como por exemplo os quatro mil tubos que compõem o órgão.”²⁸</p> <p>“Devido a este grupo fantástico ficamos ricos culturalmente.”²⁸</p> <p>“Agradecemos à Câmara de Braga e às formadoras por nos proporcionarem mais conhecimentos.”²⁸</p>		<p>“Eu sou Bracarense e nunca tinha visitado as capelas. Sabia que existiam, mas não fazia a ideia que eram assim. São muito diferentes daquilo que imaginava. Obrigada por nos proporcionarem todas estas maravilhosas visitas.”</p>
<p>“A Gallecia: Portugalia”</p>	<p>“Palestra muito proveitosa e onde nos foi dada a conhecer a nossa verdadeira origem. Somos Galaicos e temos a nossa própria pronúncia. Assim se justifica a nossa parecença com os galelos nos nossos hábitos e costumes” (Grupo: Os Parolos).^{xv}</p> <p>“A explicação do Professor Tinoco foi muito importante, centrando-se na história de Braga no que respeita à pré-história” (Grupo: “Os Galaicos”).^{xv}</p> <p>“Além da história de Portugal e da Galiza tivemos, também, oportunidade de desfrutarmos de um bom momento de lazer no jardim do Museu dos Biscainhos” (Grupo: “O «Portugalia»”).^{xv}</p>	<p>A melhor turma.”^{xii}</p> <p>Bonito grupo trabalhador. Assim está bem.”^{xii}</p> <p>“Adoro gente rica. Rica de afeto, rica de educação, de gentileza. Gente rica de assuntos, que não deixa a peteca cair. Gente que sacode a gente, puxa a corda, inventa os temas e nos jogam pra cima. Essa gente... ah, essa gente enriquece a gente” (autor desconhecido).^{xiii}</p>	<p>“Gosto muito deste espaço, é muito bonito. Podíamos vir visitar o museu dos Biscainhos.”</p> <p>“Eu concordo com tudo que o meu grupo disse. Já está na altura de valorizarmos a nossa cultura, em vez de acharmos que os outros são sempre melhores que nós.”</p> <p>“O momento que gostei mais foi aquele no jardim do museu. Adorei falar com os colegas e, entre outros assuntos, partilhar opiniões sobre a unificação de Portugal e Galiza.”</p> <p>“A nossa cultura é muito rica. Não fazia ideia da nossa história com a Galiza. Sabia que havia uma ligação, mas não sabia o porquê!”</p>
<p>“Os Suevos e S. Martinho de Dume”</p>	<p>“Adorei a visita. Com esta visita aprendi coisas que nunca imaginara.”</p> <p>“Gostei da sessão, principalmente por saber o que S. Martinho fez para a conversão dos bárbaros.”</p>	<p>“Algumas fotos que testemunham visita a Dume, interessante as impressões digitais do gatinho ou cãozinho nas telhas.”^{xii}</p> <p>^{xv}</p>	<p>“Nunca pensei que S. Martinho tivesse uma história tão rica.”</p> <p>“Quero voltar cá para observar melhor os pormenores do local.”</p>

	<p>“Uma história rica e gratificante. Isto é tudo aquilo que um bracarense deveria saber.”</p> <p>“[...] da parte que me toca, confesso que todos os sítios arqueológicos que visitamos brilharam com a nossa presença e estou em acreditar que os níveis de complexidade que nos pesam serão redimidos ao limite. Acho que é e será do contento de todos os participantes, quer do que já foi feito, quer do que o muito que vamos fazer. A todos os meus parabéns.”²⁹</p> <p>“S. Martinho de Dume. Confesso que nunca tinha ouvido falar. Ali chegado, fiquei espantado com que vi. Nunca imaginei que existisse tais ruínas naquele local e, muito menos, que tivessem um passado tão rico.”^{xi}</p>		<p>“Não conhecia estas ruínas. Pouco se conhece da história de Braga, pois, durante muitos anos, os locais permaneceram abandonados.”</p> <p>“Penso que quase ninguém conhece este espaço que, por sua vez, detém muita riqueza.”</p>
<p>“A Cidadela e a muralha Fernandina: o que resta do Castelo de Braga”</p>	<p>“O nosso património é muito rico, mas pouco valorizado.”²⁹</p> <p>“A Torre de Menagem é um monumento nacional desde 1910. Ajuda as pessoas a entenderem um pouco das construções e arquitetos de Braga. Neste momento, realiza uma exposição que retrata diversas épocas da arquitetura Bracarense.”²⁹</p>	<p>“Obrigada a todos os intervenientes, que fizeram a tarde de ontem maravilhosa. Adorei.”</p> <p>“D. Rodrigo de Moura Teles, de baixa estatura, mas de grandes e nobres ações.”^{xii}</p> <p>“Mais uma tarde com este grupo maravilhoso.”^{xii}</p>	<p>“Eu gosto de tudo, mas o que gosto mais é do convívio e das amizades que fiz. Antes de chegarmos fomos todos tomar café e nem combinamos nada!”</p> <p>“Estou a gostar muito das quartas-feiras. Sinto o meu tempo ocupado com coisas úteis e com boas pessoas!”</p> <p>“O património da cidade foi, durante muito tempo, deixado ao abandono. Agora as coisas começam a melhorar, mas, mesmo assim, ainda há pouca divulgação. Parabéns pelo trabalho!”</p> <p>“O convívio convosco tem-me ajudado</p>

			<p> muito. Sentia-me muito isolada. As sessões podiam era ser maiores.”</p>
<p>“A evolução do conceito de família”</p>	<p> “[...] Podemos ter várias famílias, sejam famílias reduzidas (amigos que nós escolhemos), ou famílias mais amplas como por exemplo: família «Braguista», nas quais nos podemos rever. Estas famílias como são da nossa inteira escolha e vontade, também o são para nos desligarmos, deixando de fazer parte dessa dita família.”</p>	<p> A família não está sempre no sangue. São aqueles na nossa vida que nos querem nas deles; são aqueles que nos aceitam como somos. São aqueles que fariam qualquer coisa para nos ver sorrir e que nos ama incondicionalmente.” ^{xvi}</p>	<p> “Gostei da sessão da família, embora tivesse sido muito curta. Gostei do testemunho dado pelo senhor presidente, no entanto acho que a sociedade deveria ser mais evoluída!”</p> <p> “A minha opinião é diferente da maioria das opiniões. Acho que o conceito de família está muito distorcido e, além do mais, as famílias são cada vez menos valorizadas!”</p>
<p>“Comunicação em Família: a influência das TIC”</p>	<p> “Gostei muito do tema da sessão, dada a sua pertinência atual.”</p>		<p> “As TIC vieram, em muito, contribuir para a quebra do diálogo entre a família. Estamos há mesa e vemos as pessoas no telemóvel. Estamos no café e cada um continua no seu telemóvel. No outro dia vi um vídeo de um neto e uma avó: a avó a pedir a ajuda do neto e este, distraído a ver vídeos, não ouvia os apelos da avó. Isto é muito triste!”</p> <p> “Lembro-me que, há alguns anos atrás, saiam muitas notícias acerca dos crimes que eram praticados na Internet, nomeadamente com crianças. Os mais novos não sabiam dar uso às TIC. Hoje em dia, nem os mais novos sabem, nem os mais velhos.”</p>
<p>“O brincar em Família: “Como, porquê e para quê?”</p>		<p> “Jogar faz bem ao corpo e à alma.” ^{xvi}</p> <p> “Nós não paramos de brincar porque ficamos velhos. Ficamos velhos porque paramos de brincar” (Shaw). ^{xiii}</p>	<p> “O «Jogo do Detetive» é muito engraçado. Penso que ajudou o grupo a descontrair e a divertir-se. Além do mais, conversamos e rimo-nos muito!”</p> <p> “Estes jogos são bons para aprender,</p>

			principalmente o jogo «adivinha quem sou» porque obrigou-nos a pensar sobre as características das pessoas do grupo, bem como relembrar sítios que já visitamos.”
“Os Azulejos do Pópulo”	<p>“A escadaria nobre do Convento do Pópulo, classificado de interesse público, é revestida por painéis de azulejos datado do século XVIII, e que se destacam pela monocromia azul, característica da época, bem como pelo notável efeito tridimensional que confere ao espaço. Os azulejos apresentam uma temática religiosa, relacionada com a meditação contemplativa, onde figura ideias religiosos que ocupam o convento (ordem religiosa) a ordem das Ermitas de Sto. Agostinho.”</p> <p>“É importante ressaltar, ainda, a atitude louvável dos administradores de Braga que se preocupam com a preservação destas relíquias culturais, espalhadas por todo o concelho, permitindo ampla acessibilidade às mesmas através de visitas guiadas ou não.”</p>	<p>“Lindíssimos os azulejos do Pópulo.”^{xi}</p> <p>“Grupo fantástico. Parabéns!”^{xv}</p>	<p>“O edifício parece representativo de uma tempestade.”</p> <p>“Não há nada melhor do que, depois de andarmos de um lado para o outro num sítio fechado, nos sentarmos numa esplanada a conversar sobre o que aprendemos.”</p>
“O Recolhimento das Convertidas, o Convento da Penha e a Basílica dos Congregados”	<p>“A capela [do Convento da Nossa Sra. da Penha] foi mostrada ao nosso grupo, pelo guia Leonardo. Nela tivemos a oportunidade de admirar o jogo entre o azul dos azulejos e o dourado da talha: o púlpito setecentista, atribuído a Marcelino de Araújo, em talha dourada. [...] Todo o espaço convida ao recolhimento e à oração”.²⁹</p> <p>“Agora vou falar um pouco da parte sentimental, ou seja, daquilo que mais retive na memória e o</p>	<p>“É proibido: “É proibido chorar sem aprender, Levantar-se um dia sem saber que fazer Ter medo das suas lembranças. É proibido não rir dos problemas Não lutar pelo que se quer, Abandonar tudo por medo. Não transformar sonhos em realidade. É proibido não demonstrar amor Fazer com que alguém apague suas dúvidas e</p>	<p>“Não conhecia o Convento da Penha. Ouvia falar, mas associava a um local na cidade de Guimarães. Quando me falaram que íamos visitar o Convento da Penha até pensei “vamos a Guimarães?”. Adoro conhecer os monumentos da nossa cidade!”²⁹</p> <p>“Adorei a visita. Obrigada por nos proporcionarem momentos de saber,</p>

²⁹ Excertos de testemunhos-livres sobre o “Convento da Penha”.

	<p>que mais gostei de ver. Começo pelo fim da visita, pela capela da Nossa Senhora Aparecida, também conhecida por “Capela dos Monges”, gostei em especial da abóboda e toda a sua arquitetura, da luminosidade que é extraordinária. No salão nobre confiro destaque para a imagem da Sagrada Família, e para o manto da Nossa Senhora das Dores que só sai da vitrina uma vez por ano aquando da procissão da padroeira. No <i>hall</i>, antes de subir para o salão nobre, destaco a pintura do teto representando S. Filipe de Nery e ainda os dois grandes espelhos pendurados na parede do lado direito.</p> <p>Na basílica, além do já referido, chamou-me a atenção os azulejos dos painéis laterais da nave, com especial referência aquele que nos mostra o abraço de despedida de S. Francisco ao pai.”³⁰</p>	<p>mau humor É proibido deixar os amigos. Ter medo da vida e dos compromissos, Não viver cada dia como se fosse um último suspiro É proibido sentir saudades de alguém sem se alegrar. Não saber que cada um tem seu caminho e sua sorte. É proibido não criar sua história, Deixar de dar graças a Deus por sua vida, Não ter um momento para quem necessita de você, Não compreender que o que a vida te dá, também te tira. É proibido não buscar a felicidade, Não viver sua vida com atitude positiva, Não pensar que podemos ser melhores, Não sentir que sem você este mundo não seria igual (Pablo Neruda)”.^{xiii}</p>	<p>partilha e convívio.”</p> <p>“De todos os locais, só conhecia a Basílica dos Congregados. Considero muito importante a visita a estas sítios, dada a importância religiosa que a nossa cidade tem. Porém, acho que a história ainda é muito pouco valorizada.”</p>
<p>“O Palácio do Raio”</p>		<p>“Este é o brasão do Palácio dos Granginhos, agora Palácio do Raio.”^{xii}</p> <p>“É a doença que torna a saúde agradável e boa, o mesmo faz a fome com a sociedade e o cansaço com o repouso (Heáclito).”^{xiii}</p>	<p>“O projeto devia ser mais longo, ou realizado em mais dias da semana, para que pudéssemos ter sessões orientadas para debates mais longos.”</p> <p>“Durante muitos e muitos anos olhava para isto e não sabia o que era. Sabia que se chamava “Palácio dos Granginhos”, mas não conhecia o seu interior nem tampouco o seu propósito.”</p>

³⁰ Testemunho-livre sobre a “Basílica dos Congregados”.

<p>“As Sete Fontes”</p>	<p>“[...] nunca é demais lembrar que a água se tornará, a curto prazo, o bem mais importante da humanidade.”^x</p> <p>“Tem sido muito bom. Nós adorámos isto! Nós nunca mais nos vamos separar de vocês! Nós vamos querer ter sempre este convívio.”^x</p> <p>“Espero que preservem o local, acho que está muito abandonado. De qualquer das formas, gostei muito da sessão. Descobri as sete fontes uma vez que vim ao hospital, mas nunca tinha entrado. Sabia que uma das fontes estava dentro de uma vedação e, hoje, comprovou-se. [...] Adorei entrar e de ver a água a jorrar nas pedras. Espero que preservem isto porque é um local que pode ser considerado o “pulmão” de Braga se for bem tratado.”^x</p> <p>“[...] Ao nosso curso “História de Braga e Filosofia para a vida”, o meu obrigada! Obrigada a todas as responsáveis e colaboradores que trabalharam muito sermos uma equipa para sempre. Obrigada.”</p>	<p>“É com enorme prazer que faço parte deste alegre e maravilhoso grupo. Sinto-me em família, obrigado.”</p> <p>“Parabéns a todos nós, que participamos nesta visita. As Sete Fontes, por mais lindas que elas sejam, sem nós não teriam a mesma graça!”</p> <p>“Braga é linda e a vida é bela se soubermos tirar proveito de cada momento.”^{xii}</p> <p>“Grupo feliz e maravilhoso.”^{xv}</p> <p>“Gente FELIZ a descobrir a cidade VIVENDO ATIVAMENTE cada momento.”^{xv}</p>	<p>“Estou a adorar o projeto. Sinto-me muito melhor comigo mesma, pois tenho-me distraído e aprendido coisas maravilhosas. Espero que este projeto continue!”</p> <p>“Eu nasci aqui e sempre ouvi falar deste espaço e das Sete Fontes, mas desconhecia por completo. Estou muito feliz e emocionada. É lindo!”</p> <p>“Estou a adorar esta visita! É pena que as Sete Fontes não tenham o valor devido. Nota-se que este espaço está abandonado e que foi, durante muito tempo, desvalorizado. É um espaço bonito e puro. Queremos aqui um Parque da Cidade”.</p> <p>“Até agora, esta foi a sessão que mais gostei. Primeiro porque foi nas «Sete Fontes», depois porque abrangeu vários momentos, tanto de momentos de aprendizagem como momentos de convívio!”</p> <p>“É com descontentamento que vejo Braga muito atrás das outras cidades no que respeita à valorização do seu património. É triste quando nos apercebemos que a cidade mais antiga de Portugal, com mais história, é tão desvalorizada!”</p>
<p>“O Bom Jesus de Braga”</p>	<p>“Fui dar um passeio ao Bom Jesus do Monte, como estava muito calor, subi de elevador. Depois de dar uma volta pelo parque e admirar tudo,</p>	<p>“Amizade não é uma coisa grande. São milhares de coisas pequenas.”^{xiii}</p> <p>“No Bom Jesus do Monte, grupo mais</p>	<p>“Embora a informação seja muito útil, preferia não estar tanto tempo parado. Mas, claro, só assim é possível aprendermos.</p>

	<p>ainda tive tempo de ver Braga por um canudo.”^{xx}</p> <p>“Elevador, ou funicular do Bom Jesus do Monte em Braga, é o único do mundo a funcionar a água. É composto por duas cabines as quais transportam entre 35 a 40 passageiros (cada uma). O funcionamento é por gravidade: o peso da água abastecido no elevador que se encontra no cimo, com cerca de 5000 litros de água, puxa o de baixo que, entretanto, despejou a água do seu depósito. [...] A lenda popular diz que os elevadores foram batizados com os nomes de “Cupa” e “Supa”. Por isso, enquanto o supa sobe o cupa desce.”</p>	<p>divertido e interessado que quer viver aprendendo e aprender vivendo.”^{xv}</p> <p>“Quarta-feira... Vida ativa e história do Bom Jesus do Monte.”^{xv}</p>	<p>Muito bom! O professor Tinoco sabe imenso!”</p>
<p>“Oficina de Artes: «Um olhar sobre as janelas de Braga»”</p>		<p>“Parabéns aos artistas! Eu estou auto-convidada para a abertura da exposição. Boa Páscoa com muita cor.”^{xvi}</p>	<p>“Estou a gostar. Acho que as imagens deviam ser mais variadas. Tirando isso, distraí-me bastante. Estes tipos de atividades fazem relaxar.”</p> <p>“Percebi bem o objetivo da sessão. Todos vemos objetos iguais, mas olhamo-los de formas diferentes.”</p>
<p>“Dia Mundial da Dança: Do Salão à Discoteca”</p>	<p>“«Idoso Idoso é quem tem o privilégio de viver uma vida longa... velho é quem perdeu a jovialidade. Você é idoso quando sonha... você é velha quando apenas dorme. Você é idoso quando ainda aprende... você é velho quando já nem ensina. Você é idoso quando tem planos... você é velho quando só tem saudade. Para o idoso a vida se renova a cada dia que começa... para o velho a vida se acaba a cada noite que termina. Que você, quando idoso, viva uma vida longa, mas que nunca fique velho» (autor desconhecido).”^{xvii}</p>	<p>Espero que todos/as que estiveram presentes se tenham divertido, cada um à sua maneira, uns a trabalhar e outros em espaço de diversão.</p> <p>Obrigada a todos.”^{xvi}</p> <p>“Grupo bonito e sempre disponível.”^x</p>	<p>“Ainda bem que existem estas atividades para este público. Parabéns a quem se preocupa com os mais velhos.”</p> <p>“Sensação de missão cumprida! Gostei desta quarta-feira, pois foi diferente do habitual! O ser-se voluntário é algo que não se explica. Dá-me uma sensação de bem-estar e dever cumprido. Gosto muito de ver os outros felizes e sentir que contribuí para isso.”</p>

<p>“Os trajes tradicionais”</p>	<p>“Achei muito interessante o Museu do Traje, uma vez que retrata os trajes da região do Minho. Reporta muito à época da minha avó, pois ela vestia roupas parecidas com estas aqui demonstradas. Deu-me uma saudade.”^x</p> <p>“As sessões têm sido muito “bacanas”. A gente tem conseguido se situar em diversas épocas diferentes.”^x</p> <p>“O grupo, a cada dia que passa, fica um grupo mais unido e mais simpático. As amizades floresceram dentro do grupo e, de uma certa forma, o grupo é muito unido, muito pelo interesse partilhado durante as sessões. Agora são trinta e tal amizades.”^x</p> <p>“Achei o Museu do Taje lindo! Ainda me recordo de muitos, pois já sou de uma geração antiga e vivia na aldeia. É muito bem voltar a recordar.”^x</p> <p>“Gosto muito das quartas-feiras, até porque tive um problema de saúde e isolei-me e, portanto, a médica achava que eu devia sair de casa. Tive a casualidade de ler no jornal acerca da formação e ainda bem! Adoro!”^x</p> <p>“O Museu do Traje Dr. Gonçalo Sampaio constituiu-se como um espaço onde podemos observar exposições da cultura popular do baixo Minho. Aqui estão expostos trajes do distrito de Braga, utilizado desde o século XIX, como o traje da Encosta, traje do Valdeste, traje da Capotilha, etc. Podemos, ainda, encontrar instrumentos muito</p>	<p>“Mais um quarta-feira de conhecimento ativo.”</p> <p>“Este grupo filosófico fica na história de Braga. Abraço a todos.”^{xv}</p>	<p>“Gostei muito da sessão, pois, enquanto minhoto, valorizo muito os valores e tradições da nossa terra. Também se deve ao facto de ser um grande apreciador de música e tocar alguns instrumentos tradicionais.”</p> <p>“Eu não conheço bem a cultura do minho, mas, pelo que me pareceu, é idêntica à do Brasil. Uma vez que estou longe do meu país, a sessão trouxe-me algumas lembranças, nomeadamente dos meus avós.”</p> <p>“O mais importante de tudo é o convívio, a socialização, o “desenferrujar” e o sair de casa, a união deste grupo fantástico e todas estas bonitas amizades.”</p>
--	---	---	--

	<p>valiosos para nós, Bracarenses, como o cavaquinho, a braguesa e a concertina.”^{xi}</p>		
<p>“O Nogueira da Silva”</p>	<p>“Neste que é agora Museu Nogueira da Silva, foi aqui que nasci e vivi com o meu tio mais novo, irmão da minha mãe, e com os meus avós maternos. [...] Foi nesta casa que vi construir a torre da Igreja dos Congregados, bem como assistia às festas que o Sr. Nogueira da Silva dava em sua casa. Vi o Salazar, o Presidente da República Sr. Américo Tomás e o Cardeal Cerejeira. Nos dias de festa os convidados vinham todos vestidos a rigor como manda a lei. (...) Estas festas duravam pela noite dentro. A Procissão de São João, durante a tarde do dia 24 de junho, passava junto às casas do lado norte por baixo das habitações onde passavam os elétricos para Monte D’arcos. À noite, na Av. Central, os asilados, do atual lar Conde Agrolongo, fechavam a Av. Central e, de camioneta, vinham trazer cadeiras para as pessoas se sentarem e ouvirem os concertos das bandas de música, bem como para observarem a largado. Nesta altura os balões eram enormes. Assistia a tudo isto das janelas da casa onde vivia. Que saudades tenho desses tempos de menina!”</p> <p>“Um grupo é um amor! Adorei! Embora sempre a coxear, estou a achar isto lindo!”^x</p> <p>“O Nogueira da Silva conseguiu juntar, aqui, um património artístico de valor imensurável. Tem obras de todos os lugares, da China, da França, da África, de Portugal. Ainda bem que as quartas-feiras me permitem conhecer coisas que são de todos!”^x</p>	<p>“Mais uma tarde vivida em alegria... penso eu. Mais uma tarde em que a filosofia da nossa vida ficou reforçada pelos conhecimentos adquiridos [...]. Os artigos que anteriormente, à visita, partilhei, não foram inúteis certamente, mas nada como no local tomar contacto com a história. [...]”^{xv}</p> <p>“Ser feliz não é ter uma vida perfeita. A vida é muito curta para ser vivida com sofrimento e mau humor.”</p> <p>Quem tem saúde e liberdade, é rico e não sabe”.</p> <p>“O presente é suportado pelas memórias do passado, perfumado com os momentos que vivemos, com alegria e boa disposição. A saudade é música que nos ensina a viver sem pressa, tranquilamente e com doçura. Aquele jardim, disponível ao público, é o local quase perfeito para sentar, recordar sentir o perfume da natureza.”^{xv}</p> <p>“Os dias passam e o grupo cresce. Sinal de dias felizes em amizade desinteressada. Beijinhos a todos, gosto muito de vocês.”^{xv}</p>	<p>“Esta casa traz-me muita nostalgia, pois passei aqui grande parte da minha infância. Estou a adorar a sessão.”</p> <p>“Eu não conhecia este espaço, nem tampouco conhecia a beleza deste jardim! Também não sabia que faziam aqui espetáculos. Adorei o abrir das cortinas, ao som da arpa, e adorei este maravilhoso jardim.”</p>

	<p>“O grupo é fantástico, maravilhoso, aprende-se muito. Faz a gente gostar de saber, faz com que gostemos de saber mais, muito mais! Mariana, parabéns!”^x</p> <p>Este jardim [do Museu Nogueira da Silva] é uma pequena maravilha dentro da nossa cidade, que a maior parte das pessoas não conhece. O Nogueira da Silva foi um senhor de muito bom gosto. Fiquei encantada.”^x</p>		
“A academia minhota”		<p>“A juventude conseguiu entreter os mais velhos.”^{xii}</p>	<p>“Vamos visitar as salas 24! Já estive lá algumas vezes com colegas meus. Muitas horas já lá passei. Gostava de ver como é que agora estão.”</p>
“Dia dos Avós”		<p>“Querida Mariana e restantes voluntárias, obrigada por este presente. Adorei e quero mais. Beijinhos e um abraço de amizade.”</p> <p>“Obrigada por tudo! Pela vossa amizade e pelo carinho que estavam sempre prontas para nos dar. Mas a Mariana é a maior em tudo.”</p>	<p>“Eu adorei todas as sessões e atividades do nosso projeto. Aprendi muito, mas o que gostei mais foi do convívio e da amizade. Espero que o grupo se mantenha!”</p> <p>“Agora que estamos de férias, não sei como ocupar as minhas quartas. Os momentos que passamos foram maravilhosos! Queria muito ter o tempo ocupado e nada melhor do que o ocupar a aprender! Espero que o projeto continue e que sejam vocês a dar continuidade.”</p>

APÊNDICE XIII – Resultados obtidos do Memorando de Aprendizagens final

Tabela 17 – Resultados obtidos durante a avaliação contínua

Memorando de Aprendizagens final

<p>Público-alvo participantes</p>	<p>do projeto:</p>	<p>“[...] nem tenho palavras para descrever tido a os bons momentos que passamos juntos. Para além dos novos conhecimentos, descobrimos uma nova família. Obrigado a todos e até já” (<i>página web, 26/07/2018</i>).</p> <p>“Obrigada por tudo! Pela vossa amizade e pelo carinho que estavam sempre prontas para nos dar. Mas a Mariana é a maior em tudo. Não sei se conheceram a obra de Alexandre Dumas – "Os Três Mosqueteiros" –. Fizeram-me lembrar essa história por estarem sempre unidas, não para defender o rei ou a rainha das mãos do cardeal «Rechiliê», mas sim para nos darem as mãos, o vosso conhecimento e também para relembramos e revivermos alguns conhecimentos que aprendemos quando éramos meninas e moças. Com um grande beijinho para as quatro formadoras e colegas que também tinham alguns conhecimentos a respeito da história de Braga. Mais uma vez muito obrigada” (<i>página web, 26/07/2018</i>).</p>
<p>Público-alvo Voluntárias</p>	<p>do plano:</p>	<p>“Os dias têm mais luz quando os corações estão disponíveis. Objetivos atingidos de tal maneira, que já são os participantes que organizarem atividades para o grupo. E se correu bem!!!! Boa comida, boa bebida, bom ambiente, muitas amizade e planos pro futuro. Obrigada a todos” (convívio final, 20/07/2018).</p> <p>“Penso que nós fizemos tudo com muito carinho e dedicação. Se não correspondeu às expectativas, fosse de quem fosse, as nossas desculpas. Voluntário, porque é humano, também erra. Como “JESUS”, nunca se agrada a todos. Bem-haja pela paciência” (<i>página web, 24/07/2018</i>).</p> <p>“A Mariana foi o elo maior que se esforçou como uma verdadeira profissional, a sua dedicação, empenho e profissionalismo foram muito além daquilo que uma estagiária é suposto fazer. Estagiárias como a Mariana merecem todo o meu respeito. Vai ser, seguramente, uma ótima profissional” (<i>página web, 26/07/2018</i>).</p>

Tabela 18 – Resultados obtidos no Memorando de Aprendizagens final

^x Testemunhos-livres, por parte dos participantes do projeto, realizados em formato audiovisual.

^{xi} Excertos do testemunho-livre de um participante, retirado de um trabalho autónomo e individual acerca das sessões do projeto.

^{xii} Testemunhos-livres, por parte dos participantes do projeto, através de fotografias.

^{xiii} Testemunhos-livres, por parte das voluntárias do projeto, através da partilha de frases/poemas.

^{xiv} Testemunhos-livres através de trabalhos de grupo.

^{xv} Testemunhos-livres, por parte das voluntárias do projeto, através da partilha de fotografias

^{xvi} Testemunhos-livres por parte das voluntárias do projeto.

^{xvii} Testemunhos-livres, por parte dos participantes do projeto, através da partilha de poemas.

^{xviii} Testemunhos-livres, por parte dos participantes do projeto, através da realização e partilha de vídeos.

^{xix} Testemunhos-livres, por parte dos participantes do projeto, através da realização e partilha de poemas.

APÊNDICE XVI – “Convívio final”

“Convívio final”

Contendo pertinência para o grande grupo do projeto, foi realizado, no dia 22 de junho, o convívio final do Projeto de Educação ao Longo da Vida. Organizado pela Comissão de Festas, esta festa deteve vários momentos, os quais refletiram, essencialmente, a amizade, a união e o espírito do grande grupo. Partilhando o interesse de todos, o convívio reuniu cerca de quarenta inscrições.

O primeiro momento deu lugar a um almoço no restaurante de um dos participantes do projeto. Durante e no final do almoço, todos os intervenientes expressaram algumas emoções e, tal como nas sessões do projeto, os participantes exprimiam palavras de agradecimentos e pediam para que o projeto continuasse.

De entre várias surpresas, as voluntárias proferiram palavras de alento a todos os participantes e, no decorrer de um discurso, presentearam os participantes com um poema de Vinicius de Moraes – “Soneto do amigo” –. À vez, os participantes dirigiram-se à estagiária e às voluntárias para, num clima pautado pela emoção, tirarem fotografias e agradecerem pelos vários momentos proporcionados.

O momento mais emotivo para a estagiária foi a surpresa preparada pelas voluntárias, junto com os participantes. Através de vídeos e fotografias, tiradas ao longo do projeto, preparou-se um vídeo para a estagiária, combinado com música. De seguida, a estagiária foi, novamente, presenteada com um mapa de “Braga Medieval”, cuja página inversa se ocupava de frases motivadoras e comentários manifestos de sentimento.

O segundo momento realizou-se num espaço exterior, que foi mencionado pelos participantes aquando da avaliação diagnóstica. Na horta “Amar Terra Verde”, o participante responsável pelo espaço, apresentou aos demais elementos o local. Enquanto uns apreciavam a horta, os outros cantavam e alegravam a tarde.

Terminado o convívio, alguns participantes despediram-se como que se não se voltassem a encontrar. A partilha e a amizade que se criou durante o projeto, foi perceptível neste convívio final. A verdade é que, através da participação de vários elementos, considerando as singularidades, conseguiu-se criar um grupo pautado pela união e solidariedade.

APÊNDICE XV – Reflexão crítica final

“Reflexão crítica final”

“...A vida sem desafios não vale a pena ser vivida...”

Consideramos encerrado o Projeto de Educação ao Longo da Vida (História de Braga e Filosofia para a Vida), com a entrega dos certificados de participação, a 26 de julho 2018.

Tendo em conta que na apresentação do projeto, que inicialmente constava de dois módulos, foi manifestada a intensão de os fundir num só, tendo como fundamentos o tempo disponível e a necessidades de rentabilizar os recursos existentes, foi exposta esta alternativa/intensão, primeiramente, ao Senhor Vice-Presidente da CMB e, posteriormente, aos participantes que a viabilizaram unanimemente.

Foi apresentada a estrutura do projeto e foram solicitadas sugestões de sessões/atividades, métodos e estratégias para o seu desenvolvimento no que respeita à programação, considerando que dispúnhamos de 2h semanais, à quarta-feira. Pretendíamos, com este projeto, a criação de um espaço de aprendizagem e lazer, dinâmico e participativo, indo ao encontro dos participantes. Para tal, apesar da ausência de recursos financeiros, definiram-se os objetivos gerais e específicos, centrados nos indivíduos, tendo como base as especificidades diferenciadas.

Semanalmente era apresentada a programação com os objetivos, matérias, materiais e estratégias no grupo fechado, que, entretanto, foi criado na plataforma *Facebook* para o efeito, ao qual pertencia o BLV (Dra. Amélia, na qualidade de coordenadora do serviço e orientadora de estágio da Mariana).

O projeto foi dinâmico, como se pretendia, sujeito às necessárias adaptações, sempre de acordo com o grande grupo. Os participantes manifestaram, desde logo, a sua preferência por um projeto baseado em dinâmicas lúdicas e de comunicação/oralidade, em detrimento de registos escritos. Os registos foram sendo feitos, semanalmente, através do registo textual, do registo fotográfico, vídeos e áudios. No grupo criado no *Facebook*, a partir comentários, fotografias, vídeos e depoimentos, procedeu-se também à avaliação das sessões/atividades, de uma forma criativa e participativa. Os documentos gráficos produzidos eram, regularmente, entregues no BLV.

A satisfação dos participantes foi crescendo tendo o número atingido 38 presentes. Nos seus depoimentos retrataram a alegria de todos, a felicidade com que viveram o projeto, as

amizades que criaram, a autonomia que adquiriram, os conhecimentos que consolidaram e a vontade de viverem uma vida feliz, em amizade e responsabilidade.

Enquanto voluntárias do projeto, concluímos que foram atingidos todos os objetivos, desde os relativos ao conhecimento, à autonomia de cada um, ao trabalho em grupo, laços de afeto (criados entre pares e grande grupo) e à satisfação pelos participantes manifestada. Constatou-se que 2h foi tempo insuficiente, mas foi vivido intensamente com qualidade e alegria.

Agradecemos a todos os que conosco colaboraram, abrindo as portas das instituições e serviços, mas, especialmente ao grupo de participantes que participou ativamente e alegremente, sem manifestações de cansaço ou desânimo.

As voluntárias,

Aida Bento,

Arminda Bento,

Maria do Céu Vilar.

APÊNDICE XVI – *Página web*: Grupo “História de Braga e Filosofia para a Vida”

 **Grupos** Ver Tudo



HISTÓRIA DE BRAGA E FILOSOFIA PARA A VIDA
33 membros

Página web: Grupo “História de Braga e Filosofia para a Vida”

APÊNDICE XVII – Inquérito por Questionário final



Mestrado em Educação: área de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Inquérito por questionário

O presente inquérito por questionário surge no âmbito do Mestrado em Educação: área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Dirigido ao público-alvo do Projeto de Educação ao Longo da Vida, este inquérito tem como principal objetivo avaliar a satisfação dos participantes no que respeita às sessões/atividades. Asseguramos toda a sua confidencialidade.

VI. Projeto “Ciclo do Conhecimento”

c. Informação geral

9. Qual formação/quais as formações que frequentou?

10. Considera que a formação/formações foram ao encontro das suas expectativas?

10.1. Porquê?

11. O que retira de mais importante da formação/formações?

12. O que gostou menos e o que gostaria que fosse alterado?

13. Na sua opinião, acha que este tipo de projetos contribui para a qualidade de vida?

13.1. Porquê?

14. Que áreas de interesse e conhecimento gostaria de ter acesso?

15. Deixe sugestões, caso assim pretenda.

d. “Projeto de Educação ao Longo da Vida”

8. De um modo geral, gostou de frequentar o projeto?

Sim

Mais ou menos

Não

Justifique.

9. Considera que o projeto foi ao encontro dos seus interesses e necessidades?

Sim

Mais ou menos

Não

Justifique.

10. O que retira de mais importante do projeto?

(Pode enumerar um conjunto de fatores).

11. Na sua opinião, o que correu menos bem?

Justifique.

12. Qual a sessão/atividade que mais lhe agradou?

Justifique.

13. Qual a sessão/atividade de que menos gostou?

Justifique.

14. Classifique de 1 a 5 as sessões.

- | | |
|--|--------------------------|
| “As «pedras» das expectativas” | <input type="checkbox"/> |
| “O balneário pré-romano e a <i>Domus</i> da escola velha da Sé” | <input type="checkbox"/> |
| “À descoberta de diferentes significados” | <input type="checkbox"/> |
| “A vida lúdica na <i>Capital do Conventus Juridicus</i> ” | <input type="checkbox"/> |
| “Viver a <i>BragaRomana</i> ” | <input type="checkbox"/> |
| “A Semana Santa de Braga” | <input type="checkbox"/> |
| “Baile de Primavera” | <input type="checkbox"/> |
| “A SÉ” | <input type="checkbox"/> |
| “Os Suevos e S. Martinho de Dume” | <input type="checkbox"/> |
| “A evolução do conceito de Família” | <input type="checkbox"/> |
| “A Cidadela e a muralha Fernandina: o que resta do Castelo de Braga” | <input type="checkbox"/> |
| “Comunicação em Família: a influência das TIC” | <input type="checkbox"/> |
| “O brincar em Família: como, porquê e para quê?” | <input type="checkbox"/> |
| “Os Azulejos do Pópulo” | <input type="checkbox"/> |
| “O Recolhimento das Convertidas, o Convento da Penha e a Basílica dos Congregados” | <input type="checkbox"/> |
| “O Palácio do Raio” | <input type="checkbox"/> |
| “As Sete Fontes” | <input type="checkbox"/> |
| “O Bom Jesus de Braga” | <input type="checkbox"/> |
| “Oficina de Artes: «um olhar sobre as janelas de Braga»” | <input type="checkbox"/> |

“Dia Mundial da Dança: *Do Salão à Discoteca*”

“Os trajes tradicionais”

“O Nogueira da Silva”

“A Académica Minota”

15. Classifique, qualitativamente, o projeto.

16. Deixe sugestões e/ou comentários, caso assim pretenda.

Obrigada pela participação!

Mariana Rolim

APÊNDICE XVIII – Tratamento de dados decorrentes do Inquérito por Questionário final, através de gráficos

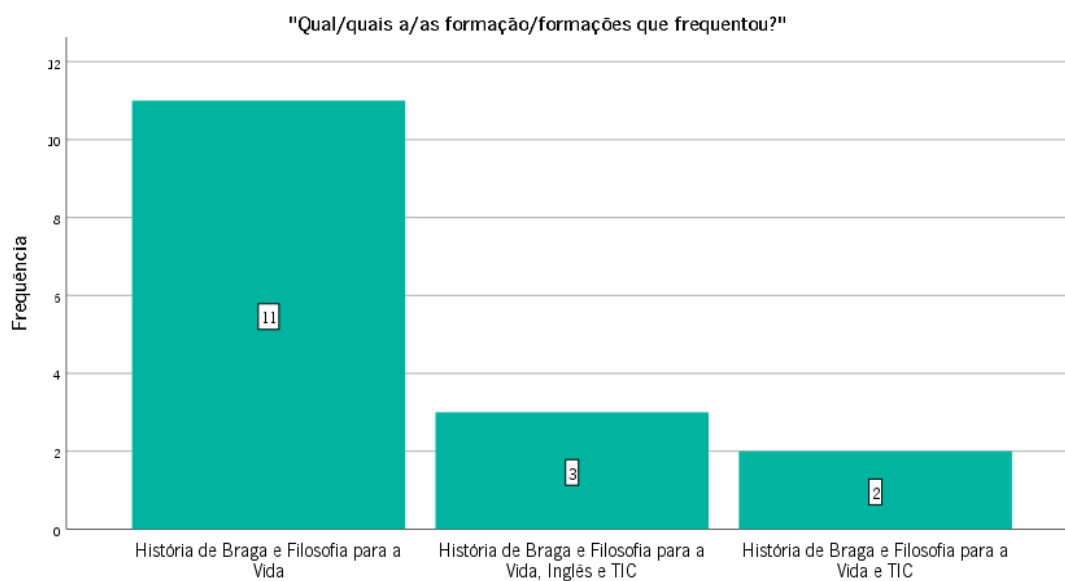


Gráfico 13 – “Qual/quais a/as formação/formações que frequentou?”

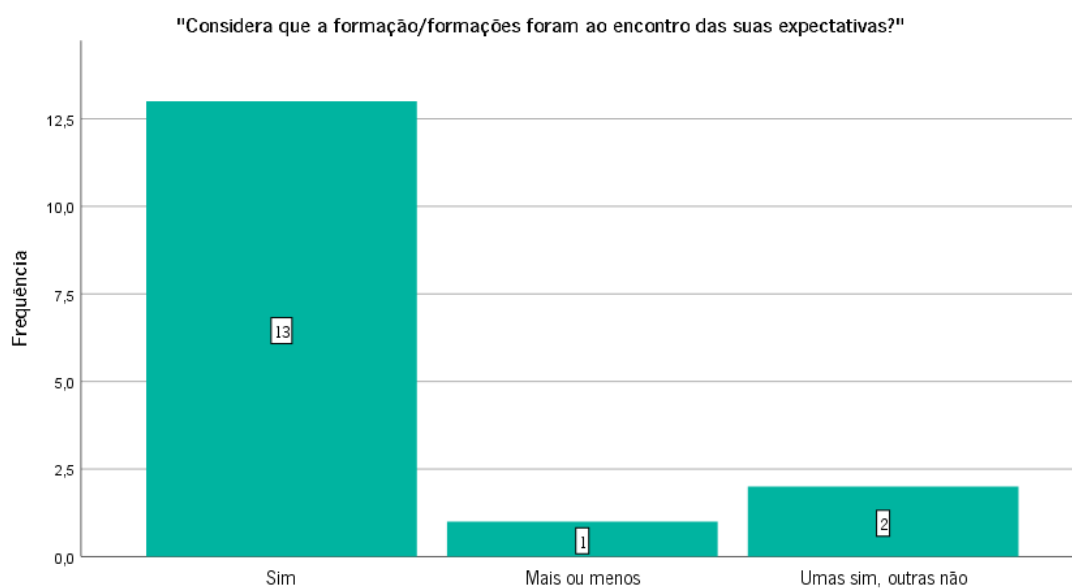


Gráfico 14 – Considera que a formação/formações foi ao encontro das suas expectativas?

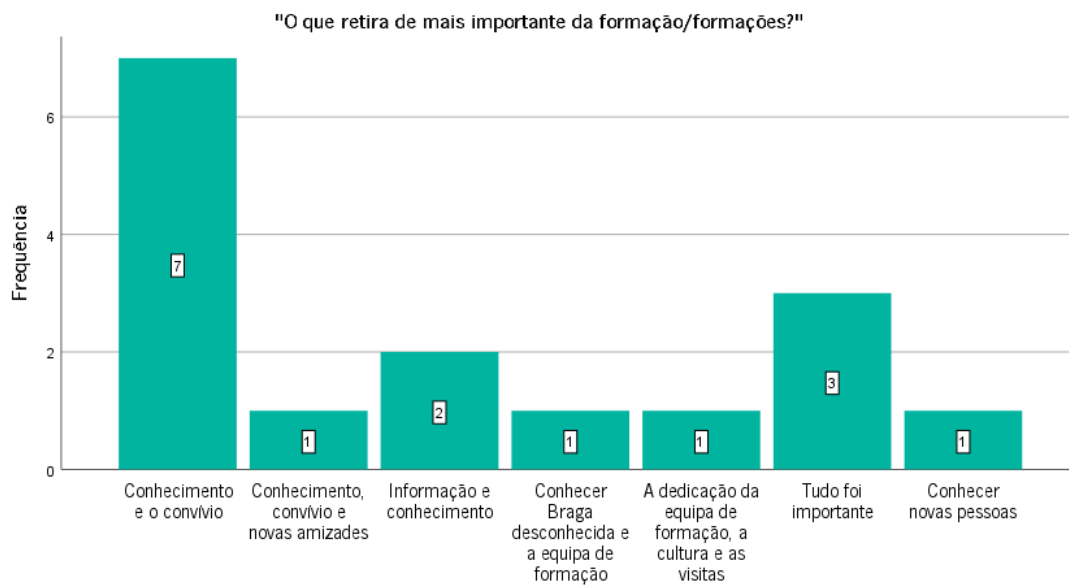


Gráfico 15 – O que retira de mais importante da formação/formações?

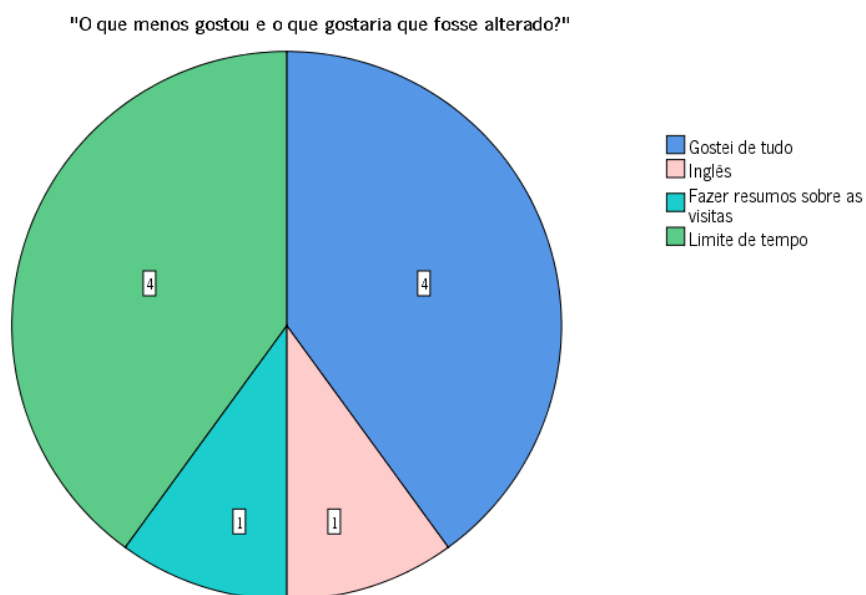


Gráfico 16 – "O que menos gostou e o que gostaria que fosse alterado?"

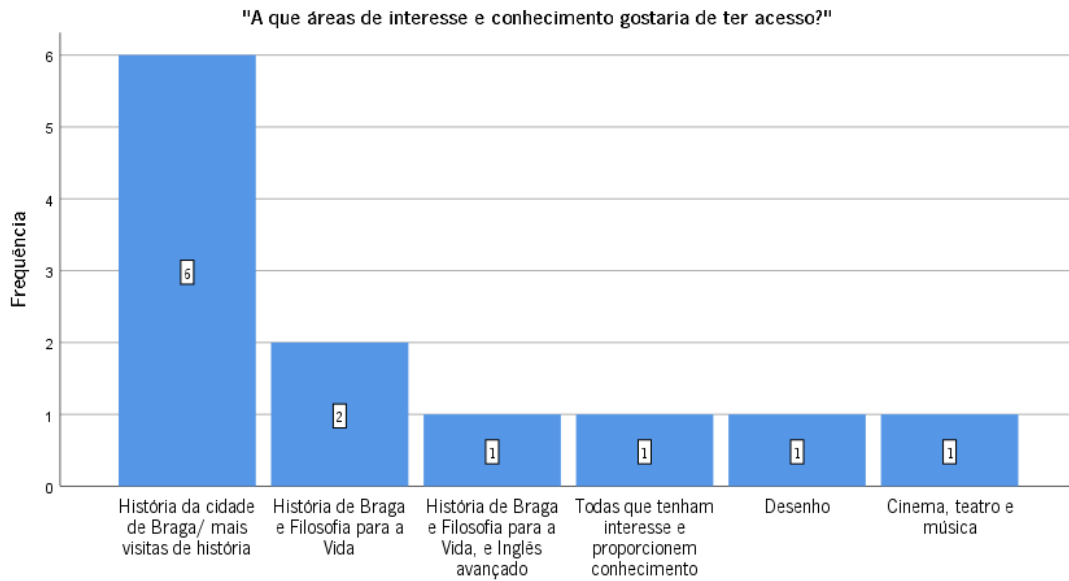


Gráfico 17 – “A que áreas de interesse e conhecimento gostaria de ter acesso?”

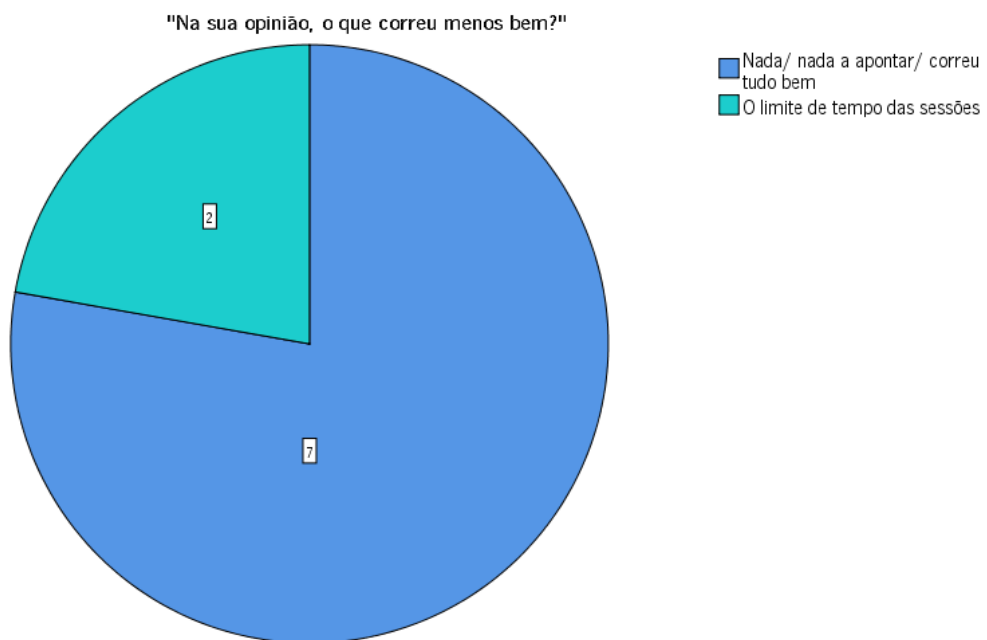


Gráfico 18 – “Na sua opinião, o que correu menos bem?”

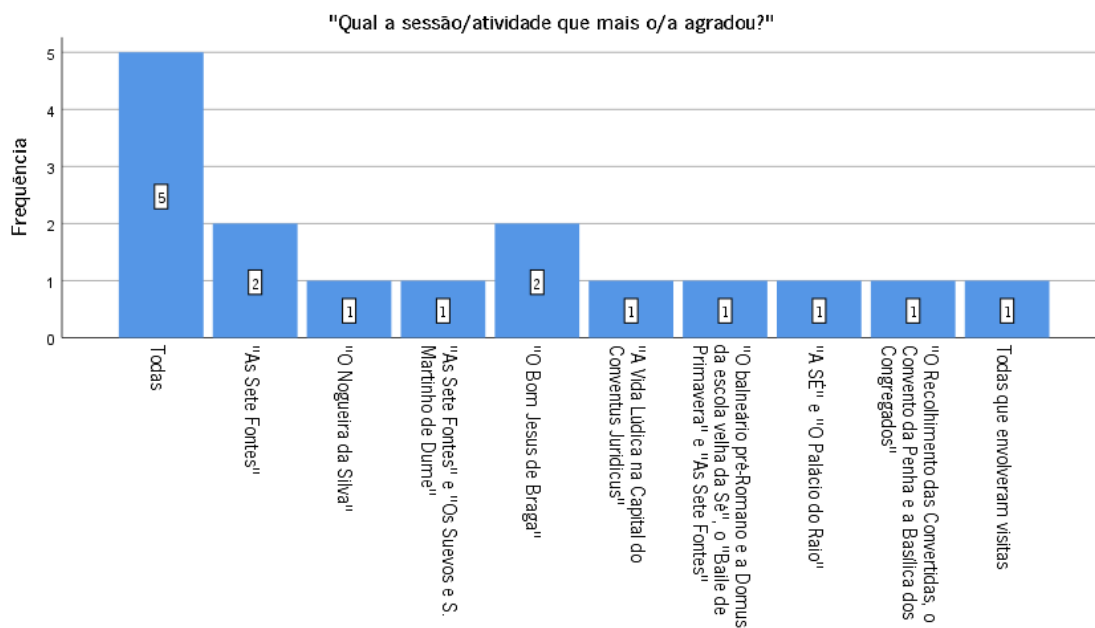


Gráfico 19 – "Qual a sessão/atividade que mais o/a agradou?"

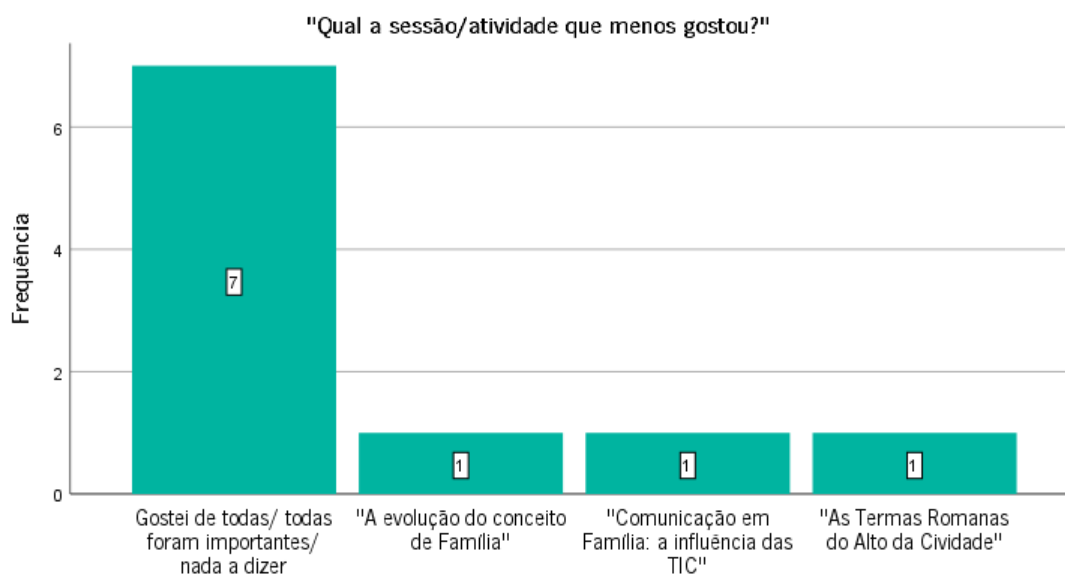


Gráfico 20 – "Qual a sessão/atividade que menos gostou?"

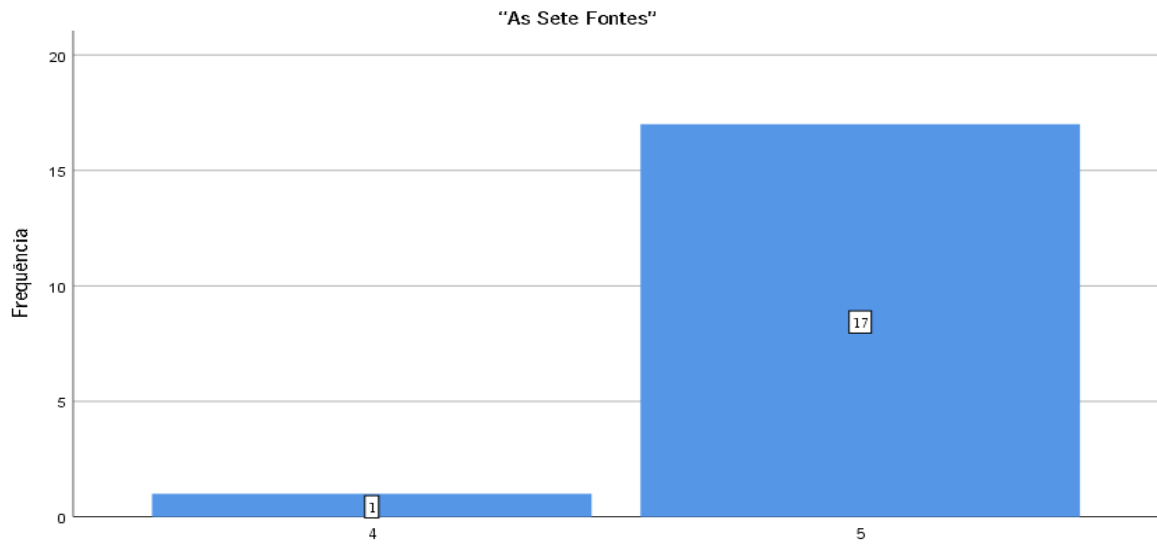


Gráfico 21 – Classificação da sessão “As Sete Fontes”

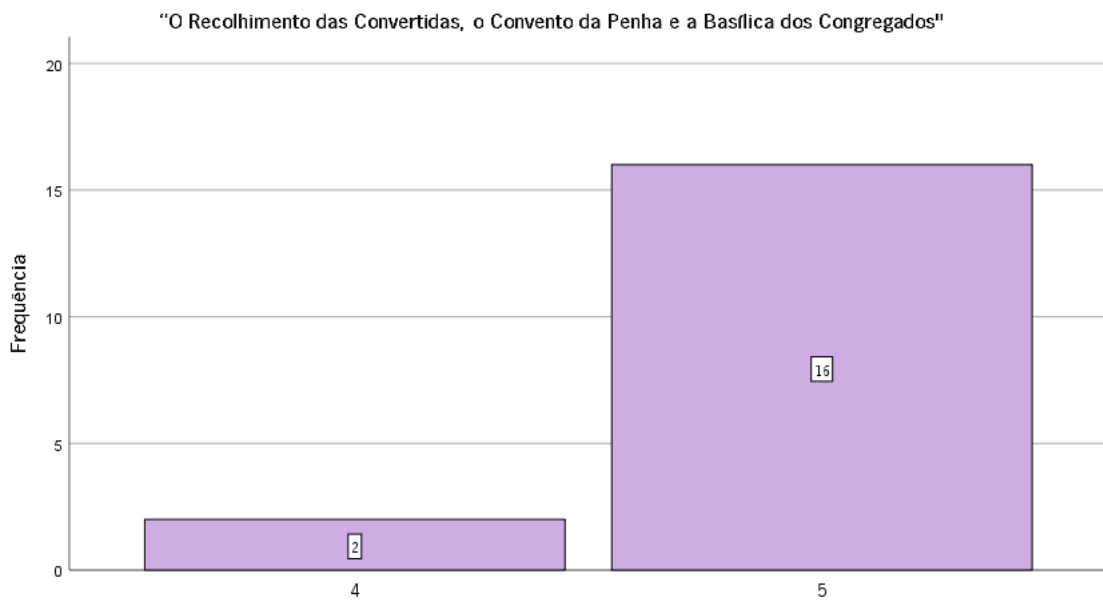


Gráfico 22 – Classificação da sessão “O Recolhimento das Convertidas, o Convento da Penha e a Basílica dos Congregados”

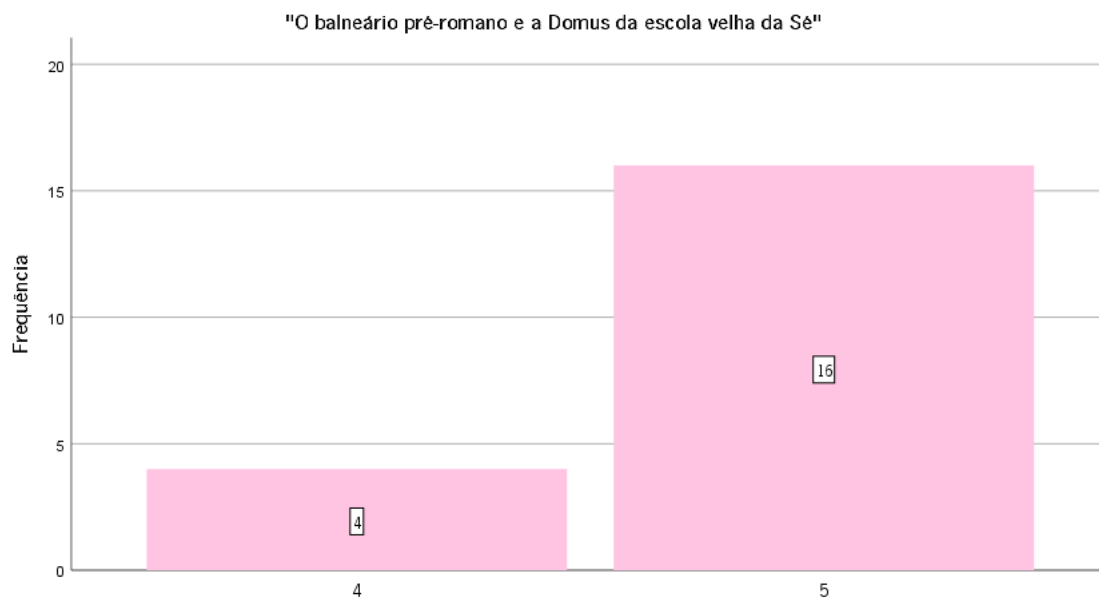


Gráfico 23 – Classificação da sessão “O balneário pré-Romano e a *Domus* da escola velha da Sé”

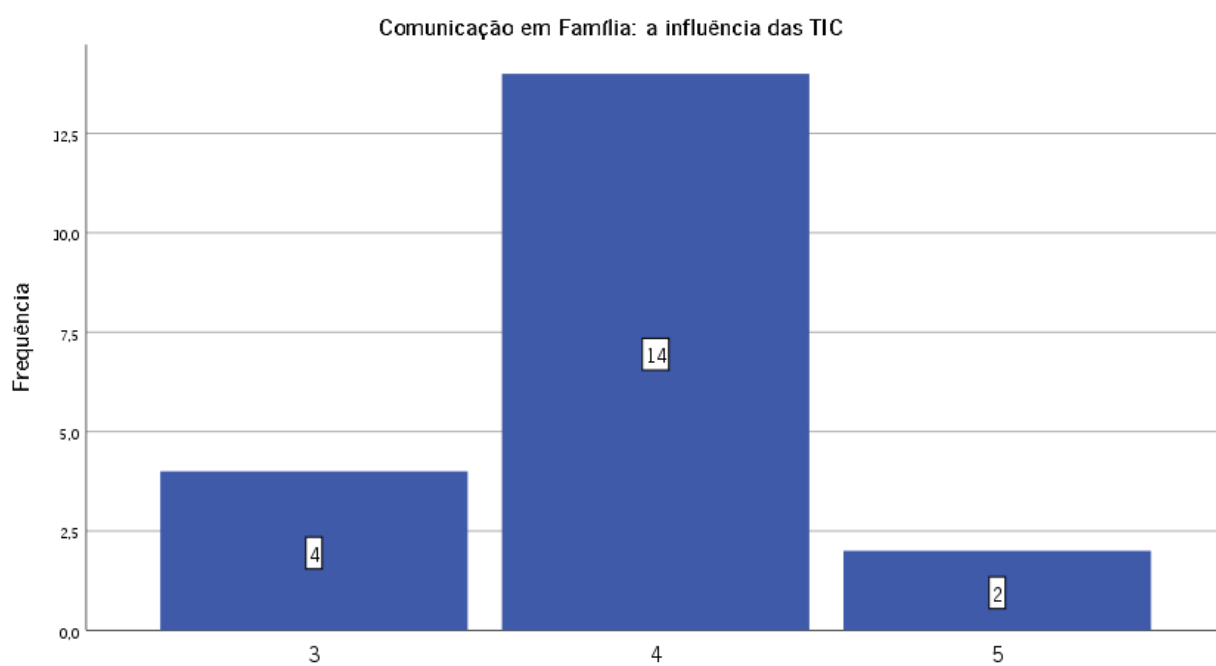


Gráfico 24 – Classificação da sessão “Comunicação em Família: a influência das TIC”

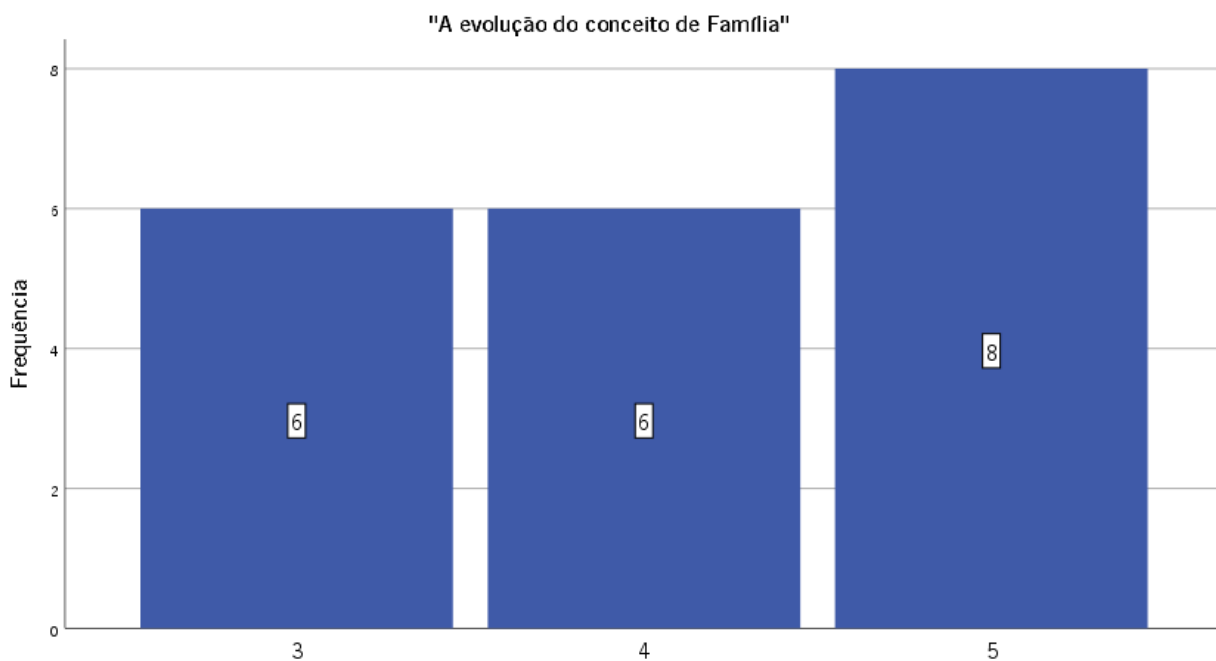


Gráfico 25 – Classificação da sessão “A evolução do conceito de Família”

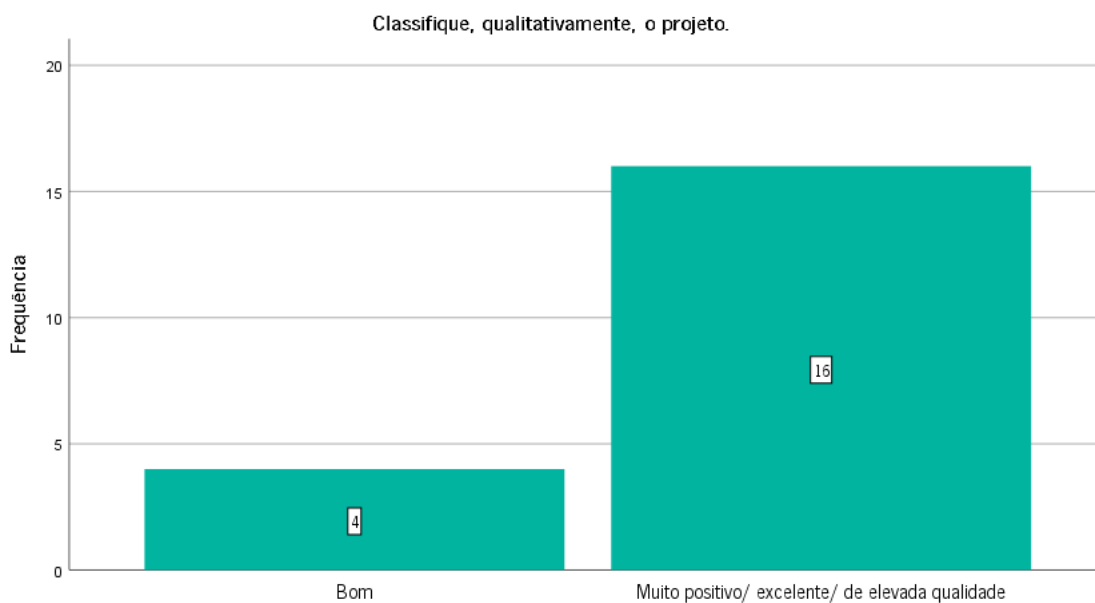


Gráfico 26 – “Classifique, qualitativamente, o projeto”

APÊNDICE XIX – Resultados obtidos do inquérito por questionário através de quadros

Respostas à questão 2: **“Considera que a projeto/formações foi/foram ao encontro das suas expectativas?”**

Resposta	Justificação
----------	--------------

<p>“Sim”</p>	<p>“Gostei de ter aprendido mais sobre a história da nossa cidade, principalmente com as visitas aos museus.”</p> <p>“Aumentou bastante os conhecimentos sobre a história da minha cidade que, em parte, desconhecia. Gostei muito.”</p>
--------------	--

Tabela 19 – “Considera que o projeto/formações foi/foram ao encontro das suas expectativas?”

Respostas à questão 5: “Na sua opinião, considera que este tipo de projetos contribui para a qualidade de vida?”	
Respostas	Justificações
<p>“Sim”</p>	<p>“O nível de cultura e a ocupação de tempo disponível”.</p> <p>“Convivo”</p> <p>“Aprofundou o meu conhecimento a cerca da história da cidade de Braga.”</p> <p>“Encontramos pessoas com muita experiência ao longo da nossa vida, com as quais aprendemos. Isso contribui para a qualidade de vida.”</p> <p>“Porque aqui se aprende bastante. Isto é como quando entramos para a escola. Entramos “cegos” e saímos, sempre, a conhecer qualquer coisa. Só que não quer, é que não aprende.”</p> <p>“E muito, porque ficamos mais ricos em conhecimento e melhor informados.”</p> <p>“Combate o isolamento.”</p> <p>“Ajudou-me a sair de casa e a ver a cidade com mais conhecimento.”</p> <p>“Alarga os nossos horizontes.”</p>

Tabela 20 – “Na sua opinião, considera que este tipo de projetos contribui para a qualidade de vida?”

Respostas à questão 3 “O que retira de mais importante do projeto?”
<p>“A preservação do nosso património cultural.”</p> <p>“A aprendizagem.”</p> <p>“O convívio, a amizade e o conhecimento.”</p> <p>“O que vi e conheci, mas, principalmente, o ter conhecido novas pessoas das quais gostei muito.”</p> <p>“Os conhecimentos adquiridos.”</p> <p>“Adorei ver as Sete Fontes.”</p> <p>“Do que observei desde a data que entrei, gostei de tudo. Gostei das colegas e da Mariana (muito</p>

simpática). Foi pena não ter entrada logo no início, mas, mesmo assim, estou muito feliz.”

“A troca de conhecimentos.”

“O convívio com o grupo fantástico.”

“Conhecimento, comunicação, aprendizagem e socialização.”

Tabela 21 – “O que retira de mais importante do projeto?”

Respostas à questão 8: “Classifique, qualitativamente, o projeto.”	
“Bom”	“Excelentes monitores. Acima de tudo muito boas pessoas. Parabéns!”
“Muito positivo/ excelente/ de alta qualidade”	“Projeto de elevada qualidade”
	“Projeto com muita qualidade quer ao nível dos coordenadores e participantes, quer a nível dos convidados para as palestras, assim como os guias nas visitas guiadas”

Tabela 22 – “Classifique, qualitativamente, o projeto”

Resposta à questão 9: “Deixe sugestões e/ou comentários, caso assim pretenda”.
“O meu comentário é o seguinte: não parem e façam mais para o ano que vem. Obrigado.”
“Espero que o projeto continue, porém gostaria imenso que contasse novamente com este grupo de formação. Deixo o meu grande obrigado à Mariana e às restantes voluntárias por me terem ajudado e acarinhado, mas, principalmente, por me terem proporcionado momentos maravilhosos.”
“Gostei de tudo. Foi tudo muito bom. Espero que o projeto se repita para o ano. Muito obrigado a todos.”
“Espero que no futuro haja novos eventos e, principalmente, que esse grupo fantástico não se desfaça e que se possa encontrar várias vezes. Uma palavrinha muito especial à Mariana, que foi com muito carinho que tive o prazer de a conhecer, e o meu obrigado.”
“Que se voltem a repetir experiências destas, por parte de alunos da Universidade do Minho, como o caso da Mariana que foi uma grande profissional e amiga, a quem agradeço muito por me ter proporcionado esta ótima experiência. Não esqueço, claro, as outras coordenadoras que realizaram um excelente trabalho.”

Tabela 23 – “Deixe sugestões e/ou comentários, caso assim pretenda”

9. ANEXOS

ANEXO I – Declaração da instituição

DECLARAÇÃO

Firmino José Rodrigues Marques, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Braga, autoriza a divulgação do nome da instituição, Banco Local de Voluntariado, pertencente à Câmara Municipal de Braga, no Relatório de Estágio da aluna **Mariana Isabel Tavares Rolim**.

Braga, 31 de Outubro de 2018

O Vice-Presidente do Município,



(Dr. Firmino Marques)

